



ANO 2006

VOL. 192

ANAIS
DA
ACADEMIA BRASILEIRA
DE
LETRAS



JULHO A DEZEMBRO DE 2006
RIO DE JANEIRO

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

DIRETORIA DE 2006

Presidente: *Marcos Vinícios Vilaça*
Secretário-Geral: *Cícero Sandroni*
Primeira-Secretária: *Ana Maria Machado*
Segundo-Secretário: *José Murilo de Carvalho*
Tesoureiro: *Antonio Carlos Secchin*
Diretor das Bibliotecas: *Murilo Melo Filho*
Diretor do Arquivo: *Sergio Paulo Rouanet*
Diretor dos *Anais da ABL*: *Eduardo Portella*
Diretor da *Revista Brasileira*: *João de Scantimburgo*
Diretor das Publicações: *Antonio Carlos Secchin*

Monique Mendes – Produção editorial / Organização dos *Anais da ABL*
Revisão – *Paulo Teixeira*

Sede da ABL: Av. Presidente Wilson, 203 – 4º andar
Castelo – 20030-021 – Rio de Janeiro – RJ – Brasil
Tel.: (0xx21) 3974-2500 / Fax: (0xx21) 2220-6695
Correio eletrônico: publicacoes@academia.org.br

(Este volume foi editado no 2º semestre de 2007)

ISSN 1677-7255

A Academia Brasileira de Letras não é responsável pelas opiniões manifestadas nos trabalhos assinados em suas publicações.

Capa
Victor Burton

Editores eletrônicos
Maanaim Informática Ltda.

SUMÁRIO

ANO 06	VOL. 192
2º Semestre	Págs.
– Sessão do dia 6 de julho de 2006.....	II
A rainha Ester – <i>Artigo de Arnaldo Niskier</i>	19
– Sessão do dia 13 de julho de 2006	23
Rio de Janeiro de volta à liderança – <i>Artigo de Arnaldo Niskier</i>	27
Oliveira Vianna (1883-1951) – <i>Apresentação do Acadêmico Antonio Olinto</i>	30
– Sessão do dia 20 de julho de 2006	33
A Academia Brasileira – <i>Palavras do Acadêmico José Sarney</i>	35
– Sessão do dia 21 de julho de 2006	43
Inauguração do Espaço Josué Montello – <i>Palavras do Acadêmico Antonio Olinto</i>	46
– Sessão do dia 27 de julho de 2006	47
Secretaria das Culturas – Centenário de morte de Machado de Assis – <i>Palavras do Acadêmico Antonio Olinto</i>	53
– Sessão do dia 3 de agosto de 2006	55
Homenagem póstuma – <i>Palavras do Acadêmico José Murilo de Carvalho</i>	61
Luís da Câmara Cascudo – <i>Apresentação do Acadêmico Murilo Melo Filho</i>	63

O poder aquisitivo – <i>Artigo de Eduardo Portella</i>	74
Proposta de criação do Prêmio ABL de cinema – Roteiro e adaptação cinematográfica de obra literária – <i>Palavras do Acadêmico Nelson Pereira dos Santos</i>	76
Instituto Internacional de Cultura – <i>Ata da Assembléia Extraordinária do dia 27/07/2006</i>	77
Instituto Internacional de Cultura – <i>Ata da Assembléia Extraordinária do dia 28/07/2006</i>	79
Instituto Internacional de Cultura – <i>Ata da Sessão Extraordinária da Academia Brasileira de Letras do dia 31/07/2006</i>	80
Instituto Internacional de Cultura – <i>Ata da Assembléia Extraordinária do dia 02/08/2006</i>	81
– Sessão do dia 10 de agosto de 2006.....	83
Prêmio da Fundação Bunge – <i>Palavras do Acadêmico Murilo Melo Filho</i>	87
João Cabral de Melo Neto – <i>Apresentação do Acadêmico Ivan Junqueira</i>	89
– Sessão do dia 17 de agosto de 2006.....	99
Cinquentenário da Fundação Calouste Gulbenkian – <i>Palavras do Acadêmico Alberto da Costa e Silva</i>	104
– Sessão do dia 24 de agosto de 2006.....	107
Gilberto Freyre, Um Vitoriano dos Trópicos – <i>Palavras do Acadêmico Alberto da Costa e Silva</i>	109
Prêmio Senador José Ermírio de Moraes – <i>Discurso Luciana Garcia Pallares-Burke</i>	113
– Sessão do dia 31 de agosto de 2006.....	121
Dom Luciano Mendes de Almeida – <i>Palavras do Acadêmico Murilo Melo Filho</i>	128
Alceu Amoroso Lima – <i>Apresentação do Acadêmico Tarcísio Padilha</i>	130

– Sessão do dia 06 de setembro de 2006	137
Lembrança de Antônio Houaiss – <i>Artigo do Acadêmico Affonso Arinos Mello Filho</i>	142
Associação dos Homens de Letras no Brasil – <i>Palavras do Acadêmico Murilo Melo Filho</i>	145
Augusto Frederico Schmidt – <i>Apresentação do Acadêmico Lêdo Ivo</i>	150
– Sessão do dia 14 de setembro de 2006	155
I.º Concurso Literário da Biblioteca Rodolfo Garcia – <i>Palavras do Acadêmico Murilo Melo Filho</i>	160
Medalha Presidente Juscelino Kubitschek – <i>Discurso do Acadêmico José Murilo de Carvalho</i>	163
– Sessão do dia 21 de setembro de 2006	169
Os 80 anos de Israel Klabin – <i>Palavras do Acadêmico Murilo Melo Filho</i>	174
Paschoal Carlos Magno – <i>Apresentação do Acadêmico Antonio Carlos Secchin</i>	175
– Sessão do dia 28 de setembro de 2006	177
Supremo Tribunal Federal – <i>Palavras do Acadêmico Murilo Melo Filho</i>	182
Os 180 anos da Câmara dos Deputados – <i>Apresentação do Acadêmico Affonso Arinos de Mello Filho</i>	183
– Sessão do dia 5 de outubro de 2006.....	191
Roberto Campos – <i>Apresentação do Acadêmico Antonio Olinto</i>	197
– Sessão do dia 11 de outubro de 2006.....	199
Concessão da Medalha João Ribeiro – <i>Proposta do Acadêmico Antonio Carlos Secchin</i>	205
Cinqüentenário de <i>Morte e Vida Severina</i> – <i>Apresentação do Acadêmico Antonio Carlos Secchin</i>	206
– Sessão do dia 19 de outubro de 2006.....	211

– Sessão do dia 26 de outubro de 2006	215
Vianna Moog, um intérprete do Brasil – <i>Artigo do Acadêmico Moacyr Scliar</i>	223
De como a UNIMED tratou um Acadêmico – <i>Palavras do Acadêmico Carlos Nejar</i>	225
Missão em Lisboa – <i>Palavras do Acadêmico Eduardo Portella</i>	227
Cátedra Machado de Assis em Oxford – <i>Palavras da Acadêmica Ana Maria Machado</i>	230
Centenário do nascimento de Cyro dos Anjos – <i>Apresentação do Acadêmico Sábito Magaldi</i>	235
– Sessão do dia 1.º de novembro de 2006	239
Concessão da Medalha João Ribeiro à Fundação Getulio Vargas – <i>Proposta do Acadêmico Antonio Carlos Secchin</i>	244
O jurista José Luiz Bulhões Pedreira – <i>Palavras do Acadêmico Murilo Melo Filho</i>	247
– Sessão do dia 9 de novembro de 2006	249
Carlos Magalhães de Azeredo – <i>Apresentação do Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco</i>	256
– Sessão do dia 16 de novembro de 2006	263
– Sessão do dia 23 de novembro de 2006	269
Parecer: Concurso Literário da Biblioteca Rodolfo Garcia – <i>Acadêmico José Murilo de Carvalho</i>	276
Prêmio Afrânio Coutinho – <i>Palavras do Acadêmico Murilo Melo Filho</i>	279
– Sessão do dia 30 de novembro de 2006	281
Parecer da Comissão de Contas – Acadêmico Alberto da Costa e Silva	285
– Sessão do dia 7 de dezembro de 2006	287
– Sessão do dia 14 de dezembro de 2006	291
Atividades da ABL em 2006 – <i>Relatório do secretário-geral Acadêmico Cícero Sandroni</i>	293

Discurso do Presidente Marcos Vinícios Vilaça.....	30I
– Sessão do dia 19 de dezembro de 2006.....	305
Reale e a Academia Brasileira – <i>Artigo do Acadêmico Celso Lafer</i>	308
BOLETINS DE INFORMAÇÃO.....	3II

SESSÃO DO DIA 6 DE JULHO DE 2006

Sob a presidência do Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça, estiveram presentes os Acadêmicos: Cícero Sandroni, Secretário-Geral; Ana Maria Machado, Primeira-Secretária; José Murilo de Carvalho, Segundo-Secretário; Antonio Carlos Secchin, Tesoureiro; Murilo Melo Filho, Diretor da Biblioteca; Sergio Paulo Rouanet, Diretor do Arquivo; Eduardo Portella, Diretor dos *Anais da Academia Brasileira de Letras*; Affonso Arinos de Mello Franco, Alberto da Costa e Silva, Alberto Venancio Filho, Antonio Olinto, Arnaldo Niskier, Carlos Heitor Cony, Domício Proença Filho, Evanildo Cavalcante Bechara, Pe. Fernando Bastos de Ávila, Helio Jaguaribe, Ivan Junqueira, Ivo Pitanguy, Lêdo Ivo, Moacyr Scliar, Nelson Pereira dos Santos, Sábato Magaldi e Tarcísio Padilha.

- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça, ao dar início à sessão, comunicou que sua primeira parte seria dedicada à entrega do Prêmio Literário CIEE/ABL Alceu Amoroso Lima (Tristão de Athayde), destinado a alunos universitários. Encontravam-se presentes o Dr. Luiz Gonzaga Bertelli, Presidente Executivo do CIEE, e os premiados. O Presidente anunciou os vencedores e procedeu à entrega do prêmio, na sua versão de 2006: 1.º lugar – Janaína Iaport Beta, estudante de História da Arte na UERJ; 2.º lugar – Ulysses dos Santos Torres, estudante de Medicina na Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto; e 3.º lugar – Luís Augusto Lé, estudante de Letras no Centro Universitário Moura Lacerda, em São Paulo.

O Presidente passou a palavra ao Dr. Luiz Gonzaga Bertelli, Presidente Executivo do CIEE.

- O Dr. Luiz Gonzaga Bertelli falou sobre a finalidade da premiação: mostrar à juventude brasileira que o único caminho para o aprimoramento da sua formação cultural é a educação, como demonstraram os nossos escritores maiores. Nomeou os temas das premiações anteriores e o de 2005, “O que você sugere para melhorar a educação brasileira?”. Na sua oitava premiação, o concurso visou especialmente estimular o gosto pela literatura em mais de três milhões de universitários brasileiros, independentemente do ano letivo e curso em que estejam. Disse da imensa alegria dos dirigentes do CIEE pela volta a esta Casa num momento de tamanha significação, que marca a vitória de três jovens num concurso nacional. Agradeceu ao Presidente Marcos Vinícios Vilaça, que honra com a sua presença essa reunião solene de premiação.
- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça agradeceu as palavras do Dr. Luiz Gonzaga Bertelli e o parabenizou pelo prosseguimento do programa. Pediu que transmitisse aos seus colegas a satisfação da Academia ao se unir ao CIEE no patrocínio e na administração desse concurso. Disse que o zelo com a língua e com a mocidade justifica tudo que é necessário para dar contas do empenho na continuidade e no brilhantismo dessa avaliação de universitários brasileiros. A natureza nacional do Prêmio também importa, porque é sensível à realidade do Brasil como um todo. Congratulou-se com os premiados e pediu que transmitissem aos seus colegas que a Casa de Machado de Assis está pronta a incentivá-los, e respeita o estudante brasileiro. Dirigindo-se ao Dr. Luiz Gonzaga Bertelli, sugeriu que considerasse a hipótese de encorpar o Prêmio para o ano de 2008, centenário do falecimento de Machado de Assis, e que se o tema pudesse ser Machado de Assis seria algo que viria ao encontro das vontades da Casa. A seguir, fez uma breve pausa nos trabalhos da sessão, para acompanhar os visitantes até a saída.
- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça, ao reiniciar a sessão, submeteu a Ata do dia 29 de junho à apreciação do plenário. Não havendo nenhuma observação, declarou-a aprovada.

- Saudou com uma salva de palmas os Acadêmicos Evaristo de Moraes Filho e Ivo Pitanguy, que aniversariaram ontem, dia 5 de julho.
- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça comunicou aos acadêmicos que esteve com o embaixador brasileiro nos Estados Unidos, Roberto Abdenur, a pedido de colegas, em função de um antigo pleito brasileiro, a respeito da Biblioteca Oliveira Lima, na Universidade Católica de Washington. Foram repassadas todas as questões que há anos envolvem esse tema, no desejo de trazê-la para o Brasil e de ver como isto pode funcionar adequadamente. Depois de longas conversas, ficou acertado que a embaixada vai mandar à Presidência um relatório para que seja transmitido ao plenário o estágio real da situação. A seguir, deu conhecimento à Casa que, na sequência de visitas que está fazendo às Academias de Letras dos Estados, esteve recentemente em Sergipe e lá foi recebido em sessão especial da Academia Sergipana de Letras. Participou da inauguração de dois Parques Temáticos, que o Governo do Estado implantou em Aracaju, sendo um deles o Parque Temático dos Fundadores da Pátria, onde se encontram estátuas dos homens ilustres daquele Estado e do Brasil. Coube-lhe, por uma designação muito simpática do Governador, inaugurar a estátua de João Ribeiro. Disse que levou aos confrades da Academia Sergipana de Letras a sua palavra de agradecimento, em nome da Academia Brasileira de Letras, que foi a protagonista daquela festa de um dia inteiro. Informou que não houve ônus para a Academia, pois foi convidado pelo Governador João Alves. Foram distribuídas muitas comendas e o Pe. Aleixo foi orador de um dos grupos de agraciados. O Pe. Aleixo pertence à Academia Mineira de Letras e à Academia Brasiliense de Letras. É uma figura de grande expressão intelectual, um homem que viveu episódios significativos da história nacional recente. Comunicou que, na semana em que esteve ausente, buscou apoio financeiro para a Academia já para o próximo ano, para que o Presidente de 2007 disponha de meios para as comemorações dos 110 anos de fundação da Academia. Informou que duas grandes empresas privadas brasileiras se comprometeram a apoiar a Academia nessas comemorações e na edição de livros. Tem convicções de que as festividades dos 110 anos estarão asseguradas extra-orçamento de 2007, a despeito de entender que devem constar do orçamento, porque se

os patrocínios falharem a ABL disporá dos meios para fazê-las. Informou, também, que já havia obtido recursos extra-orçamentários para a exposição do Acadêmico Ariano Suassuna e, agora, para a exposição Guimarães Rosa 1956, que será aberta nos próximos dias. Com a Eletrobrás e com a colaboração do Acadêmico José Sarney obteve os meios para que a Galeria Manuel Bandeira funcione até dezembro, com segurança. Tal patrocínio assegurará a exposição da obra de Francisco Brennand, de outubro a dezembro. Prosseguindo, comunicou ao plenário que faria a apresentação do novo Portal da ABL. Acredita que cada vez mais será necessário que a Academia procure enlaces com a Internet, porque sem isso a Academia não prosperará. Informou que o mundo inteiro está festejando esta semana a Feira do Livro na Internet, está sendo possível fazer *download* de cerca de 330 mil títulos, um grande conjunto de obras, algumas em português. Comunicou que o núcleo de Informática que encontrou na Academia, o CTinfo, que já existia com profissionais competentes, dois dos quais estavam presentes, deu uma colaboração extraordinária. Foi acrescentado mais um profissional, igualmente competente, de formação superior, versado em línguas e com grande experiência em informática, que conseguiu, a duras penas, retirar da Fundação Getúlio Vargas. Trata-se do Dr. Raphael Pinheiro, que teve uma interação muito boa com os antigos da Casa, o Dr. Ubiratam Barreto Sobreiro Ferreira e o Dr. Antonio José Ferreira. Trabalharam muito bem e produziram um portal para a Academia que ainda não está pronto, e só poderá se completar na medida em que os acadêmicos o examinem, o corrijam, o retifiquem e colaborem. Sem colaboração, o portal não terá a dinamicidade e a contemporaneidade que a Casa requer. Não se trata daquele portal antigo, bom no seu tempo, mas nesta área é preciso avançar. Hoje temos uma proposta diferente, moderna, mas é necessária a participação dos acadêmicos, intensamente. O grande objetivo do novo portal é a leveza, a modernidade e a interação com os internautas. Pediu ao Dr. Raphael que fizesse a apresentação do portal juntamente com o Dr. Antonio José Ferreira.

- O Dr. Raphael Pinheiro disse que a equipe quis fazer um portal sóbrio e que não fosse sombrio, alegre sem ser carnavalesco, e que toda a imagem da Academia estivesse ali representada. Também falou o Dr. Ferreira,

com esclarecimento sobre a segurança e a modernidade do novo Portal da Academia, que evita invasões e modificações na sua estrutura. Desejava que o portal apresentasse uma estrutura leve, ao mesmo tempo agregada a um valor de modernidade e tecnologia, podendo gerar facilidades ao internauta e àqueles que quisessem colher informações. Com relação ao aspecto da informação, foi recuperado todo conteúdo do *site* anterior, que era muito bom, levando em consideração uma melhor adequação às práticas da mídia digital. Lembrou que os trabalhos começaram em março e no início de abril foi feita uma seleção do tipo de *software* e programa de geração de conteúdo dinâmico que poderiam ser inseridos no *site*.

- O Senhor Raphael Pinheiro ressaltou que o prazo para a construção do novo portal da ABL foi de quarenta dias e mantiveram boa parte dos textos em que ainda estão trabalhando. Pediu a ajuda dos acadêmicos para verificarem as informações de suas biografias. Agradeceu ao Acadêmico Alberto Venancio Filho a atualização das biografias dos acadêmicos já falecidos. Estão trabalhando nas técnicas de redação para atrair o usuário, mantendo o texto produzido pelos acadêmicos, que já estão disponibilizados com facilidade para os usuários.
- O Senhor Antonio José Ferreira disse que recebeu e-mail de uma internauta, apresentando parabéns à Academia Brasileira de Letras, e que resume tudo o que queriam passar para o público. Fez a leitura da mensagem da internauta. Finalizando, expôs para os acadêmicos todos os principais recursos do portal da ABL.
- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça agradeceu aos Senhores Antonio José Ferreira, Raphael Pinheiro e Ubiratan Barreto Sobreiro Ferreira pela exposição. Disse que a Diretoria fez um esforço para se cercar de especialistas a fim de obter um alto padrão para o portal. Não se trata de uma obra acabada. É preciso prosseguir. A cooperação dos acadêmicos é fundamental, sem o que o portal não terá o seu formato completado nem terá a dinamicidade desejada pela Diretoria.
- O Acadêmico Moacyr Scliar perguntou como será feita a colaboração dos acadêmicos no sentido de ajudar no portal da ABL.

- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça disse que cada acadêmico deve enviar para o e-mail do portal notícias suas e publicações de seus artigos.
- O Acadêmico Murilo Melo Filho disse que já acertou com o Senhor Raphael Pinheiro um abastecimento semanal de notícias das Bibliotecas Rodolfo Garcia e Lúcio de Mendonça.
- O Acadêmico Lêdo Ivo perguntou se as notícias do Boletim Semanal poderiam sair no novo Portal.
- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça disse que todas as notícias do Boletim Semanal já saem no Portal da Academia Brasileira de Letras.
- O Acadêmico Carlos Heitor Cony pediu a transcrição nos *Anais da Academia Brasileira de Letras* do artigo “Rainha Esther”, do Acadêmico Arnaldo Niskier, publicado na Folha de S. Paulo, em que homenageia a ex-ministra de Educação e Cultura, Esther de Figueiredo Ferraz. Trata-se de um artigo enaltecendo a figura de uma grande dama, membro da Academia Paulista de Letras, que, além de ser uma grande educadora, que introduziu métodos novos numa fase em que o Brasil não estava democratizado, exerce advocacia em São Paulo.
- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça disse que o artigo será incorporado ao Portal da Academia Brasileira de Letras. Ouviu os comentários sobre Esther de Figueiredo Ferraz com grande alegria porque foi, ao tempo de Ministra da Educação, seu Secretário Federal de Cultura.
- O Acadêmico José Murilo de Carvalho elogiou o trabalho dos técnicos do portal da Academia. Sugeriu uma entrada “Fale Conosco”, para comunicação com o *site*, e também o anúncio das conferências semanais.
- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça disse que certas consultas os técnicos não se sentem à vontade para responder, porque são da competência dos acadêmicos.
- O Acadêmico Alberto da Costa e Silva associou-se a tudo que foi dito sobre a Ministra Esther de Figueiredo Ferraz. Teve o privilégio de trabalhar com ela. Foi subchefe da delegação brasileira que ela presidiu na Con-

ferência Geral da Unesco, em 1984, e pode testemunhar a alta cultura, a grandeza humana, a extraordinária capacidade desta mulher brasileira.

- O Acadêmico Tarcísio Padilha, sobre o assunto, pediu também que fosse inserido nos *Anais da Academia Brasileira de Letras* o artigo do Acadêmico Arnaldo Niskier sobre a Ministra Esther de Figueiredo Ferraz. Trabalhou com a Ministra Esther de Figueiredo Ferraz durante doze anos. Pode atestar tudo que o foi dito a seu respeito. Uma cidadã brasileira do mais alto nível intelectual, de uma integridade inatacável, que honra a Educação e o Direito brasileiro.
- O presidente Marcos Vinícios Vilaça aprovou a inserção do artigo do Acadêmico Arnaldo Niskier nos *Anais da Academia Brasileira de Letras* e também no portal da ABL. Lembrou dois episódios envolvendo acadêmicos. Primeiro, quando convocou o Acadêmico Abgar Renault para que ele, com a autoridade da Academia Brasileira de Letras, dissesse se ela era Ministra ou Ministro. Segundo, quando ela sentou na cadeira do Palácio Gustavo Capanema e disse: “Estou sentada numa cadeira onde estiveram, entre outros, Pedro Calmon e Eduardo Portella, tenho muita responsabilidade.”
- O Acadêmico Moacyr Scliar sugeriu que o Setor Cultural da ABL divulgue o Portal da Academia Brasileira de Letras em jornais e outros órgãos de comunicação.
- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça convidou todos os acadêmicos para a cerimônia de assinatura do convênio com a Petrobras, sexta-feira, dia sete de junho, com a presença do Presidente da Petrobras, Dr. José Sergio Gabrielli.
- O Acadêmico Sergio Paulo Rouanet, a respeito do grupo de trabalho sobre Machado de Assis, esclareceu que o grupo foi criado pelo Prefeito do Rio de Janeiro; portanto, tem a ver com assuntos municipais, com a maneira como o município do Rio vai se associar às comemorações nacionais do centenário da morte de Machado de Assis, que se realizarão no ano de 2008. Acha que seria oportuno se a Academia pudesse pensar sobre a sua maneira de gerir o próprio patrimônio, o mais importante é o de ser a Casa de Machado de Assis.

- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça, com relação à divulgação acadêmica, deu crédito ao trabalho que o Senhor Antonio Carlos Athayde, Assessor de Imprensa da Academia Brasileira de Letras, está fazendo junto ao Setor de Divulgação e Informação, via Internet.
- Ao encerrar a sessão, convidou todos para a mesa-redonda em homenagem aos oitenta anos do Acadêmico Ivo Pitanguy, na Sala José de Alencar. Nada mais havendo a tratar, deu por encerrada a sessão.

A RAINHA ESTHER

Arnaldo Niskier*

Foi com muita emoção que o UniFMU, comandado pelo professor Edevaldo Alves da Silva, concedeu o título de professor *Honoris Causa* à figura respeitável de Esther de Figueiredo Ferraz, que freqüentou salas de aula, distribuindo o seu notável saber especializado em Direito Penal a milhares de alunos, deixando uma lembrança indelével.

Ela teve a vida caracterizada por uma série de primeiros lugares, a partir de sua própria mãe, que, em 1907, foi a primeira mulher a tornar-se dentista em nosso país. A Dr.^a Esther é a única mulher até hoje a ocupar o Ministério da Educação e Cultura, o que ocorreu no governo João Figueiredo, em 1982, ficando a seu crédito uma questão emblemática: aprovou a emenda João Calmon, ampliando os recursos destinados à educação, em todos os níveis de ensino.

Ficou no MEC quase três anos. Entrou trazendo esperanças. Saiu sob aplausos dos estudantes, dos seus colegas professores e de políticos das mais diversas facções.

Foi também a primeira a integrar o Conselho da Ordem dos Advogados do Brasil, a secretaria de Estado da Educação de São Paulo, a reitoria da universidade na América Latina (Mackenzie, em 1965), a primeira mulher a dar aula no curso de Direito da USP (década de 50), quando ocorreu um fato digno de registro. Preparou-se para a primeira aula, mas ficou nervosa. Temia pela recepção dos alunos. Dirigiu-se à turma com firmeza, os alunos se levam-

* Artigo publicado na *Folha de S. Paulo* do dia 6 de julho de 2006.

taram e bateram palmas. Na mesa da mestra, havia uma colorida maçã, com um bilhete: “*An apple for the teacher*” (uma maçã para a professora). Todos caíram na gargalhada, embora na época fosse raro encontrar mulheres nas universidades. Temos excelente lembrança dos tempos vividos por ela como membro do então famoso Conselho Federal de Educação. Conviveu 12 anos com alguns dos melhores educadores de todos os tempos, autores de pareceres que até hoje são recordados, como reflexo de competência e de sabedoria.

A Dr.^a Esther costuma recordar com muita simplicidade, como é o seu estilo, que foi alfabetizada aos 5 anos de idade, brincando com as letras e os números. Marcou sua vida pelo pioneirismo bem-sucedido e respeito muito grande pelos seres humanos.

Ela teve a vida caracterizada por uma série de primeiros lugares; até hoje, é a única mulher a ocupar o Ministério da Educação e Cultura. Professora de ensino médio de português, francês, latim e matemática, foi licenciada em filosofia pela Faculdade de São Bento. Exerceu vários cargos técnicos e administrativos na área educacional, fazendo da sua vida um bonito casamento com a carreira, que jamais desprezou.

Assim chegou à imortalidade, entrando para a Academia Paulista de Letras, onde hoje é uma das figuras mais proeminentes. Além disso, continua trabalhando no seu escritório de advocacia, em São Paulo.

Data de 1961 o título de professora de Direito Judiciário Penal da Faculdade de Direito da Universidade Mackenzie. Pertence ao Instituto Histórico e Geográfico, onde todos fazem questão da sua companhia, e recebeu, ainda, numa solenidade de que fui testemunha, o Prêmio Professor Emérito – Troféu Guerreiro da Educação, oferecido pelo jornal “O Estado de S. Paulo” e o CIEE (Centro de Integração Empresa-Escola).

Adepta do pensamento de que “as coisas boas não aparecem, só as ruins”, a Dr.^a Esther hoje reconhece que há aspectos favoráveis do ensino brasileiro que devem ser destacados. Abona sobretudo a grande ampliação de oportunidades, que considera uma bênção dos novos tempos. Método bom é aquele que apresenta bons resultados, costuma afirmar, apaixonada pelo método silábico na alfabetização, sem desdouro para outras experiências positivas que

estão em curso nas nossas escolas. Outra qualidade a se destacar, na personalidade da professora Esther de Figueiredo Ferraz, é a grande defesa que sempre fez da necessária qualificação do magistério. Sem isso, diz, é difícil obter êxito nas tarefas inerentes aos diversos graus de ensino. São ainda de sua autoria reflexões sobre as quais devemos sempre nos debruçar. A primeira é para inferir que “o Direito não é fácil, ao contrário, é difícilimo”. E a outra condiz bem com o espírito luminoso da querida professora: “O meu forte é realizar, é fazer bem feito.” Assim tem sido a vida da professora Esther de Figueiredo Ferraz. Na Bíblia, Esther é rainha. Na vida brasileira, a homenageada pode ser considerada também rainha, no Direito e na educação.

SESSÃO DO DIA 13 DE JULHO DE 2006

Sob a presidência do Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça, estiveram presentes os Acadêmicos: Cícero Sandroni, Secretário-Geral; Ana Maria Machado, Primeira-Secretária; Antonio Carlos Secchin, Tesoureiro; Murilo Melo Filho, Diretor da Biblioteca; Affonso Arinos de Mello Franco, Alberto Venancio Filho, Antonio Olinto, Arnaldo Niskier, Candido Mendes de Almeida, Carlos Heitor Cony, Evanildo Cavalcante Bechara, Pe. Fernando Bastos de Ávila, Ivan Junqueira, Lêdo Ivo, Nélida Piñon, Nelson Pereira dos Santos, Sábado Magaldi e Tarcísio Padilha.

- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça, ao iniciar a sessão, submeteu a Ata do dia 6 de julho à apreciação do plenário. Não havendo nenhuma observação, declarou-a aprovada. Lembrou que na próxima quinta-feira, dia 20 de julho, ocorrerão, às 17h, a solenidade de aniversário da Academia Brasileira de Letras, sendo orador o Acadêmico José Sarney, e a inauguração do Espaço Josué Montello, onde estão instaladas as Diretorias e as Secretarias da Casa. O Acadêmico Antonio Olinto fará um pequeno pronunciamento, destacando as razões da Academia para dar o nome do Acadêmico Josué Montello àquele espaço. Disse que pela primeira vez, a solenidade de posse de um acadêmico, Nelson Pereira dos Santos, será transmitida via Internet. Informou que a Academia estará presente, de forma virtual, a um Congresso que se realiza em Lisboa, promovido pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. É o segundo Congresso

virtual de línguas românicas e a Academia se fará presente, pelo *site*, na sessão, através do Centro de Memória/Machado de Assis. Tratou-se de uma solicitação da Universidade a que gostosamente a ABL atendeu. Comunicou que representou a Academia no lançamento do livro *Carlos Castelo Branco – o Jornalista do Brasil*, do escritor Carlos Chagas. Deu ciência aos presentes de que lá estava em representação da Academia Brasileira de Letras, por conta da honra de todos e pelo fato de termos sido colegas do Acadêmico Carlos Castelo Branco. Disse que entrou em entendimento com a Academia Chilena de Las Lenguas, sobre a publicação, no próximo ano, integrando os atos comemorativos dos 110 anos da Academia Brasileira de Letras, de um livro bilíngüe com estudos da obra de Vicente Huidobro e de Manuel Bandeira. Comentou, ainda, que o assunto Solar da Baronesa está quase concluído. Já existe o consentimento das partes para o comodato, será necessário fazer um mecanismo para que o patrimônio que está hoje no Instituto Internacional passe para a Academia e a Academia tenha condições de estabelecer o comodato. São questões de trâmites jurídicos, que foram feitos com muito cuidado e a Academia está muito tranqüila na solução, que foi criteriosamente esquadrinhada pelo Acadêmico Alberto Venancio Filho. Sobre o encontro das Academias Brasileira e Portuguesa, disse que os participantes brasileiros já informaram o teor de suas apresentações. A Academia conseguiu junto a uma empresa aérea a quase gratuidade das passagens. Lembrou que nos dias 3, 4 e 5 de novembro ocorrerá o Colóquio sobre os 70 anos de Raízes do Brasil. A idéia é promover os debates nos dias 3 e 4 e no dia 5 apresentar um espetáculo de teatro em São Paulo. Finalizando, disse que recebeu a autorização do condomínio do edifício da Travessa do Ouvidor, 31, para a aposição da placa indicativa de que a Academia Brasileira de Letras originou-se ali. Sobre a assinatura do contrato de patrocínio com a Petrobras, disse que espera que a Academia possa, com suporte financeiro, dar o tratamento mais qualificado possível à Biblioteca Rodolfo Garcia.

- Saudou com uma salva de palmas o Acadêmico Marco Maciel, que aniversaria no próximo dia 21 de julho.

- O Acadêmico Candido Mendes de Almeida falou sobre a vitrine da Academia Brasileira de Letras localizada na livraria da Universidade Candido Mendes, na Rua da Assembléia. A parte da frente é toda de livros da Academia Brasileira de Letras, consumidos com voracidade. O importante é que se sistematize a montra da Academia, saindo da tirania das vitrines dos livreiros. Acha que a visibilidade dos livros, diante de um público estudantil, leva a um interesse enorme, que coincide com a própria fecundidade das publicações da Casa. Propôs que todas as livrarias acadêmicas dêem tônica sobre os livros da Academia Brasileira de Letras para tirá-los da clausura da Presidente Wilson, o desejável é multiplicar essa proposta ainda no decorrer da presidência do Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça. Falou sobre a sua presença na homenagem aos 85 anos de Edgar Morin oferecida pela Academia da Latinidade, em Paris. Disse que Edgar Morin está profundamente ligado ao desenvolvimento social e filosófico no Brasil.
- O Acadêmico Antonio Olinto pediu que fosse incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras* o artigo do Acadêmico Arnaldo Niskier, “O Rio de Janeiro volta à liderança”. Depois de muitos anos em termos de Educação, o Estado do Rio de Janeiro, com seus um milhão e seiscentos mil alunos, distribuídos por 92 municípios, tirou o primeiro lugar em avaliações de matemática e português, em vários municípios.
- No capítulo das Efemérides, o Acadêmico Antonio Olinto fez uma bela apresentação sobre o Acadêmico Oliveira Viana. (O texto lido será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.)
- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça agradeceu as palavras do Acadêmico Antonio Olinto.
- O Presidente rememorou a programação da próxima semana, uma vez que a Academia não terá uma sessão plenária antes do dia 27 do corrente. Na segunda-feira, dia 17, realiza-se, às 21 horas, a posse do acadêmico eleito Nelson Pereira dos Santos, que será recebido pelo Acadêmico Cícero Sandroni. No dia 20 de julho, às 16 horas, será inaugurado o Espaço Josué Montello e às 17 horas, no Salão Nobre da Academia, ocorrerá a sessão comemorativa dos 109 anos da Instituição e a entrega

dos Prêmios Literários. No dia 21, sexta-feira, às 16 horas, realiza-se eleição para o preenchimento da Cadeira n. 14, na vaga do saudoso Acadêmico Miguel Reale. Comunicou que o Acadêmico Murilo Melo Filho falará sobre Luís da Câmara Cascudo, no dia 27, pelos vinte anos do seu falecimento, que transcorre no dia 30. Disse que todos os homens dedicados às questões culturais sabem o que significa a presença de Câmara Cascudo no folclore e na etnografia. Deu ciência à Casa de que recebeu carta do Acadêmico Helio Jaguaribe, justificando a ausência na sessão de hoje, porque se encontra em Montevideu a convite da Comissão de Permanentes do Mercosul, com a presença do Presidente Chaco Alvares, para proferir conferência sobre os problemas do Mercosul. Prosseguindo, rememorou que a Comissão Organizadora do Centenário da morte de Machado de Assis está composta pelos Acadêmicos Eduardo Portella, Alberto Venancio Filho, Alberto da Costa e Silva, Alfredo Bosi e Antonio Carlos Secchin. Comunicou que o Senhor Edson Nery da Fonseca enviou-lhe correspondência contando que, nos áureos tempos da Livraria São José, Carlos Ribeiro mantinha duas lojinhas, a Pasárgada e a Itabira. Na Pasárgada, havia um retrato e algumas fotografias de Manuel Bandeira. Mais tarde, quando a livraria fechou, Carlos Ribeiro lhe entregou o retrato de 70x60 e as fotografias. Esse material ele está ofertando à Academia Brasileira de Letras. Quando as peças chegarem à Academia, serão exibidas para que os acadêmicos possam apreciá-las. Disse que os quadros estiveram, por empréstimo, no restaurante Mafuá, na Rua Joaquim Nabuco, em Pernambuco, na casa em que Manuel Bandeira nasceu. Disse que já manifestou, por carta, a Edson Nery da Fonseca, o agradecimento da Academia. Convidou os presentes para a inauguração, às 17h 30min, da Exposição Guimarães Rosa, na Galeria Manuel Bandeira e declarou encerrada a sessão.

RIO DE JANEIRO DE VOLTA À LIDERANÇA

Arnaldo Niskier*

Houve tempo em que o Rio de Janeiro, antes da fusão, orgulhava-se de deter o melhor índice médio de instrução do país. O fato era elogiado pelos maiores educadores brasileiros, muitos dos quais viviam aqui mesmo, na Cidade Maravilhosa. Entre eles, Anísio Teixeira, Almeida Jr., Lourenço Filho e Fernando de Azevedo.

Depois, veio um período cinzento, com uma ou outra exceção. Professores mal remunerados e desestimulados, massificação, desinteresse político — e tivemos o decréscimo da posição fluminense, no concerto nacional.

Agora, uma boa notícia nos foi trazida pelo Prova Brasil, um exame conduzido com muita competência pelo Ministério da Educação, abrangendo 3,3 milhões de estudantes brasileiros das quartas e oitavas séries, para análise do desempenho nas matérias língua portuguesa e matemática. Nada por amostra, mas uma avaliação nacional feita em 41 mil escolas de ensino fundamental no país.

Veio a boa surpresa: o Rio de Janeiro voltou consistentemente ao primeiro lugar, para satisfação de pais, professores, alunos e autoridades, que ansiavam por essa conquista. Poderíamos explicitar as nossas razões. Em primeiro lugar, o incentivo da governadora Rosinha Garotinho, quando apoiou a criação do Projeto Nova Escola, que trouxe ao sistema dois grandes benefícios: o estímulo salarial aos professores, por intermédio de gratificações de méritos, e o conseqüente empenho dos mestres. Houve uma positiva reação dos nossos

* Artigo publicado no *Jornal do Brasil* do dia 12/07/2006.

1,7 milhão de alunos para uma nova e receptiva atitude de interesse pelo aprendizado, nos 92 municípios fluminenses.

Em segundo lugar, um fato que foi bastante realçado: as melhores notas foram obtidas por estudantes do interior. Procurando uma explicação, declaramos que onde há menos atrativos é mais saudável a relação ensino-aprendizagem. Proclamar que isso se traduz num maior entusiasmo de mestres e alunos, somente, seria simplificar o fenômeno. Estaríamos mais perto da verdade se concluíssemos que há maior participação dos pais no interior e, em virtude da menor quantidade de alunos em sala de aula, torna-se mais eficaz o trabalho. Os professores passam a conhecer os alunos pelos nomes. Isso altera a auto-estima.

Em alguns estados, como no Rio, houve um desempenho acima do rendimento nacional. A melhor turma de quarta série, em língua portuguesa, fica em Trajano de Moraes. Trata-se do Brizolão Ciep 279 Professora Guiomar Gonçalves, que procura incentivar os alunos com concursos de redação, frequência à biblioteca e recuperação paralela, como afirma seu diretor Elielton Riguetti. “Todos os nossos professores têm curso superior, para cuidar de 42I alunos. Em matemática, em que ficamos em segundo lugar, trabalha-se com blocos de madeira que representam unidades, dezenas e centenas.”

Outro destaque fluminense é o Colégio Estadual Januário de Toledo Pizza, em São Sebastião do Alto. Foi o primeiro colocado em matemática e teve o segundo melhor desempenho em português. Para sua diretora, Meire Amaral, o segredo é o trabalho dos professores, na condução dos 48I alunos, divididos em turmas de 30 alunos. Eles têm uma atenção individualizada.

As escolas estaduais do Rio de Janeiro, no exame do MEC, obtiveram, na quarta série, em língua portuguesa, as duas melhores colocações (287,5 e 266,23 pontos): Ciep 279 Professora Guiomar Gonçalves Neves e Colégio Estadual Januário de Toledo Pizza. Em matemática, ficamos com o primeiro lugar com o C.E. Januário de Toledo Pizza (288,07 pontos) e o segundo lugar com o Ciep 279 Professora Guiomar Gonçalves Neves (286,54 pontos). O nono e o décimo lugares também são de escolas estaduais: I.E. Manoel Marinho (Volta Redonda) e Colégio de Aplicação da UERJ.

Na oitava série, em português, louve-se, brilharam as escolas públicas federais do Rio de Janeiro: Colégio de Aplicação da UERJ, Colégio Pedro II (Humaitá) e Colégio Pedro II (Centro). Em matemática, destacaram-se as mesmas escolas públicas federais, nos primeiros lugares. É um excelente indício de que é possível realizar um bom trabalho qualitativo nas escolas públicas.

OLIVEIRA VIANA (1883-1951)

*Apresentação do Acadêmico Antonio Olinto**

“Sai da tua terra, e de tua parentela, e da casa de teu pai, e vem para a terra, que eu te mostrarei”. – Diz o “Gênesis”, cap. XII.

Não foi este o caso da formação do Brasil.

Aqui chegaram eles por acaso, ou quase por acaso, e o que lhes foi mostrado parecia outro mundo. Parecia também um Paraíso. O que não era. Para cá vieram e aqui se estabeleceram tentando criar um povo e uma sociedade. Outras culturas, além da árabe e da judaica, das quais faziam parte, se acrescentaram à mistura e tinham cores diferentes, a cor negra numa e a vermelha, ou quase vermelha, em outra. O país que daí sairia, imenso, muito além de qualquer imaginação inicial, abrigaria mais gente e outros jeitos, outras culturas, outras comidas, outros gostos, outras formas de loucura.

Passados séculos, o povo passou a ter governo próprio e talvez tenha chegado apenas a “um absolutismo de fato sob a máscara vistosa de um regime parlamentar”. O trecho entre aspas é de Oliveira Viana em sua minuciosa análise do Brasil como povo e como nação.

Nascido em 1883, a dezesseis anos da República, atravessou as gerações de Sílvio Romero, Alberto Torres e Euclides da Cunha. Em texto de Alberto Torres fala na “incontestável autoridade do páter-famílias que dava tons sublimes ao patriarcado brasileiro” e Oliveira Viana, filho de pai fazendeiro

* Proferidas nas Efemérides do dia 13 de julho de 2006.

no Estado do Rio de Janeiro, desde cedo esteve em contato com os personagens dos estudos a que mais tarde se dedicaria intensivamente.

A Guerra do Paraguai, a Abolição, a República, todos acontecendo em prazo mais ou menos curto, representavam um desafio para os que tentassem entender e explicar o País que, no parecer de muitos, precisava tanto de entendimento como de explicação. Foi assim que depois de formado em Direito, Oliveira Viana terminou em 1918 seu primeiro livro, “Populações Meridionais do Brasil – Volume I: Populações do Centro-Sul”, que publicaria em 1920. As remotas origens patriarcais da organização social brasileira apareceriam nesse trabalho como vindos até a consolidação do país com a Independência e mesmo até as oligarquias regionais da República.

Seus outros livros decorreriam numa sucessão de estudos em que o país se mostrava sob uma realidade que não combinava com os normais ufanismos que uma sociedade de tendências otimistas pudesse ter. Durante todo esse tempo, anotava Oliveira Viana, a elite brasileira se preocupava mais com o estudo minucioso da realidade européia do que o de acontecimentos brasileiros. Disse: “Ainda somos um dos povos que menos estudam a si mesmos: quase tudo ignoramos em relação à nossa terra, à nossa raça, às nossas tradições, à nossa vida, enfim, como agregado humano independente.” Lembrava que uma boa parte da comunidade cultural brasileira, na segunda metade do Século XIX, sabia mais de Disraeli e Gladstone do que sobre os gabinetes Saraiva, Ouro Preto, Zacharias e Sinimbu no Segundo Império. Logo depois de 1889 surgiria o patrulhamento da República e dos republicanos brasileiros contra o Império e tudo o que a este dissesse respeito.

A análise que Oliveira Viana fez de antes da República e de partidos políticos de seu tempo não precisa de acréscimos: continuamos no mesmo passo em que estávamos quando da queda do Gabinete Zacharias no Império ou dois primeiros Ministérios da República – isto é, os partidos políticos não eram, como ainda não o são, intérpretes de uma diretriz definida de governo.

De sua obra-prima, “Populações meridionais do Brasil”, largo panorama de um povo em formação, foi classificado por José Ingenieros como “das obras mais notáveis no gênero que até agora foram escritas na América do Sul”. Alfredo Taunay chamou-o de “Livro de sociologia aplicada à história”.

Era mesmo na história que Oliveira Viana se apoiava para suas pesquisas, sabendo que história é tempo imóvel, mesmo quando morto. Ninguém se mostrou mais nacionalista nesses estudos do que ele. Basta que se atente para o modo como apresentava a evolução do nosso pensamento político e os acontecimentos por ela provocados. Para ele não existiam os Séculos XVI, XVII, XVIII e XIX. Havia apenas o tempo brasileiro, concentrado no país, com exclusão de tudo o mais. Assim fala em Século I para definir o que ocorreu no Brasil entre 1501 e 1600. Os Seiscentos seriam o Século II. Tinha opinião de que o século mais forte e significativo fora o Século III, o do ouro, do Aleijadinho, o do diamante, o dos poetas Santa Rita Durão, Basílio da Gama, Cláudio Manuel da Costa, Antonio Gonzaga, Alvarenga Peixoto, o de Tiradentes. De outro modo não pensou o professor inglês C. R. Boxer, do King's College, da Universidade de Londres, que, no seu livro "The Golden Age of Brazil", publicado 40 anos depois do mais conhecido trabalho de Oliveira Viana, chamava esse mesmo período de "A Idade de Ouro do Brasil", no duplo sentido de ter sido o da grande produção do metal, mas também no da importância daquela conjuntura histórica da colônia. O ouro brasileiro enriqueceu setores decisivos da Europa de então e ajudou a financiar a revolução industrial da Inglaterra. O nosso Século IV, o de D. João VI, da Independência, dos Imperadores e da República, marcaria o começo de uma autonomia difícil e foi no seu livro "O ocaso do Império" que Oliveira Viana examinou esse período, dando como lema o que diz no prefácio da obra: "... há os que historiam fatos e os que historiam idéias. Neste livro, eu procuro, de preferência, historiar idéias".

O lado Oliveira Viana-Getúlio Vargas faz parte também de sua biografia. Ele e Lindolfo Collor foram como que o lado liberalizante das reformas de Vargas, que teve, no setor autoritário, a participação direta de Francisco Campos e a do General Góes Monteiro, o primeiro admirador do corporativismo de Mussolini e o segundo, de tradição castilhistista gaúcha, que defendia a adoção de uma ditadura científica à Augusto Comte.

Como analista de um povo e de uma nação, José Francisco de Oliveira Viana, deixou, em seus livros, um retrato e tudo o que mais profundamente somos.

SESSÃO DO DIA 20 DE JULHO DE 2006

Sob a presidência do Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça, estiveram presentes os Acadêmicos Cícero Sandroni, Secretário-Geral; Ana Maria Machado, Primeira-Secretária; José Murilo de Carvalho, Segundo-Secretário; Antonio Carlos Secchin, Tesoureiro; Murilo Melo Filho, Diretor da Biblioteca; Affonso Arinos de Mello Franco, Alberto da Costa e Silva, Alberto Venancio Filho, Antonio Olinto, Arnaldo Niskier, Candido Mendes de Almeida, Carlos Nejar, Domicio Proença Filho, Evanildo Cavalcante Bechara, Pe. Fernando Bastos de Ávila, Helio Jaguaribe, Ivan Junqueira, Ivo Pitanguy, José Mindlin, José Sarney, Lêdo Ivo, Marco Maciel, Nélida Piñon, Nelson Pereira dos Santos, Sábado Magaldi e Tarcísio Padilha.

- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça declarou aberta a sessão comemorativa do 109.º aniversário de fundação da Academia Brasileira de Letras. A mesa ficou assim constituída: Deputado Aldo Rebelo, Presidente da Câmara dos Deputados, Dr. Arno Wehling, Acadêmicos José Sarney, decano da Casa e orador da solenidade, e Cícero Sandroni, Secretário-Geral.
- O Presidente, seguindo a tradição da Casa, leu o discurso pronunciado por Machado de Assis na Sessão Inaugural, de 20 de julho de 1897. Passou, a seguir, a palavra ao Acadêmico José Sarney, que falou em nome da Academia. (O discurso do Acadêmico José Sarney será transcrito nos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.)

- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça passou a fazer a entrega dos prêmios, iniciando-a com o Prêmio Machado de Assis ao escritor César Leal, pelo conjunto de obras; o Prêmio ABL de Ficção foi entregue pela Acadêmica Nélida Piñon ao escritor Edgar Telles Ribeiro pelo seu livro *Olho de Rei*. Foi representado na ocasião por sua irmã, Sra. Branca Maria Telles Ribeiro; o Prêmio ABL de Literatura Infanto-juvenil foi entregue ao escritor Rui de Oliveira, pelo seu livro *Cartas Lunares*, pela Acadêmica Ana Maria Machado; o Prêmio ABL de Ensaio, Crítica e História Literária foi entregue pelo Acadêmico Ivan Junqueira ao escritor Per Johns por seu livro *Dioniso Crucificado*; o Prêmio ABL de Poesia, concedido a Ruy Espinheira Filho por seu livro *Elegia de agosto e outros poemas*, foi entregue pelo Acadêmico Lêdo Ivo. Coube ao Acadêmico Candido Mendes de Almeida a entrega do Prêmio de Tradução conferido a Geraldo Holanda Cavalcanti pela tradução de *Cânticos dos Cânticos*, representado na ocasião pelo Acadêmico José Mindlin. O Acadêmico José Murilo de Carvalho entregou o Prêmio ABL de História e Ciências Sociais ao escritor Luís Henrique Dias Tavares pelo seu livro *Independência do Brasil na Bahia*.
- Prosseguindo, o Presidente passou a palavra ao escritor César Leal.
- O escritor César Leal, detentor do Prêmio Machado de Assis, discursou falando sobre a sua vida literária, expressou o seu júbilo e agradeceu, em seu nome e de todos os premiados.
- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça agradeceu a todos e disse que as Comissões trabalham com apuro clínico na escolha dos ganhadores. A Academia Brasileira de Letras capricha na escolha dos nomes porque se responsabiliza por eles. Desejou que todos saíssem da Casa de Machado de Assis convencidos da responsabilidade com a sua tradição de vigiar a língua e a cultura nacionais, não deixando de ser contemporânea. Agradeceu a presença do Presidente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Dr. Arno Wehling, e do Presidente da Câmara dos Deputados, Dr. Aldo Rebelo. Encerrou a sessão comemorativa dos 109 anos da ABL, pedindo que cada um guarde a impressão de que esta Casa é voltada para o futuro e o infinito, o futuro do tempo e o infinito da curiosidade.

A ACADEMIA BRASILEIRA

*Palavras do Acadêmico José Sarney**

A Academia Brasileira não precisa de definição – esta a palavra inaugural de Machado de Assis. “Seu desejo” – dizia – “é consertar, no meio da federação política, a unidade literária.” E dava-lhe como regras, “feições”, a estabilidade e o progresso. A tradição, assinalada no batismo das cadeiras com o nome dos patronos, insistia Machado, “é o seu primeiro voto”.

Ninguém poderia ser mais sintético e mais simples do que Machado. Mas o discurso de apresentação coube – expressando provavelmente a vontade de todos, mas seguindo, sem dúvida, o juízo literário e o apreço pessoal de nosso Presidente – coube a Joaquim Nabuco. A amizade entre os dois foi sempre marcada pela admiração de Machado por Nabuco, o jovem e já consagrado escritor prevendo sucesso como poeta ao menino, o viúvo desolado pensando, no leito de morte, no velho embaixador; e também pela devoção de Nabuco por Machado, a quem envia o ramo do carvalho de Tasso como símbolo de sua estatura literária.

Nabuco, como Machado, fala da consertação literária, da idéia de que a Academia tem duas faces: uma voltada para o passado, outra para o futuro. Segundo Nabuco, “a Academia está dividida ao meio, entre os que vão e os que vêm chegando; os velhos, sem velhice, e os novos; os dois séculos estão bem acentuados, e se algum predomina é o que entra; o século XX tem mais representação entre nós do que o século XIX.”

* Discurso proferido na sessão do dia 20 de julho de 2006.

Dizia que ele tinha feito uma clara opção pelo passado: ainda não se recuperara da queda da monarquia, tornara-se um católico devoto e praticante, abandonara a luta pelas reformas políticas pelos estudos históricos e literários.

Defendendo sua posição, sustentava que uma “Academia nova é como uma religião sem mistérios: falta-lhe solenidade”. Mas, por outro lado, seguia afirmando que “a nossa principal função não poderá ser preenchida senão muito tempo depois de nós, na terceira ou quarta dinastia dos nossos sucessores”.

Na formação da Academia, Machado e Nabuco não tiveram a iniciativa. Esta coube, como sabem, a Lúcio de Mendonça e Medeiros e Albuquerque. Os dois, entretanto, eram os núcleos em torno dos quais se podia construir um projeto. Os amigos que se reuniam na Revista Brasileira vinham do combate pelo abolicionismo. Machado, que tantas vezes foi acusado de indiferente às suas origens, era, sem dúvida, um exemplo em meio aos intelectuais que haviam participado da campanha vitoriosa. Nabuco, este, fora a sua alma. Machado, por outro lado, era o escritor por definição, total e visceralmente escritor – o funcionário público exemplar nunca disputou, em sua personalidade, a primazia.

No centenário da Academia, Josué Montello escreveu excelente estudo sobre a liderança de Machado de Assis. Essa liderança foi exercida em torno das idéias comuns, que compartilhavam Machado e Nabuco. Não só essa da composição entre os dois tempos, mas uma mais abrangente, que lembra a idéia dominante em nossa vida política: a da conciliação. Nabuco, filho de Nabuco, mais do que ninguém podia falar disso: “Eu confio que sentiremos todo o prazer de concordarmos em discordar; essa desinteligência essencial é a condição da nossa utilidade, o que nos preservará da ‘uniformidade acadêmica’.”

E continuava: “Mas o desacordo tem também o seu limite, sem o que começaríamos logo por uma dissidência. A melhor garantia da liberdade e independência intelectual é estarem unidos no mesmo espírito de tolerância os que vêem as coisas de arte e poesia de pontos de vista opostos. Para não podermos fazer nenhum mal basta isso; para fazermos algum bem é preciso que tenhamos algum objetivo comum.” Até aqui Nabuco.

A Academia Brasileira, modelada, como dizia Machado, pela Academia Francesa, tinha como objetivo fundamental a defesa da língua portuguesa. O estatuto dado por Richelieu em 1635 determinava que “*La principale fonction de l’Académie sera de travailler avec tout le soin et toute la diligence possibles à donner des règles certaines à notre langue et à la rendre pure, éloquente et capable de traiter les arts et les sciences.*”

Essa defesa, no nosso caso, levantava a questão da unidade da língua portuguesa, de nossos laços culturais com Portugal. Nabuco, abordando o assunto, sustentava que, nesse aspecto, também vivíamos uma dicotomia: por um lado, nossa Literatura tinha que “sair principalmente de nosso fundo europeu”; por outro lado, não tinha dúvida de que vivíamos destinos literários independentes.

Essa união na diversidade, tão cara hoje no universo ibérico e ibero-americano, fundava-se na uniformidade da língua escrita. Nesse sentido nossa tradição se firmou, tanto nos grandes trabalhos que resultaram nos acordos gramaticais entre os dois países, Brasil e Portugal, como nos estudos ortográficos e de dicionarísticos – como dizia o nosso Antonio Houaiss.

A escolha dos patronos de nossas cadeiras – tradição que, na Academia Francesa, é representada pelos primeiros ocupantes – marcava o caráter de reunião de amigos das academias. Foi sugestão de Nabuco. Este escolheu Maciel Monteiro, não seu modelo literário, mas a lembrança do ídolo mundano, que compartilhara com Castro Alves. Machado fez a escolha literária que a gratidão e a amizade com o filho – Mário de Alencar – impunham: José de Alencar. Mas Machado sugeriu, com a autoridade inafastável, que Filinto de Almeida escolhesse Artur de Oliveira, numa de suas demonstrações de que, em sua escala de valores, a amizade vinha em primeiro lugar.

A amizade é um elo fundamental da Academia Brasileira. Perdemos todos, neste ano, queridos amigos e companheiros, Miguel Reale, o grande jurista, mestre do Direito brasileiro, o Reitor da USP, o filósofo, o paulista, partiu aos 96 anos. Ele nos deixa uma lição de vida em que o estado de direito, a lei, se sobrepõe como regra fundamental da sociedade, sem a qual não é possível alcançar a justiça social. Seu trabalho incansável, em temas constitucionais, tratando do Código Civil, debatendo todos os problemas do

Judiciário, auxiliando e discutindo os mais diversos projetos de lei, as mais diversas leis, examinando a jurisprudência, constitui-se em passagem fundamental do ordenamento jurídico do século XX.

Morreu também Josué Montello, o último escritor de uma geração que, na expressão de Oswald de Andrade, eram os “búfalos do norte” que invadiram a Semana de Arte Moderna, deixando-a de lado para sustentar todo um período brilhante, talvez o mais fecundo, da ficção brasileira que se chamou o romance nordestino. Embora a sua temática fosse diferente daquela trabalhada por Franklin Távora, Rachel de Queiroz, Jorge Amado, Graciliano Ramos, José Lins do Rego, José Américo de Almeida, mais voltada para os problemas sociais e a denúncia da seca e da miséria, Josué Montello seguiu a continuidade do romance citadino machadiano e aqueles de seu tempo, como Joaquim Manuel de Macedo, Manuel Antônio de Almeida, Lima Barreto e tantos outros. Josué iria agregar uma temática nova, da reconstrução do tempo, vinculada à vida cotidiana do Maranhão, com livros extraordinários, o maior deles, os *Tambores de São Luís*, que, com um século de atraso, é o magistral romance sobre a escravidão.

Josué Montello, dentro dessa linha, situa-se entre os maiores nomes da Literatura brasileira de todos os tempos. Foi um operário da cultura, um trabalhador indormido da arte de escrever. Publicou mais de cem livros, abordando todos os gêneros literários, como poeta, teatrólogo, romancista, contista, jornalista, conferencista, memorialista, ensaísta, historiador. Seus estudos sobre Quixote e Machado são trabalhos memoráveis. Machado era sua devoção maior; sobre ele escreveu e estudou tudo.

Em sua dedicação à cultura foi um ativo militante. Fundou o Conselho Federal de Cultura, dirigiu durante muito tempo a Biblioteca Nacional, onde foi autor de seu projeto de reforma; fundou o Museu da República, foi embaixador na Unesco e presidente da Academia Brasileira, um dos mais jovens que ali tiveram assento e onde permaneceu durante 52 anos, dos 37 aos 88 anos, sendo o decano da Casa.

Josué Montello, também, aliou a sua tarefa de escritor ao compromisso com a causa da educação, à qual dedicou uma vida inteira como professor e batalhador pela modernização do ensino e reformas educacionais.

Sua longa vida e obra criaram a aura de uma figura legendária e iconográfica da cultura brasileira de nosso tempo.

Tinha saber enciclopédico e memória fotográfica. Eu sempre lhe dizia que ele sabia tudo e de tudo. Como historiador, conhecia como ninguém nossa história literária. Bravo, tinha o gosto pela polêmica e não recusava o debate quando atingiam as coisas em que acreditava. Vinha de palmatória na mão, mas sempre pronto para o terreno das pazes.

Homens como Josué Montello são obra do tempo. É preciso um trabalho secular, e por isso mesmo poucos aconteceram.

O traço marcante e indelével de sua personalidade era, contudo, o seu amor ao Maranhão, o encanto e a fascinação pela sua terra, para quem sempre reservou um lugar de reverência em tudo que escreveu.

Josué era uma convivência admirável. Meu amigo da vida inteira, tinha o gosto da conversa: viva, brilhante, erudita e afetuosa.

O Brasil perdeu um pedaço de sua paisagem cultural; o Maranhão ficou menor com a sua morte; eu, um amigo, uma parte da vida.

Entre dever e amizade, a tarefa da Academia Brasileira resumia-se, num primeiro tempo, na própria sobrevivência. A Academia representava a “profissão literária”, isto é, o valor dos autores na sociedade que entrava no novo século. A vida de Machado, passando do obscuro ajudante de tipógrafo ao sóbrio diretor de secretaria, mais do que tudo, representava bem a transição que o papel do escritor sofrera, da obscuridade dos bastidores às luzes do proscênio.

O nosso papel fundamental de promoção da língua portuguesa e da Literatura brasileira não se faz, simplesmente, na construção, necessária, dos acordos ortográficos e dos vocabulários. Ele se desenvolve na criação literária, na soma de nossas contribuições individuais. Lembrando sempre os que aqui não quiseram vir, como Carlos Drummond de Andrade, Sérgio Buarque de Holanda, Ferreira Gullar e Oscar Niemeyer, creio que podemos dizer que a obra literária brasileira passa pela Academia. Ainda em seus primeiros dias, sustentada no que haviam realizado seus fundadores, a Academia acolhe um novo autor com a primeira obra de gênio a se revestir de uma originalidade que alcançava valor universal: Euclides da Cunha com seu *Os Sertões*. Em

meados do século passado, recebíamos João Guimarães Rosa com o seu ser-tão que estendia as veredas de nossa criação literária a mares nunca dantes navegados.

Nossa contribuição, entretanto, não se deu ou se dá simplesmente nesses momentos excepcionais em toda literatura e em qualquer língua. Cada um de nós participa, com sua obra, de uma construção, lenta e segura, que faz da língua portuguesa um dos grandes identificadores culturais da humanidade e dá ao Brasil um lugar central nesta obra.

Mas a Literatura brasileira não se constitui somente dos que fazem parte desta Casa. Por isso é uma antiga tradição da Academia premiar os grandes livros do ano e, a cada ano, um conjunto de obra. O nosso prêmio mais prestigioso leva o nome de nosso primeiro escritor. É, de certo modo, a um só tempo, uma homenagem que prestamos à sua generosidade com os outros escritores e uma homenagem aos premiados, por lhes darmos o nome do mais completo de todos nós.

O Prêmio Machado de Assis deste ano é concedido a César Leal. Diz a Comissão Julgadora: “A poesia e o ensaio de César Leal sabem operar esse equilíbrio nervoso, ao qual se une a severidade do olhar crítico. Por isso, o trabalho de César Leal, o trabalho encantado da linguagem, é das construções mais convincentes da nossa Literatura contemporânea.”

Cearense de Belmonte, participando, durante um tempo, do círculo mineiro de Abar Renault e Emílio Moura, há tempo se integrou à cultura pernambucana. Lá no Recife, ensina Teoria da Literatura, na Universidade, e nos ensina poesia. Tive a oportunidade quando Presidente da República, nomear César Leal para o Conselho Federal de Cultura. Ensaísta, autor de um famoso estudo sobre Dante, conhece a poesia por seus dois caminhos, penetrando seus mistérios e causas, suas palavras e sentidos, seus tempos e modos.

Pode aplicar-se à sua poesia uma frase sua: “em que se associa ao resplendor musical a clara consciência de uma potência interior mais capaz de falar ao futuro do que ao presente”. Preocupado com o tempo, com sua percepção e sua expressão, César Leal escreve, na “Carta aos Rinocerontes”, uma anti-arte-poética:

*Quanto a mim continuarei sozinho,
solitário como um estranho rio
de um território ainda não visitado pelos geógrafos,
abrindo sem descanso a minha estrada
certo de que alguém um dia
– anjo ou demônio –
caminhará por ela até a porta do meu nome.*

Essa visão do autor solitário, essencialmente hermético ao outro, que o leva a declarar sua despreocupação com o leitor, não o impede de ser um estudioso dos outros poetas, e alguns dos que chamaríamos “difíceis”. É evidente sua intimidade com Eliot, Pound, ou com Jorge de Lima, a quem considera o maior poeta brasileiro, e cuja Invenção de Orfeu compara à Divina Comédia.

Na tradição românica, César Leal é influenciado pelos ritmos populares e mostra a amplitude de seu domínio poético. Vejam este começo do belíssimo *Romance do Pantaju* (Autobiografia):

Nasci numa casa grande dos Inhamuns, no Ceará, terra onde engorda e cresce o melhor gado que há em todo o Brasil-Nordeste se a seca não o devasta: é o vale do Jaguaribe, terra dos Feitosa e Monte, terra dos Caracarás, dos Leal, dos Cavalcanti. Muito jovem fui treinado nas artes do pastoreio – criei cedo um nobre estilo no desafiar de peito ao cinzento aço bicórneo que se aos homens degrada no perfil nobre de um touro o faz belo e respeitado.

A Academia Brasileira, ao dar o Prêmio Machado de Assis a César Leal, reconhece, mais uma vez, a grandeza dos poetas pernambucanos, terra de Joaquim Cardoso, Ascenso Ferreira e Carlos Pena Filho, e, aqui na Academia, de Mauro Mota, João Cabral e Manuel Bandeira.

Por falar em Bandeira, o autor do belíssimo estudo de *Forma e Alumbra-mento: Poética e Poesia em Manuel Bandeira*, Rui Espinheira Filho, teve o seu último livro, *Elegia de agosto e Outros Poemas*, escolhido para o nosso prêmio de Poesia. O poeta baiano, já várias vezes premiado, com justiça, é considerado uma das grandes vozes da Poesia baiana. Rui Espinheira é um lírico, e isso já diz na tradição de Bandeira (e, para ele, Drummond, Mário de

Andrade...), de seu compromisso com uma poesia que pode ser lida por todos, mas capaz de uma extrema sofisticação de forma e fundo.

Olho do Rei, de Edgar Telles Ribeiro, foi o premiado em Ficção, Romance, Teatro e Conto; em Ensaio, Crítica e História Literária, escolhemos *Dioniso Crucificado*, de Per Johns; em Literatura Infanto-Juvenil, *Cartas Lunares*, de Rui de Oliveira; o estudo do *Cântico dos Cânticos*, de Geraldo Holanda Cavalcanti, ganha o prêmio de Tradução; e *Independência do Brasil na Bahia*, de Luís Henrique Dias Tavares, *O Grande Mestre da História da Bahia*, o de História e Ciências Sociais.

Premiar escritores e livros é promover o que de mais elevado acontece na vida cultural de nosso País. Não há – é uma coisa que tanto tenho repetido que talvez todos já me tenham ouvido dizer – não há mais alta invenção na história da humanidade, mais alta tecnologia, que a do livro. Não precisa energia, é portátil, cai e não quebra, reúne toda a cultura e todos os sonhos. Sem o livro não seríamos: ele foi, ele é o instrumento das transformações culturais, sociais, políticas.

A Academia Brasileira realiza-se na medida em que fazemos, nós todos, essa imensa obra publicada, em que passamos de uma entidade virtual e um projeto de ser para a realidade concreta das bibliotecas e para a mão dos leitores. É no livro, portanto, que nos realizamos. A língua, que expressamos e carregamos em sua grandeza, realiza-se no livro. Ela, que é viva e evolui a cada dia no falar das gentes, mas que é permanentemente marcada de efêmero, toma-se de uma permanência superior que atravessa os tempos e, no livro, se torna substância da imortalidade.

Se a língua é nosso objeto, o livro é a nossa medida. A língua é o espaço em que se desenvolve nossa cultura; mas nossas fronteiras, nossos eixos, nossas raízes, língua posta em cruz, pedra como sinal ao tempo assentada, paraíso reencontrado, o que fica e nos faz ser é o livro.

É ele, em síntese, o ícone, o símbolo de nossa Academia. Nesses 109 anos de existência, nossa vela votiva é a ele dedicada. Sua luz, ao contrário da luz de velas, é fundida à verdadeira luz, massa do universo, de energia e estrelas, e não se apaga nunca.

SESSÃO DO DIA 21 DE JULHO DE 2006

Sob a presidência do Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça, estiveram presentes os Acadêmicos: Cícero Sandroni, Secretário-Geral; Ana Maria Machado, Primeira-Secretária; José Murilo de Carvalho, Segundo-Secretário; Antonio Carlos Secchin, Tesoureiro; Murilo Melo Filho, Diretor da Biblioteca; Affonso Arinos de Mello Franco, Alberto da Costa e Silva, Alberto Venancio Filho, Antonio Olinto, Arnaldo Niskier, Candido Mendes de Almeida, Carlos Nejar, Domício Proença Filho, Evanildo Cavalcante Bechara, Pe. Fernando Bastos de Ávila, Helio Jaguaribe, Ivan Junqueira, Lêdo Ivo, Marco Maciel, Nélide Piñon, Nelson Pereira dos Santos, Sábado Magaldi e Tarcísio Padilha.

- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça, para que constasse da Ata, saudou com uma salva de palmas o aniversariante, Acadêmico Marco Maciel. A seguir, deu ciência ao plenário que o Acadêmico Helio Jaguaribe concordou em representar a Academia Brasileira de Letras na Instalação do Instituto Celso Furtado, que se dará no dia 25 do corrente, na Avenida República do Chile, n.º 100, subsolo, salas I5 e I6, no Rio de Janeiro. Registrou que nessa semana transcorre o centenário da Fundação Calouste Gulbenkian. Discorreu sobre a importância dessa Fundação no plano da História, da Literatura, das Artes Plásticas, da Literatura e da Ação Social. Pediu autorização ao plenário para fazer uma comunicação formal e circunstanciada à Fundação Gulbenkian, na pessoa do seu

Presidente Emílio Rui Vilar, em nome da Casa. Comunicou que juntamente com o Acadêmico Alberto da Costa e Silva, que o receberá, estão em tratativas com o Acadêmico eleito José Mindlin para marcar a sua posse, possivelmente para o princípio de novembro. Comunicou que está em contato permanente com a família do Acadêmico Carlos Heitor Cony, no acompanhamento do seu tratamento de saúde.

- O Acadêmico Cícero Sandroni propôs a transcrição nos *Anais da Academia Brasileira de Letras* do pequeno, mas importante discurso que o Acadêmico Antonio Olinto pronunciou ontem na solenidade de inauguração do espaço Josué Montello.
- O Acadêmico Alberto Venancio Filho registrou que, pela primeira vez após a sua posse, encontra presente o Acadêmico Nelson Pereira dos Santos. Disse tê-lo aconselhado usar a expressão “peço a palavra”, mas ele timidamente considerou melhor ficar em silêncio.
- O Presidente disse que mesmo que ele não faça uso dela concedeu a palavra ao Acadêmico Nelson Pereira dos Santos e, a seguir, o dispensou.
- O Acadêmico Nelson Pereira dos Santos disse que já falou bastante segunda-feira, ao proferir o seu discurso de posse. Disse, entretanto, que ficou profundamente agradecido a todos os acadêmicos que receberam um cineasta com tanto carinho e compreensão.
- O Acadêmico Candido Mendes de Almeida salientou a importância do pronunciamento do Presidente da República em homenagem e saudação ao novo Acadêmico. Acha este documento extremamente importante porque marca a importância do novo Acadêmico e a visão global da cultura brasileira. Disse da aproximação profunda que está ocorrendo na gestão do Presidente Marcos Vinícios Vilaça, da visão da República como um todo, ainda ontem, protagonizada pela presença do Presidente da Câmara, Deputado Aldo Rebelo, nos 109 anos de fundação da Academia Brasileira de Letras.
- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça agradeceu de um modo muito enfático, a maneira muito atenciosa como os acadêmicos ajudaram a Diretoria no registro de fundação da Academia Brasileira de Letras.

- Na Ordem do Dia, o Presidente Marcos Vilaça deu início à eleição para o preenchimento da Cadeira n.o I4, do quadro dos Membros Efetivos, vaga com o falecimento do Acadêmico Miguel Reale. Encontravam-se inscritos os Srs. Celso Lafer, Marco Aurélio LoMonaco e Jorge Jaime. Comunicou que o quorum para a eleição era de 19 votos. Convidou para escrutinadores os Acadêmicos Murilo Melo Filho e Alberto da Costa e Silva. Encontravam-se presentes 25 Acadêmicos, dos quais 12 votaram pessoalmente. Por carta votaram 23 Acadêmicos, num total de trinta e cinco votantes. Abstiveram de votar dois Acadêmicos. Procedeu-se a votação, que teve o seguinte resultado:

Primeiro Escrutínio:

Celso Lafer	35 votos.
-------------	-----------

- O Presidente agradeceu aos escrutinadores, Acadêmicos Murilo Melo Filho e Alberto da Costa e Silva. Declarou eleito para a Cadeira n.o I4 do Quadro dos Membros Efetivos o Sr. Celso Lafer. Comunicou que esta Cadeira tem como Patrono Franklin Távora, teve como fundador Clóvis Beviláqua, como sucessores Antonio Carneiro Leão, Fernando de Azevedo e Miguel Reale.

INAUGURAÇÃO DO ESPAÇO JOSUÉ MONTELLO

*Palavras do Acadêmico Antonio Olinto**

Inaugurado dia 20 de julho de 2006, centésimo nono aniversário da Academia Brasileira de Letras

Josué Montello – Poucas foram das pessoas que conheci apaixonadas por ideal, como ele. Sua paixão era o idioma português, sua paixão era a palavra escrita, a letra, a Literatura – o Livro. Sua paixão era Machado de Assis, tendo Josué Montello sido um percuciente machadiano, como tivemos poucos. Nessa paixão por ele e pela palavra escrita, muito escreveu sobre Machado, sempre de um modo preciso, indo buscar na alma do mundo machadiano o que lá estava e poucos viam. Seus dois livros – *O Presidente Machado de Assis* e *Memórias Póstumas de Machado de Assis* – se isolam na bibliografia sobre Machado e são até hoje do que de mais profundo tivemos sobre o nosso fundador. E neste dia da fundação, dia de Machado, neste que a Casa de Machado de Assis, nada mais certo do que inaugurarmos um Espaço Josué Montello, na presença de Ivone, a inspiradora, e de sua família. O dia é de Machado de Assis, o dia é de Josué Montello, o espaço é de Josué Montello.

* Discurso proferido na solenidade de inauguração do Espaço Josué Montello no dia 20 de julho de 2006.

SESSÃO DO DIA 27 DE JULHO DE 2006

Sob a presidência do Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça, estiveram presentes os Acadêmicos: Cícero Sandroni, Secretário-Geral; José Murilo de Carvalho, Segundo-Secretário; Antonio Carlos Secchin, Tesoureiro; Murilo Melo Filho, Diretor da Biblioteca; Eduardo Portella, Diretor dos *Anais da Academia Brasileira de Letras*; Affonso Arinos de Mello Franco, Alberto da Costa e Silva, Alberto Venancio Filho, Antonio Olinto, Arnaldo Niskier, Candido Mendes de Almeida, Carlos Nejar, Evanildo Cavalcante Bechara, Pe. Fernando Bastos de Ávila, Helio Jaguaribe, Ivan Junqueira, Lêdo Ivo, Marco Maciel, Nélide Piñon, Nelson Pereira dos Santos, Sábato Magaldi e Tarcísio Padilha.

- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça, ao dar início à sessão, submeteu as Atas dos dias 20 e 21 de julho à apreciação do plenário. Não havendo nenhuma observação, declarou-as aprovadas. Deu notícias do estado de saúde do Acadêmico Carlos Heitor Cony, que já se encontra em processo de recuperação. Comunicou que o escritor Humberto Gomes de Barros foi eleito para a Academia Brasileira de Letras. Disse, para os que não o conhecem, que o escritor Humberto Gomes de Barros é Ministro do Superior Tribunal de Justiça. Anunciou, ainda, que a Academia das Ciências de Lisboa comunicou à Academia Brasileira de Letras os nomes dos participantes que serão oradores e debatedores da Reunião Conjunta, em outubro, das duas Casas, tendo como tema o Iluminismo. São eles,

Adriano Moreira, Mário Soares, Fernando Cristóvão e Aníbal Pinto de Castro. A seguir, informou que a Diretoria prazerosamente comunica que obteve apoio cultural da Caixa Econômica, nesta semana, na ordem de R\$ 450.000,00 (quatrocentos e cinqüenta mil reais). Destinou R\$ 300.000,00 (trezentos mil reais) a dar prosseguimento aos trabalhos do Dicionário e R\$ 100.000,00 (cem mil reais) a fim de atender a obras que estão realizando nos escritórios e melhorias no setor de restauração e encadernação. Lembrou que o plenário decidiu que aquela oficina teria o nome de Guita Mindlin e à Diretoria compete dar o mínimo de materialização à homenagem, melhorando as condições de trabalho naquele setor e colocando uma placa alusiva a essa denominação. Convidou a todos para participar do seminário “Brasil, brasis”, hoje dedicado à Música Popular Brasileira. Lembrou, também, que amanhã, às 21 horas, toma posse na Cadeira n.º 28 do Quadro dos Membros Efetivos, o Acadêmico eleito Domício Proença Filho.

- Na Ordem do Dia, o Presidente Marcos Vinícios Vilaça comunicou que foi distribuída ao plenário uma minuta de atas e documentos para resolução em definitivo do problema do Solar da Baronesa. Fez uma exposição detalhada sobre os documentos apresentados, as operações a serem realizadas e pediu que os acadêmicos os examinassem para que esse problema pudesse ser discutido e resolvido na próxima sessão.
- O Acadêmico Alberto Venancio Filho felicitou o Presidente por tentar encontrar uma solução para esse caso. Chamou a atenção para as dificuldades a serem enfrentadas pela Casa com a extinção do Instituto. Disse que é um processo extremamente difícil, porque requer a apresentação de uma quantidade enorme de documentos. Acredita que a solução mais adequada é a incorporação do Instituto à Academia, pois isso evitaria questões que poderiam demandar muito tempo. Chamou a atenção para um equívoco num desses documentos que assinala ter sido o Solar da Baronesa doado pelo Dr. João Cleofas. Na realidade, o Solar da Baronesa foi doado pela Usina Sapucaia, da qual era Diretor o Dr. João Cleofas.
- O Acadêmico Cícero Sandroni disse que o Instituto regularizado poderia fazer a doação à Academia do Solar da Baronesa. Daí em diante o proces-

so de extinção do Instituto não interessaria mais à Academia. É um processo burocrático que pode levar dois a três anos.

- O Acadêmico Alberto Venancio Filho considera mais simples incorporar o Instituto à Academia, porque evita todos os problemas burocráticos.
- O Acadêmico Helio Jaguaribe, complementando as informações do Acadêmico Alberto Venancio Filho, disse que a solução por ele apresentada tem dupla vantagem: é instantânea e permite que a Academia dissolva o Instituto com tranqüilidade.
- O Acadêmico Alberto Venancio Filho disse que a incorporação significa que a Academia passa a ser responsável por todos os bens do ativo e do passivo.
- O Acadêmico Arnaldo Niskier fez várias observações com relação aos documentos hoje entregues aos Acadêmicos. Disse que tende a considerar a proposta do Acadêmico Alberto Venancio Filho defensável para o futuro. Fez uma breve exposição sobre as várias fases do Instituto Internacional de Cultura, da qual foi testemunha, e se existe uma outra possibilidade de solução opta pela solução que foi aventada por um dos juristas da Casa, Acadêmico Alberto Venancio Filho, que lhe parece mais favorável.
- O Presidente solicitou ao Acadêmico Alberto Venancio Filho a prestar mais um serviço à Academia. Sabe que o Acadêmico Alberto Venancio Filho, como jurista e Acadêmico, com grande vivência nesta Casa, tem condições de trazer para o plenário um formato definitivo, de tal forma que o plenário possa decidir a respeito do Instituto Internacional de Cultura e do Comodato com a Universidade do Norte Fluminense, sem alienação. Será mais um grande serviço que o Acadêmico Alberto Venancio Filho prestará a esta Casa.
- O Acadêmico Alberto Venancio Filho disse que servir à Academia é um prazer para ele.
- O Presidente tem certeza que esse assunto voltará a ser tratado novamente na próxima sessão, na forma que ficou estabelecido neste momento.

- O Acadêmico Eduardo Portella prestou contas da missão que o Presidente lhe confiou. Foi a Madri para ministrar um curso na Universidad Complutense de Madri na qual estudou décadas atrás. Em seguida, foi a Paris para presidir a Comissão “Caminhos do pensamento hoje”. De posse da carta do Presidente Marcos Vinícios Vilaça, que lhe confiou esta missão, marcou uma audiência com o Presidente da Real Academia Española, Doutor Víctor Garcia de la Concha, que há muito tempo quer aproximar a Real Academia Espanhola da Academia Brasileira de Letras. Foi recebido fidalgamente, numa casa linda, onde na sala de espera, encontrava-se a famosa gramática de Antonio de Nebrija, onde ficava bem caracterizado que língua e poder são elementos de uma mesma irmandade, para o bem ou para o mal. O Presidente Víctor Garcia de la Concha o recebeu, e lhe disse que já existe uma conexão com todas as academias da América de língua espanhola e que acabou de sair uma nova edição de um dicionário com a colaboração de todas essas Academias, ou seja, o espanhol em vez de se enclausurar imperialmente no seu domínio territorial, percebe que a própria identidade da língua espanhola se decide em parte substancial na América Latina.
- O Acadêmico José Murilo de Carvalho deu notícias da nova edição do livro de Fernão Nery que está coordenando. Trata-se do livro de Fernão Nery, sobre a Academia, que fala da história da Academia e dos Acadêmicos até 1940. A segunda parte seria uma atualização deste livro pegando de 1940 até hoje, dando as mesmas informações. O projeto seria uma publicação, em dois volumes, desta obra e faria parte das celebrações dos 110 anos da Academia Brasileira de Letras, no ano que vem. Desta celebração fará parte também um livro que o Acadêmico Alberto da Costa e Silva está preparando sobre a Academia. A solicitação é que, em algum momento, recebam o verbete que lhes corresponde e solicitou que revejam seus verbetes para verificar se há algum equívoco ou algo para acrescentar.
- O Acadêmico Antonio Olinto leu o Ato da Prefeitura que saiu no dia 13 do corrente mês, onde cria o grupo de trabalho para homenagear o centenário da morte de Machado de Assis, no ano de 2008. (O texto lido será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*). Comunicou que participou do Fórum Estadual de Leitura, em Salvador. Abriu a sessão

falando sobre a língua portuguesa: livro, palavra e leitura. Convidou os Acadêmicos para o ato chamado Vida e Cultura onde será entrevistado por Paulo Barata.

- O Acadêmico Helio Jaguaribe comunicou que, a pedido do Presidente Marcos Vinícios Vilaça, esteve presente ao Centro Internacional Celso Furtado de Políticas para o Desenvolvimento representando a Academia e lá realizou o seminário “Pobreza e desenvolvimento no contexto da globalização”. Salientou a excelente exposição “A integração da América do Sul – Desenvolvimento e pobreza: construir um plano de metas Sul-americano”, do Secretário-Geral das Relações Exteriores, Embaixador Samuel Pinheiro Guimarães e pela admirável apresentação do economista argentino Aldo Ferrer.
- O Acadêmico Nelson Pereira dos Santos propôs à Diretoria a criação de um prêmio para o melhor roteiro de filme baseado em obra literária nacional ou estrangeira.
- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça indagou que seria apenas o roteiro sobre literatura brasileira. Disse que a idéia é interessante, mas acha que o Acadêmico Nelson Pereira dos Santos, pelos padrões da tradição da Casa, deve formalizar a idéia para apreciação do plenário na próxima sessão. Agradeceu ao Acadêmico Eduardo Portella pela maneira com que representou a Academia Brasileira de Letras. Confirma as suas qualidades de homem da negociação internacional e indicou o Acadêmico Eduardo Portella, a Acadêmica Néliida Piñon e o Acadêmico Cícero Sandroni para que trouxessem ao plenário um modelo de ação da Academia para realizar esse enlace com a Real Academia Espanhola. Finalizando, esclareceu sobre o apoio cultural que a Caixa Econômica vai dar a Academia. Além da ajuda ao dicionário, a Caixa Econômica quer fazer atos culturais nos seus centros culturais de Brasília e de Recife com lançamentos de livros e palestras dos Acadêmicos. Ficou o aceno para a Academia ter recurso, no próximo ano, para fazer a recuperação do Teatro R. Magalhães Jr.
- O Acadêmico Carlos Nejar parabenizou a Diretoria pela atitude enérgica que tomou com relação a uma notícia maldosa do Jornal *O Globo*.

- O Acadêmico Evanildo Bechara, sobre a comunicação feita pelo Acadêmico José Murilo de Carvalho, a respeito do segundo volume da história da Academia, em continuação ao livro de Fernão Nery, solicitou que os dados a serem apresentados pelos Acadêmicos obedecam a uma norma de dados que seja comum a todos.
- O Acadêmico José Murilo de Carvalho disse que, pelo levantamento feito pela funcionária Celeste, segue naturalmente a critérios que serão enviados conjuntamente com o verbete para a orientação dos Acadêmicos.
- Nada mais havendo a tratar o Presidente Marcos Vilaça deu por encerrada a sessão.

SECRETARIA DAS CULTURAS
CENTENÁRIO DE MORTE DE MACHADO DE ASSIS

*Acadêmico Antonio Olinto**

ATOS DO SECRETÁRIO

Resolução SMC n.º 51 Rio de Janeiro, 13 de julho de 2006-08-15

O SECRETÁRIO MUNICIPAL DAS CULTURAS, no uso das atribuições que lhes são conferidas pela legislação em vigor,

Considerando o Decreto n.º 26.558, de 25 de maio de 2006, que cria o Grupo de Trabalho para homenagear o centenário de morte de Machado de Assis, no ano de 2008;

RESOLVE:

Art. 1.º: O Grupo de Trabalho será composto pelos seguintes membros:

André Luiz Mauser Zambelli – SEDREPAHC

Antonio Carlos Secchin – Academia Brasileira de Letras

Domício Proença Filho – Academia Brasileira de Letras

Eduardo Portella – Academia Brasileira de Letras

Elizabeth de Almeida dos Santos – SMC

* Leitura do Ato da Prefeitura criando grupo de trabalho para homenagear o centenário da morte de Machado de Assis, na sessão do dia 27 de julho de 2006.

Paula Torrecilhas Musa Julião – SMC

Regina Alcântara de Assis – Multirio

Ricardo Macieira – Secretário Municipal das Culturas

Sergio Paulo Rouanet – Coordenador

Art. 2.º: As reuniões serão marcadas por determinação do Secretário Municipal das Culturas, e o Grupo de Trabalho estabelecerá, em comum acordo, as atividades que serão realizadas sobre o tema.

Art. 3.º: Esta resolução entra em vigor na data de sua publicação.

Ass:

Secretário: Ricardo Macieira

SESSÃO DO DIA 03 DE AGOSTO DE 2006

Sob a presidência do Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça, estiveram presentes os Acadêmicos: Cícero Sandroni, Secretário-Geral; José Murilo de Carvalho, Segundo-Secretário; Antonio Carlos Secchin, Tesoureiro; Murilo Melo Filho, Diretor da Biblioteca; Eduardo Portella, Diretor dos *Anais da Academia Brasileira de Letras*; Affonso Arinos de Mello Franco, Alberto da Costa e Silva, Alberto Venancio Filho, Antonio Olinto, Arnaldo Niskier, Candido Mendes de Almeida, Domício Proença Filho, Evanildo Cavalcante Bechara, Pe. Fernando Bastos de Ávila, Helio Jaguaribe, Ivan Junqueira, Lêdo Ivo, Nelson Pereira dos Santos e Tarcísio Padilha.

- Ao dar início à sessão, o Presidente Marcos Vinícios Vilaça colocou em discussão a ata da sessão do dia 27 de julho de 2006. Não havendo nenhuma manifestação do plenário, a ata foi aprovada. Pediu uma salva de palmas para festejar o aniversário do Acadêmico Celso Lafer, que aniversaria no próximo dia 7. Festejou com o plenário o título de Cidadão Brasiliense outorgado ao Acadêmico Marco Maciel. Lembrou que, no dia 31 de agosto, a Academia registrará os 180 anos da Câmara dos Deputados, na observação do que significa para a democracia que esse parlamento seja cada vez melhor. Será feito dentro da sessão ordinária como Efeméride e o orador será o Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco. Convidou a todos os Acadêmicos para o Sarau de música e piano em homenagem a Acadêmica Nélide Piñon, dia 4 de agosto, sexta-feira, no

Teatro R. Magalhães Jr. No dia 11 de agosto, às 11 horas, a Academia fará a aposição da placa na Travessa do Ouvidor, no edifício onde se instalou, pela primeira vez, a Academia Brasileira de Letras. Falou com o Presidente do IPHAN, Luiz Fernando Almeida, que o procurou para dizer que tinha interesse, nessa gestão, de fazer um enlace mais consistente com a Casa, e perguntou se seria conveniente para a Academia a disponibilização de especialistas do IPHAN em mobiliário e em artes plásticas para verificarem que intervenções seriam necessárias de restauração, recuperação, ou mesmo de preservação e manutenção. Outra coisa que lhe pareceu importante, é que o IPHAN está em ajustes com a Petrobras para um grande procedimento de proteção dos bens culturais sob a responsabilidade do Ministério da Cultura/IPHAN. Pediu que a Academia entrasse nesse esquema como a instituição, no gênero, mais importante da cultura brasileira. Isso vem casar com um pedido que a Diretoria fez a uma empresa de segurança, para apresentar um estudo de preservação do patrimônio da Casa. Pediu ao Acadêmico Tarcísio Padilha para supervisionar o que vai ser feito pelos quadros técnicos da Casa e a proposta que devemos encaminhar ao IPHAN. Finalizando, agradeceu ao Acadêmico Alberto Venancio Filho a oferta à Biblioteca Rodolfo Garcia de uma coleção de obras de Stendhal, algumas até pertenceram ao Acadêmico Álvaro Moreira. Assinalou o fato de que seria importante a Biblioteca tentar adquirir a obra do saudoso Acadêmico Josué Montello, *Un maitre oublié de Stendhal*. Pediu aos Acadêmicos que observem a exposição sobre Agostinho da Silva. Poucas vezes a Academia fez uma exposição desse nível, seja quanto ao material exibido, seja quanto a forma da exibição. É uma exposição forte, limpa, feita com a participação do pessoal da Casa. Todas as exposições da Academia, da Sala Affonso Arinos e da Galeria Manuel Bandeira, podem ser vistas no Portal da Academia. É a dinamização, a interação do sistema do Portal com as atividades da Casa.

- O Acadêmico José Murilo de Carvalho registrou e lamentou duas perdas. A primeira de Roberto Cardoso de Oliveira, decano dos antropólogos brasileiros, falecido em 21 de julho, aos 78 anos. Tinha doutorado pela Universidade de Harvard e foi seu colega na Academia Brasileira de Ciências. Formou uma geração de antropólogos e foi para todos um exemplo

de profissional, de pessoa humana e de cidadão envolvido na defesa das comunidades indígenas e na luta pela promoção dos direitos de todos os cidadãos brasileiros. A segunda é a do historiador Pierre Vidal-Naquet, falecido em 23 de julho, aos 76 anos. Filho de judeus franceses perdeu os pais em 1944 assassinados em Auschwitz. Especializou-se em história antiga e marcou a área com vários livros fundamentais, alguns escritos em parceria com Jean-Pierre Vernant. Combinava a dedicação aos estudos com intensa participação política, sobretudo contra a tortura usada pelo exército francês na guerra da Argélia e, mais ao final da vida, contra o negacionismo. Pierre Vidal-Naquet e Roberto Cardoso de Oliveira foram almas gêmeas e é mais que adequado juntá-los nessa pequena homenagem póstuma. (O texto lido será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.)

- O Acadêmico Eduardo Portella associou-se às palavras do Acadêmico José Murilo de Carvalho sobre Roberto Cardoso de Oliveira. Foi um colega muito querido e teve a oportunidade de participar da Comissão que entregou a ele o Título de Professor Emérito. Formou uma escola de antropologia no Museu Nacional e era editado fundamentalmente pelas Edições Tempo Brasileiro, onde criou o Anuário de Antropologia que existe há mais de dez anos. Era um antropólogo muito peculiar porque, além de ter um conhecimento preciso de sua disciplina, tinha uma abertura de espírito para reflexão e para o pensamento pois tinha sido ele também formado em Filosofia. A reflexão de Roberto Cardoso de Oliveira sempre saía do limite da pesquisa de campo e do trabalho empírico, era capaz de pensar para além da grade disciplinar. Além de ser um ser humano excepcional, ética, política e socialmente.
- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça associou-se às manifestações feitas pelo falecimento de Roberto Cardoso de Oliveira e Pierre Vidal-Naquet.
- O Acadêmico Murilo Melo Filho fez uma bela apresentação sobre Luis da Câmara Cascudo, no 20.º aniversário do seu falecimento. (O texto lido será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.)
- O Acadêmico Candido Mendes de Almeida fez um júbilo à apresentação do Acadêmico Murilo Melo Filho sobre Luis da Câmara Cascudo.

Lamentou a perda de Pierre Vidal-Naquet. Lembrou os seus estudos sobre a Grécia Antiga, desde o problema fundamental do que seja o problema da tragédia e do mito, o problema dos gregos historiadores, a democracia e o problema, sobretudo, da escravidão. Disse que Pierre Vidal-Naquet retomou e desenvolveu o trabalho sobre a escravidão na Grécia Antiga. Falou ao Presidente Marcos Vinícios Vilaça que o Senhor Bernard Bosredon, presidente da L'université Sorbonne Nouvelle – Paris III visitará a Academia Brasileira de Letras, na última semana de outubro, para editarmos em co-edição, entre a Sorbonne e a Academia da Latinidade, um livro sobre o pensamento e a literatura brasileira com a colaboração de sete dos Acadêmicos.

- O Acadêmico Ivan Junqueira fez duas considerações. A primeira para elogiar a Diretoria pela belíssima, austera e oportuna exposição foto bibliográfica sobre Agostinho da Silva, que se encontra no saguão da Casa. É uma maneira exemplar de se lembrar um homem que está muito esquecido neste País que o conheceu. É sempre uma alegria ter de volta alguma coisa sobre este extraordinário polígrafo e filósofo português. Por fim, sugeriu uma salva de palmas ao Acadêmico Domício Proença Filho que, pela primeira vez, depois de eleito, comparece ao plenário.
- O Acadêmico Alberto Venancio Filho pediu a inclusão nos *Anais da Academia Brasileira de Letras* do artigo do Acadêmico Eduardo Portella publicado na *Folha de São Paulo* do dia 2 de agosto de 2006, sob o título “O poder aquisitivo”. É um artigo pessimista onde fala da falência da educação, mas tem, afinal, nesses dias difíceis em que vivemos, um fio de esperança que muito nos comove.
- O Acadêmico Domício Proença Filho agradeceu a manifestação do Acadêmico Candido Mendes de Almeida. Reiterou profundos agradecimentos ao Presidente Marcos Vinícios Vilaça, pelas palavras e pelo carinho com que emocionou sua mãe e pela referência com que o brindou no seu pronunciamento à imprensa, e a todos os companheiros Acadêmicos a generosa acolhida nesta Casa. Solicitou ainda, que seja registrado seu reconhecimento ao empenho dos funcionários, irrepreensíveis nos cuida-

dos com o brilho da festa, especialmente as Senhoras Maria Carmen de Oliveira e Maria José de Abreu, infatigáveis e onipresentes.

- O Acadêmico Nelson Pereira dos Santos propôs o lançamento do Prêmio ABL de Cinema – Roteiro e Adaptação Cinematográfica de Obra Literária (ou de obra de literatura da língua portuguesa ou de obra literária brasileira.)
- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça disse que a Secretaria da Casa fará distribuir a proposta do Prêmio ABL de Cinema a todos os Acadêmicos para ser votado na próxima sessão plenária. Deu notícias do Acadêmico Carlos Heitor Cony, que voltará para casa dentro de dois dias, e da Acadêmica Zélia Gattai Amado, que está em viva recuperação e em plena atividade. Comunicou que viaja ao Paraná onde a Academia Brasileira de Letras, na pessoa do Presidente, receberá uma homenagem dos confrades paranaenses por iniciativa do Presidente da Academia Paranaense de Letras, Dr. Túlio Vargas.
- O Acadêmico Alberto Venancio Filho explicou o seu trabalho sobre o Instituto Internacional de Cultura e fez um breve retrospecto sobre o assunto. Disse que o Instituto Internacional de Cultura não existe na prática; periodicamente se elege uma Diretoria, mas não tem nenhuma função. A idéia de extinguir o Instituto Internacional de Cultural ressurgiu com o Presidente Marcos Vinícios Vilaça, mas uma forma ainda melhor para resolver o assunto seria a incorporação do Instituto à Academia. A extinção do Instituto simplesmente acarretaria um grande trabalho de baixas do serviço público e extinção de certidões, o que retardaria o processo. (O texto será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.)
- O Acadêmico Arnaldo Niskier concordou com o trabalho feito pelo Acadêmico Alberto Venancio Filho. Pediu que no Anexo 2, na Ata da Assembléia extraordinária que extingue o Instituto Internacional de Cultura, houvesse uma referência explícita ao nome que está constando em branco.
- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça colocou a matéria em votação, que foi aprovada. Vai colocar à disposição do Acadêmico Alberto Venancio Filho um funcionário do secretariado da Casa para servi-lo na formaliza-

ção de todas essas Atas para depois colher as assinaturas. Convidou a todos para a mesa-redonda em homenagem ao centenário de nascimento de Agostinho da Silva com o Acadêmico Alberto da Costa e Silva e os Senhores Salim Miguel, Amandio Silva, Sebastião Nery e José Almino de Alencar. Nada mais havendo a tratar, deu por encerrada a sessão.

HOMENAGEM PÓSTUMA

*Palavras do Acadêmico José Murilo de Carvalho**

Para registrar brevemente e lamentar profundamente duas perdas.

A primeira de Roberto Cardoso de Oliveira, decano dos antropólogos brasileiros, falecido em 21 de julho de 2006, aos 78 anos. RCO tinha doutorado pela Universidade de Harvard e era meu colega na ABC. Em sua longa vida de professor e pesquisador destacou-se em pelo menos três campos:

1. A qualidade de sua produção acadêmica, composta de 27 livros e dezenas de artigos. Ela foi iniciada com estudos das sociedades indígenas, de que se destacam livros como *O Índio e o Mundo dos Brancos*, a *Sociologia do Brasil Indígena*. Mais recentemente dedicou-se a estudos de Direito, cidadania, justiça, etnicidade. Foi o introdutor entre nós da antropologia social.

2. Papel de fundador de cursos de pós-graduação em antropologia na UFRJ, UNB e UNICAMP.

3. Seu exemplo de dedicação ao ensino e à universidade pública. Formou uma geração de antropólogos e foi para todos um exemplo de profissional, de pessoa humana e de cidadão envolvido na defesa das comunidades indígenas e na luta pela promoção dos direitos de todos os cidadãos brasileiros.

* Proferidas na sessão do dia 3 de agosto de 2006.

A segunda perda é a do historiador Pierre Vidal-Naquet, falecido em 23 de julho último, aos 76 anos.

Filho de judeus franceses perdeu os pais em 1944 assassinados em Auschwitz. Especializou-se em História Antiga e marcou a área com vários livros fundamentais, alguns escritos em parceria com Jean-Pierre Vernant. Escreveu também sobre a guerra da Argélia e a história do povo judeu. Pierre Vidal-Naquet combinava a dedicação aos estudos com uma intensa participação política, sobretudo contra a tortura usada pelo exército francês na guerra da Argélia e, mais ao final da vida, contra o negacionismo, isto é, a tendência de se reduzir, se não negar, o extermínio dos judeus pelos nazistas. Na combinação de profissionalismo e militância, Pierre Vidal-Naquet e RCO foram almas gêmeas e é mais que adequado juntá-los nessa pequena homenagem póstuma.

LUÍS DA CÂMARA CASCUDO

*Apresentação do Acadêmico Murilo Melo Filho**

Senhor presidente Marcos Vilaça.
Senhora e senhores acadêmicos.

Completaram-se no último domingo, dia 30 de julho, vinte anos da morte, em Natal, de um grande norte-rio-grandense e brasileiro, chamado: Luís da Câmara Cascudo.

Ele foi um fiel admirador desta Casa, sem nunca ter chegado ao seu quadro de membros efetivos, apesar das várias tentativas feitas pelos Acadêmicos Austregésilo de Athayde, Peregrino Júnior, Josué Montello, Hermes Lima, Rodolfo Garcia, Jorge Amado, Afonso Arinos, Rachel de Queiroz, Odylo Costa, filho, Antônio Houaiss, José Sarney, Antonio Olinto, (e V. Ex.^a, Senhor Presidente), para que ele se candidatasse a esta nossa Academia, onde recebeu o Prêmio Machado de Assis e onde seguramente seria eleito.

A todos esses convites, resistiu sempre por considerar-se um “provinciano incurável”, com tanto amor por sua querida cidade de Natal, que não poderia ausentar-se dela para cumprir, aqui no Rio, os seus deveres acadêmicos. Dizia-me, então:

– Murilo. Tenho tantos amigos lá na Academia, que prefiro continuar sendo seu eterno noivo, sem nenhuma ambição de chegar ao casamento.

* Proferidas na sessão do dia 3 de agosto de 2006.

Na sua modesta Biblioteca – onde ninguém mexia em nada – recebeu visitas importantes, como as dos Presidentes Juscelino Kubitschek e João Batista de Figueiredo, além de Joracy Camargo, Pascoal Carlos Magno, Procópio Ferreira, Assis Chateaubriand, Dorival Caymi, Ary Barroso e Mário de Andrade, com o qual manteve uma intensa correspondência, que justamente agora está sendo publicada.

Em seu livro, *Cascudo, um Homem Feliz*, o Acadêmico Diógenes da Cunha lembra que, naquela Biblioteca, e fumando seu charuto, ele repousava sempre numa rede, da qual muito gostava, e quando ali recebia uma visita importuna e impertinente, tinha um modo todo especial de encerrá-la:

– Deus te abençoe, meu filho. Vá baixar noutra freguesia.

Homenageado em Natal, com o título de “Cidadão natalense”, o ex-senador e Acadêmico José Américo fez questão de reencontrar-se com Cascudo, que não via há mais de 30 anos, começando por elogiá-lo:

– Como você está jovem, encantador e bonito...

Cascudo não refrescou:

– Quais são as suas intenções ? velho devasso.

Ali recebeu, certa madrugada, dois alunos boêmios com um passarinho numa gaiola e agradeceu:

– Muito obrigado, pelo lindo presente.

– Nada disto, professor. Estamos apenas trazendo-lhe o direito de o senhor abrir esta gaiola e soltar este passarinho.

O Acadêmico Odylo Costa Filho e sua mulher, Nazaré, foram recebidos por Cascudo, que lhes disse o seguinte:

– Sou do tempo em que não se beijavam homens. Mas a você, eu beijo.

E tascou um ósculo na cara de Odylo.

Numa parede da Biblioteca, fez questão de pendurar o retrato de um maestro, com uma dedicatória:

“Uma boa testa para um cascudo amigo. Villa-Lobos”.

Manuel Bandeira enviou-lhe um exemplar do seu *Itinerário de Pasárgada*, com uma dedicatória:

“Com admiração. Vem cá, homem”.

Certo dia, a nossa querida amiga Zila Mamede (minha e aqui do Acadêmico Lêdo Ivo), levou o Acadêmico João Cabral de Melo Neto à presença de Cascudo, que, em homenagem à Espanha de João Cabral, o saudou, recitando de cor vários poemas na língua galega, aqui da nossa Nélide Piñon.

Recebendo a idosa senhora de um Presidente da República, tratou-a o tempo todo de “menina”.

À saída, a anciã prometeu:

– Dr. Cascudo, pretendo retornar aqui, só para voltar, de novo, a ser menina.

Certa manhã, sua empregada doméstica o avisou:

– Dr. Luís. Tem um homem aí fora.

E Cascudo aconselhou:

– Diga-lhe que, aqui dentro, tem outro.

Foi almoçar na casa de Zila Mamede, que estava terminando justamente de escrever um livro sobre ele, e levou uma garrafa de vinho francês:

– Tome para você, Zila. Mas, quando tiver um peixe à altura deste vinho, por favor, me convide.

Senhora e senhores acadêmicos.

Numa velha máquina de datilografia “Underwood”, sem computador, sem assistentes, assessores, pesquisadores ou secretárias, Cascudo escreveu sozinho, toda a sua obra de 150 livros, sobre História, Sociologia, Literatura, Geografia, Poesias, Ensaios, Biografias e Romances, além de um Dicionário do Folclore Brasileiro, que hoje já se encontra na 10.^a edição. Escreveu também estudos sobre a África, que o transformaram num dos maiores africanistas brasileiros, ao lado dos nossos confrades Alberto da Costa e Silva, Eduardo Portella, Antonio Olinto e José Honório Rodrigues, além de Raymundo de Souza Dantas, Artur Ramos, Nina Rodrigues e Gilberto Freyre.

Cascudo adorava paçoca de carne do sertão do Seridó com manteiga de garrafa.

Tomava uma taça de vinho no almoço, mas o que preferia mesmo era cerveja.

Tradutor de Walt Whitman foi um leitor de Goethe, Dante, Cervantes, Montaigne e Camões. Não gostava de Wagner, preferindo Beethoven e Mozart e sustentando que a música mozartiana fora usada para apaziguar os índios na aproximação com os brancos.

Em seu “Decálogo”, aconselhava que não se deve mentir, nem dar notícias ruins, muito menos ajudar o diabo, colaborar com os medíocres ou invejar a felicidade alheia.

Quando o Banco Central escolheu o seu retrato para ilustrar uma cédula de 50 cruzeiros, previu logo que, quando ela começasse a circular, de nada mais valeria, por causa da inflação então galopante. E reagiu:

– Ficarei muito feliz se, quando isto acontecer, o feliz proprietário desta cédula puder com ela pagar um gole de cachaça.

Ao escrever para Nilo Pereira, no Recife, e assinando-se “Luís de Natal”, endereçava no envelope: “Dr. Nilo, Barão do Guaporé”.

Depois da quinta carta, o carteiro não se conteve e perguntou: – “Dr. Nilo, diga-me aqui uma coisa: o senhor é mesmo barão?”

Senhores acadêmicos.

A amizade entre Cascudo e Gilberto Freyre merece um destaque especial. Porque, enquanto Gilberto partiu do regional para fixar o brasileiro no mundo, como aconteceu em *Casa Grande & Senzala*, Cascudo fez o trajeto em sentido inverso, partindo do homem universal para chegar ao brasileiro, como aconteceu no seu livro *Civilização e Cultura*.

Estas são obras paralelas e complementares, uma da outra, porque ambas descobriram o Brasil. Seus dois autores foram professores universitários; um em Sociologia, na Universidade de Columbia. Outro, em Direito Internacional Público, na Universidade Federal, do Rio Grande do Norte.

Havia entre eles uma admiração recíproca e uma suave rivalidade. Quando Gilberto lançou o seu livro *Açúcar*, Cascudo o rebateu com o seu livro *Cachaça*. Essa rivalidade foi amenizada quando, em Natal, Gilberto beijou Cascudo e o condecorou com a Medalha Massangana.

Gilberto concluía: “Em Portugal, ele seria Queiscudo. Na França, Monsieur Cascudô e na Alemanha Herr Kaskúdo”.

Boêmio, romântico e notívago, Cascudo foi um trabalhador braçal da inteligência e um incansável operário da cultura.

Sua obra, sempre atual e profunda, tem projeção nacional e internacional.

Nela, fixou costumes, ouviu estórias, anotou frases e colheu impressões. Tinha um microscópio num olho e um telescópio no outro. Via o perto e o longe. Valorizava tanto a erudição da Sorbonne quanto o aboio dos vaqueiros nordestinos.

Para que se tenha uma idéia do cuidado que ele colocava em suas pesquisas, revelo agora que o nosso confrade Antonio Olinto estava servindo como Adido Cultural na capital nigeriana de Lagos, quando recebeu uma carta de Cascudo, enviada de Natal, pedindo-lhe a oração da Ave Maria na língua iorubá.

De um professor americano da Universidade do Texas, recebeu um telegrama “western”, com resposta paga:

– Favor informar-me se jacaré dorme de noite.

Como pesquisador, checava as suas fontes várias vezes. Confessou-me certo dia que estava estudando o tupi-guarani, segundo ele, “para ter acesso às nossas raízes”.

Seu pai era um Coronel da Guarda Nacional, um todo-poderoso da República Velha, que morava numa chácara com o nome de “Principado”, ocupante de uma quadra inteira do seu bairro, mas que, com a Revolução de 30, tudo perdeu e terminou falindo.

Talvez por isto mesmo, Cascudo nunca tenha dado valor ao dinheiro, não sabendo bem quanto ganhava e quanto gastava.

Teve três irmãos que morreram antes dele numa epidemia de gripe e foi um menino magro, pálido e enfermizo. Não brincava e não se distraía. Sua única distração era estudar.

Seu pai, meio desolado, dizia:

– Meu filho estuda muito, mas só procura estudos que não dão dinheiro.

Ainda menino, viveu o sertão árido e seco de sua terra, sem chuvas e sem água.

Estudou Medicina na Bahia, mas, não tendo vocação para médico, deixou a Faculdade no quarto ano. E em seguida, formou-se em Direito pela Faculdade do Recife.

Um colega da turma da Bahia, perguntou-lhe por que deixara o curso médico. E ele justificou-se:

– A pedido dos doentes.

Voltou à sua cidade, crescendo com ela, amando-a e escrevendo a *História da Cidade de Natal*.

Houve um tempo em que Natal tinha uma faixa no pórtico da sua entrada com os seguintes dizeres:

– Seja bem-vindo à terra de Cascudo.

Três dias depois de eleito Deputado Federal, Cascudo foi cassado pela Revolução de 30.

E perguntava:

– Como posso, então, gostar de política? Toda vez que há uma revolução no Brasil, dois ou três alunos meus são promovidos. E dois ou três outros vão para o exílio.

Sem promoção, mas também sem exílio, tive a feliz oportunidade de ser seu aluno.

“Matei” muitas aulas de outras matérias, para ouvi-lo dissertar sobre o Direito Internacional.

Suas aulas eram coloquiais, pitorescas e amenas, numa técnica especial de comunicar-se.

Possuía o dom da prosa, animada, viva e cintilante, com a preocupação de irradiar bom humor e simpatia, que prendia o auditório, da primeira à última palavra. Falava como se fosse uma cachoeira, em catadupas torrenciais.

Sua copiosa adjetivação se continha em sínteses fabulosas, com um vocabulário justo, a imagem legítima e o gesto oportuno e sóbrio.

Era um expositor, estilista e profundo, universalizante e telúrico. Era rei aonde chegava, porque sabia tudo e de tudo.

O nosso Afonso Arinos afirmava: “Se Cascudo não souber uma coisa, só o Espírito Santo sabe.”

Ele tem sido muito aplaudido pelas gerações ensinadas como professor da província, agarrado à sua terra, que sempre achou boa, acolhedora e generosa.

E que se sentia feliz, em ter a casa cheia dos seus fiéis alunos, a pedir-lhe explicações, que ele dava com boa vontade, cultura e sabedoria.

Minha Senhora e meus Senhores.

Inteiro, de corpo e alma, herdamos o poeta, o orador, o historiador, o folclorista, o etnógrafo, o patriarca, o profeta e o mestre de toda a nossa geração, um marco e um símbolo além do seu tempo.

Hoje, diz-se dele que era uma verdadeira Instituição, com olhos azuis e redondos, uma cabeça grande e leonina, uma cabeleira de poeta da *belle époque*, os cachos voando e se misturando com o rosto. Os ombros eram curtos, as bochechas cheias e o andar um tanto incerto de quem não tem obrigação de ir a lugar nenhum.

Através de uma campanha liderada pelo jornalista Paulo Macedo, instalou-se em Natal, administrado pela sua neta Daliana e pela sua filha Anna Maria Cascudo Rodrigues, o “Memorial Câmara Cascudo”, num prédio antigo, mas hoje totalmente restaurado, onde podem ser encontrados: seus livros, todas as suas medalhas, comendas, condecorações, diplomas, faixas, fotos, seus óculos e sua rede.

A velha casa, onde morou durante a maior parte de sua vida, foi tombada ao Patrimônio Cultural do Estado.

Cascudo foi cantado em prosa e verso, na literatura de cordel, nos repentistas e nos desafios dos cantadores nordestinos, como este vaqueiro Chico Traíra:

– Eis o doutor Cascudinho.

– Que valoroso tesouro!

– Lá no sertão também tem,

– Cascudo, aranha e besouro.

– Os de lá não valem nada.

– Mas este aqui vale ouro.

É interrompido pelo pescador João sem Peixe:

– Não digo por desaforo.

– Já que falaste em Cascudo.

– Os do sertão têm casca.

– Mas este aqui tem estudo.

– Os de lá não sabem nada.

– Mas este aqui sabe tudo.

Quem aparteia agora é o boiadeiro Carne Seca:

– Luís da Câmara Cascudo.

– Bicho bom, que sabe tudo.

– Velho de ardor juvenil.

– Cabra danado da peste.

– Caboclo bom do Nordeste.

– Honra e glória do Brasil.

O desafio seguinte é do seresteiro Bola Sete:

– Quem fumar um só charuto.

– Seja de Cascudo leitor.

– Se tem a fama de bruto.

– Ficaré sendo doutor.

Para finalizar, conclui a “Patativa” Mão de Vaca:

– Com charuto Churchill, a glória.

– Fez-se grande sem rival.

– E com charuto na História.

– Fez-se Cascudo “imortal”.

Senhora e senhores Acadêmicos.

O folclore cascudiano, segundo o Acadêmico Diógenes da Cunha Lima, é vasto e generoso.

Certo dia, apresentou-se ele a um figurão da terra:

– Câmara Cascudo, com muito prazer.

– Câmara Cascudo? Parece que já ouvi falar no seu nome.

E o “mestre”, rápido:

– O senhor é muito mais feliz do que eu, que nunca ouvi falar no seu.

Uma senhora da alta sociedade de Natal, que não simpatizava muito com ele, confessou-lhe:

– O senhor sabe que nunca li um livro seu...

E Cascudo, peremptório:

– Engraçado. Nem eu.

Num exame, reprovou um aluno:

– É o cúmulo. O senhor devia ser reprovado, porque colocou o São Francisco como afluente do Amazonas, mas não o reprovou porque esta sua colocação podia até resolver o problema da seca no Nordeste.

Certa vez, um passageiro do seu lotado bonde, perguntou-lhe:

– O senhor tem assento?

E ele lhe respondeu:

– Assento eu tenho. E é grande. Só não tenho, no momento, onde colocá-lo.

De um dos poucos adversários, declarou Cascudo:

– Nem depois de morto, me encontrarei com ele. Porque eu vou pro céu...

Certa vez, estava ele assistindo ao ensaio de um fandango, quando o mestre da Nau Catarineta; exclamou: “Vamos nas ôndias do mar”...

Cascudo indignou-se:

– Pára. Pára. Eu já disse mil vezes que a palavra não é ôndias. Respeitem aqui o mestre Cascudo. Eu já disse mil vezes que a palavra certa é ôndegas...

Já no fim da vida, não saía mais de casa, da sua Biblioteca e da sua rede.

Senhor Presidente Marcos Vilaça. Conheço muito bem a estima e o carinho fraternais que sempre ligaram V. Ex.^a a Luís da Câmara Cascudo.

Lembro-me perfeitamente de como ele, em 1985, um ano antes de morrer, em 1986, ficou feliz com sua eleição para esta Casa.

Devo concluir estas palavras, Senhora e senhores Acadêmicos, dizendo-lhes que, no dia 30 de julho de 1986, justamente há 20 anos, que se completara, na semana passada, o corpo de Luís da Câmara Cascudo foi velado no Salão Nobre da Academia Norte-rio-grandense de Letras, por ele fundada, 50 anos antes.

Dali, seu ataúde foi acompanhado pelo povão, em lágrimas, a pé, de carro, de bicicleta ou de moto, até sua última morada no Cemitério do Alecrim, numa comovente homenagem, a que eu assisti e que ele tanto previu, naquilo que chamava “a sua última viagem”. No cemitério, o Acadêmico Oswaldo Lamartine, inconsolável, perguntava a Diógenes da Cunha Lima, ambos da nossa comum Academia Norte-rio-grandense de Letras:

– Agora, com a morte de Cascudo, a quem nós vamos perguntar as coisas?

Nestes dias de luto, quando o Rio Grande do Norte em peso se debruçou numa unânime reverência à sua memória, deixo aqui, para que fique inscrita em nossos *Anais*, a modesta homenagem deste seu conterrâneo e ex-aluno, que hoje nesta Academia ocupa uma Cadeira que, de direito, bem poderia ter sido justamente sua.

O PODER AQUISITIVO

Eduardo Portella*

Os governantes, em geral despreparados, continuam convencidos de que tudo podem. É quando o poder se torna obra de “ficção”.

Todos mais ou menos sabem o que o poder pode. Poucos, o que o poder não pode.

Não pode, por exemplo, subtrair, privilegiar uns em detrimento de outros, falsificar resultados, divulgar estatísticas fantasiosas, privatizar o espaço público, deixar de fora esses pré-requisitos. Ao cultivar a auto-estima excessiva ou o despreparo exagerado, ele habita feliz a sua ilha de fantasias.

E imagina que pode tudo. Quando descoberto, exposta a sua nudez, o poder fica “triste”. Dessa tristeza já nos falou Albert Camus. Os governantes, em geral despreparados, continuam convencidos de que tudo podem, de que não têm limites, de que nem o céu é o limite. É quando o poder se transforma em obra de “ficção”. Mas, sem imaginação, preocupado em receber o aplauso ocioso do auditório nanico. Dessa ficção nos falou Roland Barthes. O grave é que, ao descobrirmos que o “rei está nu”, muita água já rolou embaixo da ponte.

O território ao qual se chega apenas pelo poder de compra jamais será um lugar antecipado, ou antecipador. Quando o valor já não se mede por qualquer vigor moral, mas pela sua exclusiva capacidade de compra, alguma coisa está errada. É preciso apurar a memória e discernir. Coisas em que o brasileiro não é forte. Nunca preservamos a memória, e muito menos a história. A não ser como anedota. Persiste a predominância aritmética nas avaliações e na

* Artigo publicado na *Folha de São Paulo*, do dia 2 de agosto de 2006.

contabilidade eleitoral. Esquecem ainda que todo poder é transitório e deve ser transitivo. Não tem valor por si só. Vale o que podemos fazer com ele em termos de benefício coletivo.

Não é preciso muito esforço para verificar que o “cibermundo” é amnésico. Avesso, até porque usa a velocidade, às lembranças. É puro presente. E o puro presente alia-se facilmente à pequenez. Em meio a esse quadro preocupante, surgiram novos personagens nessa cena contemporânea ou simplesmente contábil: o valor agregado, o caixa dois, o mensalão, o sanguessuga. O vocabulário da língua portuguesa nunca supôs se enriquecer vertiginosamente dessa pobreza. Quando vamos retirar a corrupção e a fraude da agenda nacional e colocar nos debates idéias e programas?

Tenho a impressão, se não me equivoco, de que a política partidária, mesquinha, volátil e interesseira vem se dedicando a essa encenação cada vez mais banal e enfadonha. A saída? Onde está a saída? É simples e é complicada. Sobre tudo com essa desertificação generalizada. A sociedade, munida do voto soberano, ainda é o melhor tribunal para vigiar, punir e premiar com legitimidade.

Resta saber se um país educacionalmente atrasado se encontra em condições de votar bem. O que acontece é que o Brasil não tem dado a devida prioridade à educação. Os problemas não são os eventuais ocupantes da pasta correspondente. O atual governo, é justo que se reconheça, tem tido bons ministros da educação. A questão é outra.

A rigor, o Estado brasileiro sempre ignorou a educação. Somos uma população sem escola. Os insuspeitos organismos internacionais publicam pesquisas que nos envergonham. O ensino superior público só atende 2% da demanda nacional. Os professores são escandalosamente mal remunerados. Estamos defasados quantitativa e qualitativamente. Anuncia-se, em boa hora, um sistema de educação à distância. É louvável. Porém, quem vai assegurar a programação, o acompanhamento, a monitoração? E como andam os quadros docentes na área?

De qualquer modo, o progressismo fraudulento está sendo enterrado, sem choro nem vela. Falta destituir o poder aquisitivo.

PROPOSTA DE CRIAÇÃO DO PRÊMIO ABL
DE CINEMA – ROTEIRO E ADAPTAÇÃO
CINEMATOGRAFICA DE OBRA LITERÁRIA

*Palavras do Acadêmico Nelson Pereira dos Santos **

- I. Roteiro de adaptação cinematográfica de obra literária (ou de obra de literatura da língua portuguesa ou de obra literária brasileira.)
2. Prêmio anual com o valor igual aos tradicionais prêmios ABL;
3. Autor: brasileiro nato ou estrangeiro residente no Brasil há mais de três anos;
4. Obra: filme brasileiro exibido comercialmente até 31 de dezembro de cada ano;
5. Regulamento com as mesmas condições gerais dos regulamentos dos atuais prêmios da ABL e com as seguintes condições especiais:
 - Os candidatos cederão à ABL exemplares da obra publicada, cópias dos roteiros e cópias dos filmes em DVD.
 - Os filmes selecionados serão exibidos na Academia em sessões públicas uma semana antes do anúncio dos prêmios ABL;
6. O primeiro Prêmio ABL de Cinema será concedido no dia 20 de julho de 2007.

* Proferidas na sessão do dia 3 de agosto de 2006.

INSTITUTO INTERNACIONAL DE CULTURA

CNPJ/MF N.º 30.415.178/0001-64

ATA DA ASSEMBLÉIA EXTRAORDINÁRIA REALIZADA ÀS 15 HORAS DO DIA 27 DE JULHO DE 2006.

Às 15h do dia 27 do mês de julho de 2006, na sede da entidade, na Avenida Presidente Wilson, número 203, no Centro (CEP 20030-021), na cidade do Rio de Janeiro – RJ reuniram-se em Assembléia Geral Extraordinária os sócios efetivos natos do Instituto Internacional de Cultura, conforme lista de presença anexa, de acordo com convocação do Presidente, acadêmico Arnaldo Niskier, entregue sob protocolo a cada um deles, o qual, por aclamação, foi escolhido para presidir a Assembléia, e que por sua vez convidou a mim, Alberto Venancio Filho, para secretário. Assim composta a mesa, esclareceu o Presidente que a finalidade da presente Assembléia, como constava da convocação, era a eleição da Diretoria do Instituto, para quinquênio de 27 de julho de 2006 a 27 de julho de 2011, já que o mandato da última Diretoria eleita se encontra vencido desde 15 de agosto de 2004. Esclareceu ainda que na forma do Estatuto Social a Diretoria é composta de membros da Academia Brasileira de Letras. Posto o assunto em discussão, e depois de todos terem usado da palavra, foram por unanimidade eleitos, homologados e empossados, com mandato de 27 de julho de 2006 até 27 de julho de 2011, os Srs. acadêmicos Arnaldo Niskier para Presidente; Alberto Venancio Filho para Secretário-Geral; Antonio Carlos Secchin para Primeiro-Secretário; Murilo da Cunha Melo Filho para Segundo-Secretário e Antonio Olinto para Tesoureiro, todos devidamente qualificados em folha à parte, anexa à presente, e todos devidamente empossados neste ato. Em seguida, o Sr. Presidente solicitou que a Assembléia ratificasse que a sede do Instituto Internacional de

Cultura é na Av. Presidente Wilson, 203 – 4.o andar nesta cidade, e não no Solar da Baronesa, s/n.º na Estrada RJ 040 – Campos, como consta por equívoco em sua inscrição no CNPJ/MF, o que também foi unanimemente aprovado. Como ninguém mais quisesse fazer uso da palavra, a sessão foi suspensa para lavratura desta ata, que vai por mim assinada e pelo Presidente.

Rio de Janeiro, 27 de julho de 2006.

Alberto Venancio Filho
Secretário

Arnaldo Niskier
Presidente

INSTITUTO INTERNACIONAL DE CULTURA

CNPJ/MF N.º 30.415.178/0001-64

ATA DA ASSEMBLÉIA EXTRAORDINÁRIA REALIZADA ÀS 15 HORAS DO DIA 28 DE JULHO DE 2006.

Às 15h do dia 28 do mês de julho de 2006, na sede da entidade, na Avenida Presidente Wilson, número 203, no Centro (CEP 20030-021), na cidade do Rio de Janeiro – RJ reuniram-se em Assembléia Geral Extraordinária os sócios efetivos natos do Instituto Internacional de Cultura, conforme Lista de Presença anexa, de acordo com convocação do Presidente, acadêmico Arnaldo Niskier, entregue sob protocolo a cada um deles, o qual, por aclamação, foi escolhido para presidir a Assembléia, e que por sua vez convidou a mim, Alberto Venancio Filho, para secretário. Assim composta a mesa, o Presidente usou da palavra para expor que, apesar de todos os esforços, não tem sido possível cumprir as finalidades do Instituto, e depois de análise cuidadosa vem propor que o Instituto seja incorporado à Academia Brasileira de Letras, tendo já mantido entendimentos com a Presidência da Academia. Após ampla discussão da matéria, a proposta foi aprovada por unanimidade. Como ninguém mais quisesse fazer uso da palavra, a sessão foi suspensa para lavratura desta ata, que vai por mim assinada e pelo Presidente.

Rio de Janeiro, 28 de julho de 2006.

Alberto Venancio Filho
Secretário

Arnaldo Niskier
Presidente

INSTITUTO INTERNACIONAL DE CULTURA

ATA DA SESSÃO EXTRAORDINÁRIA DA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS.

Aos 31 dias do mês de julho de 2006, na Sala de Sessões da Academia Brasileira de Letras, foi realizada a sessão extraordinária de número 28, sob a presidência do Acadêmico Marcos Vinícios Rodrigues Vilaça, que convidou para Secretário o acadêmico Cícero Sandroni, estando presentes os Acadêmicos, conforme lista anexa. Considerando os entendimentos havidos com o Instituto Internacional de Cultura, o Presidente submeteu a proposta ao plenário de incorporação do Instituto à Academia com a sua conseqüente extinção. Aprovada a proposta, a Assembléia designou o Presidente Marcos Vinícios Rodrigues Vilaça para tomar todas as providências para a execução da incorporação, passando a Academia Brasileira de Letras a suceder no patrimônio do Instituto e a assumir todos os direitos e obrigações. E, como mais ninguém quisesse fazer uso da palavra, a sessão foi suspensa para lavratura desta ata, que vai por mim assinada e pelo Presidente.

Rio de Janeiro, 31 de julho de 2006.

Cícero Sandroni
Secretário

Marcos Vinícios Rodrigues Vilaça
Presidente

INSTITUTO INTERNACIONAL DE CULTURA

CNPJ/MF N.º 30.415.178/0001-64

ATA DA ASSEMBLÉIA EXTRAORDINÁRIA REALIZADA ÀS 10 HORAS DO DIA 02 DE AGOSTO DE 2006.

Às 10h do dia 02 do mês de agosto de 2006, na sede da entidade, na Avenida Presidente Wilson, número 203, no Centro (CEP 20030-021), na cidade do Rio de Janeiro – RJ, reuniram-se em Assembléia Geral Extraordinária os sócios efetivos natos do Instituto Internacional de Cultura, conforme Lista de Presença anexa, de acordo com convocação do Presidente, acadêmico Arnaldo Niskier, entregue sob protocolo a cada um deles, o qual, por aclamação, foi escolhido para presidir a Assembléia, e que por sua vez convidou a mim, Alberto Venancio Filho, para secretário. Assim composta a mesa, o Presidente esclareceu que a finalidade da presente Assembléia é dar conhecimento de que tendo sido tomadas todas as providências cabíveis, vem declarar que se concluiu a incorporação do Instituto à Academia, com a extinção do Instituto Internacional de Cultura, o que foi aprovado por unanimidade. E, como mais ninguém quisesse fazer uso da palavra, a sessão foi suspensa para lavratura desta ata, que vai por mim assinada e pelo Presidente.

Rio de Janeiro, 02 de agosto de 2006.

Alberto Venancio Filho
Secretário

Arnaldo Niskier
Presidente

SESSÃO DO DIA 10 DE AGOSTO DE 2006

Sob a presidência do Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça, estiveram presentes os Acadêmicos: Cícero Sandroni, Secretário-Geral; José Murilo de Carvalho, Segundo-Secretário; Antonio Carlos Secchin, Tesoureiro; Murilo Meio Filho, Diretor da Biblioteca; Eduardo Portella, Diretor dos *Anais da Academia Brasileira de Letras*; Affonso Arinos de Mello Franco, Alberto Venancio Filho, Antonio Olinto, Arnaldo Niskier, Domício Proença Filho, Evanildo Cavalcante Bechara, Pe. Fernando Bastos de Ávila, Helio Jaguaribe, Ivan Junqueira, Lêdo Ivo, Moacyr Scliar, Nelson Pereira dos Santos e Tarcísio Padilha.

- Ao dar início à sessão, o Presidente Marcos Vinícios Vilaça colocou em discussão a ata da sessão do dia 3 de agosto de 2006. Não havendo nenhuma manifestação do plenário, a ata foi aprovada. Comunicou, a seguir, que o Acadêmico eleito José Mindlin tomará posse no dia 10 de outubro próximo, uma terça-feira, e será recebido pelo Acadêmico Alberto da Costa e Silva. No dia 10 de dezembro se empossará o Acadêmico eleito Celso Lafer que será recebido pelo Acadêmico Alberto Venancio Filho. Assinalou o transcurso do 80.º aniversário do escritor, jornalista e acadêmico José de Souza Alencar, bastante conhecido no Nordeste e que há sessenta anos colabora diariamente no *Jornal do Commercio*, do Recife. Informou ao plenário que no dia 31 de agosto, às 17h 30min, no Salão da Academia, se reúne o Conselho Nacional dos Secretários de

Educação de Estados e Municípios. O presidente deste Conselho, Prof. Mozart Neves Ramos, entende que seria muito pertinente contar com a presença dos Senhores Acadêmicos, porquanto será feita a apresentação da agenda mínima de compromissos com a educação. É um movimento extrapartidário que envolve o Conselho Nacional de Secretários de Educação dos Estados e do Distrito Federal e ainda a União dos Dirigentes Municipais de Educação. Registrou o falecimento de João Alexandre Barbosa, grande figura da vida brasileira, no plano da crítica literária. Lembrou seus estudos críticos, especialmente em relação à obra de João Antônio e de Rubem Fonseca. Propôs que se manifeste à família de João Alexandre a solidariedade da Casa. Registrou que na Sala Joaquim Nabuco está exposto o acervo que a Academia recebeu, generosamente, do escritor Edson Nery da Fonseca. São peças que evocam a figura de Manuel Bandeira. Depois de passarem por um trabalho de restauração, serão destinadas a um local digno e adequado na Academia Brasileira de Letras. Passou, a seguir, a palavra ao Acadêmico Murilo Melo Filho.

- O Acadêmico Murilo Melo Filho, designado pelo Presidente, representou a Academia Brasileira de Letras no júri do Prêmio da Fundação Bunge, que este ano laureou o Professor Waldomiro Guarnieri como técnico na Conservação de Alimentos, e a Professora Aracy Amaral, como pesquisadora de Museologia. Receberão os prêmios em solenidade a realizar-se em setembro próximo no Palácio dos Bandeirantes. (O texto lido será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.)
- O Acadêmico Ivan Junqueira sugere mudança de data da posse do Acadêmico eleito José Mindlin, porque dia 10 de outubro é uma terça-feira, dia de conferência.
- O Presidente informou que a área responsável pelo calendário poderá resolver o assunto. Encareceu a necessidade de atender o desejo do Acadêmico eleito José Mindlin e ainda do Acadêmico Alberto da Costa e Silva, orador que o receberá, que ajustou seus compromissos, inclusive no exterior, para essa posse.
- O Acadêmico Alberto Venancio Filho lembrou que no ano de 2005 ocorreu o centenário do nascimento do Acadêmico Afonso Arinos de

Melo Franco. A Academia participou com grande empenho nessas comemorações: houve uma série de conferências e um prêmio que foi dado à professora Berenice Cavalcante. Por sua vez, a Academia Mineira de Letras, realizou uma série de conferências, à qual esteve presente juntamente com o Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco, e abriu um concurso para monografia sobre Afonso Arinos, de cuja Comissão foi Presidente em companhia do Embaixador Sergio Duarte. Foram escolhidas várias monografias entre as quais uma sobre a poética de Afonso Arinos e outra sobre as relações deste com San Thiago Dantas. Essas monografias foram publicadas e estão no volume da Coleção Alphonsus de Guimarães, da Academia Mineira de Letras que, nesta ocasião, tem o prazer de oferecer à Biblioteca Lúcio de Mendonça.

- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça agradeceu ao Acadêmico Alberto Venancio Filho e registrou a constância de sua colaboração com a Casa.
- No capítulo das efemérides, o Acadêmico Ivan Junqueira apresentou um consistente trabalho sobre João Cabral de Melo Neto. (O texto lido será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.)
- O Acadêmico Eduardo Portella confessou a sua satisfação pessoal e de gozijo ao ouvir a exposição admirável, criadora e justa de Ivan Junqueira, ressaltando a produção e a criação intelectual de um poeta que marca realmente a poesia contemporânea em duas águas, como ele mesmo gostava de falar. Salientou que o Acadêmico Ivan Junqueira foi de uma precisão rara. Assinalou que tem certa má vontade com as críticas feitas pelos poetas, porque acha que os poetas são autobiográficos. Fingem que estão falando dos outros, mas estão falando de si mesmos ou defendendo os seus grandes ou pequenos exercícios poéticos. Neste caso, Ivan Junqueira deixou João Cabral de Melo Neto falar. Os críticos normalmente não deixam, tomam a palavra e não a devolvem. Disse ter ficado particularmente contente porque saltou à nossa vista que João Cabral de Melo Neto criou uma linguagem, mostrou o que era capaz de fazer com a língua, desde a *Pedra do Sono*, em 1942, e os sucessivos livros até o Prêmio de Poesia do IV Centenário de São Paulo, quando ele veio para as manchetes e mostrou seu empenho em criar uma linguagem. Chamou a aten-

ção para outro traço salientado pelo Acadêmico Ivan Junqueira, que é o pictórico na obra de João Cabral de Melo Neto. Falou da confiança e do afeto que encontrou na linguagem dele o instrumento adequado, e por isso ele se destaca. E Ivan Junqueira, fiel a tudo que João Cabral de Melo Neto fez, pôde dizer coisas tão bonitas que devem ser guardadas como sendo a versão real de João Cabral.

- O Acadêmico Ivan Junqueira agradeceu emocionado as observações do Acadêmico Eduardo Portella a respeito do seu esforço no sentido de compreender a poesia de João Cabral de Melo Neto. E confidenciou ao Acadêmico Eduardo Portella que a sua crítica padece das limitações do poeta que a escreve. Só escreve críticas para tentar compreender a poesia que não escreve.
- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça disse que tiveram nesta tarde um momento alto na vida da Casa porque o Acadêmico Ivan Junqueira fez o retrato perfeito da importância de João Cabral de Melo Neto e, como se necessário fosse uma complementação, esse comentário lúcido com que nos distinguiu Eduardo Portella. Disse que ao observar no plenário tantos especialistas em poesia, nomeadamente em João Cabral de Melo Neto, todos se encantaram com a qualidade do que ouviram. Também comoveu-se por ser conterrâneo de João Cabral de Melo Neto, e assim disse muito obrigado ao Acadêmico Ivan Junqueira.
- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça lembrou aos Acadêmicos que amanhã farão a aposição da placa na Travessa do Ouvidor, 31. A placa tem os seguintes dizeres: Neste local, sede da Revista Brasileira, realizou-se no dia 15 de dezembro de 1896 a sessão de fundação da Academia Brasileira de Letras. Convidou os presentes para mais uma mesa-redonda do seminário *Brasil, brasis* sobre “A cultura midiática: persuasão e poder?”. Coordenação do Acadêmico Arnaldo Niskier. Expositor: Domício Proença Filho e debatedores: Tereza Cruvinel, Merval Pereira, Josias de Souza e José Nêumane. Nada mais havendo a tratar, deu por encerrada a sessão.

PRÊMIO DA FUNDAÇÃO BUNGE

Palavras do Acadêmico Murilo Melo Filho

Senhor Presidente Marcos Vilaça.
Senhora e senhores Acadêmicos.

Na quinta-feira da semana passada, como representante desta Academia e de V. Ex.^a, Senhor presidente, participei em São Paulo do júri que elegeu os dois laureados deste ano pelo Prêmio da Fundação Bunge.

Trata-se de uma premiação que ao longo destes últimos 50 anos, sob a direção do nosso saudoso Acadêmico Miguel Reale, distinguiu personalidades de destaque: romancistas, Rachel de Queiroz e Lygia Fagundes Teles; economistas, Eugênio Gudín e Octávio Gouvêa de Bulhões; cientistas sociais, Gilberto Freyre, Fernando de Azevedo e Raymundo Faoro; educadores, Lourenço Filho, Anísio Teixeira e Paulo Freire; físicos, Jaime Tiomno e Cesar Lates; filólogo, Celso da Cunha; cirurgião, Euríclides Zerbini; higienista, Marcolino Candau; biotecnólogo, Alcides Carvalho; geneticista Francisco Salzano; zootécnico, Geraldo Gonçalves; engenheiro florestal, Luiz Barrichelo; biólogo, Ângelo da Costa, e vários outros.

A eleição deste ano de 2006 foi feita pelo voto secreto, a portas fechadas, no anfiteatro do Salão Nobre do Palácio da Justiça de São Paulo, com a presença de um Júri, constituído de cinquenta eleitores.

Foram eleitos o Professor Waldomiro Guarnieri, como técnico na Conservação de Alimentos e a professora Aracy Amaral, como Pesquisadora de Museologia, que receberão os prêmios durante solenidade a realizar-se em

setembro próximo, no Palácio dos Bandeirantes, sob a presidência do Governador de São Paulo.

Senhor Presidente.

Este Prêmio da Fundação Bunge – como sucessor do Prêmio Moinho Santista – vem sendo um modelar incentivo aos nossos escritores, cientistas, pesquisadores, médicos, historiadores e jornalistas, como um galardão de honra que tanto tem dignificado e engrandecido a cultura, a educação e a inteligência brasileiras.

JOÃO CABRAL DE MELO NETO

*Apresentação do Acadêmico Ivan Junqueira**

João Cabral de Meio Neto nasceu em 9 de janeiro de 1920 na Rua da Jaqueira, atual Leonardo Cavalcanti, no Recife, e faleceu em 9 outubro de 1999 no Rio de Janeiro, pouco antes de completar 80 anos. Pelo lado paterno, foi primo de Manuel Bandeira e, pelo materno, de Gilberto Freyre, e a mim me parece que essa ascendência ilustre nos sugere algo de premonitório. Passou a infância em engenhos de açúcar: primeiro, no Poço do Aleixo, em São Lourenço da Mata, e, depois, nos engenhos Pacoval e Dois Irmãos, no município de Moreno. Se lembro aqui esses pormenores, é menos por exigência de ordem biográfica do que, a rigor, por estritas razões de caráter poético, pois, como todos sabemos, considerável parte da poesia que escreveu o autor está indissolivelmente vinculada à sua infância e aos temas e cenários nordestinos.

No início da década de 1930, a família do poeta se muda do interior para o Recife, e João Cabral cursa o primário no Colégio Marista. Em 1935 arruma tempo para sagrar-se campeão juvenil de futebol pelo Santa Cruz Futebol Clube, da capital pernambucana. Essa paixão pelo futebol, aliás, o acompanhará pela vida afora. Em 1938, João Cabral passa a freqüentar a roda literária do Café Lafayette, que se reúne em torno do crítico Willy Lewin e do pintor Vicente do Rego Monteiro. Dois anos depois, viaja com a família para o Rio de Janeiro, onde conhece Murilo Mendes, que o apresenta a Carlos Drummond de Andrade e outros intelectuais que se reuniam no consultório de Jorge de Lima, na Cinelândia. Em 1941 participa do Congresso de Poesia

* Proferido nas Efemérides do dia 10 de agosto de 2006.

do Recife, no qual apresenta suas “Considerações sobre o poeta dormindo”, tese em que aborda as relações entre o sono e a poesia e na qual sustenta: “Há inegavelmente, nos críticos e poetas de hoje, uma decidida preocupação com o sonho. Fala-se nele muito freqüentemente. Quando se escrevem poemas, procura-se fazê-lo com a linguagem do sonho.” Datam daí, como se vê, suas relações com o surrealismo, visíveis nos dois primeiros volumes de versos do autor.

Pouco depois da morte de João Cabral, escrevi brevemente sobre a sua poesia em artigo que se publicou em dezembro de 1999 na imprensa brasileira. Fiz questão de ali deixar claro que, com a morte do autor, se abria uma lacuna de provimento problemático ou mesmo improvável nos quadros da poesia brasileira contemporânea. É que, a rigor, João Cabral não tem sucessores ou herdeiros em linha direta, mas antes epígonos, pouco importa aqui se talentosos ou não. E isso se dá em razão da exasperante originalidade de seu estilo, o estilo das facas, das lâminas, da lancinante e desértica secura de sua linguagem realista e antilírica, ao arrepio, portanto, de toda uma tradição que não é apenas da língua, mas da índole e do próprio pensamento da língua, cujas matrizes poéticas radicam na melopéia e na logopéia. Toda a poesia de João Cabral, ao contrário, mergulha suas raízes na fanopéia, ou seja, na vertente que expressa uma realidade visual ou visualizável, tal como o vemos em García Lorca e em quase toda a poesia espanhola desde El Cid, em boa parte do mosaico alegórico da *Commedia dantesca* e, no âmbito da língua portuguesa, neste solitário e desconcertante Cesário Verde, poeta de um livro só, como Leopardi e Dante Milano. Ademais, a poesia cabralina é sempre concebida, como o pretendiam Leonardo da Vinci, e depois Paul Valéry, no que toca a qualquer realização artística, em termos de uma *estrita cosa mentale*. Ao próprio João Cabral aprazia repetir – e fê-lo por vezes incontáveis – que, “para mim, a poesia dirige-se à inteligência, através dos sentidos”, ou que “a poesia não é linguagem racional, mas linguagem afetiva. Dirige-se à inteligência, sim, mas através da sensibilidade”. O vezo realístico e antilírico de seu temperamento era tal que o levou a observar, ainda em 1966: “Você vê os gregos, o Pégaso, o cavalo que voa, é o símbolo da poesia. Nós deveríamos botar antes, como símbolo da poesia, a galinha ou o peru – que não voam. Ora, para o poeta, o difícil é não voar, e o esforço que ele deve fazer é esse. O poeta é como o pássaro que tem de andar um quilômetro pelo chão.” Uma

reminiscência às avessas, talvez, daquele canhestro e patético “albatroz” baudelairiano que, preso ao chão, sonhava com a altura. Convém esclarecer aqui que essas declarações de João Cabral, bem como muitas outras, encontram-se reunidas num voluminho precioso que se publicou em 1998 sob o título de *Idéias Fixas de João Cabral de Melo Neto*, de autoria de Félix de Athayde, amigo já falecido do poeta e que com este manteve longo e profícuo convívio, dele recolhendo opiniões e depoimentos que hoje constituem uma inestimável fonte primária dos pensamentos de João Cabral acerca da arte de fazer versos.

Quando João Cabral faz a sua estréia poética com *Pedra do Sono*, em 1942, a situação da poesia brasileira era muito distante daquela em que a encontraram os modernistas no princípio da década de 1920. O problema da Geração de 45, à qual o autor pertence à sua revelia e sobre a qual pormenorizadamente discorreu, não era demolir o que já fora conquistado pelo modernismo de 22, mas sim buscar uma identidade pessoal que permitisse a cada um de seus integrantes individualizar-se entre os grandes poetas que começaram a publicar na década de 1930, os herdeiros do Modernismo, como Drummond de Andrade, Murilo Mendes, Cecília Meireles, Vinicius de Moraes, Augusto Frederico Schmidt e Jorge de Lima, os quais, é bom que se diga, já encontraram um terreno limpo do hieratismo parnasiano e da evanescente música simbolista, que nada tinha a ver com aquela “music of poetry” de que nos fala T. S. Eliot. A tarefa era bem mais árdua do que aquela que realizaram os modernistas de 22, sobretudo Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Manuel Bandeira e Dante Milano, muito embora este último só faça a sua estréia tardiamente, em 1949.

Em *Pedra do Sono* é ainda visível o tributo que João Cabral paga a certa dicção da poesia drummondiana e ao surrealismo. O próprio poeta o reconhece em diversas entrevistas ou depoimentos, como a que concedeu a Antonio Carlos Secchin, um de seus mais agudos intérpretes e autor de João Cabral: a poesia do menos. Nela diz o poeta que “poderia perfeitamente eliminar *Pedra do Sono* de sua obra, admitindo que, nesse livro, ‘a influência surrealista é muito forte, mas o surrealismo só me interessou pelo trabalho de renovação da imagem’”. Em outra entrevista, esta a Vinicius de Moraes, afirma que, com *Pedra do Sono*, “minha intenção foi escrever poemas com uma certa atmosfera noturna obtida através de imagens de aparência surrealista”.

O ambiente desse primeiro livro de João Cabral é acentuadamente onírico, ou mesmo hipnótico, povoado de pesadelos e alucinações. O poeta parece sonhar ou dormir acordado, como se estivesse em estado de semivigília, buscando cuidadosamente o seu verso com base no conceito tradicional da associação psicológica e, em alguns casos, reflexiva.

Mas *Pedra do Sono* já traz em si o germe do construtivismo racionalista que irá caracterizar, a partir de *O Engenheiro*, toda a poesia de João Cabral. Quem o intuiu foi Antônio Cândido em artigo que escreveu sobre o livro de estréia do autor, artigo que o próprio João Cabral disse que poderia colocar “como prefácio em minhas poesias completas porque ele previu tudo o que eu ia escrever, a maneira como eu ia escrever e meu primeiro livro não é ainda muito característico de minha maneira posterior, mas ele pressentiu tudo”. É que Antônio Cândido, em sua premonitória avaliação crítica, observou que a poesia aparentemente surrealista desse livro era, no fundo, “a poesia de um cubista”. E conclui João Cabral: “De fato, de todas as escolas, estilos de pintura, a coisa que mais me influenciou, mais me marcou, foi o cubismo. Daí também essa grande influência de Le Corbusier. O Antônio Cândido previu esse meu construtivismo, essa minha preocupação de compor o poema, de não deixar que o poema se fizesse sozinho, de falar das coisas e não de mim.”

A partir de *O Engenheiro*, cujos poemas atestam que a *écriture* de João Cabral jamais foi automática, e sim artista, o autor assume o compromisso com uma práxis a que nunca mais renunciará: poesia é construção, cálculo, projeto planejado em que não cabem os súbitos *éclats* da inspiração ou as névoas do encantamento – enfim, é *cosa mentale*. O que se nota nesse livro é o trânsito do poeta entre o irracionalismo do “sono” e do “sonho” e a racionalidade construtivista de um “engenheiro”. O próprio João Cabral diz que *O Engenheiro* “é um livro marcado pela idéia de que um poema pode ser feito apenas com um trabalho de exploração de comportamento das palavras associadas: isto é, através de um trabalho puramente intelectual e voluntário”, acrescentando que “certa preocupação de trocar a atmosfera meio mórbida e noturna do primeiro livro por outra mais solar e clara é o resultado direto de ser este último um livro mais intelectual”. É também a partir de *O Engenheiro* que se percebe o embrião de uma linha evolutiva que marcará toda a poesia do autor, e pode-se mesmo dizer que o caso de João Cabral é particu-

larmente singular porque talvez seja ele o único poeta desse período – o outro, mas em direção muito distinta, é Ferreira Gullar – que jamais deixou de renovar-se livro após livro.

A *O Engenheiro* seguem-se *Psicologia da Composição* com a fábula de Anfion e Antiode (1947), *O Cão sem Plumas* (1950) e *O Rio* (1954). *O Cão sem Plumas* constitui, com a *Psicologia da Composição* e *O Rio*, o ápice do estilo apolodal cabralino e introduz outro dado novo na poesia do autor: o da fusão do sujeito com o objeto real, ou seja, o rio Capibaribe. Numa entrevista concedida em 1985 a Antonio Carlos Secchin, que este incluiu como apêndice em seu lapidar *João Cabral: a Poesia do Menos*, conta o poeta que *O Cão sem Plumas* “nasceu do choque emocional que experimentei diante de uma estatística publicada em *O Observador Financeiro*. Nela, soube que a expectativa de vida no Recife era de 28 anos, enquanto na Índia era de 29. Nunca tinha suposto algo parecido”. Se transcrevo aqui esse pequeno trecho da entrevista, faço-o apenas porque ele constitui um dos primeiros indícios de que, a partir de 1950, João Cabral voltará as costas a si mesmo e às suas preocupações pessoais para celebrar, através de sua ótica realista, a miséria e o destino desértico do homem do Nordeste.

É tão profunda e radical essa reviravolta no comportamento de João Cabral que Antônio Houaiss foi levado a classificar o livro como “um acontecimento anômalo dentro da poesia brasileira contemporânea”, acrescentando que dele sai o autor com uma lição: a de que, “no dia em que o poeta quiser fazer das populações do Capibaribe o conteúdo do seu poema, nesse dia irá escrevê-lo sem cifras: o homem do Capibaribe estará no centro e a necessidade de afirmar o futuro no fim”.

O Rio é – nem mais, nem menos – a relação de viagem que faz o Capibaribe da nascente à foz, e, porque assim o é, há, com a antropomorfização de seu curso, duas decorrências: a alegoria e o apólogo, ou fábula. E há também aí, como outra vez sabiamente o denuncia Antônio Houaiss, uma finalidade moral: “*O Rio* quer algo – muito haveria o que dizer sobre a sua vontade.” E há mais: é em *O Rio* que João Cabral começa a cristalizar sua dicção definitiva, sua sintaxe áspera e mineral, a geometria de sua estrofação e os esquemas rímico-métricos de que não mais abriria mão, como o uso sistemá-

tico da rima toante e de metros pouco usuais na poesia de língua portuguesa, como os de seis, oito, nove e onze pés, e nunca o decassílabo da tradição camoniana. Como já o dissemos, não apenas o antilirismo e a secura da dicção cabralina, mas também os metros de que se serve o autor, chegam mesmo a contrariar a índole da língua. O verso de João Cabral é, de longe, o mais duro e desértico dentre todos os que já se escreveram entre nós, e nele não há, ao contrário do que ocorre em quase toda a poesia de língua portuguesa, nenhum indício de melopéia. A propósito, o autor sempre afirmou que não era um poeta musical e que nunca teve bom ouvido para a música. Seu verso, o mais medido e calculado de toda a poesia brasileira, é visual, plástico, e inscreve-se nas vertentes da fanopéia e da logopéia.

O Rio é, portanto, uma tentativa de “fazer um livro poético com assuntos considerados não poéticos, uma reação contra o rumo que tem tomado grande parte da poesia atual: o jogo de palavras e a rotulação das palavras e dos assuntos em poéticos e não poéticos”, como admitiu o próprio João Cabral. Mas boa parte da crítica não o entendeu assim, acusando o poeta de prosaísmo, de incapacidade lírica e de utilizar uma linguagem dura. Essa crítica partiu de preliminares preconceituais cediças, ignorando, inclusive, o que já postulava a respeito o New Criticism, quando chamou a atenção para as nebulosas fronteiras que separam a poetry da fiction. Ignorando até o que já dissera T. S. Eliot, no memorável ensaio *The Music of Poetry*, a propósito da viabilidade do poema longo, ou seja, “num poema de certa extensão (...), as passagens de menor intensidade serão, com relação ao nível sobre o qual todo o poema opera, prosaicas – isto é, no sentido que o contexto implica, poder-se-ia dizer que nenhum poeta será capaz de escrever um poema longo a menos que seja um mestre do prosaico”. E João Cabral o foi. A crítica a que nos referimos acima incorreu no equívoco de supor que a linguagem poética fosse algo predeterminado, fixado, canonizado, sistematizado, e cuja essência estivesse definida formalmente desde sempre. Ora, como ensina Antônio Houaiss, a “linguagem poética, como sistema de símbolos lingüísticos, faz-se cada dia, está em perpétua transformação, não se trata de preencher tais ou quais ‘fôrmas’ com conteúdos verbais mais ou menos novos”. Assim, o que essa crítica não percebeu, e *O Rio* sobejamente o demonstra, é que, se a visão do mundo não é poética, não há veículo que a transforme em poesia, e se essa

visão é poética, mesmo a supressão dos veículos tradicionais de transmissão de poesia não será capaz de invalidá-la.

Entre os muitos poemas emblemáticos e exemplares que escreveu o autor nas décadas de 1950 e 1960, dois me despertam uma especial atenção. Um deles porque constitui, para cada um de nós, poetas, um como que mandamento bíblico, pois nos remete àquela exigência de austeridade e de assepsia expressivas sem o concurso das quais nenhum poeta será capaz de escrever um único verso digno desse nome. João Cabral o proclama nos últimos versos do poema “Alguns toureiros”, que aqui recordo:

*Mas eu vi Manuel Rodriguez,
Manolete, o mais deserto,
o toureiro mais agudo,
mais mineral e desperto,*

*o de nervos de madeira,
de punhos secos de fibra,
o de figura de lenha,
lenha seca de caatinga,*

*o que melhor calculava
o fluido aceiro da vida,
o que com mais precisão
roçava a morte em sua fimbria,*

*o que à tragédia deu número,
à vertigem, geometria,
decimais à emoção,
e ao susto, peso e medida,*

*sim, eu vi Manuel Rodríguez,
Manolete, o mais asceta,
não só cultivar sua flor
mas demonstrar aos poetas:*

*como domar a explosão
com mão serena e contida,
sem deixar que se derrame
a flor que traz escondida,*

*e como, então, trabalhá-la
com mão certa, pouca e extrema;
sem perfumar sua flor,
sem poetizar seu poema.*

O que vale dizer: como escrevê-lo para além de toda a “literatura”. E essa é a grande herança que nos deixa João Cabral: sua linguagem e seu ideal de poesia fluem a contrapelo de toda uma tradição de transbordamento verbal a que sucumbiram não poucos grandes poetas brasileiros desde o Romantismo até agora.

Quanto ao outro poema, “Paisagem pelo telefone”, pode-se vê-lo como uma novidade na obra de João Cabral, que sempre tratou o tema da mulher com significativa parcimônia. Indagado por Antonio Carlos Secchin sobre essa inclusão tardia da temática feminina em seu percurso João Cabral respondeu: “Na minha poesia a mulher é um tema a mais, como qualquer outro. Não o utilizo para confessar frustrações amorosas. Descrevo uma mulher sem biografia; o que ela representou na minha vida não vem ao caso.” Mas é tamanha a pulsação lírica que anima o poema acima citado que não resisto a ler aqui suas cinco últimas estrofes:

*Pois, assim, no telefone
tua voz me parecia
como se de tal manhã
estivesses envolvida,*

*fresca e clara, como se
telefonasses despida,
ou, se vestida, somente
de roupa de banho, mínima,*

*e que, por mínima, pouco
de tua luz própria tira,
e até mais, quando falavas
no telefone, eu diria*

*que estavas de todo nua,
só de teu banho vestida,
que é quando tu estas mais clara
pois a água nada embacia,*

*sim, como o sol sobre a cal,
seis estrofes mais acima,
a água clara não te acende:
libera a luz que já tinhas.*

A bibliografia de João Cabral de Melo Neto inclui ainda, entre outros, *Paisagem com Figuras*, *Morte e Vida Severina*, *Uma Faca só Lâmina*, *Quaderna*, *Dois Parlamentos*, *Serial* e *Educação pela Pedra*, que foram publicados entre 1955 e 1966. E é nesse período que sua arte alcança a plena maturidade. O próprio poeta costumava dizer, como o fez numa entrevista concedida a Rubem Braga em 1976: “Considero minha obra acabada aos 45 anos. Não no sentido de que não escreverei mais, nem no de que não publicarei mais. Sim, no sentido de que não me sinto responsável pelo que escrevi e escreverei (talvez) depois dos 45 anos (...). Mas o que escrevi e talvez escreva depois de *A Educação pela Pedra* é coisa que escrevi sem a mesma consciência, ou lucidez, do que escrevi antes. Gostaria de ser julgado pelo que escrevi até os 45 anos. Gostaria de ser considerado um autor póstumo: procurarei ignorar o que dizem, o que acham do que ainda posso fazer (e do que fiz depois dos 45 anos, isto é, depois de *A Educação pela Pedra*).”

Tanto quanto qualquer outro de seus livros anteriores ou posteriores, *A Educação pela Pedra* privilegia, no nível da linguagem do poeta, sua busca incessante pelo que há de visual ou visualizável na realidade. Para que possamos compreender melhor esse procedimento, José Guilherme Merquior, em

A Astúcia da Mímese, nos remete a uma figura da velha retórica preceptiva, ou seja, a hipotipose, que consiste em “tornar as coisas visíveis e concretas”. Toda a arte estaria assim obrigada a revestir-se de concreção, mas a simples existência desse antigo tropo nos recorda quanto a literatura, cuja matéria-prima não é de natureza sensorial, mas de natureza antes simbólica, será capaz de alcançar essa concreção para além do efeito analogicamente “visual”. Ao contrário da poesia de Mallarmé, por exemplo, que instaura uma concreção muito diversa daquela que se deve às volutas sensuais do cultismo gongórico ou à meridianidade do desenho dantesco, toda a *Commedia* pode ser entendida como uma vasta hipotipose. O estilo de Dante chega ao símbolo graças à apresentação direta da fisionomia do mundo, seja este real ou fictício. Não é, portanto, um estilo alusivo, e sim presentativo. Merquior considera que o idioma poético de João Cabral pertence a essa família, acrescentando que ele “reconcilia o esforço da lírica pela abertura de uma nova perspectiva filosófica com o novo gosto pelo perfil saliente dos objetos, pela vividez da cena imediata da experiência”. E é através dessa conversão da autonomia do significante numa “poética da visibilidade”, sempre à margem de quaisquer pressupostos da visão metafísica, que a obra de João Cabral assegura à poesia brasileira um lugar de indiscutível destaque no concerto da tradição contemporânea.

SESSÃO DO DIA 17 DE AGOSTO DE 2006

Sob a presidência do Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça, estiveram presentes os Acadêmicos: Cícero Sandroni, Secretário-Geral; Ana Maria Machado, Primeira-Secretária; José Murilo de Carvalho, Segundo-Secretário; Antonio Carlos Secchin, Tesoureiro; Murilo Melo Filho, Diretor da Biblioteca; Eduardo Portella, Diretor dos *Anais da Academia Brasileira de Letras*; Affonso Arinos de Mello Franco, Alberto da Costa e Silva, Alberto Venancio Filho, Antonio Olinto, Arnaldo Niskier, Celso Lafer, Domício Proença Filho, Evanildo Cavalcante Bechara, Pe. Fernando Bastos de Ávila, Helio Jaguaribe, Ivan Junqueira, Ivo Pitanguy, Lêdo Ivo, Moacyr Scliar, Nélida Piñon e Tarcísio Padilha.

- Ao dar início à sessão, o Presidente Marcos Vinícios Vilaça, colocou em discussão a ata da sessão do dia 10 de agosto. Após reparo feito pelo Acadêmico Alberto Venancio Filho a ata foi aprovada.
- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça pediu uma salva de palmas para o Acadêmico Celso Lafer, que pela primeira vez comparece à sessão plenária. Registrou a presença do Acadêmico Waldênio Porto, Presidente da Academia Pernambucana de Letras. Acentuou a satisfação da Casa pela colocação, na Travessa do Ouvidor, n.º 31, da placa que assinala ter ocorrido naquele local a fundação da Academia Brasileira de Letras. Deu ciência ao plenário que a Academia assinou hoje um convênio com a TV da Assembléia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro. O convênio visa à

veiculação de filmes do acervo da ABL e de um boletim de notícias. Todo o conteúdo a ser veiculado é de exclusiva responsabilidade da Academia. Informou que, a partir da próxima semana, estarão nos e-mails dos Acadêmicos, ainda em fase experimental, as notícias da imprensa a respeito de cada um. Lembrou que, segunda-feira, dia 21 de agosto, será inaugurada a Galeria dos Presidentes da Casa, no Espaço Josué Montello. Será o orador deste ato o Acadêmico Tarcísio Padilha. Registrou que a família do Acadêmico Francisco de Assis Barbosa doou ao Acadêmico José Mindlin o Colar que pertenceu àquele saudoso Acadêmico. Lembrou que no dia 11 de setembro a Acadêmica Nélide Piñon será recebida na Academia Brasileira de Filosofia, ocupará a Cadeira 51 e será saudada pelo Acadêmico Tarcísio Padilha. Fez um breve comentário sobre o Relatório da Fundação Getúlio Vargas e dos procedimentos administrativos da Casa. Há duas preocupações muito grandes, uma referente à Biblioteca Rodolfo Garcia, e outra sobre a Lexicografia. Finalizando, disse que o Acadêmico Alberto da Costa e Silva já concebeu todo o livro comemorativo dos 110 anos da Academia Brasileira de Letras. O projeto é muito bom e a Diretoria já o aprovou. Agora a Academia buscará patrocínio porque é um livro importante, muito bem concebido e merece um apoio cultural. Mostrou a todos os Acadêmicos a nova placa do Núcleo de Conservação Guita Mindlin, cumprindo uma decisão do plenário. Falou que a Diretoria vai se reunir para receber da Comissão de Publicações os informes necessários para explicitar o lançamento das edições da Academia de janeiro a agosto. É um conjunto razoável de edições e que integra a concepção de que a Academia é hoje uma editora de porte médio e com qualidade. Finalizando, disse que o Acadêmico Carlos Heitor Cony se recupera progressivamente. Todos estão preocupados também com a saúde de Dom Luciano Mendes de Almeida, irmão do Acadêmico Candido Mendes de Almeida. Deu a triste notícia do falecimento do neto do poeta Cláudio Murilo Leal.

- O Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco, sobre a observação feita pelo Acadêmico Cícero Sandroni de que o trabalho da Fundação Getúlio Vargas se assemelha a uma grande reportagem sobre as carências encontradas no desempenho do serviço da Academia, perguntou se esse relató-

rio apresenta propostas concretas para as carências que tenham sido eventualmente encontradas na administração da Casa.

- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça esclareceu que o tom que o Acadêmico Cícero Sandroni usou quando falou a palavra reportagem correspondia a um jargão jornalístico. Trata-se de um relatório circunstanciado com propostas. São propostas caras, de um certo nível de sofisticação administrativa e reclamam uma reavaliação que já foi pedida à Fundação Getúlio Vargas.
- O Acadêmico Cícero Sandroni observou que, quando mencionou a palavra reportagem, em conversa com o Presidente, a respeito do relatório da Fundação Getúlio Vargas, foi por ter encontrado no texto entrevistas com os Chefes de Setor da Administração da ABL, e cada um deu a sua visão, assemelhando-se, assim, a redação a um texto com o rigor e a exatidão do bom jornalismo.
- O Acadêmico Helio Jaguaribe achou muito interessante a informação do Presidente Marcos Vinícios Vilaça sobre o Setor de Publicações da Academia. Disse que livros editados pela Academia são de primorosa apresentação gráfica e é um serviço muito importante que a Academia está prestando à cultura do País. Por se tratar de uma iniciativa relevante, chamou a atenção para a necessidade da distribuição desses livros.
- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça disse que o problema tratado pelo Acadêmico Helio Jaguaribe é relevante. Há edições que estão encalhadas. Disse que a Diretoria pediu ao Acadêmico Antonio Carlos Secchin para se articular com a Biblioteca Nacional para que seja feita uma parte desta distribuição junto às bibliotecas públicas do país inteiro.
- O Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara esclareceu que o Setor de Lexicografia tem trabalhado e produzido silenciosamente. Já foi feita a revisão de dois pequenos dicionários com trinta mil verbetes, além de estar sendo terminada a quarta edição do Vocabulário da Academia Brasileira de Letras. A Coleção Antônio de Moraes Silva está com três livros publicados. A Comissão fez o levantamento de dez milhões de abonações para que constem no dicionário grande da Academia. Trabalha aceleradamente para entregar à Editora Nacional, no fim do próximo ano,

um excelente Dicionário Escolar com trinta mil verbetes. O Setor de Lexicografia conta apenas com quatro Lexicógrafos; as outras pessoas trabalham na digitação e revisão. Sugeriu que o Dicionário da ABL fique exclusivamente com abonações de textos publicados no Brasil, de autores brasileiros, como era a proposta do Acadêmico João Ribeiro. Sugeriu também uma distribuição administrativa que não compete aos responsáveis pela Comissão de Lexicografia, de que o pessoal que trabalha na digitação e revisão faça o trabalho em casa. Assim, poderemos, em cinco anos, apresentar o Dicionário que foi o sonho dos nossos fundadores.

- O Acadêmico Antonio Olinto comunicou que a Prefeitura do Rio de Janeiro resolveu usar o Memorial Getúlio Vargas, construído sob a supervisão histórica do Acadêmico José Murilo de Carvalho, para uma série de conferências. A primeira será dele, no próximo dia 23 sobre “O Brasil de Getúlio Vargas”. Pretende o Secretário das Culturas, Dr. Ricardo Macieira, convidar outros acadêmicos e pedir conselhos sobre o que fazer com aquele espaço, com um auditório de 220 lugares e que está, há quase um ano, inoperante. A seguir, contou que sábado passado esteve até a madrugada na escola de Samba Mangueira. Foi levado pelo Embaixador Jerônimo Moscardo que teve a idéia de criar ali uma biblioteca com o nome de Alexandre Gusmão. Nessa noite foi inaugurada a Biblioteca Alexandre Gusmão. Durante a festa o Sr. João Carlos, Diretor da Mangueira, lhe disse que em 2008, o desfile homenageará Machado de Assis.
- O Acadêmico Alberto da Costa e Silva falou sobre a Fundação Calouste Gulbenkian, ao ensejo do cinqüentenário de sua criação. (O texto na íntegra será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.)
- O Presidente comunicou que a Academia se dirigiu à Fundação Calouste Gulbenkian nas festas do cinqüentenário e recebeu uma manifestação de agradecimento da Presidência da Fundação que já determinou fosse distribuída, por cópia, aos Acadêmicos.
- A Acadêmica Nélida Piñon expressou o seu entusiasmo pelas palavras do Acadêmico Alberto da Costa e Silva sobre a Fundação Calouste Gulbenkian que despertou a redenção cultural de Portugal. Contou ao plenário que, há dois dias, foi assistir à grande pianista portuguesa Maria

João Pires, por quem tem uma grande admiração. Disse que, guardadas as devidas proporções, ela tem uma Fundação na Bélgica e quer instalar essa Fundação no Brasil, e confessou-lhe que levou um ano e meio para conseguir um visto. Isto prova que o Brasil consolida a sua vocação para a grande distração cultural. Comunicou, também, que esteve em São Paulo e visitou a Acadêmica Lygia Fagundes Telles e a encontrou muito bem, com o espírito alerta, produzindo e desejosa de voltar a esta Casa. Saiu da visita muito emocionada e feliz e está certa de que seus companheiros da Academia vão acolher com entusiasmo essa notícia.

- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça agradeceu a notícia.
- O Acadêmico Lêdo Ivo, aludindo à revista *Colóquio Letras*, mencionada pelo Acadêmico Alberto da Costa e Silva, salientou que ela foi dirigida muitos anos por Jacinto do Prado Coelho e se vinculou muito ao Brasil. Muitos escritores brasileiros colaboraram nessa revista. Lembrou que nela atuava o poeta Luís Amaro, que foi seu Secretário por longos anos e um interlocutor permanente dos escritores brasileiros. Pediu ao Presidente que na comunicação a ser feita à Fundação Calouste Gulbenkian, da efeméride hoje comemorada, fosse informado ao poeta Luis Amaro que o seu nome e o seu trabalho foram lembrados de uma forma afetuosa.
- O Acadêmico Helio Jaguaribe ressaltou a importância da comunicação feita pela Acadêmica Nélide Piñon. Afirmou que a Sra. Maria João Pires é uma das maiores pianistas do mundo. No dia 15 de agosto levou o Teatro Municipal ao delírio num programa Mozartiano extraordinário em que se combinava o deus Mozart com essa musa Euterpe.
- O Presidente voltou a dizer o quanto a Casa está feliz em ter a presença de Celso Lafer pela primeira vez neste plenário, na certeza de que será uma presença de todas as semanas. Pediu que, em nome da Academia, dê notícias ao Acadêmico José Mindlin da aposição da placa em homenagem a Guíta Mindlin no Núcleo de Conservação do Centro de Memória. Foi uma decisão tomada por unanimidade pelo plenário e que a Diretoria cumpriu com honra e prazer. Nada mais havendo a tratar, deu por encerrada a sessão.

CINQUENTENÁRIO DA FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

*Palavras do Acadêmico Alberto da Costa e Silva**

Senhor Presidente, senhores Acadêmicos.

Em 1960, manuseando alguns maços dos arquivos da Embaixada do Brasil em Lisboa, encontrei uma troca de correspondência, de 1942, entre a embaixada e um certo Senhor Calouste Gulbenkian, que, fugindo da ameaça nazista, desejava vir para o Brasil e solicitou visto permanente ao nosso país. O pedido não recebeu resposta das autoridades no Rio de Janeiro. Após quatro ou cinco meses de espera, Calouste Gulbenkian desistiu de vir para o Brasil. Permaneceu em Portugal e ali criou uma das mais importantes fundações culturais do mundo.

Assisti, de certo modo, à infância dessa fundação, porque cheguei a Lisboa quatro anos após ela ter sido criada, graças a uma conjugação extremamente feliz da competência e entusiasmo de um advogado, Dr. José de Azeredo Perdigão, que militava na oposição portuguesa, com o sentido de oportunidade do Primeiro-Ministro Antônio de Oliveira Salazar, que percebeu nitidamente a importância do projeto e tudo fez para que o milionário e colecionador armênio se fixasse em Portugal. Enquanto o embaixador do Brasil não conseguia obter resposta para dar um visto permanente a Gulbenkian, consta e assim persiste no fabulário lisboeta que, como esse gostasse de guiar automóveis a alta velocidade, Salazar mandava, todas as noites, depois de uma certa hora, fechar parcialmente a Avenida Fontes Pereira de Melo e a Avenida da República, para que Gulbenkian pudesse trafegar livre-

* Proferidas na sessão do dia 17 de agosto de 2006.

mente com o seu carro. Não sei se a história é verdadeira, mas meu conhecimento de Portugal daquela época me diz que é verossímil. A Fundação Calouste Gulbenkian surgiu num regime autoritário, num regime que gozava de pouca simpatia nos meios intelectuais, artísticos e científicos portugueses, mas, desde seus primeiros dias, começou a criar um novo ambiente cultural no país. Azeredo Perdigão chamou para os seus cargos de direção elementos de todas as facções políticas portuguesas, mesmo daquelas que se opunham vigorosamente ao regime. Teve por colaboradores tanto elementos tidos como bem-vistos pelo poder, como Vitorino Nemésio, quanto oposicionistas ativos, como José-Augusto França e Jacinto Prado Coelho. Ao longo dos anos, só reforçou essa equipe, com gente de excepcional competência como, para citar apenas alguns nomes, José Blanco, Carlos Baptista da Silva, o pintor Fernando de Azevedo, o historiador Joel Serrão, o crítico de arte José Sommer Ribeiro e o nosso confrade na Academia, poeta David Mourão-Ferreira, e foi expandindo a gama de atividades da Fundação. Primeiro, fundou o museu que abriga a extraordinária coleção de arte europeia e do Oriente Médio formada por Calouste Gulbenkian. Vieram depois o Centro de Arte Moderna, a revista *Colóquio*, que se desdobraria em *Colóquio-Letras*, uma das melhores revistas literárias de todo o mundo, *Colóquio-Arte* e *Colóquio-Ciência*. Ao mesmo tempo, criou-se um sistema eficientíssimo de bibliotecas itinerantes — pequenos ônibus que levavam as grandes obras da literatura portuguesa às aldeias do interior do país. E surgiram o Instituto Gulbenkian de Ciência, a Orquestra de Câmara Gulbenkian, o Ballet Gulbenkian e o Coro Gulbenkian. A Fundação procurou, assim, atuar nas mais diversas áreas da cultura, da ciência e das artes. Mais: tem cuidado do patrimônio português em todo o mundo, restaurando prédios e espaços de grande valor histórico e artístico, que marcam a presença de Portugal na Ásia, na África e nas Américas. Posso dar um testemunho da rapidez com que atuava, e atua, a Fundação Calouste Gulbenkian. Eu tinha estado no forte São João Batista de Ajudá, no então Daomé, que havia sido parcialmente incendiado pelo seu comandante, quando invadido pela gente da terra. Salvo pelos agudás, ou descendentes de ex-escravos brasileiros, que apagaram o fogo, o forte havia sido restaurado de modo precário e estava em péssima situação. Narrei o que vira ao Dr. Azeredo Perdigão e a José Blanco. Dois ou três meses depois, já havia

um grupo de arquitetos e engenheiros da Fundação trabalhando na restauração do forte.

A Fundação atuou na Colônia do Sacramento, no Uruguai; atuou em Goa; atuou em toda a parte por onde andaram os portugueses.

A Fundação exerceu outra função do maior relevo, ao conceder bolsas a escritores, artistas, cientistas, tanto portugueses quanto estrangeiros, sobretudo brasileiros, nesse último caso, para os que desejavam fazer pesquisas em Portugal.

O alto patamar que atingiu essa Fundação deve-se em grande parte à figura extraordinária de José de Azeredo Perdigão, de quem tive o privilégio de ser amigo, um homem de invulgar inteligência, um humanista na mais completa expressão da palavra, que a dirigiu durante 37 anos e que, passados os seus 90 anos, ainda fazia comigo planos para daqui uma, duas ou três décadas. Eu olhava para ele convencido que iria mesmo cumprir o que planejava, uma vez que já havia dado sobejos motivos para que acreditássemos que era capaz de tudo, mestre nas artes de prever, planejar, montar, conduzir e realizar.

Graças a ele a Fundação Calouste Gulbenkian tornou-se internacionalmente um grande nome no mundo da cultura. E continua extremamente viva, porque teve, após Azeredo Perdigão, em seu comando o Professor Antônio Ferrez Corrêa, Victor de Sá Machado e Emilio Rui Vilar. Continuou sempre em boas mãos, sempre em mãos competentes, o que explica porque Portugal a ela tanto deve. Deve, inclusive, o ter tido nela, durante os anos da ditadura, o seu grande respiradouro de liberdade, esse respiradouro de liberdade que talvez seja o melhor legado de Calouste Gulbenkian a Portugal.

SESSÃO DO DIA 24 DE AGOSTO DE 2006

Sob a presidência do Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça, estiveram presentes os Acadêmicos: Cícero Sandroni, Secretário-Geral; Ana Maria Machado, Primeira-Secretária; Antonio Carlos Secchin, Tesoureiro; Murilo Melo Filho, Diretor da Biblioteca; João de Scantimburgo, Diretor da Revista Brasileira; Eduardo Portella, Diretor dos *Anais da Academia Brasileira de Letras*; Affonso Arinos de Mello Franco, Alberto da Costa e Silva, Alberto Venancio Filho, Antonio Olinto, Arnaldo Niskier, Domício Proença Filho, Evanildo Cavalcante Bechara, Pe. Fernando Bastos de Ávila, Helio Jaguaribe, Ivan Junqueira, Lêdo Ivo, Moacyr Scliar, Nélida Piñon, Nelson Pereira dos Santos e Tarcísio Padilha.

- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça, ao dar início à sessão, saudou os presentes, e em especial a Professora Maria Lúcia Garcia Pallares-Burke, que nesta data recebe o Prêmio Senador José Ermírio de Moraes. Convidou para compor a mesa o Dr. Paulo Roberto Pisauro, representando o Grupo Votorantim; o Acadêmico Arnaldo Niskier, Secretário de Estado da Educação, representando a Governadora Rosinha Garotinho; o Dr. Gilberto Freyre Neto, Presidente da Fundação Gilberto Freyre e o Acadêmico Cícero Sandroni, Secretário-Geral. A seguir, lembrou que a concessão do Prêmio Senador José Ermírio de Moraes foi iniciada na Presidência do Acadêmico Josué Montello. Essa premiação dá muito prazer à Casa pela qualidade dos premiados. Agradeceu ao Acadêmico João de

Scantimburgo o interesse que vem dispensando à concessão desse Prêmio. Já o receberam Roberto Campos, Evaldo Cabral de Melo, Wilson Martins, Décio de Almeida Prado, Cícero e Laura Sandroni, Gofredo Telles Júnior, Luiz Felipe de Alencastro, Manif Zacharias, Bruno Tolentino, Antonio Bulhões e José Nêumanne Pinto, antecessores de Maria Lúcia Garcia Pallares-Burke, autora desse precioso livro de interpretação da obra de Gilberto Freyre. Registrou a todos e em especial a João Havelange, amigo de Antonio Ermírio de Moraes, o quanto honra à Academia essa premiação desde 1995. Prestou homenagem ao Senador José Ermírio de Moraes, discorrendo sobre sua vida e obra. Falou do industrial e do político que não esqueceu, em nenhum momento, o desenvolvimento econômico social, e que passou à família essas responsabilidades. Mencionou as obras sociais amparadas pelo Senhor Ermírio de Moraes, como a AACD – Associação de Assistência à Criança Deficiente, a Beneficência Portuguesa, entre outras atividades de apoio aos carentes no país inteiro. Ressaltou o enlace da Empresa com o social e com a cultura, que esse prêmio exemplifica. Passou a palavra ao Acadêmico Alberto da Costa e Silva que saudou, em nome da Academia Brasileira de Letras, a escritora Lúcia Garcia Pallares-Burke, premiada por seu livro *Gilberto Freyre, um Vitoriano dos Trópicos*. (O texto lido será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.)

- O Prêmio Senador José Ermírio de Moraes foi entregue à escritora Lúcia Garcia Pallares-Burke pelo Dr. Paulo Roberto Pisauro, representante do Grupo Votorantim.
- A escritora Lúcia Garcia Pallares-Burke discursou agradecendo o Prêmio Senador José Ermírio de Moraes. (O texto lido será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.)
- Nada mais havendo a tratar, o Presidente deu por encerrada a sessão.

GILBERTO FREYRE, UM VITORIANO DOS TRÓPICOS

*Palavras do Acadêmico Alberto da Costa e Silva**

Nada teria dado maior alegria a Gilberto Freyre do que ter tido permanentemente ao seu lado, a anotar-lhe o passar dos dias, as reminiscências e as opiniões, o seu James Boswell. Como não o teve, viu-se obrigado a conversar consigo próprio — e isto fez em quase todas as suas obras, como quem, mestre da fotomontagem, colasse, recortado, sobre o corpo de outros figurantes, em gravuras antigas ou estampas recentes, o seu retrato.

Muitos foram os autores brasileiros do século XX marcados por Proust. Em nenhum deles, porém, foi mais forte do que em Gilberto Freyre o espírito e a lição daquele Marcel, o “menino mimoso” do verso de Augusto Meyer e, sobretudo, do início de *Du côté du chez Swann*. Gilberto é rememorativo de si mesmo não apenas quando escreve história ou nos propõe a etografia do que ficou no passado, mas também quando analisa o presente e apresenta possíveis futuros, pois deixa que sua imagem se insinue em muitos de seus enredos e fala tantas vezes de si próprio, de forma explícita ou disfarçada, inconsciente ou deliberada. Tamanha era sua necessidade de confessar-se, que não hesitou, em *Tempo Morto e Outros Tempos*, em refazer matreiramente — como demonstrou de forma cabal Maria Lúcia Garcia Pallares-Burke —, e com todos os recursos de um grande escritor, os restos de um diário em que esboçara o retrato de um sociólogo quando jovem. E não somente do jovem que ele foi, mas daquele que desejaria ter sido.

* Proferidas na sessão do dia 24 de agosto de 2006.

A essa mesma Maria Lúcia Garcia Pallares-Burke não escapou que era possível endereçar aos textos de Gilberto Freyre as perguntas que não mais lhe podia fazer pessoalmente. E conversar com os seus textos como Boswell fizera, cara a cara, com o gordo Dr. Johnson. Dessa indagação meticulosa, indiscreta e, às vezes, até – e ainda bem – inconveniente e incômoda, nasceu Gilberto Freyre, um vitoriano dos trópicos.

A primeira tentativa de um leitor viciado em comparações foi a de aproximar esse livro, essa história do desenvolvimento de uma personalidade, de *The Education of Henry Adams* e *Minha Formação*, de Joaquim Nabuco. Nas obras-primas de Adams e Nabuco, é, contudo, o próprio autor quem se perscruta nos espelhos da memória. Já Maria Lúcia trabalha com retratos que não os dela, mas de outra pessoa, alguns deles fora de foco, imprecisos, gastos pela umidade e pelos anos, ou que mostram a sua personagem quase a diluir-se num grande grupo. Na verdade, Maria Lúcia trabalha, sobretudo, com o retrato de Gilberto Freyre em sua velhice e glória, para, ao retirar-lhe pouco a pouco as rugas e as outras marcas do tempo, restaurar o jovem que mal ganhara os seus primeiros 30 anos, mas escrevia *Casa-Grande & Senzala*, e, embaixo dele, o rapazola a viajar pela Europa, e o estudante nos Estados Unidos, e o adolescente e o menino do Recife, e mostrar como as leituras, as amizades, as influências intelectuais e as práticas da vida foram fabricando o seu espírito. Ela sabe que, em seus textos, Gilberto reconstruiu como queria, sonhava e imaginava os seus dias passados, mas a Boswell não era provavelmente estranha a suspeita de que Dr. Johnson não lhe dizia toda a verdade, e cortava um relato onde lhe convinha, e ocultava fatos, e ampliava outros.

Gilberto Freyre, um vitoriano dos trópicos é uma admirável obra de história cultural, das melhores já escritas no Brasil. Nela se descreve a formação de uma inteligência, com ênfase no fascínio que sobre ela exerceu a Grã-Bretanha, notadamente por meio dos autores vitorianos e, entre estes, dos vitorianos antivitorianos, como John Ruskin, Walter Pater, William Morris, George Gissing, Lafcadio Hearn, G. K. Chesterton e W. B. Yeats. Seria com eles que o jovem Gilberto aprendeu a observar, a pensar e, sobretudo, a escrever. Já maduro, era como escritor, e não somente como sociólogo, antropólogo ou historiador, que Gilberto Freyre se via. Seus maiores mestres foram

escritores, principalmente os grandes ensaístas de língua inglesa. E era como escritor que desejava ser lido.

Encosto o livro de Maria Lúcia Garcia Pallares-Burke em *The World of Washington Irving* e *The Times of Melville and Whitman*, dois dos cinco belíssimos volumes que Van Wick Brooks compôs, na quinta década do século passado, sobre a história do escritor nos Estados Unidos, porque em *Gilberto Freyre, um Vitoriano dos Trópicos* encontro a mesma riqueza na reconstrução das condições sociais e intelectuais em que um escritor se forma e cria. Sendo a mais aguda análise que já se fez sobre a trajetória intelectual de Gilberto Freyre, o trabalho de Maria Lúcia nos devolve, com simpatia, rigor e brilho, os ambientes em que ele viveu e neles se desenham as feições daqueles com quem privou.

Pesquisadora rigorosa e leitora atenta, num texto, à menor mudança de ritmo e de tom, Maria Lúcia modifica boa parte do que sobre Gilberto Freyre se tinha por assentado. Como, por exemplo, a sua adesão às idéias de Franz Boas. Ao contrário do que se pensa — e tantas vezes afirmou o próprio Gilberto —, aprendemos com Maria Lúcia, a partir dos próprios textos gilbertianos da época, como só lentamente, e já distante de seus dias na Universidade de Columbia, foi ele convertido das idéias eugenistas e do racismo vestido de ciência, que predominavam nos Estados Unidos e na Europa nas primeiras décadas do século XX, para o pensamento de Boas. Em seu livro, Maria Lúcia Garcia Pallares-Burke destaca o papel, reconhecido mais de uma vez pelo próprio Gilberto Freyre, de Edgar Roquette-Pinto, no processo de revelação intelectual que o levaria a valorizar a mestiçagem e a presença do índio e do negro na formação e na vida brasileiras. E revela-nos o quanto, nesse processo, Gilberto ficou devendo a Lafcadio Hearn, autor que jamais deixou de ler com encantamento — sobretudo ao Lafcadio Hearn de *Three Years in the French West Indies*, no qual beleza e mulatice se equivalem. Ressalta também Maria Lúcia a fecunda troca de idéias que manteve Gilberto com um colega de Columbia, o alemão Rüdiger Bilden, cujos dois trabalhos publicados, “Brazil, Laboratory of Civilization”, de 1929, e “Race Relations in Latin America with Special Reference to Development of Indigenous Culture”, de 1931, acompanham, a revelar a fecundidade do diálogo entre duas robustas inteligências jovens, o mesmo jeito de refletir sobre o Brasil que

caracterizaria *Casa-Grande & Senzala*. O primeiro desses ensaios antecipa as linhas mestras de *Interpretação do Brasil*.

Gilberto Freyre sempre considerou os dias passados em Oxford como dos mais felizes de sua vida. A esses dias dedica Maria Lúcia algumas das melhores páginas de seu livro, tratando confidências do próprio Gilberto, que se poderiam ter por embaraçosas, sobre uma das mais íntimas de suas grandes afeições, com naturalidade e uma delicadeza fora do comum. Com a mestria de quem, sendo uma excelente biógrafa, é, antes de mais nada, uma bela escritora, alguém que sabe que a primeira obrigação de um livro é ser bem escrito.

E é muitíssimo bem escrito esse *Gilberto Freyre, um Vitoriano dos Trópicos*. Escrito de forma concisa e com uma tão aparente serenidade, que só nos deixa adivinhar o apaixonado cuidado e a repetida emoção com que Maria Lúcia Garcia Pallares-Burke foi amorosamente desenrolando os anos verdes e entre maduros de sua personagem e logrou que esta lhe contasse como lhe moldaram o espírito as leituras, as viagens e as amizades. James Boswell não faria melhor.

PRÊMIO SENADOR JOSÉ ERMÍRIO DE MORAES

*Discurso de Luciana Garcia Pallares-Burke**

Estou extremamente honrada e comovida por ter sido escolhida pela Academia Brasileira de Letras para receber o Prêmio Senador José Ermírio de Moraes e por ser saudada tão magnanimamente pelo acadêmico Alberto da Costa e Silva. Vivendo distante do Brasil por muitos anos e estando fora do contacto regular com intelectuais brasileiros, sinto-me muito privilegiada, e confesso, ainda espantada, de ver minha biografia intelectual de Gilberto Freyre ser considerada pelos ilustres membros desta Academia como merecedora desse honroso prêmio.

Ao receber esse prêmio hoje, devo dizer, no entanto, que o considero não só meu, mas também de todas as pessoas que me ajudaram a escrever esse livro (algumas das quais muito me alegram de ver aqui presentes): amigos, familiares, estudantes, professores, intelectuais de várias origens e especialidades, e o próprio Gilberto Freyre. E não digo isso para efeito retórico, mas porque realmente acredito que todo livro envolve um trabalho colaborativo de proporções que são tão grandes quanto difíceis de mensurar com precisão. No meu caso, a ajuda de críticas e estímulos que recebi, de conversas, debates e encontros que tive com várias pessoas, quer diretamente, quer por intermédio de suas obras — como é o caso de alguns membros desta academia — tiveram um papel essencial para a inspiração e amadurecimento de minhas idéias.

Mencionei também minha dívida para com Gilberto Freyre, e queria explicitar que não estou me referindo especialmente ao fato de ele, com sua

* Proferido na sessão do dia 24 de agosto de 2006.

figura rica e sugestiva, se impor como objeto de estudo por causa da importância de sua obra, e também por causa de sua influência na biografia do país. Mais do que isso. Meu trabalho muito deve ao fato de Freyre não ter seguido os exemplos de Freud, Henry James, Dickens, Thomas Hardy e outros escritores dessa categoria, vários deles muito admirados por Freyre. Todos eles procuraram dificultar o mais possível o trabalho do biógrafo, destruindo – ou deixando ordem expressa para que fosse destruída após sua morte – toda a documentação que poderia ajudar a reconstituir suas trajetórias. Henry James, por exemplo, para quem uma biografia só se justificava se fosse escrita para agradar a família do biografado, e certo de que nem todos pensavam da mesma forma, fez uma fogueira com as cartas, diários e manuscritos que cobriam mais de 40 anos de sua vida. Dickens fez o mesmo no jardim de sua casa e consta que dois de seus filhos assaram cebola nas cinzas deixadas pelas milhares de cartas dos correspondentes do pai, que incluíam os maiores homens de letras da era vitoriana. Ironicamente, até mesmo Freud, que transformou nossas noções do que uma história de vida implica, destruiu ao menos em duas ocasiões seus diários, correspondência, e até mesmo manuscritos científicos. Alguns críticos explicam tal atitude de Freud pelo desejo de “permanecer um grande herói aos olhos da humanidade”. Cultivando ativamente o ‘desconhecido’ sobre sua pessoa, Freud teria querido ‘se separar do componente não-heróico da humanidade’.

Freyre, ao contrário e não obstante sua notória vaidade e seu desejo de ser visto positivamente pela posteridade, não fez uma fogueira de seus papéis. E isso por duas razões, acredito. Primeiro, porque ele tinha uma aguda consciência da importância dos documentos históricos e, a levar em conta as montanhas de papéis que se encontra em Apipucos, ele desde cedo considerava tudo como digno de ser preservado, desde cardápios de restaurante e entradas de teatro até cartas contendo duras críticas à sua pessoa. E segundo, porque, para ele, uma verdadeira biografia, que ele qualificava de “à inglesa”, nada tinha a temer de documentos que pudessem revelar aspectos desabonadores do biografado. Pelo contrário. Em contraste com o que ele chamou de ‘biografia triunfal’, ou seja, aquela que só fala sobre o sucesso, a glória e as virtudes do seu objeto de estudo, pois o que quer é retratar um “monumento” de mármore e não um homem, a “biografia à inglesa”, no entender de Freyre,

não esconde os insucessos, os despeitos, os ressentimentos, os amores contrariados, os complexos e as fraquezas que dão ao biografado a marca de sua verdadeira humanidade.

Há talvez tantos tipos de biografia quantas formas variadas de romance. Mas o estilo de biografia intelectual que optei por escrever — que se pode chamar de desenvolvimentista porque segue uma linha rigorosamente cronológica — muito depende de cartas, diários, caderno de anotações, das versões originais e modificadas de vários textos; enfim, de várias espécies de documentos que outro tipo de biografia, que está menos interessada na exata seqüência e contexto das idéias e eventos, pode prescindir. Enfim, o que quero dizer é que meu esforço teria certamente sido frustrado se o trabalho arqueológico que o biógrafo deve fazer para acompanhar, ainda que sempre imperfeitamente, o desenrolar de uma vida, tivesse barrado com o sério empenho de Freyre de opor resistência ao vasculhar de seu passado.

O ‘problema’ que me interessou ou me impulsionou, por assim dizer, a escrever sobre Freyre foi o seguinte: como explicar que um livro como *Casa-Grande & Senzala* (que foi fundamental para transformar a auto-imagem do Brasil, injetando-lhe a auto-estima de que carecia) tivesse sido escrito por um jovem brasileiro que, como tantos outros brancos de sua época, orgulhava-se dos ancestrais europeus que haviam se tornado parte elite do país, que compartilhava com sua classe os preconceitos contra a população negra e mestiça e que sentia também uma profunda frustração por ser brasileiro, um sentimento que Freyre bem cedo manifestou ao claramente lamentar: “por que não nasci inglês, ou alemão, ou americano...?”

Duas das grandes dificuldades para tentar explicar como Freyre se tornou a pessoa que a posteridade conhece foi, no entanto, escapar da sedução de sua auto-imagem ou auto-interpretação e da prática de se escrever a sua história de trás para a frente, assumindo que *Casa-Grande & Senzala* era o término inevitável de uma trajetória que fora guiada por objetivos desde cedo claros e harmoniosos, sem grandes conflitos ou desordem. Pois se Freyre não fez uma fogueira de seus papéis, é inegável, no entanto, que como muito escritor talentoso, ele, à medida que ganhava fama, se empenhou em produzir e controlar,

com sua prosa brilhante e convincente, a imagem que ele queria que os leitores e a posteridade tivessem dele.

Falando mais e mais de si mesmo, ao longo de sua vida, suas recordações – idealizadas muitas vezes pela nostalgia – foram compondo uma narrativa sobre sua história que, embaralhando evidências e exagerando, minimizando ou omitindo idéias que defendeu e eventos que viveu, acabou por consolidar uma visão relativamente linear, cumulativa e simplista de sua trajetória. E uma das mais fortes imagens que Freyre ajudou a produzir de si mesmo diz respeito à sua conversão num novo homem, tão logo conheceu o grande antropólogo Franz Boas na Columbia University em Nova York e se inteirou de suas idéias sobre a diferenciação entre raça e cultura. Segundo essa poderosa narrativa, para escrever sua grande obra de 1933, pouca coisa teria faltado após essa guinada fundamental de 1921. Voltara a Pernambuco, após cinco anos de estudo lá fora, transformado e já determinado a permanecer no Recife e a escrever uma nova e revolucionária interpretação do país.

Há um ensaio de Chesterton, um dos escritores ingleses favoritos de Freyre, como era também de Borges, que capta muito bem o profundo significado que teve o seu afastamento do país para que ele encontrasse lá fora os meios de batalhar pelo Brasil em termos brasileiros. Chesterton conta que estava em seu apartamento no bairro de Battersea em Londres fazendo malas para viajar e um amigo chega e lhe pergunta. “Para onde vai?” “Para Battersea”, responde Chesterton. E diante do amigo intrigado, ele lhe explica que para chegar onde já se encontrava precisava perambular pelo mundo. E se ia à França ou Alemanha, por exemplo, não eram esses países, entretanto, que buscava conhecer, mas sim Battersea. “Todo objetivo de viajar”, afirma Chesterton, “não é pôr os pés em terras estrangeiras, mas pôr os pés em nosso próprio país como se fosse uma terra estrangeira... o único meio de chegar à Inglaterra é ir para longe dela”.

É inegável que assim como Chesterton tivera de se afastar de sua terra a fim de encontrá-la e compreendê-la, para chegar à ‘sua Battersea’ Freyre também teve de ir para bem longe dela. O que, no entanto, vai ficando claro quando se privilegia o estudo da jornada de Freyre e não seu destino final, é que sua trajetória foi muito mais penosa, tortuosa e complexa do que ele quis

fazer crer e que levou anos para que ele digerisse e fizesse suas as várias idéias que trouxera de fora, idéias que paradoxalmente exerceram um papel essencial para que Freyre se reconciliasse com o Brasil e com o que ele chamava de a provinciana ‘aldeia’ recifense.

Meu principal objetivo nesse estudo pode ser descrito como o de tentar recuperar os recuos, tateamentos, passos em falso, confusões e muitos períodos de indecisão, quando Freyre sofria, como dizia, de “Hamlet Mood”, indeciso quanto a que caminho trilhar, quais idéias ou referenciais adotar, qual o rumo dar, enfim, à sua vida e ao seu pensamento. Muitas foram as escolhas difíceis que ele teve de fazer nesse período, como por exemplo, entre se estabelecer no exterior ou voltar para o Brasil; entre retornar à provinciana Recife ou tentar a sorte na moderna e cosmopolita S. Paulo; entre seguir diferentes carreiras, quando até chegou a considerar a criação de porcos como uma boa opção; entre escrever um estudo sobre a literatura norte-americana ou um romance sobre uma menino. Dentre essas e outras difíceis escolhas sobressai a que Freyre teve de fazer entre enfatizar fatores culturais ou raciais na história do Brasil. E durante muito tempo, ele oscilou bastante entre essas duas opções, raça ou cultura, mesmo após ter sido aluno de Franz Boas e ter tomado conhecimento da luta solitária e inglória que esse antropólogo travava contra o galopante e inclemente racismo norte-americano.

O entusiasmo do jovem Freyre pelas idéias racistas que estavam sendo fortalecidas e popularizadas nos Estados Unidos é um dos mais reveladores exemplos do difícil e tortuoso percurso que ele seguiu para se tornar um dos grandes intérpretes do Brasil. A eficácia e destreza com que essas idéias ali se transformavam em políticas de ação destinadas a coibir a degeneração do que chamavam de raça norte-americana, muito empolgaram Freyre e fizeram com que, em contraste, ele lamentasse a apatia do Brasil, onde pouco se fazia, segundo ele, para se combater a triste realidade de país mestiço e conseqüentemente atrasado. Enfim, representativo de seu tempo e de seu meio, Freyre nadou por algum tempo com a corrente, engrossando a fileira dos muitos que achavam que o racismo tinha fundamento científico e que a argumentação da eugenia sobre a pureza racial e sobre as benesses da segregação era totalmente satisfatória e suficiente para fundamentar drásticas e desumanas políticas governamentais.

As simpatias de Freyre para com renomados ideólogos racistas e líderes políticos do Velho Sul norte-americano que lutavam por uma ‘democracia branca’, bem como sua não velada tolerância e condescendência para com a Ku Klux Klan só podem hoje nos desconcertar e nos chocar. Mas vistas numa perspectiva histórica, temos de reconhecer que o que hoje nos parece inaceitável, foi um dia parte de todo um sistema de idéias respeitáveis e cientificamente convincentes que se difundiu, com intensidades diferentes, para muitas partes do mundo.

Considerando o momento histórico em que a experiência norte-americana de Freyre ocorreu, pode-se dizer que era praticamente inevitável que seu racismo se acentuasse e que o paradigma poderoso que imperava ao seu redor informasse seu pensamento e sua obra de juventude. Mascarando profundos preconceitos com um manto de respeitabilidade científica, o racismo legitimado pela chamada “ciência da raça”, não só contava com o apoio de respeitáveis professores, cientistas, universidades de renome, ricos industriais e instituições governamentais e filantrópicas norte-americanas, como também permeava a imprensa, os livros de ficção, a indústria cinematográfica, a cultura popular, estórias infantis, etc. Na altura em que Freyre ali chegou a “regra da uma gota” (the one drop rule) originalmente parte do *ethos* sulista, havia contaminado todo o país e os mulatos deveriam ser vistos como negros, já que o sangue negro, não importa quão remoto fosse, tornava alguém negro, e a mistura com brancos jamais poderia apagar essa gota, essa mancha. Praticamente inconteste, a chamada “ciência da raça” já fizera com que casamentos inter-raciais fossem proibidos por lei em quase todo o país e também que a miscigenação fosse considerada um vício que não deveria jamais ser representado, quer em telas de pintura, livros de ficção, filmes, etc..

Revelando profunda indecisão, e como que andando em ziguezague, durante algum tempo Freyre fazia um louvor aos mais atuantes ideólogos racistas ser seguido de um louvor a Boas, e este ser seguido de outro a Ku Klux Klan, e novamente outro a Boas, e assim por diante, até o momento em que ele entra em profunda crise, cai no que chama de “Rimbaud mood” e, a exemplo do poeta francês, praticamente pára de escrever por alguns anos. Desse torpor e apatia ele só iria sair anos mais tarde após muito estudo, muita reflexão sobre as idéias que absorvera lá fora e com a ajuda do grande antro-

pólogo Roquette Pinto e de um brilhante e promissor amigo alemão, que teriam sido figuras fundamentais, no meu entender, para que Freyre redescobrisse Franz Boas e repensasse o Brasil em novas bases.

Para terminar, gostaria de dizer que ao descobrir os conflitos internos que Freyre experimentou, as difíceis escolhas que teve de fazer, os impasses que viveu, os becos sem saída em que se meteu, bem como a grande coragem que teve para enfrentar tudo isso e as desconcertantes fraquezas que muitas vezes demonstrou, Freyre cresceu muito, no meu entender, em estatura intelectual, em complexidade e em humanidade.

Tenho certeza de que ao premiar o meu livro, esta ilustre Academia quis também prestar homenagem a ele por tudo isso.

SESSÃO DO DIA 31 DE AGOSTO DE 2006

Sob a presidência do Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça, estiveram presentes os Acadêmicos: Cícero Sandroni, Secretário-Geral; Ana Maria Machado, Primeira-Secretária; José Murilo de Carvalho, Segundo-Secretário; Antonio Carlos Secchin, Tesoureiro; Murilo Melo Filho, Diretor da Biblioteca; Eduardo Portella, Diretor dos *Anais da Academia Brasileira de Letras*; Affonso Arinos de Mello Franco, Alberto da Costa e Silva, Alberto Venancio Filho, Antonio Olinto, Arnaldo Niskier, Evanildo Cavalcante Bechara, Pe. Fernando Bastos de Ávila, Helio Jaguaribe, Ivan Junqueira, Lêdo Ivo, Nélida Piñon, Nelson Pereira dos Santos e Tarcísio Padilha.

- Ao dar início à sessão, o Presidente Marcos Vinícios Vilaça colocou em discussão as atas das sessões dos dias 17 e 24 de agosto de 2006. Não havendo nenhuma manifestação do plenário, foram aprovadas. Pediu uma salva de palmas aos aniversariantes do mês de agosto, Acadêmicos Paulo Coelho, dia 24, e Alfredo Bosi, dia 26. Lembrou que a próxima sessão será antecipada para quarta-feira, dia 6 de setembro, em virtude do feriado do dia 7. Registrou pesar pela morte de Dom Luciano Mendes de Almeida, que, além de grande figura da igreja, da pátria e intelectual, era irmão do Acadêmico Candido Mendes de Almeida. Registrou também pesar pelo falecimento do escritor Armando Souto Maior. Disse que a Academia chega a um acordo com a Imprensa Oficial de São Paulo, a partir de uma proposta coordenada pelo Acadêmico Antonio Carlos Secchin, para

publicação de edições conjuntas com a Imprensa Oficial. Registrou que o Acadêmico Murilo Melo Filho representou a Casa no Ato celebrado entre o Ministério da Educação e o Ministério da Cultura para promover a interação entre educação e contextos culturais. Posteriormente os termos do acordo serão distribuídos aos Acadêmicos. Disse que o Tribunal de Contas da União outorgou o Grande Colar do Mérito do Tribunal de Contas da União à Academia Brasileira de Letras e nomeará um representante para receber, em nome da Casa, esta condecoração. Agradeceu a presença do Acadêmico José Mindlin, pela primeira vez no plenário. Disse que o Acadêmico Alberto Venancio Filho doou à Academia Brasileira de Letras uma publicação: um memorial de apelação civil de 1945, referente à renovação de contrato de imóveis no Rio de Janeiro e em Belo Horizonte, em que era apelante a Academia Brasileira de Letras. O memorial é assinado por Levi Carneiro. Anunciou que no dia 22 de setembro ocorrerá o lançamento do livro *Trajetórias* do escritor Octávio Frias. Ressaltou que já está definido o programa do encontro de palestrantes portugueses e brasileiros na Academia das Ciências de Lisboa. Os palestrantes brasileiros serão o Acadêmico Eduardo Portella, com o tema Irradiações ibéricas do Iluminismo; Sergio Paulo Rouanet, com O Iluminismo em Portugal e no Brasil; e Alberto da Costa e Silva, com Os iluministas e a escravidão. Do lado português, o senhor Mário Soares, com o tema História e cultura; o Acadêmico Adriano Moreira, com O constitucionalismo luso-brasileiro: a data da Independência; e o Prof. Aníbal Pinto de Castro, com Os poetas da Inconfidência, escolares de Coimbra. No dia 21 de outubro haverá sessão na Biblioteca Joanina e almoço oferecido pelo Magnífico Reitor Dr. Fernando Jorge Seabra Santos. A articulação com a Academia das Ciências de Lisboa está sendo feita com o Professor Dias Farinha e, da parte da Embaixada do Brasil, com o Secretário João Mendes Pereira. Ainda no plano internacional, disse que a edição das poesias de Manuel Bandeira e Vicente Huidobro está com as providências, da parte do Chile, tomadas. Será edição de cerca de 200 páginas, com texto sobre Manuel Bandeira escrito por Juan Antonio Massone e tradução de poemas a cargo de Patrícia Terreda. Finalizando, convidou a todos os Acadêmicos para o lançamento do livro *Iracema 140 anos. Uma lenda do*

Ceará, organizado pela Professora Ângela Gutierrez, e para a reunião dos Secretários Estaduais de Cultura e Educação, com objetivo de apresentar um manifesto à nação em defesa da língua, dos direitos do ensino do português e das questões relacionadas com à cultura.

- O Acadêmico Ivan Junqueira ofereceu à biblioteca Lúcio de Mendonça, em nome do escritor Per Johns, a tradução do escritor Peter Poulsen, para o dinamarquês, do livro *Grande Sertão: Veredas*, com o título *Djævelen På Vejen*. Uma versão extraordinária para a língua dinamarquesa, tamanho é o índice de equivalências conseguidas no dinamarquês pelo tradutor Peter Poulsen.
- O Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco, a propósito da publicação oferecida pelo Acadêmico Alberto Venancio Filho, indagou se há no Centro de Memória da ABL registro das questões que envolveram a Academia Brasileira de Letras no Judiciário.
- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça disse que vai procurar saber e dará uma resposta em próxima sessão.
- O Acadêmico Tarcísio Padilha associou-se ao pesar pela morte de Dom Luciano Mendes de Almeida. Disse que a Casa está de luto porque de luto estão também dois confrades, e de luto está o País bem como a Igreja, pela perda de um de seus grandes valores. Disse que Dom Luciano possuía uma extraordinária formação intelectual, com doutorado na Universidade Gregoriana, cursos de alta qualificação, que outra coisa não representou senão o desdobramento da sua própria vida estudantil no colégio Santo Inácio. Viveu a radicalidade da mensagem cristã, abraçando a causa dos desprotegidos, dos despossuídos, dos carentes e dos menores abandonados. Cidadão brasileiro, padre jesuíta, cidadão do mundo que viveu a moderação na retórica e a radicalidade na ação.
- O Acadêmico Helio Jaguaribe associou-se às palavras do Acadêmico Tarcísio Padilha. Foi grande amigo e admirador de Dom Luciano Mendes de Almeida, exemplo de compatibilidade entre a grande inteligência, a grande cultura e uma efetiva, porém modesta, vontade de percorrer os caminhos da santidade cristã. Quanto à questão das publicações da Academia, recomendou que se empreendesse um esforço para garantir a

divulgação dos livros e sugeriu que a Academia estabeleça entendimento com uma livraria em cada uma de nossas cidades, dando à livraria o privilégio da distribuição dos nossos livros naquela cidade. Se isso for feito, conseguir-se-á uma divulgação razoável, levando em conta a alta seletividade com que os textos acadêmicos são organizados.

- O Acadêmico Antonio Carlos Secchin fez suas as palavras do Presidente Marcos Vinícios Vilaça e do Acadêmico Tarcísio Padilha a respeito da dor pelo desaparecimento de Dom Luciano Mendes de Almeida. Fez também o registro do falecimento de um Professor francês muito vinculado à cultura brasileira, Senhor Albert Audubert, da Universidade de Bordeaux. Audubert trabalhou na USP nos anos 60, onde operou uma verdadeira revolução no ensino da língua e da cultura francesas e foi o orientador de pesquisadores do porte de Leyla Perrone-Moysés. Teve a oportunidade de conviver com o professor Albert Audubert na Universidade de Bordeaux, onde trabalhou durante quatro anos na década de 1970. Fez um adendo a respeito do lançamento de *Iracema*. Anteriormente ao lançamento haverá uma mesa-redonda com a participação do Reitor René Barreira, da Universidade Federal do Ceará, da Dra. Cláudia Leitão, Secretária de Cultura do Estado e do professor Sânzio de Azevedo, que foi o responsável, junto com a professora Ângela Gutierrez, pela elaboração dessa edição que também estampa o texto em edição bilíngüe. Quanto à questão quase insolúvel da distribuição dos livros, o Acadêmico Antonio Carlos Secchin comunicou que teve hoje uma reunião com a bibliotecária Marília Amaral e fizeram um levantamento do estoque das publicações da ABL, que atinge a cifra de quase noventa e quatro mil exemplares. Estão cogitando de fazer uma distribuição de boa parte desse acervo junto às Bibliotecas Estaduais, à Biblioteca Nacional, às Universidades Federais e Estaduais de todo o país, com estimativa de que, se levado a bom termo, esse primeiro movimento representaria a saída e, portanto, a circulação efetiva, de algo em torno de trinta e três mil volumes, o que corresponderia a um terço do estoque da Academia. Trata-se de uma distribuição gratuita. A comercialização envolve o desejo da livraria de aceitar abrir o espaço, que costuma ser muito caro e ocupado por editoras comerciais, para livros que não têm tanta demanda. Afirmou que

é um trabalho que tem de ser feito seletivamente e através da persuasão e do convencimento da qualidade das publicações da ABL.

- O Acadêmico Ivan Junqueira fez um pequeno esclarecimento, não só ao plenário, mas, especificamente, a seu confrade Helio Jaguaribe a propósito das obras publicadas pela Academia, porque esteve muito atento à produção editorial da Casa na época em que foi Diretor da Comissão de Publicações. As suas primeiras preocupações foram com relação à qualidade do que era publicado, por força de uma nova roupagem editorial nas obras, elas passaram a ser muito cobiçadas. Daí surgiu a necessidade da organização de uma listagem com cerca de quinhentas pessoas, que recebem as publicações. Preocupado com o destino do estoque fez, em 2003, uma reunião com as três principais distribuidoras do Rio de Janeiro e de São Paulo. Quando os representantes dessas distribuidoras souberam que a tiragem era de mil exemplares e que quinhentos já estavam comprometidos para distribuição gratuita às pessoas da listagem, se desinteressaram, porque são profissionais que lidam com tiragens de três mil a cinco mil exemplares. Considera o problema da distribuição um problema urgente e muito difícil de ser resolvido.
- O Acadêmico Helio Jaguaribe agradeceu ao Acadêmico Ivan Junqueira pelo esclarecimento que acabou de dar. Considera importante distinguir estoque existente e publicações futuras. Com relação às futuras, acredita que teria sentido tentar um esquema de distribuição dos livros com livrarias em cada uma das grandes capitais do país.
- O Acadêmico Alberto da Costa e Silva disse ter a impressão de que essa questão da distribuição dos livros da Academia é insolúvel, e que a grande solução é a co-edição. É a Academia publicar juntamente com uma editora comercial, que vai levar as obras às livrarias, como tem ocorrido até agora com as co-edições da ABL, que não estão em depósito. Circularam, algumas delas estão esgotadas, outras estão em segunda edição. Está certo de que o caminho da Academia tem de ser através dessa vinculação com casas editoras, para que o livro tenha a circulação devida.
- O Acadêmico Murilo Melo Filho associou-se às palavras proferidas pelo Presidente e pelos Acadêmicos Tarcísio Padilha, Helio Jaguaribe e

Antonio Carlos Secchin sobre Dom Luciano Mendes de Almeida e, em particular, à dor e à provação sentidas pelos Acadêmicos Candido Mendes de Almeida e Pe. Fernando Bastos de Ávila. (O texto lido será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.)

- O Acadêmico Antonio Olinto falou sobre a 7.^a Bienal Internacional do Livro de Fortaleza, ocasião em que esteve junto com o Acadêmico eleito José Mindlin, falando a questão do livro. Contou que a Acadêmica Nélida Piñon foi ovacionada por cinco minutos ao falar sobre sua mais recente obra, ovação que se repetiu na noite da sessão de encerramento. Foi uma presença muito forte da Academia, através do sucesso da Acadêmica Nélida Piñon e do Acadêmico eleito José Mindlin. Informou que na Bienal foi lançada a edição bilíngüe de *Iracema*. Acredita que a festa foi uma maneira que a cidade de Fortaleza encontrou para homenagear o livro e a Academia.
- O Pe. Fernando Bastos de Ávila agradeceu as palavras do Acadêmico Tarcísio Padilha. Disse que a emoção o impede de falar de Dom Luciano, desse irmão admirável. Considera que o Brasil moderno conta com duas grandes figuras do episcopado: Dom Helder Câmara e Dom Luciano Mendes de Almeida.
- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça, mais uma vez, associou-se a tudo que foi dito em honra da memória de Dom Luciano Mendes de Almeida. Lembrou que a vida é feita de duas faces, e, na outra, festeja com emoção o reconhecimento crescente que a Acadêmica Nélida Piñon vem recebendo no Brasil e no exterior.
- No capítulo das efemérides, o Acadêmico Tarcísio Padilha apresentou um trabalho muito bem estruturado sobre a vida e a obra do Acadêmico Alceu Amoroso Lima. (O texto lido será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.)
- O Acadêmico Eduardo Portella disse que não poderia se calar diante das palavras tão sábias do Acadêmico Tarcísio Padilha, na medida em que ele traçou o itinerário reflexivo de Alceu Amoroso Lima nas suas diferentes modalidades e diferentes etapas, com uma capacidade excepcional para o exercício da autocrítica, que é algo de que os intelectuais brasileiros care-

cem muito. Atendo-se apenas à crítica literária, lembrou que o Século XIX teve a tríade dos grandes críticos que foram Araripe Júnior, Silvio Romero e José Veríssimo; o Século XX teve Alceu Amoroso Lima, Antonio Candido e Afrânio Coutinho. Claro que há muitos outros, mas estes foram matriciais. Discorreu sobre cada um deles e registrou a sua devoção e o seu reconhecimento a Alceu Amoroso Lima que soube ser superior no exercício cotidiano da crítica literária e no desempenho superlativo da condição humana.

- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça lamentou ter de encerrar a sessão, porque todos gostariam de permanecer ouvindo mais sobre a figura extraordinária de Mestre Alceu, trazida à consideração do plenário pela sabedoria do Acadêmico Tarcísio Padilha e pelos comentários tão pertinentes do Acadêmico Eduardo Portella. Deu notícias do Acadêmico Carlos Heitor Cony, que retornou à sua casa e do Acadêmico Carlos Nejar, que se hospitalizou com problemas renais. Encerrando a sessão, convidou os presentes para a reunião do Conselho Nacional de Educação, que se realizará às 17h 30min no Salão Nobre da Academia.

DOM LUCIANO

Palavras do Acadêmico Murilo Melo Filho

Senhor Presidente Marcos Vilaça.

Senhores acadêmicos.

Associo-me às manifestações de pesar de V. Ex.^a, dos nobres Acadêmicos Tarcísio Padilha, Helio Jaguaribe e Antônio Carlos Secchin, pela morte de D. Luciano.

E associo-me em particular à dor e à provação sentidas pelos nossos queridos confrades Candido Mendes e Padre Fernando Bastos de Ávila, porque conhecemos muito bem o amor e o carinho que sempre os uniram.

Com a morte de D. Luciano, a Igreja Católica perdeu um dos seus maiores líderes e um dos seus grandes pastores, que foi buscar nos Evangelhos de São Paulo a inspiração para uma vida de humildade e de pobreza, colocada a serviço das crianças, dos carentes e dos desprotegidos, para quem, em suas Pastorais, tinha sempre uma palavra de fé e de esperança.

Ao lado de Dom Paulo Evaristo Arns, Dom Luciano Mendes de Almeida defendeu os pobres, os injustiçados e as vítimas das perseguições do regime militar.

Foi esta a mensagem por ele deixada como Bispo Auxiliar de Belém, como Secretário-Geral e como Presidente da Confederação Nacional dos Bispos do Brasil, mas sobretudo como Arcebispo de Mariana, à frente de cuja Arquidiocese se encontrava há quase 20 anos. Sua moderação serviu como denominador comum entre progressistas e conservadores, com os quais dialogou sem-

pre e transitou no meio deles como uma liderança generosa e aglutinadora, disposta à conversa que soma e contrária ao confronto que desune.

Como jesuíta, discípulo fiel de Anchieta e de Nóbrega, contemporâneo de Leonel Franca e de Henrique Vaz, unido aqui, durante muitos anos, ao Pe. Fernando Bastos de Ávila, era um moderado, defensor da ética e da moral públicas, que vai fazer muita falta nos desentendimentos e nos descaminhos que marcam os destinos do atual cenário político brasileiro.

O povo humilde, que ele tanto amou, debruçou-se em lágrimas esta semana, à passagem do seu corpo, nas ruas e praças das cidades históricas, enquanto os sinos de sua Arquidiocese badalavam no campanário dos mosteiros, em reverência e homenagem no seu último adeus.

Servo de Cristo e servidor de Sua Palavra, ele foi um lutador pela fé católica e um exemplo de entrega à missão apostólica, de dação ao seu destino de guardião das suas ovelhas e de peregrino da Companhia de Jesus e de Inácio de Loyola.

Nos seus Sermões e Homílias, ministrou também uma permanente lição de santidade.

Numa de suas 14 Epístolas, inseridas no Cânon do Novo Testamento e apresentadas pela Vulgata, São Paulo, o Apóstolo, já recomendava aos Coríntios:

– Travaí o bom combate e sede vitoriosos.

Dom Luciano, fiel aos ensinamentos das Escrituras, travou o bom combate e, nele, com toda a sua discrição e toda a sua modéstia, viveu e triunfou.

ALCEU AMOROSO LIMA

*Apresentação do Acadêmico Tarcísio Padilha**

Alceu Amoroso Lima nasceu na cidade do Rio de Janeiro, no dia 11 de dezembro de 1893. Sua educação fugiu ao formalismo da escola. A um único educador foi confiada a sua formação inicial, ao professor João Kôptcke, que se revelou um educador moderno. Não se limitou o mestre petropolitano a ensinar as primeiras letras a Alceu. Despertou-lhe a curiosidade, a capacidade de admirar a riqueza do real. Lançou em seu espírito sementes de insatisfação; a tendência a descobrir o ser oculto na aparência das coisas. A admiração, esta mola propulsora da ciência e, sobretudo, da sabedoria, instalou-se definitiva e confortavelmente na alma do jovem Alceu, e jamais haverá de abandoná-lo em seus quase noventa anos de profícua e fecunda existência. O despertar para a vida, para o milagre do dia-a-dia, afastou Alceu da educação formal, o que justifica sua confissão de que nunca se sentiu atraído pela rotina escolar. Será um mestre consumado, mas nunca foi ou quis ser um bom aluno. Esta rebeldia contra o convencional, o formal, já entremostrava a primazia que a liberdade irá ocupar em seu espírito. Alceu assim trilhou os primeiros passos de sua vida, penetrou no mundo das letras – que deveria percorrer, ao longo de sua vida, como bem poucos intelectuais do País. O Colégio Pedro II constituiu o segundo patamar de sua educação. E a Faculdade Nacional de Direito completaria o ciclo educacional. O autodidatismo fez o resto.

Ou seja: moldou uma das mais equipadas culturas de nosso panorama, reconhecido por gregos e troianos.

* Proferida nas Efemérides do dia 31 de agosto de 2006.

Aos vinte anos de idade, Alceu havia visitado a Europa quatro vezes. Frequentou o Collège de France, e lá ouviu maravilhado algumas conferências de Henri Bergson, um dos maiores filósofos do século. Talvez daí haja captado, com suas poderosas antenas, a metafísica espiritualista à qual iria aderir mais tarde.

O respeitado polígrafo – igualmente conhecido sob o pseudônimo de Tristão de Athayde – leu milhares de livros, havendo sido mesmo, em alguns casos, o primeiro entre nós a nos pôr em contato com autores do País e do Exterior, depois unanimemente consagrados.

Alceu jamais se considerou um especialista em alguma das múltiplas áreas do conhecimento abrangidas por sua vasta cultura. Timbrou em se definir como um autodidata. Comprazia-se em se afirmar um amador. A assertiva é verdadeira, se analisada a trajetória de Alceu pelos bancos escolares. Vista, porém, na perspectiva de sua concepção global, outra será a conclusão. É certo que suas obras se espriam por quase todos os domínios do conhecimento, nomeadamente na área das ciências humanas e sociais, da Filosofia, da Teologia e da Literatura. São oitenta e cinco livros, milhares de artigos, outro tanto de conferências, que atestam a posição ímpar de Alceu Amoroso Lima como grande intelectual e incontestável líder de sua geração. Para alguns, Alceu é o maior pensador latino-americano. Certamente, o maior pensador cristão do continente abaixo do Rio Grande.

Cuidamos que a amplitude de conhecimentos em Alceu fale menos de uma erudição esclerosada do que de um pensamento sempre em ebulição. Nossa conclusão é que Alceu Amoroso Lima foi um pensador, um filósofo. Não estamos a catalogá-lo no rol dos filósofos sistemáticos. Nada mais longe do intento e da própria evolução intelectual de Alceu do que a adoção de um sistema com um princípio diretor e teses a ele vinculadas por estrita traveção lógica. Não. Alceu foi um filósofo enquanto pensou a realidade na linha de seus fundamentos. Viu-a como problemática e não dogmaticamente. Levantar problemas, inquirir, sondar os meandros de uma realidade fugidia e dinâmica. E visualizá-los em seus diversos ângulos, com predomínio frisante da tríade que o haveria de acompanhar a vida inteira. Para ele, as questões ensejam três aspectos a serem considerados, ou posições opostas a serem superadas por

uma síntese compreensiva. Alceu foi um pensador, e não apenas um crítico das letras, das idéias, num sentido marcadamente profissional e estrito. Sua concepção global está necessariamente presente em suas considerações sobre densos problemas do homem e de seu destino, ao mesmo passo que igualmente emerge no estudo e na análise de questões conjunturais, de momento, mas invariavelmente iluminadas por esta amplitude de compromisso com o universal. Um pensamento pode ser pinçado para melhor caracterizar a visão que Alceu nos apresenta como essencial, conatural ao seu ser de eleição: “o espírito é sempre universal por natureza”. Havendo aderido à filosofia de Jacques Maritain, que lhe serviu de suporte especulativo, Alceu nos acena com o primado do espírito e infere daí a universalidade de sua visão de mundo. Além disso, suas idéias o conduziram, em todos os domínios abarcados por seu saber universal, à totalidade, que é outra categoria filosófica por excelência. Problematicidade e totalidade cifram e configuram o universo filosófico. E Alceu, em ambas as categorias, se adentrou como em terra nativa.

Asseverou Georg Simmel que a filosofia que temos depende do filósofo que somos. A imbricação do homem com a obra se faz particularmente no legado de Alceu. Seu itinerário foi vincado pelo drama de uma conversão religiosa a que não faltaram traços vizinhos da tragédia interior, vivida com a coragem de afrontar a vida e a morte.

O sim haveria de resultar de lento e sofrido processo existencial. Seria o coroamento de uma angústia metafísica que tomou de assalto o seu prodigioso espírito. Mas, por isso mesmo, o sim traduziu e consubstanciou a adesão plena e definitiva à Verdade, ante a qual oscilaram o seu pensamento, a sua vontade e a sua sensibilidade. As potências do eu gereram ante o medo de comprometer-se. Pois sabia o mestre cristão que, como declarou o seu mentor intelectual e espiritual, o saudoso padre jesuíta Leonel Franca, “com o Absoluto não se regateia. Quem não deu tudo, não deu nada”. Daí o adeus à disponibilidade de expressar com meridiana clareza a opção radical. Aquela que assinalará os seus passos em direção ao mais-ser, à morada perene em que se haveriam de aquietar os anseios supremos das mais fundas dobras de sua alma.

Este itinerário penoso e angustiado de sua alma teve o acompanhamento fraterno de Jackson de Figueiredo – fundador do Centro Dom Vital e da revista *A Ordem* – e do padre Leonel Franca – fundador da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Com Jackson, Alceu manteve assídua correspondência, em que dúvidas e quase desespero vincaram sua biografia de forma indelével. De um lado, a firmeza, a certeza de Jackson no relativo à verdade da fé. De outro, o kierkegaardiano Alceu, a sofrer as dores e o traumatismo de uma fé que se insinuava nas dobras de sua alma atribulada. Chegou o instante em que Jackson não mais dispunha do arsenal teológico para solver as dúvidas mais profundas e derradeiras de Alceu. Surge como uma luz na escuridão a figura invulgar do padre Franca. O sábio jesuíta, mercê de seu cabedal excepcional para a época, haveria de oferecer as respostas às perguntas finais de um grande espírito. E assim Alceu dá o passo definitivo. Embarca na grande aventura da vida como doação. Da vida como vigilância do espírito. Da vida como respeito à Verdade. É a conversão. Talvez a mais sofrida, a mais angustiante nos fastos da Igreja no Brasil. Mas, por outro lado, a mais rica em conseqüências para a fé revelada. Pois Alceu passou a significar o refúgio da verdade no turbilhão de vozes desconectadas com o verdadeiro real, o Absoluto.

Com a trágica morte de Jackson de Figueiredo, tragado pelas ondas revoltas da Gruta da Imprensa, em 4 de novembro de 1928, Alceu aceitou o convite para presidir ao Centro Dom Vital e assumiu a direção da revista *A Ordem*. Em sua primeira fase, o mais importante instituto de cultura católica mesclava questões filosóficas e teológicas com análises sobre o cotidiano da política. Alceu rasgou o véu do templo e meteu a ombros a gigantesca tarefa de conferir universalidade à cultura católica. Sua obra bem revela este escopo, pois foram se sucedendo estudos que, em seu conjunto, moldaram uma verdadeira e ambiciosa Summa assistemática, uma visão unitária e não reducionista do saber. Uma fenomenologia paciente a caminhar para uma construção filosófica de caráter global. Esta foi a marca registrada de Alceu, a justificar a tese de que, por detrás do aparente descompasso de seus escritos, nem sempre obedientes a um estilo aprimorado, avulta uma unidade final.

Alceu Amoroso Lima pertence à galeria dos imortais de nossa cultura. Seu alentado e rico opus está à nossa disposição, a fim de que nele aprenda-

mos as lições imorredouras do viver conscientemente a nossa condição humana.

Nas marchas e contramarchas da evolução de seu pensamento emergiu ante nossos olhos atônitos o drama existencial de uma alma ávida de plenitude, sabendo embora que o homem pascalianamente é feito de grandeza e de miséria. Alceu nos legou a mais ampla obra espectral do pensamento cristão e uma das mais densas afirmações da crítica literária de nosso Continente. Como assentiu Josué Montello, “Mestre Alceu sempre escrevia com uma intenção de eternidade”.

Após sua conversão à fé católica, ocorrida em 1928, Alceu ampliará seu leque de irradiação do pensamento e seu caminhar poderá ser colhido da correspondência diária com sua filha, a monja Maria Teresa. O escritor tinha 35 anos quando se processou a sua definitiva adesão ao catolicismo.

Alceu nos conta que sua evolução se deu da idade das formas para a fase das idéias, finalizando pela era do acontecimento. Primeiramente, Alceu foi o crítico literário, que nos legou alentados volumes que não deixaram de considerar, de maneira original, as obras mais relevantes de nossa literatura. Sua crítica foi construtiva e isenta, profunda e sempre renovada.

Foi um descobridor de talentos. Tinha uma fina sensibilidade para captar valores novos, que invariavelmente estimulou, com a generosidade própria dos espíritos superiores. Daí por que sua crítica granjeou tantos admiradores. É que o aureolado mestre soube manter-se equidistante dos extremos do louvor excessivo e gratuito e da contundência exagerada dos críticos que não suportam o confronto com autores dos quais nos dão notícia e que, por vezes, os suplantam pela originalidade de seus escritos. Alceu era diferente. Timbrava em analisar com isenção e objetividade autores e obras, com o único propósito de fazer crítica literária séria, sem incidir num subjetivismo escorregadio.

Depois, sobreveio o período da análise e crítica das idéias, em que os mais diversos ramos do conhecimento se viram subitamente vasculhados em todos os seus escaninhos, com surpreendente competência. Filosofia, Teologia, Direito, Economia, História, Política e outros campos do saber receberam

primoroso tratamento nas dezenas de obras e milhares de artigos e conferências que nos legou.

Finalmente, emerge o Alceu voltado para a conjuntura, especialmente a partir de 1964, como crítico do regime militar então instaurado. Nele se depositaram a confiança e a esperança de muitos, pois seus escritos resistiram a pressões e traduziram as restrições ao arbítrio.

Uma vida com três ênfases distintas: a crítica literária, a crítica das idéias e a era dos acontecimentos. Sucederam-se sim, mas também se interpenetraram, a evidenciar o sinete da unidade que permeou a caminhada de Alceu. Uma vida em três vidas bem vividas. Abertas à divergência. À procura da verdade nas densas nuvens da história humana.

O ilustre pensador sorveu a relatividade dos acontecimentos com olhos postos no duradouro, quando não no eterno. Parecia sempre querer inflectir na ação o mais profundo do seu ser, a explicitar o transbordamento de sua alma na vivência dos valores esposados e intensamente vividos.

Em síntese, diríamos que Alceu se afirmou através de um intelectualismo lícido, de um espírito libertário e de uma visão da realidade na forma triádica. Não surpreende que haja vivido três vidas em uma, nem que a Trindade divina nele encontrasse uma acolhida tão profunda.

É patente a guinada de Alceu da adolescência à velhice. Ao contrário do que se verifica usualmente, o saudoso acadêmico costumava dizer: “... Eu fui muito moderado na juventude e estou morrendo incendiário”, conquanto a jovialidade haja sido um traço marcante e insinuante de sua rica personalidade. Daí o seu enorme prestígio junto aos jovens.

Alceu Amoroso Lima morreu no dia 14 de agosto de 1983, em Petrópolis, cercado pelo carinho dos seus e pelo conforto espiritual da Igreja. Deixou-nos um legado: sua vida exemplar e suas obras repassadas de ensinamentos. E um continuador: Cândido Mendes que, em boa hora, fundou o Centro Alceu Amoroso Lima para a Liberdade a fim de aprofundar suas idéias e lhe perpetuar a memória.

A vida de Alceu Amoroso Lima não foi linear. Não foi marcada por um itinerário geométrico, com script previamente delimitado. Há uma dinâmica

em seu percurso, a evidenciar o quanto o escritor se ajustou ao seu tempo, evoluindo em obediência ao enriquecimento crescente de seu convívio com os seus contemporâneos, neste permanente anseio de convivência intelectual e de constante desejo de assimilar a personalidade do outro, mercê de aguçada sensibilidade. Nele não encontramos o racionalista frio. Detectamos facilmente em sua obra uma paixão sadia da inteligência, sem os arroubos apologéticos tão comuns nos críticos ensimesmados.

SESSÃO DO DIA 06 DE SETEMBRO DE 2006

Sob a presidência do Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça, estiveram presentes os Acadêmicos: Cícero Sandroni, Secretário-Geral; Ana Maria Machado, Primeira-Secretária; José Murilo de Carvalho, Segundo-Secretário; Antonio Carlos Secchin, Tesoureiro; Murilo Melo Filho, Diretor da Biblioteca; Sergio Paulo Rouanet, Diretor do Arquivo; Eduardo Portella, Diretor dos *Anais da Academia Brasileira de Letras*; Affonso Arinos de Mello Franco, Alberto Venancio Filho, Antonio Olinto, Arnaldo Niskier, Domício Proença Filho, Evanildo Cavalcante Bechara, Pe. Fernando Bastos de Ávila, Helio Jaguaribe, Ivan Junqueira, Lêdo Ivo, Moacyr Scliar, Nélide Piñon, Nelson Pereira dos Santos e Tarcísio Padilha.

- Ao dar início à sessão, o Presidente Marcos Vinícios Vilaça colocou em discussão a ata da sessão do dia 31 de agosto de 2006. Não havendo nenhuma manifestação do plenário, foi aprovada. Pediu uma salva de palmas aos aniversariantes do mês de setembro, Acadêmicos José Mindlin, dia 7, e José Murilo de Carvalho, no dia 8. Deu ciência ao plenário que o Acadêmico Carlos Heitor Cony submeteu-se a uma angioplastia. Superou a crise e voltará para casa rapidamente. Disse também que o Acadêmico Carlos Nejar submeteu-se a uma cirurgia e desejou-lhe sucesso. Disse que representou a Casa nas festividades do centenário de Dulce Chacon, a segunda mulher a integrar uma Academia de Letras. Falou que esteve no Arquivo da Academia verificando como se processa o dia-a-dia desse

setor e a parte do Centro de Memória como um todo. Está sendo operado com dedicação e competência. Pediu aos Acadêmicos que prestigiem o Centro de Memória e o Arquivo enviando documentos de seus arquivos pessoais. Ainda sobre o Arquivo, disse que está preocupado com as fotos enviadas em CD, porque algumas estão desaparecendo com o tempo. Determinou ao Arquivo buscar parceria junto ao Instituto Moreira Sales para encontrar uma boa fotografia da Acadêmica Rachel de Queiroz, a primeira mulher a integrar a Academia Brasileira de Letras. A respeito da matéria do *Caderno Idéias*, do dia 9 de setembro, dedicado à Academia Brasileira de Letras, disse que a direção do *Jornal do Brasil* tem recebido cumprimentos positivos e que a matéria está também registrada no Portal da ABL. Convidou a todos os Acadêmicos para o ato de incorporação no acervo da ABL do retrato do Acadêmico Mauro Mota, dia 14 de setembro, às 15 horas. O orador será o Acadêmico Eduardo Portella. Disse que na próxima semana, o sistema de segurança da Academia estará reforçado com mais pessoal e, ao mesmo tempo, a instalação de equipamento detector por sistema a laser. Registrou que o Acadêmico Lêdo Ivo passou para o arquivo da Casa uma foto, ao lado Manuel Bandeira, quando de sua vinda à Academia como repórter. Por proposta da Comissão do Município, que cuida da organização da comemoração do centenário da Morte de Machado de Assis, foi apresentada a conveniência de que as duas Comissões tenham interfaces mais profundas para evitar a superposição de comemorações. Passando assim a ser constituída: Acadêmicos Eduardo Portella, Alberto da Costa e Silva, Alfredo Bosi, Antonio Carlos Secchin, Domício Proença Filho, Antonio Olinto e Sergio Paulo Rouanet.

- O Acadêmico Cícero Sandroni pediu a inclusão nos *Anais da Academia Brasileira de Letras* do artigo que o Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco publicou no *Jornal do Brasil* de hoje, dia 6 de setembro, sobre o Acadêmico Antônio Houaiss. Uma memória importante da figura exponencial da vida acadêmica e da vida nacional. Um resumo não só da sua trajetória no Itamaraty como diplomata, mas também da sua vida de intelectual que deu tanto ao Brasil, não só na tradução de *Ulisses* como também na elaboração de várias enciclopédias e no trabalho realizado aqui na Academia Brasileira de Letras.

- O Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco agradeceu ao Acadêmico Cícero Sandroni a generosa interpretação do seu artigo.
- O Acadêmico Murilo Melo Filho registrou que representou a Academia Brasileira de Letras na solenidade de assinatura, pelos Ministros Gilberto Gil, da Cultura, e Fernando Haddad, da Educação, de um convênio das duas pastas para intensificar a colaboração nas áreas literária e educacional.
- O Acadêmico José Murilo de Carvalho solicitou que seja transcrito nos *Anais da Academia Brasileira de Letras* o discurso pronunciado pelo Conselheiro João Manuel Pereira da Silva por ocasião de fundar-se a Associação dos Homens de Letras no Brasil. (O texto lido será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.)
- O Acadêmico Moacyr Scliar disse ser portador de um convite da Professora Tânia Roesing, coordenadora das Jornadas Literárias de Passo Fundo. Em 2005 a Academia esteve representada nas jornadas por um grupo de Acadêmicos. A Jornada espera contar novamente com a presença da Academia Brasileira de Letras em Passo Fundo. O convite é para que oito Acadêmicos estejam presentes, a cada dia dois falarão sobre um tema.
- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça pediu que o Acadêmico Moacyr Scliar o informasse sobre a data da Jornada para facilitar a agenda de cada Acadêmico.
- O Acadêmico Arnaldo Niskier registrou que neste fim de semana uma delegação da Academia Brasileira de Letras, não oficialmente, apresentou-se no Colégio Decisivo, de Curitiba, na leitura de clássicos da nossa literatura. Lá estiveram os Acadêmicos Cícero Sandroni, Arnaldo Niskier e as Acadêmicas Nélida Piñon e Lygia Fagundes Telles. Cada palestrante abordou dois autores da literatura brasileira. Destacou o interesse demonstrado por mil e quinhentos jovens reunidos no auditório da Embratel. Disse que foi um momento importante para a Academia no desejo do Presidente Marcos Vinícios Vilaça de que ela não se restrinja aos seus limites territoriais no Rio de Janeiro.
- O Acadêmico Antonio Carlos Secchin registrou que participou, na USP, no dia 22 de agosto, da Jornada Literatura e Resistência, em homenagem

aos setenta anos do Acadêmico Alfredo Bosi, e que também representava, infelizmente, para a Universidade brasileira a aposentadoria do mestre. Disse que foi uma jornada memorável de reflexão sobre a cultura e a literatura.

- No capítulo das Efemérides o Acadêmico Lêdo Ivo fez uma bela apresentação sobre Augusto Frederico Schmidt, um dos grandes poetas do modernismo. (O texto lido será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.)
- O Acadêmico Helio Jaguaribe agregou algumas palavras sobre Augusto Frederico Schmidt. Disse que foi o homem que abriu as portas para a possibilidade de sua carreira, quando na situação difícil do jovem que sai da Universidade e precisa de um espaço para se realizar. Esse espaço Augusto Frederico Schmidt abriu para ele e toda uma geração de que fazem parte José Paulo Moreira da Fonseca e várias outras figuras eminentes. Schmidt tinha a preocupação de identificar talentos jovens, e de uma maneira absolutamente singular os promovia. Foi um homem que combinou de uma forma muito interessante, o enorme brasileiro com enorme cosmopolitismo. Finalizando, aplaudiu o excelente trabalho do Acadêmico Lêdo Ivo.
- O Acadêmico Antonio Carlos Secchin fez um adendo ao abordar outra faceta de Augusto Frederico Schmidt. Disse que Augusto Frederico Schmidt, assinalado como o autor prolífico, do verso largo, da dicção mais distensa, foi o primeiro editor de Graciliano Ramos, com o livro *Caetés*, de 1933, e *de Casa-Grande e Senzala*, de Gilberto Freyre. Enfatizou a edição de *O Engenheiro*, de 1945, de João Cabral de Melo Neto, poeta que se situa no avesso da dicção schmidtiana. Corre o folclore que quando Schmidt se dispôs a publicar *O Engenheiro* teria dito a João Cabral de Melo Neto: “sua poesia vai fazer um grande mal a minha, mas é muito boa, por isso vou editá-la.”
- O Acadêmico Sergio Paulo Rouanet salientou o aspecto diplomático de Augusto Frederico Schmidt e deu o depoimento de um jovem que era terceiro-secretário, no Governo JK, e que estava servindo em Washington. Lembrou a emoção que os jovens diplomatas sentiram, ouvindo o discurs-

so de Juscelino Kubitschek, redigido por um *ghost writer* muito ilustre chamado Augusto Frederico Schmidt, que usava frases que os encantava.

- O Acadêmico Cícero Sandroni lembrou que era repórter de *O Globo* à época em que Augusto Frederico Schmidt chefiou a delegação brasileira na Reunião da ONU, em Nova York e lutava pelo sucesso da Operação Pan-americana lançada por JK. Em entrevista concedida por Schmidt a ele e publicada pelo jornal *O Globo*, a manchete reproduzia uma declaração do poeta que dizia “Os Estados Unidos estão mais longe da América Latina do que da Lua.”
- Nada mais havendo a tratar, o Presidente Marcos Vinícios Vilaça deu por encerrada a sessão.

LEMBRANÇA DE ANTÔNIO HOUAISS

Affonso Arinos Mello Filho*

Fui amigo de Antônio Houaiss desde meados dos anos 50, quando ele retornou do exterior ao Itamaraty para defender-se, com quatro outros colegas, em processo de opinião desencadeado pela delação torpe de um companheiro, e o puseram em disponibilidade não-remunerada, pena inexistente na lei brasileira. Defendido por Evandro Lins e Silva, e reintegrado no exercício da profissão pelo Supremo Tribunal Federal, a injustiça e o arbítrio se abateriam novamente sobre Houaiss, passada uma década. Em princípio dos anos 60, ele viera a ser, na Assembléia Geral das Nações Unidas, conforme testemunho de Afonso Arinos, então chefe da Delegação do Brasil, o colaborador mais competente e de maior espírito público que Afonso jamais tivera.

Antônio representava a Delegação na Comissão de Territórios Não-Autônomos, e, ali, coube-lhe exprimir a posição oficial do nosso governo, contrária, pela primeira vez, ao colonialismo lusitano. Então pouco propenso a expansões sentimentais, Houaiss proferiu, talvez, o único discurso emocional da sua vida, ao declarar-se orgulhoso por votar contra aquela política. Incorreu, assim, no rancor profundo das direitas portuguesa e brasileira entre nós e, após a insurreição militar de 1964, foi demitido pelo delito de haver cumprido instruções recebidas dos seus chefes no Ministério das Relações Exteriores.

Não me recordo de haver conhecido servidor mais dedicado a encarar e defender como próprios os interesses da coletividade do que Antônio Houaiss. Mais que isso: o amigo incomparável, a instruir, como professor,

* Artigo publicado no *Jornal do Brasil* do dia 6 de setembro de 2006.

discípulos com os quais se iria medir, em concurso, horas depois; o colega prestativo, sempre pronto a ajudar e estimular o outro; o servidor exemplar, que consolidaria as instruções de serviço do Itamaraty em Manual indispensável a gerações sucessivas de funcionários; o tradutor exímio do intraduzível *Ulisses*; o grande dicionarista e enciclopedista do *Appleton*, da *Delta Larousse*, da *Barsa*, da *Mirador Internacional* (desta enciclopédia, lera, revira e corrigira todos os verbetes), do *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*; o principal impulsionador dos esforços internacionais para a unificação do nosso idioma; o excelente ministro da Cultura.

Após haver assessorado Afonso Arinos na ONU, este, a seu convite recepcionou-o na Academia Brasileira de Letras. Antes, quando Jânio Quadros convidou Afonso a publicarem a alentada *História do Povo Brasileiro*, Arinos pediu a colaboração de Antônio Houaiss e de Francisco de Assis Barbosa para escreverem juntos a fase pós-independência.

O grande dicionário que Houaiss sonhou, planejou, organizou, preparava e levaria o seu nome, mas não chegou a concluir, foi ultimado pelo sobrinho afim, Mauro Vilar, e por meu irmão Francisco de Melo Franco no Instituto Antônio Houaiss. Este se instalara em casas geminadas que me pertenciam, e a minha esposa. Numa dessas casas, Antônio colocou seu computador. Ali trabalhava até ser internado no hospital de onde não saíria vivo.

Antes, Houaiss me escrevera para a Holanda, onde eu servia como embaixador: “Neste fim de vida saudável relativamente, espanto-me comigo mesmo: perdi Ruth – sem par – e quase que em condições iguais – perdi minha irmã, exatamente há um mês. Foi-me companheira perfeita, nos três anos que conviveu comigo – ambas me nutrem de saudade boa, e amparo-me no meu trabalho (algo patológico, pois varo horas e horas por dia debruçado nos meus verbetes e alguns estudos paralelos).”

No fim da vida, ele já viúvo da sua querida Ruth, almoçávamos, às vezes, em restaurante situado na torre remanescente do Mercado Municipal voltado para a vista da Baía de Guanabara. O meu amigo *gourmet*, cauteloso com a própria dieta, pedia, invariavelmente, cherne grelhado com palmito, acompanhado de um vinho branco muito leve, oriundo das margens do São Francisco, na Bahia. Até então, não me lembra tê-lo visto preocupado com o

transcendente. Um dia, porém, ao dizer-me que passava por fase pós-agnóstica e pré-cristã, completaria:

“Acho que estou ficando místico”. “Por quê, Antônio?” Indicou a cadeira desocupada em nossa mesa: “Ruth está ali”. Inadvertidamente, começava a rondar o mistério da comunhão dos santos.

No decorrer da sua travessia fecunda, creio que a primeira virtude de Antônio Houaiss a saltar aos olhos foi a da esperança. E a esperança, sempre renovada, nas melhores qualidades do ser humano, conduziu-o, naturalmente, à caridade para com o próximo. Sua obra da vida inteira – enorme, sofrida, tantas vezes impessoal, de quem escolheu omitir a si mesmo em benefício do próximo, faz resplender a fé fraterna. E não se pode crer na criatura a este ponto sem que a elevação espiritual para isso necessária, consciente ou não, roce as fímbrias do Criador.

A Antônio Houaiss, ninguém precisará indagar sobre o que fez dos seus talentos.

ASSOCIAÇÃO DOS HOMENS DE LETRAS NO BRAZIL

*Palavras do Acadêmico José Murilo de Carvalho**

Senhoras e Senhores

Comprehendíamos, de ha muito, a necessidade de fundar no Brazil uma associação composta exclusivamente de homens de letras, arrancando-os por este feitiço á dispersão e isolamento, em que viviam, congregando-lhes os deveres e direitos no intuito de que uma classe tão respeitavel, como ella o é nas sociedades modernas, exercesse o influxo e adquirisse o prestigio, que competem a todos os representantes da intelligenciã. Tratávamos de traçar-lhe os lineamentos, assentar-lhe os alicerces, e levantar-lhe o edificio, quando uma circumstancia feliz inspirou-nos o pensamento de realizar quanto antes o nosso proposito.

Chegou ao Rio de Janeiro um hospede illustre, o Sr. Vicente G. Quesada, acompanhado por seu digno filho, o Sr. Ernesto Quesada, ambos cidadãos da Republica Argentina, dedicados ambos ao cultivo das letras.

Si a razão sanzouada pelo estudo aturado inspirou ao Sr. Vicente G. Quesada obras de importancia historica e politica, como a do vice-reinado do Rio da Prata, a da Patagonia, e as relativas ás differentes questões de limites de sua patria, e ao exame das bibliothecas Européas e Americanas; na primavera ainda da vida, estreou o Sr. Ernesto Quesada vôos de fantasia e apreciações

* Proferidas na sessão do dia 6 de setembro de 2006. (Discurso pronunciado pelo Conselheiro João Manuel Pereira da Silva por ocasião de fundar-se a Associação dos Homens de Letras no Brazil. Rio de Janeiro, Typografia Nacional, 1883.)

de critica, desfolhando flores, e amenisando os sentidos, ao tratar das litteraturas latina e allemã, e ao apreciar os vultos immortaes de Persio e Goethe.

Como diplomata, o primeiro acreditou-se perante o governo imperial, e como politico procura conhecer a situação e recursos do Brazil; como amigos, ambos solicitam nossas intimas relações e como litteratos aneiam descobrir a importancia de nossa acção intellectual, a parte que nos cabe nos progressos das lettras, das sciencias e das artes, que, posto não tenham patria particular e se considerem justamente cosmopolitas, corôam, todavia, a cupola do paiz que as aprecia e fomenta, com loiros gloriosos, que, adiantando sua civilisação, enobrecem-lhe o nome e garantem-lhe a autonomia.

Que momento mais auspicioso para installar nossa tão almejada associação? Acolhemos, ao organizal-a, dous dilectos e distinctissimos confrades, como nós nascidos no solo americano, hoje geralmente bafejado pela aura da liberdade; descendentes, como nós, dos povos europeus, que representaram papeis grandiosos na historia do mundo, pelos seus feitos guerreiros e cavalleirosos, sua litteratura vasta e admiravel, suas espantosas navegações, conquistas e colonias, e seu patriotismo acrysolado, que lhes conservarão eterna nomeada.

Legaram Inglaterra, Portugal e Hespanha ás colonias que plantaram na America, e que ao principiar do seculo XIX, se constituíram nações independentes, quebrando todos os laços políticos que as manietavam ás metropoles Europeas, tradições honrosas, historia repassada de façanhas heroicas, idiomas aperfeiçoados, religião sublime, patriotismo apurado.

É nosso dever accrescentar-lhes brilho e primores.

Quem sabe si a Providencia Divina não reserva um dia á America substituir a Europa na importancia e fulgor que parece ser ainda hoje sua quasi exclusiva propriedade, caso raiem nos horizontes nebulosos cataclismas politicos e sociaes, que como á Grecia, a Roma, e a possantes nações antigas, trouxeram a decadencia, ruina e desaparecimento!

Caracterisa especialmente as sociedades modernas o pensamento de estabelecer e propagar associações scientificas, artisticas, litterarias. Não basta a cópia de obreiros, é mister sua união, porque as associações são machinas, que

sem quebrar-lhes a independencia, lh'as fertilisam, auxiliando com evoluções poderosas os raptos isolados, que não dispoem da mesma energica expansão. O vigor e robustez do tronco alimentam e estendem os ramos viçosos para produzirem flores mais odoríferas e fructos mais saborosos. Inspire-as sempre a musa, que reside no intimo do sentimento, no fundo da consciencia, porque então não será sómente uma profissão a dos homens de letras; elevar se-ha á altura de um sacerdocio!

Não vivem os homens, não vivem as nações, unicamente de gozos materiaes, de riquezas do solo, de thesouros da natureza, de commodos faceis e agradaveis. Para firmar-se, engrandecer-se e encarar confiada e magestosamente o porvir, carece, é verdade, uma nação de ser agricola, commerciante, industrial, activa, trabalhadora, infatigavel.

Não lhe basta, todavia, esta essencia fecunda de prosperidades. E-lhe indispensavel respirar e promover a vida espiritual, que é a mais delicada e nobre missão, que recebeu da magnificencia do Creador do Universo. Deve acompanhar seus progressos phisicos a cultura das sciencias, artes e letras, que são a inteligencia, a alma, o pharol, a bussola, a verdadeira força, portanto, para garantir a existencia sabia e honrada dos povos, e para adiantar-lhes os progressos, a que lhe compete attingir, na sua marcha singular e glorioso destino.

O que é uma sociedade sem estabelecimentos scientificos, sem lyceus litterarios, sem academias artisticas, sem escola de instrucção, sem museus, observatorios, associações e cópia de profissionaes que lhe centuplicam os recursos e a nobilitam, honram e gloriam?

Nas nações civilisadas da velha Europa os homens exclusivamente devotados ao campo aprazivel e aos horizontes serenos e brilhantes das letras, dispoem já de associações publicas e particulares que espalham o gosto do bom, do bello e do sublime e affeiçoam e prendem a gratidão dos povos.

As novas nações da America, que iniciam vida propria e possuem igualmente os materiaes necessarios para lhes seguirem o exemplo, e poderem com ellas ainda ahi disputar competencias, se têm infelizmente descurado de tão salutaes instituções.

Por isso talvez ignore a Europa, que homens de letras e preciosos contam as diversas nações americanas, habilitados a desafiar seus mais formosos paladinos. Não enriquecem a moderna historia litteraria dos Estados Unidos da America do Norte os nomes de Prescott, Bancrofti, Longfellow, Mottley, Irving, Wheaton, Maury? Não fulguram nos céos do Mexico, de Venezuela, de Columbia, do Perú, do Equador, do Chile, da Bolivia e do Uruguay, — Pesadas, Lozano, Arboledo, Bello, Figuerôa, Berro, Lafuente, Banalt e Blast Gânas? Não aponta com orgulho a Republica Argentina a existencia de — Marmol, Ascabusi, Florencio, Balcarce, Alsina, Echeverria, Guthierres, Domingues, Sarmiento, Alberdi, Mitre, Florencio Varella, e porque, vossa presença, Sr. Vicente Quesada, me ha de impor silencio? Seria faltar á justiça não incluir-vos no numero de vultos gloriosos, que honram a historia litteraria de Buenos-Ayres.

Não farei senão uma consideração relativamente ao Brazil, já nos tempos coloniaes primou com numerosos e ilustres litteratos, que hombream e se confundem com os portuguezes na historia commum.

Constrange-me, porém, diante dos talentos selectos que iluminam em tão extensa cópia os seus horisontes, e muitos dos quaes aqui diviso com prazer intenso, repetir o nome dos contemporaneos e tecer seus louvores. Como os demais escriptores americanos perdem-se, todavia os brazileiros no espaço quaes constellações apenas agradaveis e luminosas.

É tempo, pois de acordar, e de installar como hoje deliberamos installar nesta festa litteraria, a Associação dos Homens de Letras do Brazil, e vossa presença, Sr. Quesada, nos lisongea extremamente.

Guardando na memoria o espetaculo á que vos dignastes de assistir, desejados que quando voltardes á vossa patria querida, o reconteis a vossos concidadãos para que se convensam de que no Brazil encontram confrades e amigos, que prezam os laços intimos que apertam os corações de americanos vizinhos, que se devem estimar como irmãos, animados pelo mesmo glorioso pensamento de legar ao futuro uma reputação de honra.

Nossos dous paizes passaram de colonias a nações independentes. Ambos os povos regem-se pelas mesmas leis modernas da igualdade e da liberdade, embora lhes distinga as instituições a existencia de um poder hereditano, ou

de eleição, para a suprema directoria dos negocios publicos. A base do edificio porém é identica, e as liberdades publicas e privadas igualmente se firmam em garantias sufficientes para que a opinião publica se faça ouvir e servir aos conselhos superiores da nação.

Não são as desconfianças, os ciumes, os preconceitos, as guerras, que nos hão de trazer a felicidade publica. Com os factos memoraveis de nossas emancipações politicas e sociaes, esquecemos, desprezamos, condemnamos prejuizos e ambições das metropoles. A paz, o trabalho, os progressos da instrução, as communicações e relações de boa e firme e confiada amizade, nos levarão a marchar para o florescimento, grandeza e civilização de nossas patrias communs, mais rapida e acertadamente, que velhos odios herdados, que perderão a razão de ser e os elementos de medrar.

Ao terminar, Senhor, e ao installar a Associação dos Homens de Lettras do Brazil — permitta, Vossa Magestade Imperial, que nos fez a fina e primorosa honra de seu comparecimento a uma festa toda particular, que eu, em nome de meus companheiros de trabalho, agradeça a Vossa Magestade Imperial tão peculiar condescendencia. Mais um titulo conquista Vossa Magestade Imperial á gratidão dos brazileiros e a nova associação reputa-se feliz e gloriosa de acolher em seu seio um dos Monarchas mais illustros e patriotas.

AUGUSTO FREDERICO SCHMIDT

*Palavras do Acadêmico Lêdo Ivo**

Neste tempo em que a poesia se converteu em uma atividade clandestina, com os poetas enxotados de sua posição clássica na sociedade – em que documenta o estabelecimento de uma nova barbárie – tenho o dever de evocar, nesta Casa, a figura e a obra de Augusto Frederico Schmidt.

É o centenário do seu nascimento, que neste tempo de miséria está transcorrendo num silêncio quase religioso.

Augusto Frederico Schmidt nasceu em 18 de abril de 1902, no Rio de Janeiro, e morreu em 8 de fevereiro de 1965, aos 63 anos de idade.

Estou em supor que, se ele tivesse vivido mais alguns anos, certamente, ou fatalmente, teria sido um dos nossos.

De Augusto Frederico Schmidt deve-se dizer, preambularmente, que foi um dos grandes poetas do Modernismo – e, nessa condição, o menos modernista dos grandes poetas daquele estrepitoso movimento literário.

Embora tivesse estreado, em 1928, com o *Canto do Brasileiro* – em que pregava “O Brasil de enxada na mão” foi também o menos brasileiro dos seus êmulos, precisamente se levarmos na devida conta o sentimento nativista de sua geração, porfiada em cultivar uma nota cívica que, ostensiva e cosmética, chega a raiar pelo exótico, como se os poetas que celebravam a Pátria fossem na verdade turistas armados de kodaks – e não seria sem razão que uma de

* Proferida nas Efemérides do dia 6 de setembro de 2006.

suas bíblias poéticas foi o *Kodak* de Blaise Cendrars, que os ensinou a captar a exuberante e ensolarada natureza tropical.

Após o primeiro momento de afirmação, e também de comovido desabafo, Augusto Frederico Schmidt se impõe e se expande pela prática de uma poesia que nada contra a corrente – uma poesia oratória e grandiloqüente escrita num tempo em que os poetas se aplicavam em registros coloquiais; uma poesia que, fugindo às exterioridades pitorescas e à berrante cor local, alcança as paragens bucólicas e idílicas que na realidade correspondem aos panoramas do Romantismo; uma poesia que, repudiando a objetividade e a alteridade, e ainda a ironia e a reflexão social, se esmera no cultivo e na exaltação de um eu patético e quase sempre lamurioso; uma poesia que excele em valorizar o lado espiritual do homem e a descotidianizar a vida, reduzindo-a a idealidades e essencialidades; uma poesia que, refletindo a hereditariedade do poeta (um judeu católico), será vazada num tom profético, com a utilização freqüente do tempo verbal futuro e de um verso longo assemelhado aos versículos bíblicos.

Enfim, a poesia de um poeta diferente, de um verdadeiro caso poético que, no coração do Modernismo, plantou o estandarte estridente do antimoderno – e talvez nessa posição resida a sua capacidade de engastar-se na temporalidade e na contemporaneidade através da recusa e de insubmissão aos padrões então erigidos em escola ou receituário.

Uma avaliação dos seus processos retóricos nos conduz à evidência de uma monotonia rítmica, uma mesmice lírica, que contrasta com a variedade formal e a complexidade psicológica e existencial de um Bandeira ou um Drummond. Cada um dos poemas de Augusto Frederico Schmidt tem uma descendência, como se o poeta se afavorasse em espalhar uma flórida parentela para os seus filhos espirituais. Ele é um desses poetas que estimam parodiar-se a si mesmo – em grande parte, os seus poemas são repetições, imitações e glosas dos poemas de Augusto Frederico Schmidt, de um núcleo de sentimentos, imagens e aspirações que encontram em *Canto da Noite* (1934) e *Estrela Solitária* (1940) os seus abrigos mais sólidos. Os mesmos temas perseguem pertinazmente a sua obra, ora cantados num embalador verso longo, ora em vivazes versos curtos à maneira dos românticos: o fluir do tempo, o

rodízio das estações, a fugacidade das coisas, o mistério da solidão individual, a marcha das existências humanas para a morte, as paisagens, o amor.

Embora, em sua bem-sucedida trajetória como homem de negócios e cidadão influente, Augusto Frederico Schmidt tenha sido um dos mais vistosos convivas do banquete da vida, atrelando-se inclusive a projetos políticos e econômicos de alto coturno, em sua vida poética ele se distinguia pela atemporalidade e absenteísmo. Hospedado num grande hotel em Nova Iorque, sentado no banco de um parque parisiense ou procurando ajeitar o seu grande corpo gordo nas poltronas dos aviões transoceânicos ou nas cabinas dos navios que alongavam o seu prazer de viagem e sua vocação para as partidas patéticas, ele não se pejava em proclamar, em versos contrariados e pungentes, a sua outra vida, essa vida ausente de si mesmo que foi a sua contumaz preocupação. O transeunte das grandes metrópoles, habituado ao rumor urbano e ao mundo do dinheiro e da competição selvagem, falava então de flores e faunas que o aproximavam dos românticos Casimiro de Abreu e Fagundes Varela, ou dos parnasianos Alberto de Oliveira e Olavo Bilac, e o distanciavam de seus comparsas modernistas, que tanto falavam mal dele pelas costas, e o censuravam por entrar de forma tão vagarosa e imponente nos palácios presidenciais e ministérios.

Nessa dicção sob o signo da ênfase e da amplificação, da reiteração e da confessionalidade, a temática amorosa se destaca pela sua persistência. É Augusto Frederico Schmidt um dos grandes poetas de amor de nossa língua. As cores frias de seu lirismo hiperbólico, que se exprime preferentemente pelo queixume insistente e alargada nota triste, adquirem especial relevo nos versos amorosos, feridos pela evidência do fetichismo sexual (a obsessão pelos pés femininos, “iguais às mãos”, pelos seios e pelos vestidos que são as indumentárias repressoras da beleza e das cópulas.)

Poeta confessional, procura congeminar a sua sinceridade humana à sinceridade artística. Mas essa confissão se faz num clima furtivo, de meios-tons, com o recurso a velhas imagens e tropos. As experiências pessoais são mascaradas ou se transfundem com as experiências imaginárias e as ressonâncias de leitura desse lírico que amava e pagava com lágrimas as estrofes inflamadas de Lamartine e Musset e desse Péguy que ele gostava de recitar com a sua voz

solene e quase soturna. A invocação a um evanescente elenco de bem-amadas desaparecidas, como a mitológica Luciana, sublinha o seu propósito de proceder a um resgate metafórico dos dias sumidos e perdidos. E, nesse desfile encantatório, sucedem-se as referências a uma vida descotidianizada, desprovida de seus semáforos ideológicos e materiais, e habitada por seres etéreos como as moças mortas e não tocadas pela verdade sexual da vida. A virgindade feminina ocupa, no lirismo de Augusto Frederico Schmidt, um lugar preclaro, é o mistério dos frutos imaturos, de um evasivo universo de inocência.

*A porta aberta está.
Rubro é o vestido.
Vem sem meias, Senhor!
Cantá-la, como poderei?*

Versos surpreendentes como estes proporcionam ao leitor a sensação de que está abrindo uma janela para o sol e para uma outra vida.

– Há muita sensualidade escondida nos meus poemas – confidenciou-me Schmidt, numa manhã em que o visitei, e era precisamente a de seu cinqüentenário de nascimento.

O leitor que se propuser a essa procura haverá de encontrar momentos culminantes em que o mascaramento da realidade física dos corpos se rompe, e o verso longo e respiratório do poeta levanta vôo como um pássaro:

*Seios túmidos, reais, seios mornos, pequenos,
Seios de sal e espuma, amargos e infinitos,
Seios para os grandes saltos solitários!*

Faltava-lhe o senso do poema como um objeto verbal acabado, uma construção terminada Schmidt se derramava nos seus versos e poemas; e os seus versos e poemas se derramavam nele, no largo espaço de seu corpo gordo e de sua alma talvez patética. Primando pelo excesso, acumulou-o a demasia afortunada. A inaptidão para uma poesia construída se evidencia também nos seus sonetos: formas pálidas de um poeta avesso à contenção, embora atento ao agenciamento sutil das palavras e sonoridades, grave e musical, e perdulário na

exibição de seus dons evocativos; vasos que se partem, impossibilitados de conter a água torrencial de uma fonte invisível.

Todavia, como a criação poética é o reino das surpresas e contradições e do conúbio dos extremos, poucos poemas existem em nossa língua tão construídos como “Os príncipes” ou “O pássaro”.

A estas duas criações antológicas, de um autor que sempre ganha no jogo das seleções que o enxugam e o erigem em exemplo, merece ser acrescentada a “Revelação da lua” – ladainha comparável ao “Plenilúnio”, de Raymundo Corrêa, prova convincente de um lirismo que se nutre de sua própria e substancial eloqüência. Nesse sentido, e como de resto em toda a obra de Schmidt, essa litania, com a sua alta e branca lunaridade, responde às objurgatórias dos que, receitando a medicina caseira da dicção coloquial ou proclamando a superioridade de uma visão homeopática do poema, condenam a eloqüência e pregam a sua expulsão sumária do universo poético – embora ela, a eloqüência, seja uma das figuras preclaras da Retórica, de uso difícil e privilegiado, e só admissível nos poetas dotados de grande autonomia de vôo.

Nessa linha de acabamento de comparação, que caracterizaria não os poemas apreciados isoladamente, mas toda a poesia armazenada numa determinada obra, o *Canto da Noite* e *Estrela Solitária* ocupam lugares consulares na poesia brasileira. O primeiro, com a sua dedicatória lapidar (“A Yedda, para que a poesia torne à sua origem”) é um luminoso canto de amor; e o segundo marca, esbanjadoramente, a madureza conjugada das demasias e economias de uma poesia sedutora e embaladora. E também enganadora, o que aumenta ainda mais os seus profusos méritos.

SESSÃO DO DIA 14 DE SETEMBRO DE 2006

Sob a presidência do Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça, estiveram presentes os Acadêmicos: Cícero Sandroni, Secretário-Geral; Ana Maria Machado, Primeira-Secretária; José Murilo de Carvalho, Segundo-Secretário; Antonio Carlos Secchin, Tesoureiro; Murilo Melo Filho, Diretor da Biblioteca; Sergio Paulo Rouanet, Diretor do Arquivo; Eduardo Portella, Diretor dos *Anais da Academia Brasileira de Letras*; Affonso Arinos de Mello Franco, Alberto da Costa e Silva, Alberto Venancio Filho, Antonio Olinto, Arnaldo Niskier, Candido Mendes de Almeida, Domício Proença Filho, Evanildo Cavalcante Bechara, Pe. Fernando Bastos de Ávila, Helio Jaguaribe, Ivan Junqueira, José Mindlin, Lêdo Ivo, Moacyr Scliar, Nélida Piñon, Nelson Pereira dos Santos e Tarcísio Padilha.

- Iniciada a sessão, o Presidente Marcos Vinícios submeteu à discussão a Ata da sessão do dia 6 de setembro de 2006, que foi aprovada por unanimidade. Na seqüência, encaminhou à Biblioteca Lúcio de Mendonça o exemplar do livro *Romanceiro da Inconfidência* – de Cecília Meireles, com desenhos de Renina Katz, ofertado pelo Acadêmico José Mindlin e ofereceu à Biblioteca Rodolfo Garcia um volume da obra *Frases e Palavras*, de Alfredo de Carvalho, com dedicatória a Basílio de Magalhães, datada de cem anos. Livro de que constam estudos de palavras e temas pernambucanos. Congratulou-se, com o aplauso de todos, com a Acadêmica Nélida Piñon por seu ingresso na Academia de Filosofia. Deu boas

notícias sobre a saúde do Acadêmico Carlos Heitor Cony e formulou votos de êxito ao Acadêmico Carlos Nejar na cirurgia a que se submeterá. Deu ciência à Casa de que a Confederação Nacional do Comércio acaba de construir, na Barra da Tijuca, um grande centro de ensino e convidou, em nome do Doutor Antônio Santos, os membros da Academia para uma visita, a ser oportunamente marcada. Informou que a Rádio MEC apresentou recentemente um programa em homenagem ao Acadêmico Austregésilo de Athayde. Destacou a importância de fazer presente tudo o que significou a gestão, a obra que levou a termo e o companheirismo que o distinguia. Determinou ao Setor de Imprensa e ao Portal da Academia que divulgassem amplamente o citado programa. Informou que a Galeria Virtual dos Presidentes da Casa, no propósito de intensificar a presença da Academia pelos mecanismos da Internet, integrará o Portal a partir do próximo dia 15. Anunciou que estará representando a Academia no dia 18 de setembro, nos atos de posse do Doutor Ângelo Osvaldo, prefeito de Ouro Preto, na Academia Mineira de Letras.

- O Acadêmico Lêdo Ivo discorreu sobre o livro da Acadêmica Ana Maria Machado, *Romântico, Sedutor e Anarquista – Como e Porque Ler Jorge Amado*. Destacou-lhe o texto límpido e envolvente, fruto de um curso que ministrou na Universidade de Oxford, em 2005 no convênio estabelecido entre a ABL e aquela Universidade. Um livro escrito com muita agilidade e transparência, em que estuda especialmente o hiato que sempre houve entre Jorge Amado e a crítica brasileira, desde o início de sua vida literária. Lembrou que o escritor baiano foi mais comentado, eventualmente, pelos seus eventuais defeitos do que pelas suas grandes qualidades. Assinalou que a Acadêmica Ana Maria Machado sublinha, de uma forma nítida, o desencontro que houve entre Jorge Amado, Álvaro Lins e Wilson Martins, hiato explicado talvez pelo sucesso do Acadêmico Jorge Amado, por suas posições políticas. Finalizando, disse que, assim como José de Alencar e Machado de Assis são dois grandes romancistas do século XIX, pode-se assegurar que Jorge Amado, José Lins do Rego e Érico Veríssimo são os três grandes romancistas brasileiros do século XX.

- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça registrou o grande pesar provocado pela perda de Dom Luciano Mendes de Almeida, irmão do Acadêmico Candido Mendes de Almeida, e exaltou a memória do saudoso prelado.
- A Acadêmica Ana Maria Machado associou-se ao que foi dito pelo Presidente Marcos Vinícios Vilaça a respeito de Dom Luciano Mendes de Almeida, agradeceu especialmente as palavras do Acadêmico Lêdo Ivo sobre seu livro. Disse que, se contribuiu para a releitura do Acadêmico Jorge Amado pelas novas gerações, sobretudo da crítica universitária, a obra terá cumprido seu papel.
- O Acadêmico Murilo Melo Filho propôs que fosse instituído o primeiro concurso literário da Biblioteca Rodolfo Garcia. Lembrou que a recente assinatura do contrato de patrocínio, pela Petrobras, das atividades da Biblioteca Rodolfo Garcia abriu à Academia a possibilidade de elaborar projetos voltados para a divulgação das instalações, do acervo e das atividades da Instituição. (O texto lido será incorporado, por determinação do Senhor Presidente, aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.)
- O Acadêmico Helio Jaguaribe anunciou que participou, a convite do Governador Aécio Neves, das cerimônias que se realizaram em Diamantina para comemorar o centenário de nascimento de Juscelino Kubitschek. Um espetáculo extraordinário, em que se destacaram excelentes performances da Polícia Militar e a condecoração de várias personalidades. Ressaltou que o Acadêmico José Murilo de Carvalho, orador da sessão, apresentou uma primorosa análise sócio-histórica de três gerações de estadistas mineiros, mostrando a existência de uma tradição extraordinária no Estado, que é um dos grandes centros do civismo e do espírito político de nosso País. Propôs que o discurso seja incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras* por tratar-se de obra que merece ter um destino duradouro.
- O Acadêmico Candido Mendes de Almeida agradeceu sensibilizado o carinho dos companheiros da Academia Brasileira de Letras pela morte de seu irmão Dom Luciano Mendes de Almeida. Ressaltou que o direito à morte na civilização atual é algo que tem que ser profundamente discutido, absolutamente fora da implacabilidade médica. Lembrou que a luci-

dez com que Dom Luciano Mendes de Almeida viveu o problema, e, ao mesmo tempo, o desejo de viver estão sendo uma estarrecedora lição de vida, de continuação da vida e da covardia do morrer. Disse seu testemunho da tristeza, da agonia, mas também do consolo. Este consolo vem do que lhe disse Dom Luciano Mendes de Almeida: “Candido, se for possível, ninguém vai chorar na minha morte. Eu fui feliz todos os meus dias. Por que a morte é choro? Temos ou não temos o direito à alegria?”.

- O Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco sugeriu que, depois das palavras do Acadêmico Candido Mendes de Almeida, a sessão fosse encerrada em homenagem à memória de Dom Luciano Mendes de Almeida porque nada mais deveria e poderia ser dito.
- O Acadêmico Moacyr Scliar referiu-se ao que foi dito pelo Acadêmico Candido Mendes de Almeida, e que o sensibilizou como ser humano e como médico. Considerou pertinente o diagnóstico da situação médica por ele feito. Como professor de Medicina, deve reconhecer que é cada vez mais difícil a situação vivida pelos médicos e pelos estudantes de medicina atualmente a reboque da tecnologia: liga-se um respirador e não se sabem os critérios para desligar. Comunicou que foi convidado para uma palestra em Salvador onde falará sobre Humanismo e Medicina, fato que reflete a angústia dos médicos que estão procurando uma solução. Lembrou que esta pode estar numa modificação do aperfeiçoamento profissional, no qual a literatura volte a desempenhar seu papel. Sobre isso, ressaltou que a Academia Nacional de Medicina sugeriu uma colaboração com a Academia Brasileira de Letras no sentido da introdução, no currículo médico, de uma disciplina que contemple os estudos humanísticos baseados na literatura.
- O Acadêmico Candido Mendes de Almeida distribuiu a todos os Acadêmicos as reedições, em função do cinquentenário do Instituto Superior de Estudos Brasileiros, dos livros *Nacionalismo & Desenvolvimento*, de sua autoria, e *O Nacionalismo na Atualidade Brasileira*, do Acadêmico Helio Jaguaribe.
- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça convidou a todos para a 6.^a mesa-redonda do seminário Brasil, brasis com o tema “Desenvolvimento regio-

nal: impasses, realizações, conseqüências e impactos socioculturais”, sob a Coordenação do Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco; Expositor, Ministro Eros Roberto Grau. Participantes: Clóvis Cavalcanti, Fundação Joaquim Nabuco; Eduardo Eugênio Gouvêa Vieira, FIRJAN; Roberto Cavalcanti de Albuquerque, INAE e Wilson Cano, UNICAMP. Nada mais havendo a tratar, deu por encerrada a sessão.

I.º CONCURSO LITERÁRIO DA BIBLIOTECA RODOLFO GARCIA

*Palavras do Acadêmico Murilo Melo Filho**

A recente assinatura do contrato de patrocínio, pela Petrobras, das atividades da Biblioteca Rodolfo Garcia, abriu à Academia a possibilidade de elaborar projetos voltados para a divulgação das instalações, do acervo e das atividades da nossa BRG.

Para assinalar o transcurso do I.º aniversário de fundação da nossa Biblioteca, estamos propondo a instituição de um “Concurso Literário”, sob este mesmo patrocínio da Petrobras, cujos objetivos finais serão precisamente o de divulgar a Biblioteca e o de incentivar os interessados à pesquisa em seu acervo, com a frequência dos candidatos-pesquisadores.

Já fizemos duas consultas oficiais – uma à Petrobras e outra ao Ministério da Cultura (Lei Rouanet) – para análise deste Projeto, que foi aprovado na Comissão Consultiva das Bibliotecas, constituída pelos Acadêmicos Eduardo Portella, Tarcísio Padilha, Alberto da Costa e Silva e Evanildo Bechara.

Sugerimos agora que ele se submeta à consideração e às sugestões dos nobres Acadêmicos, aos quais deverão ser remetidas cópias do seu texto, que se segue:

* Proferidas na sessão do dia 14 de setembro de 2007.

PROPOSTA PARA INSTITUIÇÃO DO “I.º CONCURSO LITERÁRIO DA BIBLIOTECA RODOLFO GARCIA”

PERIODICIDADE E TEMA

O “Concurso Literário da Biblioteca Rodolfo Garcia” será anual e deverá ter sempre como tema um assunto ou assuntos que falem de perto às coleções existentes em nosso acervo. Para o período 2006/2007, propomos, como tema, “Diálogos com a nossa Coleção Franklin de Oliveira”, composta de 3.870 volumes, sobre sociologia, filosofia, antropologia, lingüística, lexicografia e literatura, que estará colocada à disposição dos candidatos, para fazerem suas pesquisas na Biblioteca Rodolfo Garcia.

PARTICIPACÃO

O concurso destina-se a professores, jornalistas, pesquisadores, estudantes universitários, graduados ou pós-graduados e a usuários que tenham sido previamente inscritos em nossa Biblioteca.

COMISSÃO JULGADORA

A Comissão Julgadora será constituída pelos Acadêmicos Eduardo Portella, Tarcísio Padilha, Alberto da Costa e Silva e Evanildo Bechara, membros da Comissão Consultiva das Bibliotecas.

INSCRIÇÕES E PRAZOS

A inscrição e a entrega dos trabalhos deverão ser feitas pessoalmente na Biblioteca Rodolfo Garcia ou postadas nos Correios.

O prazo máximo de entrega dos trabalhos será dia 2 de maio de 2007, a fim de que a Comissão disponha de um mês e meio para julgá-los, porque a entrega dos prêmios está prevista para a 5.a feira, dia 14 de junho de 2007, como parte das comemorações dos 110 anos de fundação da Academia Brasileira de Letras.

Quaisquer outras informações poderão ser obtidas pelo nosso portal www.academia.org.br, ou pelos tels.: 3974-2551 e 3974-2556.

VALOR DOS PRÊMIOS

O “Concurso Literário da Biblioteca Rodolfo Garcia” entregará prêmios de R\$ 8.000,00 (Oito mil reais), para o 1.º colocado, de R\$ 5.000,00 (cinco mil reais) para o 2.º colocado e de R\$ 3.000,00 (três mil reais) para o 3.º colocado, com recursos previstos no convênio de patrocínio assinado com a Petrobras.

DIVULGAÇÃO

O resultado do Concurso será divulgado pela imprensa, pelo Boletim da ABL e pelo seu Portal na Internet.

Os três trabalhos premiados serão publicados na nossa Revista Brasileira. No noticiário e nos cartazes para divulgação desse prêmio, constará o nome da Petrobras, como sua Patrocinadora.

REGULAMENTO

Somente após a aprovação desta proposta pela Petrobras, pelo Ministério da Cultura e pelo plenário da ABL, será providenciada pela Diretoria da Biblioteca a elaboração do edital de abertura do concurso.

MEDALHA PRESIDENTE JUSCELINO KUBITSCHKEK

*Palavras do Acadêmico José Murilo de Carvalho **

Agradeço a honra que me foi concedida pelo governador Aécio Neves convidando-me para ser o orador oficial desta cerimônia que celebra os 104 anos de nascimento do maior filho desta cidade, um dos maiores de Minas Gerais e do Brasil.

Agradeço, ainda, em nome de todos os agraciados com a Medalha Presidente Juscelino Kubitschek, aos membros do Conselho da Medalha pela proposta de nossos nomes e ao governador por ter aceito a indicação, concedendo-nos a honraria.

Minas Gerais produziu ao longo da vida independente do Brasil três estirpes de políticos. A primeira predominou no século XIX, e era formada de homens ativos, áspers, enérgicos, herdeiros diretos dos mineiros rebeldes do século XVIII, movidos por fortes convicções políticas. Entre eles, estava Honório Hermeto Carneiro Leão, marquês de Paraná, criado em Ouro Preto, que sozinho fez abortar um golpe de estado planejado pela Câmara dos Deputados em 1832, e depois comandou o movimento da conciliação política. Dele dizia o Imperador: “O Paraná não se curvava.” Entre eles, estava Teófilo Otoni, nascido no Serro, aqui perto, cavaleiro andante do liberalismo e do republicanismo, revoltoso em 1831 e 1842. Entre eles, estava o visconde de Ouro Preto, natural de Vila Rica, último presidente do Conselho de Ministros da Monarquia, intransigente, ativo até mesmo no momento de sua

* Discurso pronunciado na cerimônia de entrega da Medalha Presidente Juscelino Kubitschek em Diamantina, no dia 12 de setembro de 2006.

deposição pela rebelião militar comandada pelo general Deodoro em 15 de novembro de 1889. Eram homens que se destacavam pela firmeza dos princípios e pela integridade moral. Eram homens da Minas do ouro e do diamante.

Uma segunda estirpe formou-se durante a República nas fazendas da Zona da Mata e do Sul de Minas. Ela se fez notar por uma característica muito distinta, a capacidade de articulação política. Se os da primeira estirpe não hesitavam em criar crises, os da segunda se especializaram em solucioná-las. Eram mestres em conciliar interesses, em aproximar inimigos, em viabilizar soluções políticas. Alguns deles absolutizaram essa habilidade, esquecendo-se das idéias a que ela deveria servir, dando origem ao estereótipo do político mineiro esperto, mestre na arte de conquistar e manter o poder, mas desprovido de projetos políticos. Outros, no entanto, colocaram sua habilidade a serviço do país e desempenharam papel importante na solução de grandes impasses da política nacional. O maior deles foi, sem dúvida, Tancredo Neves, natural de São João del Rei. Sua ação foi particularmente importante na crise da renúncia de Jânio Quadros, quando assumiu o cargo de primeiro-ministro e na costura da aliança que levou a sua eleição para a presidência e ao fim dos governos militares. Esses eram os homens da Minas da terra, do gado e da lavoura.

A terceira estirpe combinou as características das duas anteriores. Da primeira herdaram as convicções firmes, que transformaram em projetos de governo; da segunda, herdaram a capacidade de arregimentar apoio para viabilizar seus planos. O primeiro grande representante desse grupo foi João Pinheiro, também natural do Serro, depois morador de Caeté. Quando aluno da Escola de Minas de Ouro Preto, João Pinheiro contraiu o vírus do desenvolvimentismo, convenceu-se da necessidade que tinha Minas de explorar seus vastos recursos naturais. No governo do estado, dedicou-se à modernização do campo, ao fortalecimento da pequena propriedade, à educação técnica. Com isso, minava o poder dos grandes proprietários rurais, mas teve habilidade suficiente para ganhar seu apoio. João Pinheiro inaugurou a modernidade na Minas republicana. Não fosse a morte prematura, aos 48 anos, teria seguramente chegado à presidência da República, para onde levaria seus propósitos reformistas.

Mas o grande nome desse terceiro grupo é quem homenageamos aqui hoje, o filho desta cidade, Juscelino Kubitschek de Oliveira. Mais ainda do que João Pinheiro, Juscelino combinou a crença num projeto político, que era quase um sonho, com a habilidade de o colocar em prática. Seu mérito cresce extraordinariamente se levarmos em conta que teve que enfrentar uma oposição política feroz e rancorosa, inconformada com a vitória de um candidato que ela identificava como herdeiro de Vargas. Enfrentou tentativas de inviabilizar sua candidatura e de impedir sua posse, enfrentou rebeliões militares que buscavam inviabilizar seu governo. Com enorme determinação, levou adiante seu sonho desenvolvimentista corporificado no programa de 30 metas, além da meta-síntese, como dizia, que foi a construção de Brasília. Juscelino sacudiu o Brasil em todos os seus quadrantes, instilou otimismo no futuro do país, modernizou-o promovendo a industrialização, os investimentos em infra-estrutura, a abertura econômica. Em seu governo, o Brasil atingiu os maiores índices de desenvolvimento da segunda metade do século XX.

O rancor político e o golpe militar de 1964 não permitiram que lhe fosse feita justiça enquanto viveu. Foi perseguido, acusado, interrogado, obrigado, afinal, a deixar o país e viver no exílio, ele que não suportava a idéia de ficar longe de sua terra. A maior prova, no entanto, da importância de sua obra e da grandeza de sua personalidade está no fato de que sua imagem e a imagem de seu governo só fizeram crescer ao longo do tempo. Hoje, Juscelino é muito mais popular do que foi ao terminar o mandato. A história não o absolveu, pois nada havia a absolver. Mas ela lhe fez justiça plena. Seu período de governo deixou de ser um quinquênio e passou a ser conhecido como “Os anos JK”, os anos dourados. Transformou-se em Era JK, uma era que nestes dias de quase estagnação econômica e de degradação política desperta recordações nostálgicas.

Visto de hoje, o segredo do êxito de Juscelino não está apenas no fato de ter oferecido um rumo ao país e de ter executado suas metas de governo. Visto de hoje, após os anos de supressão da liberdade e dos desencantos com a atual prática política, Juscelino aparece cada vez mais como o homem que foi capaz de compatibilizar altos índices de desenvolvimento com altos índices de liberdade. Ao fazê-lo, superou Vargas, cuja ênfase era no desenvolvimento; superou sem dúvida os governos militares que suprimiram a liberdade;

superou ainda os governos que se seguiram à redemocratização, exercidos em ambiente de liberdade, mas até agora incapazes de produzir altas taxas de desenvolvimento. É, sobretudo, por essa razão que sua imagem cresce na perspectiva histórica; é por essa razão que se justifica plenamente a homenagem que lhe é prestada aqui hoje em sua terra natal; é por essa razão que os agraciados com a Medalha Presidente Juscelino Kubitschek se sentem honrados por terem sido incluídos nessa cerimônia de celebração da memória de um grande diamantinense, de um grande mineiro, de um grande brasileiro.

O Brasil vive hoje em ambiente de liberdade, mas vê retardada a consolidação democrática pela ausência de desenvolvimento. Esta ausência se deve, por sua vez, à ausência de lideranças políticas capazes de conceber um projeto nacional de desenvolvimento e de congregar forças políticas para executá-lo. O país se vê refém de uma disputa entre dois partidos que têm suas principais bases em um mesmo estado e que estabeleceram um bloqueio recíproco e esterilizante dos próprios projetos políticos. Ora, sem capacidade de agregação política não haverá desenvolvimento; sem desenvolvimento, não haverá redução da desigualdade que nos envergonha; sem redução da desigualdade, não haverá democracia sólida. Em síntese, o Brasil se ressentia hoje da ausência de lideranças capazes de demonstrar na prática que a liberdade pode ser compatível com o desenvolvimento, que a democracia política pode gerar democracia social. Essa demonstração foi feita por Juscelino Kubitschek.

Como derivativo à ausência de articulação política e de desenvolvimento, a política social foi transformada em paternalismo, em assistencialismo em socialclientelismo. Pior ainda, a incapacidade de construção de uma coalizão reformista tem levado, em nome da governabilidade, a práticas de cooptação política incompatíveis com a moralidade pública e com a própria essência dos valores republicanos.

A geração mineira de Tancredo Neves e Juscelino Kubitschek desapareceu sem deixar herdeiros imediatos. Minas deixou de ser referência política para o Brasil. Quem examina, no entanto, a carreira de Aécio Neves, e agora falo em termos estritamente pessoais, quem observou seu desempenho como presidente da Câmara e agora como governador do Estado, quem verifica a maciça aprovação que lhe dão os mineiros, não pode deixar de se perguntar se

não estará ressurgindo, renovada nos quadros do moderno mundo globalizado, uma estirpe de políticos mineiros do calibre de Juscelino Kubitschek, de políticos portadores de um projeto nacional moderno, acompanhado da capacidade de agregar forças para levá-lo adiante. Estou certo de que Juscelino Kubitschek, onde estiver, veria nesta perspectiva que se abre a melhor homenagem que lhe poderia ser prestada.

SESSÃO DO DIA 21 DE SETEMBRO DE 2006

Sob a presidência do Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça, estiveram presentes os Acadêmicos: Cícero Sandroni, Secretário-Geral; Ana Maria Machado, Primeira-Secretária; José Murilo de Carvalho, Segundo-Secretário; Antonio Carlos Secchin, Tesoureiro; Murilo Melo Filho, Diretor da Biblioteca; Sergio Paulo Rouanet, Diretor do Arquivo; Eduardo Portella, Diretor dos *Anais da Academia Brasileira de Letras*; Affonso Arinos de Mello Franco, Alberto da Costa e Silva, Alberto Venancio Filho, Antonio Olinto, Arnaldo Niskier, Domício Proença Filho, Evanildo Cavalcante Bechara, Pe. Fernando Bastos de Ávila, Helio Jaguaribe, Ivan Junqueira, Lêdo Ivo, Nélida Piñon, Sábado Magaldi e Tarcísio Padilha.

- Iniciada a sessão, o Presidente Marcos Vinícios Vilaça submeteu à discussão a ata da sessão do dia 14 de setembro de 2006, que foi aprovada por unanimidade. Na sequência, pediu a compreensão dos Acadêmicos para alguma dificuldade de identificação de Acadêmicos ou familiares em relação ao novo serviço de segurança. Comunicou o envio de 34% dos 140 mil livros editados pela Casa e estocados, o que significa que já está concretizada a programação estabelecida de trinta e três mil, seiscentos e dezoito volumes; comunicou que espera poder anunciar até dezembro números ainda mais significativos. Informou comunicado do Acadêmico Alfredo Bosi de que estará, até o final do ano, fora do Brasil proferindo aulas e desenvolvendo pesquisas em centros universitários da França e da

Itália. Deu ciência à Casa de que participou, em Belo Horizonte, do ato de posse do Doutor Ângelo Osvaldo na Academia Mineira de Letras, ocasião em que a Academia Brasileira foi entusiasticamente louvada pelo novo Acadêmico e pelo Presidente Murilo Badaró. Deu notícias do empenho da Academia Mineira de Letras na realização do seminário sobre os 50 anos de publicação de *Grande Sertão: Veredas*, para o qual aguarda a presença dos Acadêmicos. Renovou o convite para a visita ao Centro de Ensino da Confederação Nacional do Comércio, no próximo dia 5 de outubro e solicitou confirmação de presença. Lembrou a todos o lançamento do livro *A Trajetória de Octávio Frias de Oliveira*, dia 22 de setembro, às 17h, no *Petit Trianon*. Informou que o Acadêmico Carlos Nejar convalesce bem da cirurgia a que se submeteu. Doou à Biblioteca Lúcio de Mendonça dois exemplares do livro *Questões de Direito Eleitoral*, do Acadêmico Barbosa Lima Sobrinho, com dedicatória ao coronel pernambucano Francisco Heráclio e a ele próprio. Informou que recebeu carta da Senhora Nancy Roche com a comunicação do falecimento do sócio correspondente Jean Roche, correspondência encaminhada ao Centro de Memória.

- O Acadêmico Alberto da Costa e Silva doou à Biblioteca Lúcio de Mendonça o livro *Poesias Completas de Machado de Assis*, edição de 1902, rara em função de erro tipográfico que levou o autor a corrigir de próprio punho vários exemplares. A leitura de *Minha Vida entre Livros*, de José Mindlin, revelou-lhe que muitos desses livros foram vendidos com tal erro tipográfico corrigido e constituem preciosidade bibliográfica.
- O Acadêmico Murilo Melo Filho fez o registro do transcurso dos 80 anos de idade de Israel Klabin. Líder de um dos maiores complexos industriais do Brasil, ex-prefeito desta Cidade, ex-presidente do Banco do Estado e atual presidente da Fundação Brasileira de Desenvolvimento Sustentável. O Senhor Presidente determinou que o texto fosse incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.
- O Acadêmico Helio Jaguaribe, sobre o assunto, disse de suas aventuras intelectuais de juventude compartilhadas com Israel Klabin. Acrescentou que Israel Klabin vem desenvolvendo notável esforço, no sentido de aler-

tar o mundo para o que poderá ser uma catástrofe ecológica, se persistir o atual descuido em relação à camada de ozônio.

- A Acadêmica Ana Maria Machado solidarizou-se com os 80 anos do aniversariante. Lembrou que Israel Klabin foi escultor de muito talento, arte que abandonou para dedicar-se às atividades empresariais.
- O Acadêmico Eduardo Portella lembrou o Israel Klabin poeta, autor, com José Paulo Moreira da Fonseca, do livro *Concerto Barroco e de Elêuses*. Destacou-lhe a condição de figura rara, quase um humanista do Renascimento.
- O Acadêmico Alberto da Costa e Silva recordou um belíssimo livro que foi publicado por Israel Klabin, Oscar Lourenzo Fernandez e José Paulo Moreira da Fonseca com o título *Poemata de 1949*, obra extraordinária como construção da poesia de três poetas que tinham muito apurado o sentido da forma.
- O Acadêmico Arnaldo Niskier subscreveu tudo o que foi dito a respeito de Israel Klabin. Propôs que fosse entregue uma cópia dos pronunciamentos feitos, para testemunhar-lhe o carinho dos amigos da Academia Brasileira de Letras. Lembrou ainda que no dia 29 de setembro será inaugurada a Escola Estadual Oscar Dias Corrêa no Complexo Penitenciário de Bangu, homenagem à notável figura humana do saudoso confrade.
- O Acadêmico Antonio Carlos Secchin encaminhou à Biblioteca Lúcio de Mendonça o livro *Teatro Sempre* do Acadêmico Sábato Magaldi, coletânea que reúne diversos artigos, ensaios e reflexões sobre os grandes nomes da nossa dramaturgia de Anchieta a Nelson Rodrigues.
- Na celebração das Efemérides, o Acadêmico Antonio Carlos Secchin leu o texto do Acadêmico Sábato Magaldi sobre Paschoal Carlos Magno, onde se destacou sua condição de grande líder, o animador cuja paixão pelo palco mobilizou o País inteiro. O Senhor Presidente determinou que o texto fosse incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.
- O Acadêmico Sergio Paulo Rouanet disse do vínculo entre Paschoal Carlos Magno e o Itamarati, que continua a existir. Relatou que, por iniciativa da Embaixada do Brasil em Londres, promoveu-se pesquisa sobre

a residência de Paschoal Carlos Magno, quando este serviu como diplomata naquela cidade. Gestão junto à Prefeitura londrina, que costuma colocar aquelas placas azuis para marcar residências de personalidades, decidiu-se que será aposta uma delas na residência londrina de Paschoal Carlos Magno.

- O Acadêmico Cícero Sandroni lembrou que foi amigo e companheiro de Paschoal Carlos Magno no *Correio da Manhã*, onde ele mantinha coluna de teatro, sempre estimulando os dramaturgos, atores e diretores e jamais se permitindo a crítica dura e destruidora, de alguns críticos teatrais. Destacou-lhe os méritos de grande animador e sua figura de entusiasta e o seu otimismo. Assinalou, também, a importância do papel que Paschoal Carlos Magno teve na Casa do Estudante do Brasil juntamente com Ana Amélia Queiroz Carneiro de Mendonça. Lembrou que a Casa do Estudante do Brasil manteve uma editora, atualmente com uma lista de publicações muito importantes, de sociologia, de história e de literatura e ainda criou a Orquestra Sinfônica Universitária, dirigida por muito tempo por Rafael Batista, cujos concertos se realizavam aos domingos pela manhã, no Cinema Rex, ao lado da Orquestra Sinfônica Brasileira dirigida pelo Maestro Eleazar de Carvalho. Ressaltou que a Casa do Estudante do Brasil segue prestando relevantes serviços aos estudantes do Rio de Janeiro e do exterior.
- A Acadêmica Nélida Piñon solicitou permissão para uma discreta evocação pessoal. Relatou que menina, ainda, já era um ser enamorado de alguns autores que julgava essenciais na sua vida. Solicitou a sua mãe que a levasse ao Teatro para assistir à peça Hamlet. Em chegando à casa de espetáculos foi impedida de entrar. Chorou muito, chegou mesmo a encenar um espetáculo emocional, diante do qual alguém comoveu-se com o seu pranto: chamava-se Paschoal Carlos Magno, que autorizou-lhe o ingresso com a seguinte afirmação: “como não deixar entrar uma menina que chora para ir ao teatro e ver Hamlet? Por favor seja muito bem acolhida”.
- O Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara recordou participação que teve junto à Paschoal Carlos Magno, na década de sessenta, quando Secretário Geral do Conselho de Educação; Paschoal era Secretário Geral

do Conselho de Cultura. Disse da sua emoção ao evocar-lhe a figura simpática, agradável e particularmente para ele próprio muito importante do ponto de vista afetivo mais também do ponto de vista financeiro, porque a assunção de Paschoal Carlos Magno na Secretaria Geral do Conselho de Cultura representou substancial aumento de estipêndio para ambos os Secretários.

- O Acadêmico Antonio Olinto lembrou que Zora, sua mulher, trabalhou com Paschoal Carlos Magno na Aldeia e a fim de tornar eficiente esse trabalho o casal adquiriu um imóvel em frente à Aldeia e deram à casa o nome de Zolintoca, a toca de Zora e Olinto. Lembrou que Paschoal os instigava ao trabalho e Zora que era também de teatro se sentia inteiramente à vontade trabalhando com ele.
- O Presidente informou que estava programada a fala do Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco sobre os 180 anos da Câmara dos Deputados, mas diante do adiantado da hora, indagou se ele concordaria mais uma vez com o adiamento para a próxima sessão.
- O Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco comentou que a Câmara dos Deputados já completara seus 180 anos há algum tempo, de modo que conforme o escalonamento das efemérides, o trabalho está pronto, às ordens e concordava com o adiamento.
- O Presidente solicitou que a Secretaria da Casa programasse para quinta feira, no capítulo das efemérides a inscrição do Acadêmico Affonso Arinos.
- A seguir, convidou os presentes para o lançamento coletivo de publicações da Academia: os livros *Dom Lucas Moreira Neves – Entrevista a François Vayne*; *O Ocaso do Império*, de Oliveira Vianna; *Herberto Sales e a Gênese de Cascalho*, de Fernando Sales; *A Língua Portuguesa na Revista Brasileira – Tomo II*; *Discursos Acadêmicos – Tomo II – 1920-1935*; *Revista Brasileira – n.º 46 – jan-mar/2006*, *Revista Brasileira – n.º 47 – abril-jun./2006*. Reiterou ainda o convite para a 6.ª mesa-redonda, com início às 17h 30min, sob o tema: Cinqüentenário de publicação de *Grande Sertão: Veredas* (1956). Com o Acadêmico Antonio Carlos Secchin, José Maurício Gomes de Almeida e as Senhoras Walnice Galvão e Maria José de Queiroz. E encerrou a sessão.

OS 80 ANOS DE ISRAEL KABLIN

*Palavras do Acadêmico Murilo Melo Filho**

Senhor Presidente. Senhoras e senhores Acadêmicos.

Em rápidas palavras, e para que fiquem devidamente inscritas em nossos *Anais*, desejo fazer o registro do transcurso ontem dos 80 anos de idade de Israel Klabin, um admirável industrial, líder, com seus irmãos Daniel e Armando, de um dos nossos maiores complexos industriais; ex-Prefeito desta Cidade; ex-Presidente do BANERJ e atual Presidente da Fundação Brasileira para o Desenvolvimento Sustentável, com grandes projetos e inestimáveis serviços já prestados à ecologia e ao meio-ambiente brasileiros.

Estuante de energia e de entusiasmo, o “oitentão” Israel Klabin chega a essa idade como empresário de mentalidade jovem e moderna, com enorme dedicação e devotamento aos problemas brasileiros.

Trata-se também de um homem de bom gosto, de grande sensibilidade cultural, um escultor e um poeta, amigo de Rubem Fonseca, colega de Oscar Lourenço Fernandez e de José Paulo Moreira da Fonseca na autoria do livro *Elementos*.

Faço este registro em meu nome pessoal, mas falo também em nome do nosso querido Acadêmico Celso Lafer, eleito, mas ainda não empossado, que, ainda há pouco, pelo telefone fez questão de associar-se a esta homenagem e a solidarizar-se com estas minhas palavras.

Esta é a modesta homenagem, Senhor presidente, que neste momento presto ao meu fraternal e querido amigo Israel Klabin, com muita justiça, muito prazer e muita honra.

* Proferidas na sessão do dia 21 de setembro de 2006.

PASCHOAL CARLOS MAGNO

*Apresentação do Acadêmico Antonio Carlos Secchin**

Ao menos para a geração que se iniciou no teatro nos anos quarenta e cinquenta do século passado, Paschoal Carlos Magno foi o grande líder, o animador cuja paixão pelo palco mobilizou o país inteiro.

Nascido no Rio de Janeiro em 1906, motivo de se comemorar o seu centenário, Paschoal fez de sua residência na bela mansão do bairro de Santa Teresa um centro irradiador de cultura, verdadeira meca para todos que o procuravam e recebiam o seu estímulo ao ingressar na carreira cênica.

De forma quase inimaginável, ele soube conciliar a função diplomática, da qual pôde sobreviver, com o movimento permanente do Teatro do Estudante do Brasil, que fundou, e da simpática sala de cem lugares do Teatro Duse, erigido em sua residência, em 1952. Ali começaram a atuar numerosos jovens valores, espalhados depois por importantes elencos do Rio e de São Paulo. E numa temporada em palco do centro carioca, em 1948, notabilizou-se como “Hamlet” Sergio Cardoso um dos monstros sagrados de nossa arte.

Não se contentou Paschoal em incentivar as iniciativas estaduais, viajando por todo o Brasil. Em 1949, o Teatro do Estudante realizou um Festival Shakespeare, no Rio, em que foram encenados “Romeu e Julieta”, “Macbeth” e “Sonho de uma noite de Verão”. Sensível a outras manifestações artísticas, ele criou, com a cantora Alda Pereira Pinto, o Teatro Experimental de Ópera.

A coluna mantida por Paschoal, no *Correio da Manhã*, era o porta-voz do teatro, para o país inteiro. Sem qualquer tipo de discriminação, ele dava guarida a todas as notícias, sempre com o propósito de valorizar o palco. Talvez

* Texto do Acadêmico Sábato Magaldi, apresentado pelo Acadêmico Antonio Carlos Secchin nas Efemérides do dia 21 de setembro de 2006.

pelo desejo de promover tudo que representasse uma boa intenção, seus juízos, como é do conhecimento do pessoal de teatro, nem sempre foram objetivos. Mas é de longe preferível aquele que enaltece tudo àquele que se compraz em destruir. Não me lembro de nenhuma postura negativa de Paschoal.

A escolha do repertório sempre preocupou o diretor do Teatro do Estudante. Tanto assim que, ao fazer uma excursão ao Norte brasileiro, os autores representados se chamavam Sófocles, Eurípides, Shakespeare, Gil Vicente, Ibsen e Martins Pena.

Na sala de Santa Teresa, a tônica foi o prestígio à dramaturgia nacional. Sucederam-se no palco obras de Hermilo Borba Filho, Aristóteles Soares, Francisco Pereira da Silva, Leo Vítor, José Paulo Moreira da Fonseca, Maria Inês Barros de Almeida e dos nossos confrades Rachel de Queiroz e Antonio Callado. Em 1958, Paschoal organizou, no Recife, o I.º Festival Nacional de Teatros de Estudantes, a que assisti como crítico. Mais de oitocentos jovens participaram do certame, que chegou a atingir uma sexta edição.

A convite do presidente Juscelino Kubitschek, Paschoal tornou-se, em 1962, responsável pelo setor cultural e universitário da Presidência da República. Nessa função, ele percorreu todos os estados, estimulando os novos talentos a ocupar os espaços em que pudessem realizar-se

Com o faro certo para as promoções de impacto, ele organizou naquele ano a Caravana da Cultura, que levou 256 jovens artistas a percorrer os Estados do Rio de Janeiro, Minas Gerais, Bahia, Sergipe e Alagoas. A Caravana apresentou espetáculos de teatro, dança e música, além de exposições de artes plásticas, e distribuiu livros e discos. Na década de 70, uma Barca da Cultura viajou pelo rio São Francisco, de Pirapora a Juazeiro.

Infelizmente, não teve continuidade uma iniciativa importante de Paschoal: a Aldeia de Arcozelo, no interior do estado do Rio de Janeiro, que seria um local de repouso para artistas e intelectuais, e um centro de treinamento para as várias áreas artísticas. Mesmo vendida a casa de Santa Teresa e gasto todo o seu dinheiro, além de alguns auxílios oficiais e privados, a verba não foi suficiente para o funcionamento da Aldeia. Mas a grandeza e a generosidade de Paschoal Carlos Magno, morto em 1980, autorizam esta justa homenagem da Academia Brasileira de Letras.

SESSÃO DO DIA 28 DE SETEMBRO DE 2006

Sob a presidência do Acadêmico Cícero Sandroni, Secretário-Geral; estiveram presentes os Acadêmicos: Ana Maria Machado, Primeira-Secretária; Antonio Carlos Secchin, Tesoureiro; Murilo Melo Filho, Diretor da Biblioteca; Sergio Paulo Rouanet, Diretor do Arquivo; Eduardo Portella, Diretor dos *Anais da Academia Brasileira de Letras*; Affonso Arinos de Mello Franco, Alberto da Costa e Silva, Alberto Venancio Filho, Antonio Olinto, Arnaldo Niskier, Celso Lafer, Domício Proença Filho, Evanildo Cavalcante Bechara, Pe. Fernando Bastos de Ávila, Helio Jaguaribe, Ivan Junqueira, Lêdo Ivo, Moacyr Scliar, Nélida Piñon, Nelson Pereira dos Santos, Sábado Magaldi e Tarcísio Padilha.

- Iniciada a sessão, o Acadêmico Cícero Sandroni, no exercício da presidência, justificou a ausência do Presidente Marcos Vinícios Vilaça e submeteu à discussão a ata da sessão do dia 21 setembro de 2006, que foi aprovada por unanimidade. Na seqüência, lembrou o falecimento prematuro de Candido José, filho do Acadêmico Candido Mendes de Almeida, no brilhantismo dos seus jovens 47 anos. Exaltou-lhe o dinamismo e a capacidade criativa e solidarizou-se com a família Candido Mendes, tão fundamentalmente atingida pela perda inesperada. Comunicou que a Academia esteve representada no sepultamento, por ele e pelos Acadêmicos Antonio Carlos Secchin, Evanildo Cavalcante Bechara, Murilo Melo Filho, Tarcísio Padilha, Alberto da Costa e Silva, Nélida Piñon, Ana Maria Machado,

Domício Proença Filho e Arnaldo Niskier, que levaram apoio e conforto ao Acadêmico Candido Mendes de Almeida que sofre o desaparecimento do filho trinta dias depois da morte da irmã Elisa e o irmão D. Luciano. Em seguida, solicitou a inclusão nos *Anais da Academia Brasileira de Letras* dos dois primorosos discursos proferidos na posse da Acadêmica Nélida Piñon na Academia Brasileira de Filosofia: o do Acadêmico Tarcísio Padilha, que a recepcionou, e o dela própria. Informou ao plenário comunicado da Sra. Célia Portella sobre o projeto do livro que será publicado para comemorar os cento e dez anos da Academia; foi aprovado no âmbito da Biblioteca Nacional, para ser apresentado a CNIC da Lei Rouanet; passo relevante para a sua concretização, uma vez que por iniciativa do Presidente Marcos Vinícios Vilaça, já está garantido o patrocínio da obra, cuja publicação está sendo coordenada pelo Acadêmico Alberto da Costa e Silva. Por solicitação do Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça, comunicou ao plenário que a apresentação e aposição, no espaço próprio da Academia, do retrato da Acadêmica Rachel de Queiroz se dará no próximo dia 9 de novembro. Lembrou o convite da Confederação Nacional do Comércio para um almoço nas suas instalações na Barra da Tijuca, na próxima quinta-feira, para o qual estão convidados todos os Acadêmicos. Foi informado pelo Acadêmico Arnaldo Niskier de que o Dr. Antonio de Oliveira Santos estendeu este convite às senhoras dos Acadêmicos. A saída está prevista para as 10 horas. Discorreu sobre as providências levadas a termo para a reforma completa dos dois galpões da Rua Luiz de Camões, que abrigarão a reserva técnica da Biblioteca Rodolfo Garcia além de se destinarem à conservação e preservação de livros e documentos oriundos do Centro de Memória da Academia. Para maiores detalhes, sobre o assunto, passou a palavra ao Acadêmico Murilo Melo Filho. Este informou que o arquiteto, Dr. Alfredo Brito, promete concluir dentro de 15 dias o projeto, a fim de solicitar a inclusão nos benefícios da Lei Rouanet.

- Prosseguindo, o Acadêmico Cícero Sandroni informou que a Petrobras se propõe a financiar o projeto. Anunciou, na seqüência, a chegada do Acadêmico eleito Celso Lafer que, de acordo com a tradição, foi saudado com uma salva de palmas.

- O Acadêmico Murilo Melo Filho informou que, a pedido do Presidente, representou a Academia Brasileira de Letras na sessão solene do Supremo Tribunal Federal, realizada em sua antiga sede, no Rio de Janeiro, com a presença de todos os seus Ministros. O Presidente determinou que o texto por ele lido seja incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.
- O Acadêmico Nelson Pereira dos Santos formalizou a proposta da criação de um Prêmio de Cinema a ser concedido pela Academia: “Considerando que a Academia não possui prêmio que contemple trabalhos referentes à arte cinematográfica, PROPONHO que se altere o art. 53 do Regimento Interno no sentido de ser instituído o Prêmio ABL de Cinema a ser concedido anualmente ao autor (ou autores) de roteiro de filme baseado em obra literária brasileira, já publicada em livro, e exibido comercialmente até 31 de dezembro de cada ano.”
- O Presidente esclareceu que a proposta da criação desse prêmio havia sido apresentada verbalmente há quatro sessões. Indagou ao plenário se seria adequada a aprovação da proposta, uma vez que poderia ser lançada ainda durante o Festival de Cinema que se está realizando no Rio de Janeiro e do qual a Academia vai participar com a apresentação de 12 filmes dirigidos por Davi Neves e Fernando Sabino sobre escritores brasileiros, exibição acompanhada de debates de que participarão o Acadêmico Nelson Pereira dos Santos, o Secretário das Culturas da Cidade do Rio de Janeiro, Ricardo Macieira e o cartunista e escritor Ziraldo Alves Pinto.
- O Acadêmico Helio Jaguaribe louvou a excelência do prêmio, mas solicitou maiores explicações sobre o mesmo.
- O Presidente em exercício, Acadêmico Cícero Sandroni, esclareceu que a citada premiação faria parte dos prêmios da Academia e teria a mesma regulamentação: seria concedido anualmente; envolveria uma comissão julgadora, composta de três membros, designada pela Diretoria e uma dotação de R\$ 36.000,00 (trinta e seis mil reais.)
- A Acadêmica Ana Maria Machado sugeriu para maior precisão, uma modificação na redação, a substituição da expressão “feito a cada ano” por “do ano anterior.” Sugestão aprovada.

- O Presidente submeteu a proposta ao plenário que, por unanimidade aprovou o Prêmio ABL de Cinema.
- O Acadêmico Domício Proença Filho encaminhou à Biblioteca da Academia, por solicitação do Presidente Marcos Vinícios Vilaça, um exemplar do livro *Invenção de Mundos* – Coleção Marcantonio Vilaça, organizado por Moacir dos Anjos, auspicioso lançamento do Instituto Cultural Banco Real, sediado em Recife. Acrescentou que o volume se faz da reprodução de obras diversificadas, representativas dos últimos vinte anos da produção brasileira e internacional no âmbito das artes visuais. Testemunha o bom gosto, a sensibilidade, o culto à obra de arte, próprios do saudoso e rigoroso colecionador pernambucano. Atesta a acuidade do seu olhar crítico. Amplia, na obra impressa, o espaço do usufruto de coisas de beleza, antes adstrita ao espaço do museu e da galeria. Converte-se num merecido tributo à memória do divulgador da pintura e da escultura, compromissado com a difusão da arte no país e no exterior. Além de constituir um belo exemplo de produto editorial.
- O Presidente em exercício agradeceu a doação e as palavras pronunciadas sobre o livro.
- Na celebração das Efemérides, o Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco disse que ao ser convidado pelo Presidente Marcos Vinícios Vilaça para pronunciar-se sobre os 180 anos da Câmara dos Deputados ponderou que há nesta Casa confrades mais adequados para tanto, sobretudo os Acadêmicos Marco Maciel e José Sarney, embora o credenciasse em um século e meio de tradição familiar e pessoal. Apresentou consistente trabalho sobre a Câmara dos Deputados e o Congresso Nacional. O Presidente determinou que o texto seja incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras* e agradeceu ao Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco pela excelência do texto apresentado.
- O Acadêmico Pe. Fernando Bastos de Ávila congratulou-se com o Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco pela beleza e precisão do seu texto. Lembrou que freqüentou durante trinta anos a Biblioteca da Casa de Rui Barbosa onde encontrou a publicação de todos os discursos de Clérigos parlamentares, desde a Assembléia Constituinte no início do

Império. Com esse material publicou o livro *O Clero no Parlamento Brasileiro*, em quatro volumes, onde destaca a participação do Clero nas decisões da citada Assembléia.

- O Acadêmico Antonio Olinto ofereceu à Biblioteca da Academia a edição inglesa do livro *Cais da Sagração* (Coronation quay), do Acadêmico Josué Montello, com capa de Poty. Lembrou que, como Adido Cultural na Inglaterra, lançou traduções de livros de Dinah Silveira de Queiroz, Herberto Sales, Adonias Filho e Sergio Corrêa da Costa.
- O Acadêmico Lêdo Ivo disse que o Acadêmico Antonio Olinto não lançou seu livro naquele país em decorrência da lei que estabelece que livros editados na Inglaterra não podem ser lançados nos Estados Unidos, como ocorrera com o de sua autoria.
- O Presidente convidou os presentes para a mesa-redonda que se realizará às 17h 30min, na Sala José de Alencar sobre o livro *O Posto do Homem no Cosmos*, do Acadêmico Helio Jaguaribe, sob a coordenação do Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça. O cosmólogo Luiz Bevilacqua, o Acadêmico Tarcísio Padilha, o editor Fernando Gasparian comentarão a obra e o tema. Transmitiu comunicado cancelando a noite de autógrafos do livro *Lula Apesar de Lula*, do Acadêmico Candido Mendes de Almeida. E encerrou a sessão.

SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL

*Palavras do Acadêmico Murilo Melo Filho**

Senhor Presidente Marcos Vilaça.
Senhoras e senhores Acadêmicos.

Em complemento às palavras de V. Ex.^a pronunciadas aqui na última 5.^a feira, devo dizer que, na companhia dos Acadêmicos José Sarney, Marco Maciel, Arnaldo Niskier, Cícero Sandroni e Carlos Nejar, também tive a felicidade de estar presente na sessão solene do Supremo Tribunal Federal, quando foi prestada uma cativante homenagem aos dez acadêmicos que foram também seus ministros.

O plenário daquela Corte estava repleto de advogados, desembargadores e ministros de outros Tribunais, além do Senador Renan Calheiros, presidente do Senado Federal e do Congresso Nacional.

V. Ex.^a foi o primeiro a falar – Senhor Presidente – seguindo-se os discursos do Ministro Eros Grau, do Acadêmico Alberto Venancio Filho e do próprio Presidente Nelson Jobim.

Foi uma tarde realmente muito bonita, muito feliz e muito dignificante, não só para o Supremo Tribunal como para esta Academia, que teve a honra de verificar, mais uma vez, o quanto é estimada e respeitada nos quatro cantos deste país, inclusive em Brasília.

* Proferidas na sessão do dia 28 de setembro de 2006.

OS 180 ANOS DA CÂMARA DOS DEPUTADOS

*Apresentação do Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco**

A revolução liberal que eclodiu no Porto em 1820, ao derrubar o absolutismo monárquico em Portugal, levou à convocação das Cortes Gerais Constituintes, com a eleição de deputados portugueses e brasileiros, e resultou no regresso do rei D. João VI a Lisboa. Ainda antes do 7 de setembro, em consequência, seriam convocadas, no Brasil, eleições para uma Assembléia Luso-Brasiliense. Esta, após a Independência, se reuniu como Assembléia Constituinte, na Cadeia Velha do Rio de Janeiro. A Câmara dos Deputados ali funcionaria até 1914. Transferida, então, para o palácio Monroe, passou, em 1922, à Biblioteca Nacional, fixando-se, em 1926, no palácio Tiradentes, construído no local da Cadeia Velha. E nele permaneceu até 1960, ano da transferência da capital federal para Brasília.

As eleições para a Constituinte de 1823 foram, além de censitárias, indiretas, assim se mantendo até a lei Saraiva que, em 1881, as tornaria diretas. Mas deu-se o conflito entre os políticos lusitanos, influentes sobre o imperador português, e os brasileiros. Estes, mesmo quando moderados, evoluíam para um sentimento nativista crescente, o qual só poderia resultar na submissão da Coroa ou na dissolução da Assembléia. Ocorreu, afinal, a última alternativa, imposta por D. Pedro I em novembro de 1823.

O imperador criou, então, um Conselho de Estado, incumbindo-o de elaborar a futura Carta Magna. E esta foi por ele outorgada, como Constituição do Império, em março de 1824. A Assembléia Geral, compreendendo a

* Proferidas nas Efemérides do dia 28 de setembro de 2006.

Câmara dos Deputados e o Senado vitalício, seria eleita em dois graus, o paroquial e o provincial. Cada província constituía um círculo eleitoral.

A Assembléia foi inaugurada em maio de 1826. Reuniu-se, então, a nossa primeira Câmara dos Deputados. Ela já se instalara, para as sessões preparatórias, em abril daquele ano, adotando, a fim de conduzir seus trabalhos, o Regimento da Assembléia Constituinte de 1823. A formação das comissões permanentes era privilégio das maiorias, e assim se manteria até à Constituição de 1934, que fixou a regra da proporcionalidade entre todas as correntes de opinião. Coube à primeira legislatura do Império organizar o governo do país, que acabara de tornar-se independente. Então começaria a formar-se a corrente política liberal, preponderante até à abdicação.

A Câmara eleita em 1830 votou, nesse mesmo ano, o Código Criminal, originário de projetos apresentados em 1827, e o Código de Processo Criminal em 1832. Sua oposição aos excessos e erros do imperador desencadeou, enfim, a crise que o forçaria a abdicar em abril de 1831. A Assembléia Geral, no mesmo dia, elegeu a Regência Trina Provisória, destituída de Poder Moderador (apanágio imperial), o que tornava a Câmara o centro do poder político. Em junho, a Assembléia instalaria a Regência Trina Permanente.

Na Câmara dos Deputados eleita em 1834, foi promulgado o Ato Adicional, de espírito liberal e descentralizador, criando as assembleias provinciais, dotadas de considerável autonomia legislativa. A Regência Una se instalou, com o padre Feijó, em outubro de 1835. Mas os conservadores já se afirmariam em 1837, com a Regência Una do marquês de Olinda, e a preponderância de interesses dos grandes proprietários rurais.

A Câmara de 1838 aprovou, em 1840, a Lei de Interpretação do Ato Adicional de 1834, ordenadora e restritiva das assembleias provinciais, cuja atividade legislativa incontrolada ameaçava a ordem e a própria unidade do Império. E, em julho do mesmo ano, provocaria a antecipação da maioridade de D. Pedro II, que contava, então, apenas quinze anos.

O soberano adolescente, cedendo ao ministério conservador, dissolveu, em 1842, a legislatura que fora eleita com maioria liberal. O que viria a provocar a revolução dos liberais mineiros, derrotados militarmente em Santa

Luzia. Assim, inaugurou-se, em 1843, outra Câmara, que, devido à dissolução da precedente, só duraria dois anos, sendo dissolvida em maio de 1844.

A nova Câmara se reuniu no mesmo mês de 1845. Já então, as correntes de opinião se agrupavam em partidos políticos. Decreto imperial criou, em julho de 1847, o posto de presidente do Conselho de Ministros, cujo primeiro ocupante foi o liberal Manuel Alves Branco, mais tarde segundo visconde de Caravelas. Em 1848, a subida dos conservadores ao poder, com o marquês de Olinda, causa, em Pernambuco, forte reação de tonalidades sociais, sendo a revolução Praieira tragicamente sufocada.

A Câmara eleita em 1850 vota, naquele ano, o código Comercial e de Processo Comercial, ambos os documentos jurídicos da mais alta qualidade, a ponto do Governo Provisório republicano ter estendido o último, em 1890, ao Processo Civil. A legislatura culminou, ainda no mesmo ano, com a lei Eusébio de Queirós, extinguindo o tráfico negreiro.

Já a seguinte testemunhou a conciliação partidária entre conservadores e liberais, obtida, em 1855, pelo marquês de Paraná, que ascendera à presidência do Conselho de Ministros em 1853. Este, morto inesperadamente em 1856, seria sucedido pelo marquês de Caxias.

A Câmara de 1857 foi conservadora, e a legislatura progressista de 1861 seria dissolvida em 1863.

Com a Câmara eleita em 1864, deu-se a agressão do Paraguai e a guerra da Tríplice Aliança. Ao gabinete de união do marquês de Olinda, formado em 1865, sucedeu, em 1866, o de Zacarias de Góis e Vasconcelos, ambos oriundos da Liga Progressista. Nesta ocasião, pela primeira vez, o imperador convocou um deputado para chefiar o governo. O presidente do Conselho de Ministros efetuou reformas importantes nas áreas administrativa, civil e comercial, mas sua meta era vencer a guerra. O gabinete Zacarias caiu em julho de 1868, quando o conservador Caxias, comandante-chefe das tropas em operação no Paraguai, demitiu-se do posto, ao considerar intoleráveis as críticas a ele dirigidas pelos jornais governistas. Era o retorno da luta entre conservadores e liberais, com a apresentação, pelos últimos, de moção repudiando o aparecimento do gabinete chefiado pelo visconde de Itaboraí, sem que uma

questão parlamentar houvesse provocado a queda do antecessor. Dissolveu-se a Liga Progressista, e ressurgiu o Partido Liberal.

A legislatura de 1869 veria o fim da guerra do Paraguai, com a morte de Solano Lopez em março de 1870. O visconde do Rio Branco, presidente do Conselho de Ministros, fez votar, no mesmo ano, a lei do Ventre Livre. Foi este, também, o ano da fundação do Partido Republicano, sob influência da Terceira República francesa, proclamada após a derrota de Napoleão III em Sedan.

A Câmara eleita em 1872 duraria quase tanto quanto o gabinete Rio Branco, o mais longo do Império, que governou de 1871 a 1875. A reforma eleitoral deste último ano, estabelecendo a representação das minorias, durou até 1881, quando a lei Saraiva instituiu a eleição direta, adotando o voto censitário e estabelecendo quociente eleitoral para as eleições provinciais, em que cada distrito tinha vários deputados.

Ao conservador Caxias seguiram os liberais, com Sinimbu e Saraiva. A Câmara de 1881 promoveu a emancipação dos sexagenários. A escravidão já era o tema central do Legislativo brasileiro. E, naquela reunida em 1885, notava-se, pela primeira vez, a presença de deputados gerais republicanos, como os paulistas Prudente de Moraes e Campos Sales, futuros presidentes da República.

Afinal, na legislatura seguinte, a décima nona e última do Império, o conservador João Alfredo, presidente do Conselho de Ministros, apresentou à Câmara dos Deputados, em 7 de maio de 1888, projeto de lei extinguindo a escravidão no Brasil. A Câmara o aprovou no dia 9, remetendo-o ao Senado. E, no dia 13, a princesa regente assinaria a lei Áurea.

De regresso da Europa, o imperador, perante a Câmara maciçamente conservadora, chamou ao poder os liberais, chefiados pelo visconde de Ouro Preto. E dissolveu-a em junho de 1889, convocando para 20 de novembro uma nova legislatura, que não chegaria a se reunir.

Proclamada a República a 15 de novembro, instalar-se-ia, um ano depois, a Assembléia Constituinte, que concluiu seus trabalhos em fevereiro de 1891. E, com a dissolução da Constituinte, a Câmara dos Deputados (cuja primeira

legislatura, inaugurada em junho de 1891, se encerrou em 1893), seguiu reunindo-se no paço da Quinta da Boa Vista, até ser dissolvida, em novembro daquele último ano, pelo golpe de Estado do marechal-presidente Deodoro da Fonseca. Vindo, no mesmo mês, o contragolpe, com a renúncia de Deodoro e a ascensão à Presidência do marechal Floriano Peixoto, a Câmara voltaria à Cadeia Velha.

Na legislatura reunida em 1897, começou a delinear-se a política que Campos Sales chamaria “dos governadores”, baseada no apoio dos estados (sob a liderança dos dois maiores, São Paulo e Minas Gerais) ao governo federal, tendo por contrapartida a liberdade política dada por este aos governos estaduais. A Câmara dos Deputados firmaria, assim, o sistema que dominou a primeira República.

Por toda essa fase, se destacaram os trabalhos dos deputados sobre a intervenção federal nos estados e o estado de sítio. Esses temas foram objeto de debates e deliberações durante a presidência de Floriano, quando da revolta da Armada, do atentado contra Prudente de Moraes, da revolta da vacina no governo Rodrigues Alves, e da revolta da chibata, quando marinheiros se rebelaram no quadriênio do marechal Hermes.

Em dezembro de 1915, a Câmara dos Deputados aprovou a lei do Código Civil, cujo relator-geral foi o deputado Melo Franco, como o seria também, em 1917, da lei estabelecendo o estado de guerra contra a Alemanha.

Em 1922, o levante do forte de Copacabana contra o governo de Epitácio Pessoa ocasionou, em julho, a votação do estado de sítio. Começava o processo crônico de revolução política, militar e institucional na República. O quadriênio Artur Bernardes decorreria, em grande parte, sob estado de sítio, não obstante a reforma constitucional de 1926.

Durante a legislatura seguinte, formou-se a Aliança Liberal, sobretudo na Câmara dos Deputados, contra a desgastada política dos governadores, que o presidente Washington Luís insistia em manter, através da imposição de nova candidatura presidencial paulista. Contrariada a expectativa de uma candidatura mineira, Minas Gerais se aliou ao Rio Grande do Sul e à Paraíba. As representações dos dois últimos estados seriam amputadas na Câmara pela

comissão de reconhecimento de poderes. E veio a revolução de 1930, vitoriosa em outubro.

O Governo Provisório dissolveu o Congresso e os partidos. A ambição caudilhista de Getúlio Vargas o conduzia a manter-se indefinidamente no poder, para, em seguida, torná-lo ilimitado, como ocorreria sete anos mais tarde. Em maio de 1932, contudo, a pressão política levou-o a assinar decreto convocando uma Assembléia Constituinte para o ano seguinte. Com a revolução constitucionalista em São Paulo de permeio, constituiu-se, por decreto, comissão especial incumbida de preparar o anteprojeto de Constituição, presidida pelo ex-deputado Melo Franco. Seu texto foi remetido ao Governo Provisório para que o submetesse à Constituinte, reunida em novembro. A segunda Constituição republicana seria promulgada em julho de 1934. Dias depois, reunia-se, pela primeira vez, a nova Câmara dos Deputados, dissociada da Assembléia. E, em outubro, realizavam-se eleições para a próxima legislatura, inaugurada em maio de 1935. Mas logo viria a insurreição comunista, o estado de sítio, e, afinal, o golpe de Estado de novembro de 1937, através do qual Getúlio Vargas dissolveu o Congresso e deu início aos oito anos de regime ditatorial do Estado Novo.

A Câmara dos Deputados do Brasil entraria, assim, no período de recesso mais prolongado da sua história. Após a deposição, em outubro de 1945, do ditador, desgastado pela vitória das democracias contra o fascismo na segunda guerra mundial e pela participação das forças armadas brasileiras no conflito, inaugurou-se, em fevereiro de 1946, a terceira Constituinte republicana, eleita em dezembro do ano anterior. A Constituição por ela feita foi promulgada em setembro do mesmo ano.

Separadas, então, as duas casas do Congresso, permaneceu vigente a Câmara dos Deputados, eleita com o Senado para compor a Constituinte. Nessa legislatura, anulado o registro do Partido Comunista pela justiça eleitoral, foram cassados na Câmara os mandatos dos seus representantes.

Em 1950, Getúlio Vargas seria eleito triunfalmente. Mas a crise política que lhe acompanhou a volta ao poder só fez acirrar-se, através da oposição na Câmara e na imprensa, até desembocar, em 1954, no atentado preparado pela guarda pessoal do presidente contra o jornalista Carlos Lacerda, na morte do

oficial da Aeronáutica que o acompanhava, na pressão militar pela renúncia do mandatário, na licença e no suicídio de Getúlio Vargas.

A legislatura seguinte viveu a deposição dos presidentes Carlos Luz e Café Filho, declarados impedidos pela Câmara dos Deputados em novembro de 1955.

O próximo quadriênio parlamentar testemunharia a eleição e renúncia do Presidente Jânio Quadros, a crise institucional deflagrada por oposição civil e militar à posse do vice-presidente João Goulart, a votação, pela Câmara, do Ato Institucional instituindo o sistema parlamentar de governo (possuo seu texto original datilografado, com emendas manuscritas pelo senador Afonso Arinos e pelo deputado San Tiago Dantas). O Ato Adicional, que preservava a presidência de Goulart, seria por este metodicamente sabotado. E a restauração do presidencialismo, por plebiscito, conduziu o país, em 1964, ao caos político (a subversão em marcha, as rebeliões dos marinheiros e dos sargentos) e ao colapso da democracia.

Nesse decênio (1954-1964), a Câmara dos Deputados viveu uma das fases mais tempestuosas da sua história. Vieram, depois, os atos institucionais, as cassações de mandatos, o estado de exceção. Extinguiram-se os antigos partidos políticos, reunindo-se os congressistas em dois blocos parlamentares, a Aliança Renovadora Nacional, governista, e o Movimento Democrático Brasileiro, oposicionista (deste, como deputado federal, fui fundador em nível nacional). A legislatura prorrogou-se a fim de que aquele Congresso, deformado pelo arbítrio, se transformasse em Assembléia Constituinte (da qual, por ilegítima, declinei participar, renunciando ao mandato).

A Câmara viveria sua grande hora recusando curvar-se a pressões militares para punir um deputado que expressara opiniões políticas em plenário, no exercício constitucional do seu mandato. Em conseqüência, veio o Ato Institucional n.º 5, de dezembro de 1968, retirando explicitamente o Brasil da condição de Estado de direito, ao excluir de apreciação judicial os atos nele baseados. A Emenda n.º I à Constituição de 1967, ao incorporá-lo, consolidou a ditadura militar.

Nas eleições parlamentares de 1974, porém, mesmo reprimida, a oposição obteve a maioria dos votos. Aos solavancos, se processava a abertura democrática, em longo processo que duraria vinte e um anos ao todo.

Em 1985, o Colégio Eleitoral, onde a Câmara dos Deputados era majoritária, elegeu para a presidência da República o candidato da oposição. Com sua enfermidade e morte, nela empossou o vice, que convocaria a Assembléia Nacional Constituinte, eleita em 1986, e autora, em 1988, da Constituição vigente.

Em 1992, a Câmara aprovou a admissibilidade do processo de impedimento contra um presidente fraudulento, em sobressalto ético que não teria seqüência. Pois se seguiu a corrupção generalizada a que assistimos, em processo acelerado de desmoralização do Poder Legislativo. Hoje, a economia empresarial subordina a política. As relações entre o social e o econômico são de oposição. O conflito principal situa-se na distribuição de renda e da riqueza. Mas a essência do mandato é servir, visando sempre o bem comum, e não servir-se dele. Cumpre reconstruir o conteúdo e a imagem do Congresso e dos partidos. A reforma necessária consistiria em alargar o espaço de intervenção da sociedade. É por aí, pelas suas conseqüências em benefício coletivo, que o valor do voto pode recuperar a credibilidade da Câmara dos Deputados nesses seus 180 anos de existência.

SESSÃO DO DIA 5 DE OUTUBRO DE 2006

Sob a presidência do Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça, estiveram presentes os Acadêmicos: Cícero Sandroni, Secretário-Geral; José Murilo de Carvalho, Segundo-Secretário; Murilo Melo Filho, Diretor da Biblioteca; Eduardo Portella, Diretor dos *Anais da Academia Brasileira de Letras*; Affonso Arinos de Mello Franco, Alberto da Costa e Silva, Alberto Venancio Filho, Antonio Olinto, Arnaldo Niskier, Domício Proença Filho, Evanildo Cavalcante Bechara, Pe. Fernando Bastos de Ávila, Helio Jaguaribe, Ivan Junqueira, Lêdo Ivo, Moacyr Scliar, Nélida Piñon, Nelson Pereira dos Santos e Tarcísio Padilha.

- Iniciada a sessão, o Presidente Marcos Vinícios Vilaça submeteu à discussão a ata da sessão do dia 28 de setembro de 2006, que foi aprovada por unanimidade. Na seqüência, congratulou-se, em nome da Academia, com o Acadêmico Eduardo Portella, pelo seu aniversário, que transcorre no próximo dia 8. O Acadêmico foi saudado com uma salva de palmas. Comunicou que, por força do feriado do próximo dia 12, a sessão ordinária semanal será realizada no dia 11, quarta-feira. Lembrou a posse do Acadêmico José Mindlin, a 10 de outubro, razão pela qual, a conferência que teria lugar nesta data transcorrerá na segunda-feira, dia 9. Esclareceu que a anunciada internação hospitalar da Acadêmica Zélia Gattai Amado deveu-se a exame rotineiro. Deu notícia de carta enviada pelo Acadêmico Carlos Nejar agradecendo a preocupação dos confrades por sua saúde, em

função da intervenção cirúrgica a que se submetera. Registrou o êxito progressivo da presença da Academia na Internet, comprovada pelo crescente número de buscas. Submeteu ao plenário, em cumprimento a dispositivo regimental, proposta da aposição do retrato da Acadêmica Rachel de Queiroz nas dependências da Casa, proposta aprovada com designação do Acadêmico Arnaldo Niskier como orador. Registrou as homenagens da Associação Brasileira de Imprensa e da Associação Brasileira de Educação respectivamente aos Acadêmicos Candido Mendes de Almeida e Arnaldo Niskier. Informou ao plenário o êxito de público da exibição na ABL dos curtas-metragens sobre escritores, dentro das atividades do Festival de Cinema do Rio de Janeiro. Comunicou que uma empresa brasileira sediada em Pernambuco garantira-lhe o pleno patrocínio para a publicação do livro que está sendo preparado para as comemoração dos 110 anos da Academia Brasileira de Letras. Passou à Secretaria o colar que pertenceu ao Acadêmico Francisco de Assis Barbosa e que a família passará ao Acadêmico José Mindlin. Recebeu do Acadêmico Helio Jaguaribe o texto de sua conferência a ser por ele pronunciada na Academia Portuguesa de História, como representante da Academia Brasileira de Letras no seminário Ibero-América como Processo Histórico-cultural e como Projeto Político. Agradeceu, em nome da Diretoria, ao Acadêmico Tarcísio Padilha o empenho e o cuidado ao elaborar a lista de todo patrimônio da Casa para o programa do Ministério da Cultura, articulado com o BNDES.

- O Acadêmico Domício Proença Filho apresentou, em proposta assinada por dezessete acadêmicos, candidato à vaga de Jean Roche, na Cadeira n.º 20 do Quadro dos Sócios Correspondentes da Academia. Os Acadêmicos Lêdo Ivo e Ivan Junqueira associaram-se à indicação.
- O Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco louvou o mérito da proposta apresentada pelo Acadêmico Domício Proença Filho, mas alertou que, de acordo com o parágrafo segundo do Art. 8.º do Regimento Interno da Academia Brasileira de Letras, “nenhuma proposta ou requerimento poderá ter mais de uma assinatura, salvo o disposto no art. 52, § 2.º”. Manifestou total apoio à proposta e sugeriu que fosse refeita de acordo com o Regimento.

- O Acadêmico Domício Proença Filho esclareceu que a sua intenção ao apresentar o documento com as diversas assinaturas fora caracterizar o pleno assentimento dos signatários à indicação feita. Agradeceu a colaboração do confrade Affonso Arinos e imediatamente reapresentou a proposição, rigorosamente nos termos regimentais, que foi acolhida pela Presidência.
- O Acadêmico Eduardo Portella associou-se à indicação do Acadêmico Domício Proença Filho, ressaltando os altos méritos do candidato apresentado, personalidade das mais respeitáveis internacionalmente.
- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça, em seu nome e no da Diretoria, manifestou também seu apoio ao candidato à Cadeira 20 apresentado pelo Acadêmico Domício Proença Filho.
- Também o Acadêmico Alberto da Costa e Silva associando-se à proposta, falou sobre a alta representatividade cultural do candidato indicado, destacando aspectos de sua profícua atuação e produção literária.
- O Acadêmico Lêdo Ivo observou que o Regimento possibilitava o entendimento de que a proposição de candidaturas a sócio correspondente admitia pluralidade de assinaturas.
- O Acadêmico Cícero Sandroni leu, por sugestão do Acadêmico José Murilo de Carvalho, o artigo 13 do capítulo do Regimento referente às eleições: “Ao ter notícia do falecimento de Acadêmico ou de sócio correspondente, o Presidente, na primeira sessão, comunicará o óbito, declarará aberta a vaga e fixará o prazo de 30 dias para a apresentação de candidaturas.” Parágrafo único: “Findo este prazo, o Presidente comunicará a todos os nomes dos inscritos e marcará a eleição para a primeira sessão ordinária, após o decurso de 60 dias.”
- O Acadêmico Alberto Venancio Filho lembrou o § 2.º do art. 16 onde se estabelece: “Nenhuma notícia será publicada sobre a apresentação da proposta, bem assim sobre o parecer ou a discussão deste.”
- O Presidente comunicou que à luz dos dispositivos regimentais a Diretoria informará na próxima semana a data da eleição para a citada Cadeira n.º 20.

- O Acadêmico Lêdo Ivo deu ciência de que transcorre este ano o centenário do nascimento do saudoso Acadêmico Cyro dos Anjos. Lamentou a impossibilidade de uma comemoração maior dessa efeméride. Sugeriu ao Secretário-Geral uma exposição com as obras completas do Cyro dos Anjos e também uma conferência do Acadêmico Sábado Magaldi sobre o saudoso confrade. Relembrou a sua importância como ficcionista singular, em que a ficção se atrelava sempre à memória. Discorreu sobre o seu estilo castiço, do maior apuro formal, e destacou que sua prosa é um dos espelhos mais consistentes da vida mineira no Século XX. Em seguida, ofereceu à Biblioteca Lucio de Mendonça o livro *História da Família Versiani*, de sua biblioteca particular.
- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça agradeceu a doação e comunicou que, segundo informação do Secretário-Geral, Acadêmico Cícero Sandroni, a comemoração do centenário de Cyro dos Anjos terá lugar na sessão do dia 26 de outubro, quando sobre ele falará o Acadêmico Sábado Magaldi, bem como, também será providenciada, no espaço das efemérides, a celebração do centenário do Acadêmico Vianna Moog.
- O Acadêmico Helio Jaguaribe em referência ao lançamento do seu livro *O Posto do Homem no Cosmo*, ocorrido na Sala José de Alencar, registrou a coordenação da mesa-redonda conduzida de maneira exemplar pelo Acadêmico Cícero Sandroni e ainda o admirável pronunciamento do Acadêmico Tarcísio Padilha que, além da generosa apresentação do livro, feita no mais alto nível de qualificação filosófica, teceu considerações extremamente competentes a respeito das contribuições que, nos fins dos anos 20, deu a esse tema o professor e filósofo Max Scheller. Solicitou que essa importante e altamente qualificada comunicação constasse nos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.
- O Acadêmico Alberto da Costa e Silva sugeriu que tal comunicação fosse publicada não nos *Anais da Academia Brasileira de Letras*, mas na Revista Brasileira, sugestão aprovada.
- O Acadêmico Tarcísio Padilha agradeceu ao Presidente a referência generosa, no início da sessão, ao pequeno trabalho referente ao patrimônio da Casa e às providências a serem tomadas, que teve ocasião de coordenar e

cujo mérito cabe muito aos servidores, especialmente à Sra. Irene Moutinho e ao Museólogo Luís Anselmo. Na seqüência, agradeceu as palavras do Acadêmico Helio Jaguaribe a propósito dos comentários que fez sobre o seu brilhante livro no qual, assinalou, se configura uma visão global da realidade no campo da ciência e da especulação filosófica.

- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça destacou a significação do encontro da Academia com a alta direção da Confederação Nacional do Comércio, na visita ao novo núcleo de ensino que está sendo implantado na Barra da Tijuca. Assinalou a relevância de um possível intercâmbio entre aquela entidade e a Academia.
- O Acadêmico Arnaldo Niskier discorreu sobre esse encontro com os amigos da direção da Confederação Nacional do Comércio, que têm sob a sua responsabilidade as ações que são desenvolvidas junto ao SESC e ao SENAC, em todo país. Referiu-se ao discurso do Presidente Antônio Oliveira Santos que expressou a gratidão da Confederação pelo que a Academia representa para a cultura brasileira e um desejo muito forte de que aquelas belíssimas instalações, caracterizadas por extraordinária modernidade, permanecessem à disposição da Academia Brasileira de Letras. Ressaltou que o Presidente Marcos Vinícios Vilaça pronunciou primorosa alocução relativa ao projeto. Informou que os acadêmicos presentes estavam acompanhados de suas esposas. Ressaltou que naquele encontro a Academia estreitava os laços de estima, respeito e admiração com a Confederação Nacional do Comércio. Transmitiu um convite do Presidente Oliveira Santos para que a Academia visite uma escola de meio ambiente situada no Pantanal, onde se desenvolve um projeto pedagógico e ecológico de primeira ordem e onde mantém um hotel de cinco estrelas à disposição dos acadêmicos. O Presidente agradeceu e aceitou o convite, numa segunda etapa desse processo de aproximação com uma entidade nobre que merece o respeito desta Casa. O Acadêmico Arnaldo Niskier notificou que, na ocasião da visita, foi também apresentado o projeto de uma escola-modelo de ensino médio, de sua idealização, que vai funcionar a partir de 2008. Discorreu sobre o funcionamento dessa escola-modelo inspirado no sistema americano de ensino. Assinalou a presença de dez Acadêmicos e salientou a excelência da acolhida demonstrada por

todos os Diretores da Confederação Nacional do Comércio com relação a cada um.

- Na celebração das Efemérides, o Acadêmico Antonio Olinto, ao relembrar Roberto Campos, discorreu sobre sua atuação nos setenta últimos anos, os que vieram de 1935 a este começo de milênio. O Senhor Presidente determinou que o texto seja incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.
- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça agradeceu o pronunciamento feito pelo Acadêmico Antonio Olinto. Solicitou permissão ao plenário para agradecer ao Acadêmico Domício Proença Filho pelas palavras que proferiu, na semana passada, a respeito do livro *Invenção de Mundos* que trata da vida e da obra de seu filho Marcantonio Vilaça. A seguir, convidou a todos para a 7.^a mesa-redonda do seminário “Brasil, brasis” sobre “Ciência e literatura: convergências e divergências”, sob Coordenação geral do Acadêmico Ivan Junqueira. O expositor será o Acadêmico Moacyr Scliar e os debatedores Marcelo Gleiser e Silvio Meira. E encerrou a sessão.

ROBERTO CAMPOS

*Apresentação do Acadêmico Antonio Olinto**

Falar de Roberto Campos é fazer um levantamento dos setenta últimos anos, os que vieram de 1935 a este começo de um milênio. Naquele tempo, ainda getuliano, estudávamos para padre (queríamos ser sacerdotes católicos), no seminário Maior de Belo Horizonte. Eu, aos 15 anos, estava no curso de Filosofia, ele, aos 17, já estava no de Teologia e tinha as Ordens Menores. Falávamos latim, estudávamos grego, defendíamos teses escolásticas, sob a égide de Santo Tomás de Aquino. Não seríamos brasileiros se não dedicássemos também nosso tempo à poesia. Líamos nossos poemas ao Monsenhor Leão, meu professor de Filosofia, que nos pedia que déssemos atenção maior à Teologia do que à poesia.

Deixamos o seminário na mesma época e viemos para o Rio de Janeiro ainda antes do dia 10 de novembro, quando Getúlio instalou sua ditadura.

Gustavo Capanema, então Ministro da Educação, havia instituído um curso ginásial de quatro anos com o ensino obrigatório do latim em todos eles. Passamos então, Roberto e eu, a dar aulas de latim de manhã e de tarde em ginásios, e à noite em cursos do Artigo 100, que facultava a alunos de mais de 18 anos a que fizessem provas diretas no Pedro II para a obtenção do título do segundo grau.

Mas logo Roberto resolveu fazer o concurso direto para o Itamaraty. Foi aprovado e tomou posse como diplomata.

* Pronunciada nas Efemérides do dia 5 de outubro de 2006.

A partir de então rápida foi sua ascensão. Depois de uma temporada curta na embaixada do Brasil em Buenos Aires, foi mandado para os Estados Unidos, onde se demorou por muitos anos e onde fez um curso completo de Economia na Universidade de Washington. Assim, depois de ter aprendido latim e grego, Filosofia e Teologia, diplomou-se em Ciências Econômicas e pôde, com isto, atender ao que o futuro dele esperava. Começou por integrar a Comissão Mista Brasil-Estados Unidos que preparou um plano de metas para o Brasil que, mais tarde, faria também parte do plano de metas de Juscelino Kubitschek. Duas pessoas, da mesma geração, Roberto Campos e Lucas Lopes trabalharam então juntos. Os dois criariam o BNDE, que então ainda não tinha o “S” de social, de que, em épocas diversas, os dois seriam, presidentes.

Finda a era Juscelino, Roberto Campos foi escolhido por Jânio Quadros para negociar a dívida brasileira na Europa e, em seguida, assumiu o cargo de embaixador do Brasil em Washington. Com as mudanças de 1964, Castelo Branco pediu a Roberto que organizasse um Ministério novo, o do Planejamento. Nele criou Roberto o Banco Central, o FGTS (Fundo de Garantia por Tempo de Serviço), o Banco da Habitação e a Caderneta de Poupança.

Foi além e reduziu, em menos de três meses, a inflação brasileira de 100% a 25% ao ano. Tomou também uma iniciativa que desagradou à esquerda, que não concordou com muitas das soluções visadas, mas desagradou também aos militares que viram no Estatuto uma iniciativa de certo modo esquerdista. Foi nessa ocasião que Roberto Campos se recusou a assinar o documento de cassação de Juscelino Kubitschek, com quem havia trabalhado. Disse então Roberto a Castelo Branco: “Não posso assinar esse documento. Juscelino é meu amigo, trabalhei com ele. Se o Presidente faz questão de unanimidade, entrego em suas mãos o meu cargo de Ministro do Planejamento.” Castelo Branco retrucou: “Vote com a sua consciência, Roberto. E, por favor, continue Ministro.”

Foi também então que Roberto Campos colaborou, com sua autoridade e sua assinatura, para a concessão pelo Presidente Castelo Branco, do terreno adjunto ao *Petit Trianon*, ato que permitiu a expansão das atividades da Academia Brasileira de Letras.

SESSÃO DO DIA 11 DE OUTUBRO DE 2006

Sob a presidência do Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça, estiveram presentes os Acadêmicos: José Murilo de Carvalho, Segundo-Secretário; Antonio Carlos Secchin, Tesoureiro; Murilo Melo Filho, Diretor da Biblioteca; Sergio Paulo Rouanet, Diretor do Arquivo; Eduardo Portella, Diretor dos *Anais da Academia Brasileira de Letras*; Affonso Arinos de Mello Franco, Alberto da Costa e Silva, Alberto Venancio Filho, Antonio Olinto, Arnaldo Niskier, Domício Proença Filho, Evanildo Cavalcante Bechara, Pe. Fernando Bastos de Ávila, Helio Jaguaribe, Ivan Junqueira, José Mindlin, Lêdo Ivo, Moacyr Scliar e Nelson Pereira dos Santos.

- Iniciada a sessão, o Presidente Marcos Vinícios Vilaça submeteu à discussão a ata da sessão do dia 5 de outubro de 2006, que foi aprovada por unanimidade. Na seqüência, destacou a excelência do texto do discurso de recepção do Acadêmico Alberto da Costa e Silva a José Mindlin que, presente à sua primeira sessão como acadêmico foi saudado com a tradicional salva de palmas. Congratulou-se, em nome da Academia, com o Acadêmico Murilo Melo Filho, na passagem do seu aniversário, que transcorre no próximo dia 13, congratulações que se associaram as palmas efusivas do plenário. Comunicou que, em nome da Academia, manifestara solidariedade ao Acadêmico Tarcísio Padilha diante do falecimento de uma sobrinha-neta, vítima do acidente aéreo da Gol, e transmitira à família de José Murilo de Carvalho o sentimento de luto da Casa pelo recente passa-

mento do progenitor de sua mulher Norma. Prosseguindo, comunicou que a Diretoria visitara Oscar Niemeyer, que convalesce de uma cirurgia. Comunicou ainda que a ABL dirigiu-se aos editores do Caderno *Idéias*, do *Jornal do Brasil*, cumprimentando-os pelos vinte anos daquele importante suplemento literário. Deu notícia da homenagem prestada no último sábado à Academia pela Escola de Samba Mangueira, que apresentará no próximo carnaval um enredo centrado na Língua Portuguesa. Registrou a presença, nessa homenagem, dos Acadêmicos Ivan Junqueira, Nelson Pereira dos Santos e Domício Proença Filho, ocasião em que testemunhou a riqueza do convívio e das entrevistas dos acadêmicos com os compositores da Mangueira. Discorreu sobre a participação de cada um e sobre as atividades comunitárias daquela escola de samba. Informou que a escola convidou todos os acadêmicos para integrarem o desfile da escola no próximo carnaval em carro próprio de homenagem. Deu conhecimento ao plenário que está em fase conclusiva o processo que garante à Academia o patrocínio da INFRAERO às edições da Casa. Registrou a visita aos escritórios da Diretoria, nesta data, do Sr. Sergio Bernardo Guimarães, bisneto de Bernardo Guimarães, que propôs à Academia a compra do que resta do patrimônio do escritor: um retrato e o diploma dele de Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais. Relatou o teor da conversa, ocasião em que tomou conhecimento do estado precário em que se encontra a casa de Bernardo Guimarães, em Ouro Preto. Comunicou-lhe que a Academia não dispunha de recursos o que não a impede de buscar patrocínio. Nesse sentido, informou que se dirigiu ao prefeito de Ouro Preto, Ângelo Osvaldo.

- O Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco congratulou-se com a Casa pela cerimônia de recepção ao Acadêmico José Mindlin. A seguir, registrou seu pesar pelo falecimento do editor Fernando Gasparian, grande amigo dos livros, das letras e dos escritores. Relembrou a sua capacidade, desde jovem, de se dedicar aos assuntos públicos, como líder estudantil, líder sindical, escritor, empresário, professor e legislador. Discorreu sobre a sua vida profissional e política e suas lutas pela liberdade de expressão. Acredita que se enquadra no espírito desta Casa, lembrar, com respeito e com saudade, a memória do brasileiro ilustre que ele foi.

- O Acadêmico Helio Jaguaribe associou-se às palavras do Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco sobre Fernando Gasparian, de quem foi amigo por muitos anos. Lembrou que a Paz e Terra é a editora dos seus livros e que seu último encontro com ele se dera na Academia no dia do lançamento de *O Posto do Homem no Cosmos*, ocasião em que Fernando fez uma excelente apresentação da obra. Reafirmou que a vida de Fernando Gasparian foi uma incessante luta pela liberdade, pela democracia e pela socialização dos bens da sociedade brasileira. Comunicou que os amigos de Fernando Gasparian estão pensando em promover um ato em homenagem à sua memória e em solidariedade à sua família. Disse que se associou plenamente a essa iniciativa e consultou a direção da Casa sobre a possibilidade de que tal ato possa ter lugar na Academia porque, como disse Affonso Arinos, Fernando Gasparian foi um defensor das letras e do livro.
- O Acadêmico José Murilo de Carvalho agradeceu, em nome de Norma, sua mulher, e no seu próprio, as manifestações da Casa e dos colegas especialmente dos que compareceram ao velório.
- O Acadêmico Antonio Carlos Secchin propôs a concessão da Medalha João Ribeiro ao escritor e pesquisador Ubiratan Machado, a seu juízo notável estudioso de nossas letras e que recentemente publicou *Bibliografia Machadiana: 1959 – 2003*, a partir do ponto onde José Galante de Sousa havia chegado com o seu conhecido trabalho. Discorreu sobre o livro do citado autor *Vida Literária no Romantismo Brasileiro*, premiado pela Fundação Biblioteca Nacional. Afirmou que sua contribuição poderá ser de muita utilidade no desenvolvimento do projeto da Academia ligado ao lançamento das obras completas de Machado de Assis. Disse considerar Ubiratan Machado um discreto batalhador de nossas letras. (O texto lido será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.)
- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça solicitou ao Acadêmico Antonio Carlos Secchin que formalizasse a proposta para que seja submetida à tramitação regulamentar.

- O Acadêmico José Mindlin manifestou a sua alegria de fazer parte da Academia Brasileira de Letras e o seu agradecimento à generosidade com que a sua candidatura foi acolhida.
- O Presidente deu a palavra ao Acadêmico Evanildo Cavalcanti Bechara para ler um texto sobre o Prêmio Afrânio Coutinho que será conduzido pelo Diretor da Biblioteca Rodolfo Garcia, texto do Acadêmico Murilo Melo Filho, que lhe solicitou a leitura por encontrar-se totalmente afônico.
- Para se pronunciar sobre o assunto o Presidente concedeu a palavra ao Acadêmico Alberto Venancio Filho que solicitou maiores esclarecimentos sobre o texto, uma vez que se referia a um prêmio destinado à pesquisa e estudo sobre o acervo de Franklin de Oliveira, abrigado na Biblioteca Rodolfo Garcia, e sobre a designação do Prêmio e sua destinação.
- O Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara esclareceu que o objetivo da criação deste prêmio, destinado a comemorar o primeiro aniversário da Biblioteca Rodolfo Garcia, foi incentivar a pesquisa naquela biblioteca. Os interessados no prêmio se dedicariam a pesquisa no patrimônio deixado por Franklin de Oliveira, que é bastante rico em filosofia, em história, em literatura e em cultura geral, para sobre ele pronunciar-se. Os trabalhos seriam submetidos à Comissão Consultiva da Biblioteca que se pronunciaria sobre a premiação.
- O Acadêmico Alberto Venancio Filho aduziu dois comentários a propósito do prêmio em questão: primeiro, a Academia Brasileira de Letras vai completar 110 anos de fundação; a Biblioteca Lúcio de Mendonça já completou 100 anos; disse estranhar, diante de tais fatos a criação de um prêmio para comemorar o primeiro ano de fundação da Biblioteca Rodolfo Garcia; segundo: a Biblioteca Lúcio de Mendonça tem acervo valiosíssimo como o de Alberto de Oliveira, Domício da Gama e de outros membros da Academia que nunca foram pesquisados. Esclareceu tratar-se apenas de observações destinadas à reflexão dos seus confrades.
- O Acadêmico Domício Proença Filho lembrou o Art. 53 do Regimento Interno da Academia, que se refere aos prêmios destacando o § 2.º que diz: “A Academia poderá conceder outros prêmios, mediante proposta anteriormente aprovada e incluída no Orçamento ou sob patrocínio, sem-

pre com prévia aprovação do plenário.” Acredita que esse prêmio se enquadra neste parágrafo porque lhe parece que há um patrocínio prévio e também, segundo deduziu da leitura do documento, a intenção do prêmio era incentivar a pesquisa e a consulta à Biblioteca Rodolfo Garcia, uma vez que a proporção de leitores deixa muito a desejar em termos da relação entre custo e benefício. É uma Biblioteca ainda desconhecida do grande público leitor e a proposta do prêmio é de propiciar-lhe maior visibilidade. Quanto à vinculação a Franklin de Oliveira considera passível de discussão a proposta de um prêmio com uma temática preestabelecida.

- O Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara afirmou que não há uma temática preestabelecida; o que a direção da Biblioteca está pretendendo é justamente convocar pessoas interessadas em pesquisa a conhecer mais de perto o patrimônio da Biblioteca Rodolfo Garcia. Como esse patrimônio está dividido em doação de grandes beneméritos, entre eles o que está sendo proposto, seria uma oportunidade de interessados em pesquisa tomarem conhecimento do acervo, tematicamente, rico de tal doação.
- O Acadêmico José Murilo de Carvalho afirmou não ter dúvidas quanto ao mérito e a intenção perfeitamente adequada da proposta do Prêmio mas também é meritória a observação do Acadêmico Alberto Venancio Filho. Todas as duas bibliotecas são subutilizadas e a sua proposta seria da criação de um prêmio para as duas bibliotecas. Na sua opinião a Biblioteca Rodolfo Garcia não deve limitar a premiação apenas ao acervo de um doador.
- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça indicou o Acadêmico José Murilo de Carvalho para analisar a proposta, submetê-la à Diretoria, e em seguida distribuir o texto com suas conclusões aos Acadêmicos para análise do plenário.
- Na celebração das Efemérides o Acadêmico Antonio Carlos Secchin discorreu sobre o cinquentenário de publicação de *Morte e Vida Severina*. O Senhor Presidente determinou que o texto fosse incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.
- O Acadêmico Antonio Olinto lembrou o dia em que entrou pela primeira vez no *Petit Trianon*, há mais de meio século, quando assistiu a posse do

Acadêmico Josué Montello e discorreu sobre a personalidade e os méritos do saudoso e querido ex-presidente.

- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça, antes de encerrar a sessão, justificou a ausência do Acadêmico Cícero Sandroni, motivada por questões familiares. Disse também que na Escola de Samba Mangueira, o grande momento do evento foi a doação dos livros editados pela Academia para a sua biblioteca

CONCESSÃO DA MEDALHA JOÃO RIBEIRO

*Proposta do Acadêmico Antonio Carlos Secchin**

Proponho que a Medalha João Ribeiro seja concedida ao pesquisador e escritor Ubiratan Machado, pelo seu constante e consistente trabalho em prol da preservação da memória literária de nosso país, de que são exemplos, entre outros títulos, os livros *A Vida Literária no Brasil Durante o Romantismo* (EdUERJ, 2001), ganhador do prêmio Fundação Biblioteca Nacional; *Machado de Assis – Roteiro da Consagração* (EdUSP, 2003) e *Bibliografia Machadiana 1959-2003* (EdUSP, 2005), alentada pesquisa que consigna praticamente a totalidade da fortuna crítica do autor num período superior a quatro décadas, sob a forma de 3.282 registros.

Ubiratan Machado é escritor que, decerto, muito poderá colaborar junto a esta Casa num futuro projeto de edição da obra de Machado de Assis, de quem é um dos apaixonados estudiosos, possuidor de um extraordinário acervo machadiano com mais de mil títulos, possivelmente o mais completo do Brasil.

* Apresentada na sessão do dia 11 de outubro de 2006.

CINQUENTENÁRIO DE MORTE E VIDA SEVERINA

*Apresentação do Acadêmico Antonio Carlos Secchin**

Vários poetas podem habitar o mesmo poeta, às vezes em pacífica e tácita convivência, outras em aberto conflito. Se a poesia se rege pelos signos da mudança, rejeitando o conformismo que se torna sinônimo de sua morte, não surpreende que, ao longo da existência, o artista vá configurando e desfigurando sucessivas versões de sua face, sem que em nenhuma delas resida sua verdade. A verdade se divide, ou, antes, se multiplica na historicidade desse percurso e não é raro que se fale em “fases do poeta” em que o mesmo autor se desconhece desse outro que ele já foi. Muitos escritores, por exemplo, renegam ou reformulam drasticamente os escritos de juventude, embora pouco se saiba de autores que tenham renegado os da velhice... Ficou célebre a frase com que Murilo Mendes encerrou a apresentação de suas Poesias, de 1959, justificando as inúmeras alterações efetuadas nos textos das edições originais: “Não sou meu sobrevivente, e sim meu contemporâneo.”

Em Cabral, a questão talvez seja mais complexa, pois enquanto, no caso de Murilo a diacronia pareceu desarmar o conflito, mediante a supressão de textos tidos por obsoletos ou excessivamente tributários das tribos de 1922, no autor pernambucano temos a presença sincrônica de dois padrões poéticos que geram práticas textuais bastante diferenciadas. Refiro-me, está claro, às famosas *Duas Águas*, título do volume publicado em 1956, e em cujas orelhas, não-assinadas, o próprio João Cabral esclarece: “de um lado poemas para serem lidos em silêncio /.../ cujo aprofundamento temático/.../ exige

* Proferidas nas Efemérides do dia 11 de outubro de 2006.

mais do que leitura releitura; de outro lado, poemas para auditório, numa comunicação múltipla, poemas que, menos que lidos, podem ser ouvidos”.

O texto que inaugurava a “segunda água” era, exatamente, *Morte e Vida Severina*, hoje, cinqüenta anos após a publicação, consolidada como a mais famosa obra do poeta, numa tal escala que, às vezes, parecia desagradar-lhe, como se a luz excessiva sobre esse livro relegasse a certa e injusta penumbra os demais. Não é exagero afirmar que *Morte e Vida* se transformou no maior êxito editorial da poesia brasileira, já contabilizando mais de 70 edições, sem falarmos nas transposições e leituras que legou para outros veículos, como a televisão e o cinema.

A obra consubstancia um complexo diálogo com fontes cultas e populares da literatura espanhola, abastecendo-se ainda no rico manancial do folclore nordestino. Essa reciclagem do antigo acaba tornando-se, paradoxalmente, um dos veios de renovação da poesia cabralina, que injeta doses maciças de natureza crítica nesse seu consórcio com as formas da tradição. *Morte e Vida* foi classificada pelo autor como “auto de natal pernambucano”. Observemos que a transposição do mito de nascimento de Cristo ocorreu com a perda dos componentes especificamente celebratório-religiosos do enredo bíblico, mas com a manutenção de algumas de suas mais ostensivas linhas identificatórias. Assim, o pai de um recém-nascido se chama José, e é carpinteiro; a presença e os presentes dos vizinhos correspondem aos dos reis magos; José nasceu na cidade pernambucana de Nazaré. Nessa apropriação laica do nascimento do menino-Deus, a esperança, parca embora, situa-se no território humano: é pelo universo do trabalho que o recém-nascido poderá redimir-se.

Severino empreende um périplo na direção da vida, representada, no Recife-ponto-final de sua linha, pelo nascimento da criança. A morte, porém, lhe é a renitente companheira de viagem, como que insinuando ao protagonista a impossibilidade de prolongar seu aluguel com a vida, na medida em que ele já se encontra predestinado à morte severina: “Que é a morte de que se morre / de velhice antes dos trinta, / de emboscada antes dos vinte, / de fome um pouco por dia.” Desde a origem da travessia, nos limites da Paraíba, e em todas as cenas subseqüentes, Severino se defronta com a onipresença da morte, ora explícita, como no funeral de um lavrador – “Esta cova em que

estás, / com palmos medida, / é a conta menor / que tiraste em vida. / É de bom tamanho, / nem largo nem fundo. / É a parte que te cabe / neste latifúndio” – ora implícita, como no discurso de uma rezadeira, para quem a administração da morte se constitui no investimento mais rentável da região: “As estiagens e as pragas / fazem-nos mais prosperar. / E dão lucro imediato. / Nem é preciso esperar / pela colheita. Recebe-se / na hora mesma de semear.”

A ironia é arma certa para controlar o transbordamento sentimental. O leitor sente-se atingido pela crueza dos quadros descritos, sem que a eles seja necessário o acréscimo da inflação verbal de um paternalismo piedoso. Já no Recife, beira o sarcasmo o diálogo entre dois coveiros, que comparam a transatlânticos os caixões dos bem-nascidos, bem-morridos eu diria. Os coveiros referem-se às alas dos ricos como a bairros de belas avenidas, pois nem a morte elimina uma ocupação discriminada do solo; ao contrário, ela duplica por sob a terra as barreiras sociais erguidas acima da terra. Adiante, quando do nascimento da criança, o clima festivo não será suficiente para obstar a fala talvez involuntariamente irônica de um vizinho: “Minha pobreza tal é / que não tenho presente melhor. / Trago papel de jornal / para lhe servir de cobertor. / Cobrindo-se assim de letras / vai um dia virar doutor”.

Cabral cobriu-se de letras, virou escritor. Já tive ocasião de ressaltar que a voz cabralina formou-se num interstício, entre a escrita culta da casa-grande, de onde ele proveio, e a fala da senzala, para onde ele quis dirigir-se, e onde hauriu a fabulação do cordel, a métrica popular, o gosto pela narrativa e pela representação de um mundo feito de coisas ao alcance da mão e dos olhos. Em sua poesia convivem, numa tensão felizmente jamais apaziguada, a primeira água de um Cabral cerebral e a segunda água de um João no nível do chão. Num e noutro, o imperativo da forma se faz presente, pois nele, como dissemos, a poesia dita comunicativa é projeto a ser construído e reelaborado nesse intervalo entre o erudito e o popular, e não algo que ingenuamente já estivesse pronto antes do poema. Populista é quem se apropria indébita ou acriticamente do popular.

Num ensaio sobre o sertão cabralino, referi a inexistência de conselhos ou incitações aos pobres do Nordeste. Na sua obra quase não se encontra – cito

— um sertanejo personalizado, que possua um boi, uma esperança, um chinelo. Só encontramos o sertanejo, figura exemplar, conjugação potencial de traços localizáveis em séries de Severinos. Como também é figura exemplar na literatura brasileira o poeta João Cabral de Melo Neto, autor de uma obra admirável pela obstinação em rejeitar as vias fáceis e fluidas do lirismo, e pela ousadia em palmilhar severamente os caminhos mais íngremes da linguagem, para neles semear as palavras e os poemas que esperam, sem pressa, amanhecer.

SESSÃO DO DIA 19 DE OUTUBRO DE 2006

Sob a presidência do Acadêmico Cícero Sandroni, Secretário-Geral, estiveram presentes os Acadêmicos: Ana Maria Machado, Primeira-Secretária; José Murilo de Carvalho, Segundo-Secretário; Antonio Carlos Secchin, Tesoureiro; Murilo Melo Filho, Diretor da Biblioteca; Affonso Arinos de Mello Franco, Antonio Olinto, Arnaldo Niskier, Domício Proença Filho, Evanildo Cavalcante Bechara, Pe. Fernando Bastos de Ávila, Helio Jaguaribe, Ivan Junqueira, Moacyr Scliar, Nelson Pereira dos Santos e Zélia Gattai Amado.

- Iniciada a sessão, o Acadêmico Cícero Sandroni, no exercício da presidência, submeteu à discussão a ata da sessão do dia 11 de outubro de 2006, que foi aprovada por unanimidade. Na seqüência, as palavras do presidente e uma salva de palmas saudaram a Acadêmica Zélia Gattai Amado. No expediente, o presidente da sessão informou que o Presidente Marcos Vinícios Vilaça se encontra em Portugal juntamente com os Acadêmicos Eduardo Portella, Sergio Paulo Rouanet e Alberto da Costa e Silva para participação na primeira reunião conjunta da Academia Brasileira de Letras e da Acadêmica das Ciências de Lisboa, dedicada ao Iluminismo. Participarão como oradores e debatedores, pela Academia das Ciências de Lisboa os Acadêmicos Adriano Moreira, Mário Soares, Fernando Cristóvão e Aníbal Pinto de Castro. Acrescentou que o Presidente Marcos Vinícios Vilaça iniciou sua agenda cultural em Portugal com recepção em sessão da Sociedade de Geografia de Lisboa, quando foi saudado pelo ex-

embaixador português no Brasil, Francisco Knopfli. Na mesma noite foi homenageado com um jantar no salão de honra do Grêmio Literário, fundado por Alexandre Herculano, presentes intelectuais e autoridades lisboetas. Foram oradores o Vice-Presidente do Grêmio, Luiz Santos Ferro, e o professor Guilherme de Oliveira Martins. O Presidente foi ainda recebido em audiência pelo Presidente de Portugal, Professor Cavaco Silva, no Palácio de Belém, ocasião em que convidou Sua Excelência a visitar a ABL, em sua próxima viagem ao Brasil. O convite foi aceito. Na audiência, questões culturais de interesse para o Brasil e Portugal foram tratadas e o Presidente Cavaco Silva solicitou-lhe que fosse portador de sua saudação especial aos acadêmicos e em particular ao Acadêmico José Sarney, de quem é amigo.

- A Acadêmica Zélia Gattai Amado ofereceu à Biblioteca Lúcio de Mendonça o livro de Antonella Rita Roscilli, *Zélia de Eua – Rodeada de Estrelas*. Acrescentou que depoimento formal sobre a sua infância em meio aos italianos consta do DVD que se encontra encartado na contracapa do volume.
- O Presidente Acadêmico Cícero Sandroni, agradeceu a doação. Acresceu que o livro lhe mobilizou a emoção de descendente de italianos. Na seqüência, associou-se às palavras proferidas na sessão passada por Affonso Arinos de Mello Franco e Helio Jaguaribe sobre Fernando Gasparian de quem era grande amigo. Discorreu sobre sua proximidade com Fernando Gasparian, iniciada nos anos 60, quando ele era Presidente do Sindicato Patronal de Fiação e Tecelagem de São Paulo. Destacou tratar-se de um industrial voltado para os problemas do Brasil e grande nacionalista. Lembrou a sua atuação como interventor na Confederação Nacional da Indústria, no Governo de João Goulart e seu posicionamento quando sobreveio a morte de Rubens Paiva, de quem era grande amigo. Lembrou que Fernando Gasparian fundara o jornal *Opinião* e a revista *Argumento*, e quando esta foi censurada pela polícia os dois advogados que atuaram na defesa foram os Acadêmicos Barbosa Lima Sobrinho e Evandro Lins e Silva. Acrescentou que não podia deixar de expressar o seu pesar pelo falecimento desse grande brasileiro. A seguir, deu a palavra

ao Acadêmico Moacyr Scliar para discorrer sobre o centenário do nascimento de Clodomir Vianna Moog.

- O Acadêmico Moacyr Scliar, em primeiro lugar, saudou a presença da Acadêmica Zélia Gattai Amado, que disse muito lhe emocionar, pois é a primeira vez que os dois se encontram numa mesma reunião da ABL. Declarou a Zélia dever-lhe entre outras deferências, uma citação que ela fez num livro dela que considera consagrada. Nesse livro, Zélia conta que “quando ela e Jorge iam a Porto Alegre e ficavam hospedados na casa do Sr. Henrique Scliar, pai do Carlos Scliar, e que muitas pessoas iam visitá-los, incluindo um garotinho bonitinho, loirinho, que depois seria escritor Moacyr Scliar”. Prosseguindo, na comemoração das efemérides, apresentou consistente trabalho sobre o Acadêmico Vianna Moog. Discorreu sobre sua obra, que a seu ver marcou época, destacando o ensaio intitulado “Heróis da decadência”, os livros *O Ciclo do Ouro Negro*, *Novas Cartas Persas*, texto satírico, *Um Rio Imita o Reno* e o ensaio “Bandeirantes e Pioneiros”.
- A Acadêmica Ana Maria Machado lembrou que viajara um mês pelo México em companhia do Acadêmico Vianna Moog. Falou do romance *Tóia*, do escritor gaúcho, sua obra mais acabada e mais complexa, um entendimento da mistura cultural mexicana em que a paisagem e o povo mexicano estão muito presentes.
- O Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco recordou dois episódios ligados ao Acadêmico Vianna Moog: um ocorrido em Washington, com Érico Veríssimo, e o outro relacionado a uma conversa com um padre alemão que confessava as comunidades alemãs no Rio Grande do Sul.
- O Acadêmico Ivan Junqueira disse que não teve o privilégio de conhecer Vianna Moog pessoalmente, mas que, quando foi convidado pelo Instituto Cervantes para uma conferência a propósito do quarto centenário de edição do livro *Dom Quixote*, se deparou com dois textos ensaísticos que o impressionaram: o primeiro de San Tiago Dantas, *Dom Quixote – Um Apólogo da Alma Ocidental*, e outro de Vianna Moog: *Os Heróis da Decadência*, onde ele trata de Petrônio, de Cervantes e de Machado de Assis. No seu entender, até hoje o leitor brasileiro não tem

noção do que seja esse extraordinário ensaio de Vianna Moog sobre o humor no célebre escritor espanhol.

- O Acadêmico Pe. Fernando Bastos de Ávila lembrou emocionado a viagem que fez a Portugal com o amigo Vianna Moog, a convite do Governo de Portugal.
- O Acadêmico José Murilo de Carvalho associou-se às manifestações a respeito do Acadêmico Vianna Moog. Disse que não o conhecera pessoalmente, mas que sua relação com ele se deu, sobretudo por meio do livro *Bandeirantes e Pioneiros*, uma importante interpretação do Brasil. A comparação do Brasil com os Estados Unidos é quase uma obsessão entre intelectuais brasileiros, e o livro *Bandeirantes e Pioneiros*, de Vianna Moog, trata esse tema de maneira muito criativa, destacando as vantagens, desvantagens e defeitos das duas culturas.
- O Acadêmico Cícero Sandroni agradeceu as manifestações sobre o Acadêmico Vianna Moog, que completa centenário de nascimento neste ano, destacando a atenção da Academia Brasileira de Letras para com o grande escritor brasileiro. Convidou a todos para a conferência do Acadêmico Helio Jaguaribe sob o tema “Brasil ante o século XXI”, e encerrou a sessão.

SESSÃO DO DIA 26 DE OUTUBRO DE 2006

Sob a presidência do Acadêmico Cícero Sandroni, Secretário-Geral, estiveram presentes os Acadêmicos: Ana Maria Machado, Primeira-Secretária; José Murilo de Carvalho, Segundo-Secretário; Antonio Carlos Secchin, Tesoureiro; Murilo Melo Filho, Diretor da Biblioteca; Eduardo Portella, Diretor dos *Anais da Academia Brasileira de Letras*; Affonso Arinos de Mello Franco, Antonio Olinto, Arnaldo Niskier, Carlos Nejar, Domício Proença Filho, Evanildo Cavalcante Bechara, Helio Jaguaribe, Ivan Junqueira, Moacyr Scliar, Nelson Pereira dos Santos, Sábado Magaldi e Zélia Gattai Amado.

- Iniciada a sessão, o Acadêmico Cícero Sandroni, no exercício da presidência, submeteu à discussão a ata da sessão do dia 11 de outubro de 2006, que foi aprovada por unanimidade. Na seqüência, informou que nos dias 2 e 3 de novembro os Acadêmicos Murilo Melo Filho, Moacyr Scliar e Domício Proença Filho estarão representando a Academia na Feira do Livro de Porto Alegre e participando de mesa-redonda, sobre “Os gaúchos na ABL”. Lembrou, também, que na próxima semana, em virtude do feriado do dia 2 de novembro, a sessão plenária da Academia será na quarta-feira, dia 1.º, e que, na terça-feira, dia 31, inicia-se o ciclo “História e Literatura”, coordenado pelos Acadêmicos José Murilo de Carvalho e Antonio Carlos Secchin. A conferência de abertura estará a cargo do escritor Nicolau Sevchenko. Convidou todos os Acadêmicos para o lançamento do livro *Os Melhores Contos de Edla van Steen*, com prefácio de

Antonio Carlos Secchin, no próximo dia 30 de outubro, segunda-feira, a partir das 19 horas, na Livraria Argumento, de Copacabana.

- Passou a palavra ao Acadêmico Murilo Melo Filho que propôs que o recente artigo do Acadêmico Moacyr Scliar sobre o centenário do nascimento do Acadêmico Vianna Moog publicado ontem no *Jornal do Brasil*, seja transcrito nos *Anais da Academia Brasileira de Letras*. Discorreu sob o texto, destacando que nele está descrita toda a saga do grande escritor gaúcho.
- O Presidente agradeceu ao Acadêmico Murilo Melo Filho a excelente lembrança da solicitação da transcrição do artigo do Acadêmico Moacyr Scliar. Prosseguindo, congratulou-se, em nome da Academia, com os Acadêmicos Nelson Pereira dos Santos e João de Scantimburgo, cujas datas natalícias transcorrem nos dias 28 e 31 do corrente, congratulações a que se associaram as palmas efusivas do plenário. Saudou o Acadêmico Carlos Nejar, presente à sessão, depois de plenamente recuperado de cirurgia a que se submeteu.
- Com a palavra, o Acadêmico Carlos Nejar relatou, solicitando registro de suas palavras nos *Anais da Academia Brasileira de Letras*, os problemas e dificuldades por ele vividos com relação à utilização dos serviços do Seguro de Saúde da UNIMED.
- O Presidente disse tratar-se do depoimento de um confrade que não teve, na hora adequada, o tratamento esperado da empresa, informou que, tão logo soube do que acontecera com o Acadêmico Carlos Nejar, enviou carta à UNIMED Seguradora, protestando contra o tratamento inadequado, desatencioso e desrespeitoso, da empresa, que deveria prestar bons serviços aos seus segurados. Determinou a transcrição do relatório do Acadêmico Carlos Nejar nos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.
- O Acadêmico Moacyr Scliar acrescentou que o que ocorreu com o Acadêmico Carlos Nejar não é exceção. O que se tem observado, em relação aos planos de saúde, é que o atendimento, do ponto de vista técnico, melhorou, mas piorou muito o relacionamento com o paciente. Informou que a maior causa de queixa nos órgãos de defesa do consumidor são os serviços de seguro médico. A seguir, agradeceu as palavras do Acadêmico

Murilo Melo Filho, e comunicou que, na última sexta-feira representara a Academia em São Leopoldo, cidade natal de Vianna Moog, que lhe prestava uma homenagem pelo transcurso do centenário do seu nascimento.

- O Presidente agradeceu ao Acadêmico Moacyr Scliar não só pelos comentários a propósito do atendimento pelos planos de saúde, como pela sua presença em São Leopoldo, na homenagem a Vianna Moog.
- O Acadêmico Domício Proença Filho, ao ensejo do que ocorreu com o Acadêmico Carlos Nejar, sugeriu que um funcionário ou funcionária da Academia, com efetiva capacitação, ficasse encarregado de prestar atendimento de urgência aos acadêmicos de passagem pelo Rio de Janeiro, notadamente em relação aos serviços médicos e, aos contatos com a UNIMED.
- O Acadêmico Cícero Sandroni informou que serão adotadas as providências atinentes à apuração de responsabilidades e à diminuição de futuros acontecimentos do gênero.
- O Acadêmico Helio Jaguaribe considerou extremamente alarmante o relato do Acadêmico Carlos Nejar. A seu ver tão grave, que uma simples reclamação lhe parecia insuficiente, uma vez que está em jogo a credibilidade da empresa em questão para continuar sendo a garantidora da saúde dos acadêmicos. Sugeriu que se faça um estudo, por parte da Diretoria, sobre a possibilidade de uma empresa alternativa.
- O Presidente aduziu que o atendimento da UNIMED Seguradora fora objeto de cuidadoso estudo na gestão do Presidente Ivan Junqueira. Esclareceu tratar-se de situação extremamente delicada, que requer estudo técnico e depoimentos dos Senhores Acadêmicos. Acrescentou que o atendimento dado ao Acadêmico Carlos Nejar não é usual, segundo testemunho de outros Acadêmicos. Informou que a discussão sobre o assunto continuaria em aberto, para ser objeto de pauta de nova reunião.
- O Acadêmico Ivan Junqueira usou a palavra para esclarecimentos não só ao plenário, mas muito particularmente ao Acadêmico Helio Jaguaribe. Lembrou, como testemunha dos fatos, que os membros da Diretoria na época, Acadêmico Evanildo Bechara, Secretário-Geral e Cícero Sandroni, Tesoureiro, preocupadíssima com a questão da UNIMED, manteve con-

tatos com Diretores da AMIL e da BRADESCO Seguros, nenhuma das duas empresas dispunha de produtos para uma Instituição formada por usuários cuja idade ultrapassa qualquer perspectiva dos seguros de saúde. O aconselhamento feito, na ocasião, era de que a Diretoria cobrasse com maior veemência comportamento diferente por parte da UNIMED, uma vez que, se a Academia rompesse o contrato com aquela empresa, dificilmente a Casa poderia contar com outro plano de saúde. O problema vem preocupando a Casa há muito tempo, mas para ele não foi encontrada, ainda, solução.

- O Acadêmico Helio Jaguaribe disse acreditar que uma atitude mais enérgica em relação à UNIMED deverá ser precedida da garantia de alternativa desejável e disponível.
- O Presidente em exercício confirmou o que foi dito pelo Acadêmico Ivan Junqueira sobre a equipe da Seguro Bradesco, que veio à Academia inclusive com recomendação do Sr. Lázaro Brandão. Na ocasião lembrou, aconselharam ainda que a Academia contratasse um profissional do mercado para cobrar melhor desempenho da UNIMED. Acrescentou que levará ao Presidente Marcos Vinícios Vilaça essa última sugestão.
- O Acadêmico Eduardo Portella solidarizou-se com o Acadêmico Carlos Nejar, vítima, desse tratamento inadequado, que fere os princípios elementares de uma convivência humana. Em seguida, trouxe ao plenário informações sobre a missão em Lisboa. Em primeiro lugar destacou a atuação do Presidente Marcos Vinícios Vilaça que chegara antes e assumira todas as providências com relação ao apoio logístico perfeito. Destacou ainda a forma extremamente atenta e prestimosa com que, durante todo tempo, conduziu o trabalho oficial. Ressaltou a precisão e justiça dos discursos de saudação em que o Presidente expressou o desejo de que houvesse cooperação, cada vez mais próxima entre a Academia de Ciências de Lisboa e a Academia Brasileira de Letras. Salientou a participação do Acadêmico Alberto da Costa e Silva que discorreu, em exposição exemplar, não apenas sobre as relações entre Portugal e Brasil no contexto do Iluminismo, mas destacou ainda perspectivas originais, como a mediação da África na relação da metrópole, no período do Marquês de

Pombal, dominada pelo poder iluminista, com a criação do Conselho dos Sábios para substituir o Conselho dos Jesuítas, que, conforme as ordenações da Companhia de Jesus, ditava a política cultural na América Latina naquela época. Acrescentou que o Acadêmico Alberto da Costa e Silva, além de interpretar a posição portuguesa com muita precisão, introduziu esse elemento africano, o que enriqueceu bastante o painel mais amplo de todo o processo, recebido com as honras devidas. Quanto ao Acadêmico Sergio Paulo Rouanet confirmou o seu juízo de que se trata do maior especialista brasileiro nas questões do Iluminismo. Do ponto de vista de uma ortodoxia iluminista, acrescentou que a participação dele foi impecável, enriquecida com todas as referências anglo-germânicas, latinas e todas as conexões possíveis com o Iluminismo. As pesquisas inéditas e os livros que já publicou transformaram o depoimento e a presença do Acadêmico Sergio Paulo Rouanet em referência honrosa para a Academia. Quanto aos portugueses aduziu que estão mais divididos, ideologicamente, do que os brasileiros, porque não vivemos o drama iluminista como os europeus. Tenho a impressão, disse, de que se a intenção desta Casa foi plantar uma semente para um desdobramento de relações mais próximas da Academia das Ciências de Lisboa e a Academia Brasileira de Letras, a missão, nesse sentido, foi satisfatoriamente atendida.

- O Presidente, Acadêmico Cícero Sandroni, agradeceu ao Acadêmico Eduardo Portella pelo relato que acabara de concretizar para discutir com os Acadêmicos portugueses os problemas do Iluminismo. Determinou a transcrição, na íntegra, do pronunciamento do Acadêmico Eduardo Portella nos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.
- A Acadêmica Ana Maria Machado apresentou o relatório de suas atividades na Cátedra Machado de Assis, no Centro de Estudos Brasileiros da Universidade de Oxford, dirigido pelo Professor Leslie Bethel.
- O Presidente agradeceu a Acadêmica Ana Maria Machado pelo excelente texto que produzira e determinou sua transcrição aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.
- O Acadêmico Carlos Nejar congratulou-se com o Acadêmico Eduardo Portella pelo relatório sobre a missão em Lisboa. Disse ter lido o livro da

Acadêmica Ana Maria Machado, resultante do curso que ministrou em Oxford, e felicitou-a pelo belo trabalho realizado. Parabenizou também, a Acadêmica Zélia Gattai Amado por seu livro mais recente, sobretudo em função da descoberta dos aspectos muito ricos da obra do Acadêmico Jorge Amado.

- O Presidente disse da importância da exposição da Acadêmica Ana Maria Machado para a compreensão do acordo com a Universidade de Oxford, implantado na Presidência do Acadêmico Alberto da Costa e Silva.
- O Acadêmico Eduardo Portella ressaltou que a Acadêmica Ana Maria Machado, no seu relatório, apresentara algumas sugestões operacionais que devem ser levadas em conta, no sentido de evitar a política de arquipélago, em que cada órgão federal toma uma iniciativa e a Academia fica no meio. Disse entender que deveria ser feito um consórcio de que o Itamaraty, o Ministério da Cultura e a Academia participassem efetivamente. Acrescentou que a relação entre Brasil e Portugal é uma relação de amor e ódio. Lembrou que o Brasil vem prometendo a criação de um Instituto Machado de Assis nos moldes do Instituto Camões que, até agora não se concretizou. Declarou esperar que, não seja de forma provinciana, sem considerar os diferentes protagonistas de uma operação internacional de tal vulto. Julga que a Academia poderia se antecipar e assumir a liderança do projeto. Felicitou a Acadêmica Ana Maria Machado não só pelos aspectos críticos do livro, pela reconstituição da obra e da lição de Jorge Amado, mas também por ter trazido à Academia indicações precisas dos caminhos a serem percorridos.
- O Presidente Cícero Sandroni informou que as sugestões serão encaminhadas ao Presidente Marcos Vinícios Vilaça para discussão na Diretoria e que serão trazidas ao plenário para decisão.
- O Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara lembrou que participou de duas reuniões das três que existiram a respeito da criação do Instituto Machado de Assis. Informou que os profissionais de Língua, Lingüística, Filologia e Literatura, que compõem a representação junto ao Ministério da Educação têm insistido para que as indicações sejam de caráter técnico e devam pertencer ao Instituto Machado de Assis. Há a propósito relu-

tância do Itamaraty. Disse acreditar que no núcleo do problema, está a prevalência da indicação dos leitorados.

- O Presidente Acadêmico Cícero Sandroni, agradeceu os esclarecimentos do Acadêmico Evanildo Bechara.
- O Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco declarou seu apoio às palavras do Acadêmico Eduardo Portella e lembrou que o prestígio e a autoridade da Academia Brasileira de Letras permitem que esta Casa seja uma península cultural no meio desse arquipélago. Preveniu o Acadêmico José Murilo de Carvalho com relação aos primeiros meses de Curso em Oxford, sobre a dificuldade para que as quantias em dólar sejam liberadas pelo Ministério da Fazenda, porque o Itamaraty não fabrica divisas. Sobre este aspecto, acredita que há uma representação cultural no Brasil, que é a Academia, e precisa ser atendida.
- O Acadêmico Eduardo Portella acrescentou que a Academia tem um papel fundamental neste arquipélago cultural, porque há uma luta no interior da estrutura do poder. Considera fundamental que a Academia não se feche numa posição beletrista. Sugeriu levar em consideração o trabalho do Instituto Cervantes que a Espanha conduz muito bem, coabitando com os países da América Latina.
- O Acadêmico Ivan Junqueira fez três agradecimentos. O primeiro, ao Acadêmico Carlos Nejar pela denúncia com relação ao tratamento inadequado que recebeu da UNIMED Seguradora. O segundo, ao Acadêmico Eduardo Portella pela exposição sobre o encontro da Academia Brasileira de Letras e a Academia de Ciências de Lisboa. O terceiro, à Acadêmica Ana Maria Machado pelo seu extraordinário trabalho na Universidade de Oxford.
- O Acadêmico Helio Jaguaribe comunicou que estará em Lisboa representando a Academia junto à Academia Portuguesa de História.
- O Presidente, Acadêmico Cícero Sandroni, agradeceu os pronunciamentos feitos e disse que se trata de situação melindrosa, porque o Itamaraty, o Ministério da Cultura e o Ministério da Educação disputam a hegemonia sobre o Instituto Machado de Assis. O assunto, na sua delicadeza

exige ser conduzido com engenharia de organização administrativa e cultural. O acordo com Oxford será cumprido até o fim e, em seguida, o plenário discutirá com mais informações as questões vinculadas ao Instituto Machado de Assis e ao próprio convênio.

- O Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara felicitou o presidente por sua posição e declarou que a opinião dos técnicos, que integram a Comissão Machado de Assis é no sentido de que o Instituto fique agregado à Presidência da República e não particularmente a nenhum dos órgãos competentes.
- No capítulo das Efemérides o Acadêmico Sábado Magaldi discorreu sobre o Acadêmico Cyro dos Anjos em comemoração ao centenário do seu nascimento. O Senhor presidente determinou que o texto lido seja incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.
- O Presidente convidou a todos para a mesa-redonda em homenagem a Nina Rodrigues, coordenada pelo Acadêmico Moacyr Scliar com a participação dos Senhores Naomar Monteiro de Almeida Filho, Reitor da Universidade Federal da Bahia, Senhores Paulo Buss, Presidente da Fundação Oswaldo Cruz, Paulo Gadelha e Senhora Ana Teresa Venancio, antropóloga da Casa de Oswaldo Cruz e encerrou a sessão.

VIANNA MOOG, UM INTÉRPRETE DO BRASIL

Moacyr Scliar*

A pergunta apareceu no *site* Yahoo Respostas: “Alguém conhece um livro chamado *Bandeirantes e Pioneiros*, de Vianna Moog?”

A indagação, por todos os motivos meritória – afinal, o melhor jeito de descobrir as coisas é perguntar – faz pensar sobre a memória cultural do país. A obra de Vianna Moog marcou época; foi um dos textos mais discutidos em nosso país. Mas, ao que tudo indica, pode ter caído no esquecimento. Por isso é tão oportuno o centenário de nascimento de Clodomir Vianna Moog, no dia 28 deste mês: é uma oportunidade para evocarmos uma figura singular de nossa literatura e que, para nosso orgulho, era gaúcho.

Nascido em São Leopoldo, Vianna Moog, filho de funcionário público e de professora, estudou em boas escolas, formou-se em Direito, foi funcionário público. Uma trajetória típica de jovens brasileiros do começo do século passado mudou subitamente quando ele começou a militar na política, nos conturbados anos trinta. Participou da Revolução Constitucionalista de 1932 que se opunha ao governo de Getúlio Vargas. Foi preso e transferido para Manaus e depois Teresina. Este exílio representou para o jovem gaúcho uma oportunidade para conhecer o Brasil do Norte e do Nordeste. Neste período começou a escrever. Sua primeira obra foi *Heróis da Decadência*, um ensaio que surpreendeu a intelectualidade do país, sobretudo pela originalidade da tese ali defendida. Segundo Vianna Moog, em épocas de decadência surgem pessoas notáveis que se destacam não pelos feitos guerreiros, como os heróis habituais, mas que têm a coragem (e a inteligência, e a sensibilidade) de analisar, inclusive com humor, esta decadência. São três estes heróis: Petrônio, que viu a derrocada do

* Artigo publicado no *Jornal do Brasil* do dia 25 de outubro de 2006.

império romano; Cervantes, que testemunhou o fim da Idade Média e do feudalismo; e Machado de Assis, o grande cronista dos últimos anos do Império no Brasil. A obra seguinte, *O Ciclo do Ouro Negro*, retrata a Amazônia, “um mundo à parte”, com a profundidade de um Euclides da Cunha.

Voltou para Porto Alegre, dirigiu o jornal *Folha da Tarde*, mas continuou escrevendo: é desta época *Novas Cartas Persas*, satírico texto, que tomando como modelo a obra de título similar escrita por Montesquieu, faz considerações sobre o Brasil e a cultura brasileira, rotulando o Rio de “cidade afrodisíaca”. Em 1938 lança um ensaio literário que fez história: *Eça de Queirós e o Século XIX*, abordando as controvérsias que cercaram o grande escritor português. Seguiram-se aquelas que são provavelmente suas duas grandes obras. Em 1938 aparece o romance *Um Rio Imita o Reno*, que tem como cenário São Leopoldo (o rio em questão é o rio dos Sinos, que banha a cidade) e fala sobre os conflitos culturais e emocionais numa comunidade de origem alemã. O nazismo estava então em ascensão, e Vianna Moog não deixa de denunciar a intolerância que, também aqui no Brasil, se fazia presente, particularmente numa família em que a filha está apaixonada por um engenheiro amazonense, ali chegado para supervisionar a construção de uma represa. O conflito é inevitável, mas o irônico final (a família descobre que tem ascendência judaica) representa uma tomada de consciência. O livro recebeu o prêmio Graça Aranha, uma eloqüente coincidência: Graça Aranha foi o autor de *Canaan*, o primeiro grande romance sobre colonização, e ao qual Vianna Moog deu continuidade, mas sob um outro, e original, ângulo.

O notável ensaio *Bandeirantes e Pioneiros* resultou do longo período que Vianna Moog passou nos Estados Unidos, onde teve vários cargos. *Bandeirantes e Pioneiros* foi muitas vezes, e com justiça, comparado à *Casa-Grande e Senzala*, de Gilberto Freyre.

Os títulos citados são apenas os mais conhecidos de uma vasta obra que fez história e que levou o autor à ABL, onde ocupou a cadeira que pertencera ao também gaúcho Alcides Maya. Falando de sua geração, a geração dos anos trinta, Vianna Moog declarou que a mesma aguardava uma “entrevista com o futuro”. Nesta, Vianna Moog foi um grande entrevistador. Ele fez o Brasil falar. E é por isso que até hoje o lemos com prazer e emoção.

DE COMO A UNIMED TRATOU UM ACADÊMICO

*Palavras do Acadêmico Carlos Nejar**

Talvez careça de certo humor peregrino, porque diante de algumas situações ou rimos ou choramos. Ah, se o humor me auxiliasse! Não é o caso. Desde o quarto do hotel Flórida, no Rio, às três horas da madrugada, de 31 de agosto deste ano de 2006 (era uma quinta-feira e pretendia ir à sessão acadêmica, à tarde), donde, sozinho, tomei um táxi, com infecção urinária, causada por prostatite aguda, rumo a um hospital de atendimento rápido no Catete, em que, num ambiente musicado de boate, foi-me posta a sonda, ou o retorno cacofônico, ainda que discreto ao referido hotel, ou a ida posterior ao Hospital São Lucas, em que me quedei como um traste atirado de um exame a outro, mais de seis horas sem alimento, com a viagem em ambulância naquela noite (parecia o lombo de um camelo), até o Hospital Obra da Beneficência, (por escolha infeliz da UNIMED), a quem a Academia Brasileira de Letras paga uma fortuna anualmente, esse percurso foi uma espécie de visitação à *Casa dos Mortos*, do genial romancista russo. Colocaram-me num quarto de sujas paredes, velho, sem veneziana, de terceira ou quarta-classe, com algo de cárcere, indigência, onde fui submetido ao proverbial soro na veia e suportei três dias, com refeição inodora e até falta de café na manhã. E o mais grave é que telefonava insistentemente, como um pedido de socorro, ao Administrador da Casa de Machado, que julgava ser o nosso intermediário com a UNIMED, e o arrogante celular não atendia. Conversei com sua esposa e deixei recado e não me deu retorno. Totalmente ausente. E é lógico, não querendo ser incomodado por um acadêmico enfermo na 6.^a feira e no fim de

* Proferidas na sessão do dia 26 de outubro de 2006.

semana, este poeta, energúmeno de andorinhas. E constatei, com pesar, que não temos na Academia, de fato, intermediário algum que nos represente junto à UNIMED. Aguardei o urologista que estava sempre vindo. Era mais fácil um elefante voar, do que o médico chegar. Durou três dias e enfim veio no domingo, pela manhã. Dando-me, gentilmente, alta para ser operado, depois da surra de antibióticos, no Rio, ou no Espírito Santo. Fiquei como um detento à espera dessa ordem de alta. “Talvez seja o destino!”, como se consolava Dostoievski, sem a UNIMED do descaso, ou de pífia economia nas limosas costas de minha pobre imortalidade.

E vos digo que a isso tolerei – mas não me calo. Tive Elza, ao meu lado, tive a visita fidalga e sensível do Presidente da Casa de Machado, Acadêmico e Ministro Marcos Vinícios Vilaça e a D. Carmen, recebi telefonemas fraternos, tive o consolo de Guimarães Rosa, ao ler seus contos, em letra grande (ia eu “pela terceira margem do rio?”), ganhei força na meditação da Bíblia, que parafraseando Blake, onde eu lia preto, o pensamento lia branco (“Certamente foi para minha paz que estive em grande amargura. Em Teu amor abraçaste a minha alma”).

E registro esse acontecimento funesto não só por indignação, e sim, para que não se repita com outros confrades. Perdoem-me o tom. Não só se escreve com sangue, também se entende com o sangue.

MISSÃO EM LISBOA

*Palavras do Acadêmico Eduardo Portella**

Senhor Presidente, em primeiro lugar eu gostaria de me solidarizar com o Acadêmico Carlos Nejar, que foi realmente vítima mesmo de um tratamento absolutamente inadequado, que fere os princípios elementares de uma convivência, mais do que comercial, humana.

Quanto à viagem a Lisboa, devo dizer que quando chegamos, lá já estava o Presidente Marcos Vinícios Vilaça, e ele havia tomado todas as providências. Ficou tudo muito fácil, pessoas nos esperavam, nos levavam para os hotéis especificados, com os quartos em habitações totalmente franqueadas. Isto no que diz respeito ao apoio logístico. Mas também ele conduziu com extrema perícia a parte oficial, que foi a parte dos discursos de saudação e de desejo de que houvesse uma cooperação mais íntima, mais próxima entre a Academia das Ciências de Lisboa e a Academia Brasileira de Letras.

Portanto, devemos louvar em primeiro lugar o Presidente Marcos Vilaça, porque foi ele que conduziu tudo, durante todo o tempo e de uma forma muito atenta e prestimosa.

Devemos também salientar a participação de Alberto da Costa e Silva. Alberto fez uma exposição admirável, exemplar mesmo, não apenas sobre as relações Portugal e Brasil no contexto do Iluminismo, ou da Ilustração ou do Neoclassicismo, como preferirem, mas soube até retirar algumas perspectivas extremamente originais, que seria a mediação da África na relação da metrópole, sobretudo no período de Marquês de Pombal, na metrópole dominada

* Proferidas na sessão do dia 26 de outubro de 2006.

pelo poder iluminista, que substituiu o poder dos jesuítas, criando o Conselho dos Sábios para substituir o Conselho dos Jesuítas, que ditava a política cultural na América Latina toda, e não apenas no Brasil daquela época, conforme as ordenações da Companhia de Jesus.

Alberto, além de interpretar a posição portuguesa com muita precisão, e a posição brasileira, introduziu esse elemento africano, que enriqueceu bastante a perspectiva, o painel, enfim, a imagem mais ampla desse processo todo. De maneira que foi uma conferência de alto nível, recebida com o reconhecimento e as honras devidas.

Sergio Rouanet também, porque ele hoje, se não me equivoco, é o maior especialista brasileiro nas questões do Iluminismo. Apesar da amizade fraterna que nos une, considero-me um irmão, eu tenho um volume de descrença na Razão que o Sergio não tem. De maneira que, do ponto de vista de uma ortodoxia iluminista, a participação dele foi impecável. Impecável, com conhecimento, com todas as referências anglo-germânicas, latinas, fez todas as conexões possíveis com o Iluminismo que nasceu sob a égide, sobretudo, da ciência na Inglaterra, e que recebeu na França o desdobramento dos enciclopedistas, de Voltaire especificamente e de Rousseau – aí já uma figura menos típica do Iluminismo, porque mais aberto para as questões da natureza.

Sergio Rouanet foi exemplar. Pesquisas que vem fazendo há algum tempo, livros que ele já publicou e pesquisas inéditas transformaram o depoimento e a presença dele em uma referência rigorosamente honrosa para a Academia.

Em função disso os portugueses também falaram. Os portugueses estão mais divididos ideologicamente do que nós. Nós não vivemos o drama iluminista como os europeus viveram. Tivemos um motim em Minas Gerais, no meu entender, de poetas insignificantes, com exceção de Cláudio Manuel da Costa e Tomás Antônio Gonzaga. Não participo do entusiasmo com relação aos épicos Santa Rita Durão e Basílio da Gama. Acho-os dois épicos hiperssecundários, escrevendo numa língua estranha, ainda sem nenhuma tonalidade nacional. E a própria idéia de liberdade, que é uma idéia central no Iluminismo, é uma idéia insuficiente. Nos próprios Autos da Devassa, que Kenneth Maxwell comentou com muita precisão, existem recursos desses pró-

prios arcades, desses próprios inconfidentes. Aliás, essa terminologia – inconfidentes – vem sendo insistentemente aconselhada a ser substituída pelos conjurados. Os inconfidentes seriam, portanto, uma leitura metropolitana dos conjurados.

De qualquer maneira, a impressão que eu tenho é que se a nossa intenção foi plantar uma semente para um desdobramento de relações mais próximas entre a Academia das Ciências de Lisboa e a Academia Brasileira de Letras, essa missão foi completamente atendida, satisfatoriamente atendida.

Enfim, concluímos tudo na mais santa paz. Uma das coisas que acho bonita na relação Brasil-Portugal é que na medida em que nós amadurecemos, essas relações não são nem queima de arquivo, nem acerto de contas. Longe da queima de arquivo e do acerto de contas, é possível uma perspectiva de compreensão crítica que atenda àqueles que reconhecem que o esforço crítico é fundamental, mas que ele não chega a ser uma impugnação inevitável.

De maneira que eu só tenho a me congratular com esses companheiros com quem tive a honra de conviver durante esses dias.

ACADÊMICO CÍCERO SANDRONI

Muito obrigado, Acadêmico Eduardo Portella, pelo relatório que nos fez dessa primeira visita de uma Delegação tão importante, tão inteligente e tão culta a Lisboa, para discutir com os nossos colegas portugueses os problemas do Iluminismo. O relatório só pecou num ponto: um relato sobre a sua própria participação, mas isso nós vamos sanar na próxima sessão, porque aí o Presidente Marcos Vilaça estará aqui conosco e seremos contemplados com esse relatório.

ACADÊMICO EDUARDO PORTELLA

Se o Presidente me permitir, devo dizer uma coisa que eu disse no Congresso Nacional há algum tempo: que eu não sou tema de mim mesmo.

ACADÊMICO CÍCERO SANDRONI

Mas será tema na próxima sessão. Muito obrigado pelo relatório.

CÁTEDRA MACHADO DE ASSIS EM OXFORD

*Palavras da Acadêmica Ana Maria Machado**

Senhor Presidente, senhores Acadêmicos.

Durante a presidência do Acadêmico Alberto da Costa e Silva, e com a aprovação deste plenário, a Academia Brasileira de Letras fez um acordo com o Centro de Estudos Brasileiros da Universidade de Oxford, dirigido pelo professor Leslie Bethel, para a criação da cátedra Machado de Assis naquela universidade. Nos termos desse acordo, numa primeira fase a ABL deveria enviar sucessivamente três de seus membros. Cada um permaneceria na universidade durante um trimestre de um ano letivo, com o objetivo de ministrar um curso e proferir palestras em seminários sobre autores brasileiros do currículo e aspectos da cultura brasileira. Na ocasião, foi-nos também informado que esses escritores selecionados para o currículos da universidade eram Machado de Assis, Graciliano Ramos, Clarice Lispector e Jorge Amado.

O primeiro acadêmico a ocupar essa cátedra foi nosso confrade Sergio Paulo Rouanet que, no ano passado, nos apresentou aqui um interessantíssimo relatório de suas atividades, em especial sobre o curso que deu em 2004 sobre Machado de Assis. Tive a honra de ser designada por esta Casa, na gestão de Ivan Junqueira, para ser a segunda ocupante da cátedra e, nessa condição, estive em Oxford de outubro a dezembro de 2005, ministrando um curso sobre Jorge Amado. Só agora venho a este plenário falar sobre essa experiência, porque esperava que estivessem prontos e publicados os resultados do trabalho lá desenvolvido, de modo a não cansar os confrades com a

* Proferidas na sessão do dia 26 de outubro de 2006.

sua descrição detalhada. Agora está ao alcance de todos – e já foi distribuído – meu livro *Romântico, Sedutor e Anarquista: Como e Por Que Ler Jorge Amado Hoje*, editado pela Objetiva. Da mesma forma, uma das conferências que fiz em Oxford, no seminário de Língua Portuguesa do professor Thomas Earle, saiu recentemente em nossa *Revista Brasileira*, no número 47, sob o título “La e cá: algumas notas sobre a nacionalidade na literatura brasileira.” Outra palestra sairá no próximo ano pela editora Nova Fronteira, como parte de uma coletânea de ensaios intitulada *Balaio*. É um texto sobre o multiculturalismo no Brasil e suas peculiaridades, frente ao que vem sendo chamado por esse nome em outras sociedades. Foi feito para o seminário que o professor Leslie Bethel coordena, em inglês, no próprio Centro de Estudos Brasileiros e que, sendo multidisciplinar, tem um foco mais voltado para aspectos políticos, econômicos e socioculturais contemporâneos de nosso país.

Com a publicação desses estudos, considero desnecessário descrever novamente aqui o que minhas aulas e palestras focalizaram. Gostaria, porém, de trazer a esta Casa algumas observações sobre o trabalho desenvolvido e suas circunstâncias, na esperança de que possam de alguma forma contribuir para que todos os confrades tenham um quadro mais amplo da situação, tendo em vista eventuais decisões futuras.

Antes de tudo, precisamos entender o funcionamento do projeto. O Centro de Estudos Brasileiros é a porta de entrada da ABL na Universidade e o telhado protetor que se estende sobre a cátedra Machado de Assis. Mas não é o captador dos alunos nem o local onde funcionam os cursos, numa universidade que não se divide em faculdades, mas é um somatório de colleges – multidisciplinares, ainda que com suas especializações. A cátedra Machado de Assis acaba ficando na área de responsabilidade do simpático e competente professor Thomas Earle, um apaixonado pelos estudos camonianos e pela literatura renascentista portuguesa, foco de sua atenção e especialização. Oferece seu espaço para alunos que estudam ou estudaram português, em nível de graduação ou pós-graduação. Cada um deles com seus próprios interesses e sua própria grade curricular individualizada. Não é uma turma, mas um grupo que só se reúne no momento da aula.

Essa variedade e flexibilidade ajudam a entender porque o curso sobre Jorge Amado, em si – teoricamente, o foco único ou principal de toda a atividade – acabou sendo reduzido à metade. Previsto para durar oito semanas, logo de início teve de ceder o tempo que lhe seria destinado, a fim de que eu pudesse atender a uma solicitação do professor Earle, inesperada, mas muito pertinente, feita ainda nos meses anteriores a minha ida, em tempo para que eu me preparasse para a nova situação. Constatando o desconhecimento dos alunos sobre o Brasil, pediu-me que ministrasse quatro aulas sobre o contexto histórico e social em que se insere a literatura brasileira. Foi assim que as quatro primeiras semanas foram dedicadas respectivamente a um apanhado sobre o Brasil Colônia, outro sobre o Império, uma aula sobre a República Velha e o período Vargas e, finalmente, outra a respeito do Brasil contemporâneo. Só depois pudemos passar ao exame de Jorge Amado. Mas foi utilíssimo termos feito isso, porque os alunos puderam chegar ao exame da obra com outra visão sobre o que estavam lendo.

Para facilitar esse conhecimento do contexto, acabei quase dobrando o horário e, além das aulas matinais, consegui um auditório onde pude exibir e discutir seis filmes que foram acompanhando nosso trabalho, entre documentários e ficção, que eu levava do Brasil e deixei lá na biblioteca do Centro ao final do curso. Como alguns deles tinham legendas em inglês, com isso também pudemos ampliar a platéia inicialmente prevista, a dos alunos regulares, sempre mais restrita ao exigir o domínio do português. Os filmes constituíram um material precioso. Foram eles: “Getúlio, os cinco dias que abalaram o Brasil” (Fernando Moraes e Guilherme Fontes), “Lamarca” (Sergio Rezende), “Tancredo Neves, mensageiro da liberdade” (Fernando Barbosa Lima), “Gabriela” (Bruno Barreto), “Dona Flor e seus dois maridos” (Bruno Barreto), “Tieta do Agreste” (Carlos Diegues). Infelizmente, por mais que procurasse, não consegui cópias de “Jango” e de “Os Anos JK” de Sílvio Tandler, nem de “Jubiabá” e “Tenda dos milagres”, de nosso confrade Nelson Pereira dos Santos, não disponíveis na ocasião.

Essa experiência me deixou convencida de que cinema e história tinham de passar a fazer parte também do projeto, de alguma forma. Conversei nesse sentido com o professor Bethel, que concordou. Realmente, tive a satisfação de saber que neste ano o Centro de Estudos Brasileiros organizou um ciclo de

exibição de filmes e debates sobre cinema e literatura e passará a repetir a iniciativa anualmente. E tenho grande alegria em constatar que os critérios para a cátedra Machado de Assis ficaram mais flexíveis para poderem acomodar também aulas sobre o contexto histórico brasileiro, onde se desenvolve nossa literatura – possibilitando que os seus próximos ocupantes possam também ser convocados entre os nossos confrades historiadores e estudiosos da sociedade brasileira em geral.

Com o próximo ano letivo, se encerrará essa primeira fase do projeto e a renovação do acordo terá de ser discutida oportunamente. Pessoalmente, acho relevante mantermos essa presença em Oxford. Explico por que. Como ocorre na maioria das universidades estrangeiras, nossa literatura não dispõe lá de um espaço próprio. Sem a cátedra Machado de Assis, o Centro de Estudos Brasileiros se concentra na área de ciências sociais. Via de regra, nessas universidades lá fora, a leitura de nossos autores e o contato com nossa cultura ficam afogados em vagos departamentos latino-americanos onde nos perdemos e diluímos em meio ao espanhol, muitas vezes sem ao menos termos por lá alguém que fale nossa língua. Ou então, como no caso de Oxford, somos um apêndice dos estudos lusos – amplamente patrocinados pelo Instituto Camões e prioridade absoluta dos departamentos de português. É claro que a função primordial de garantir a presença brasileira nas universidades estrangeiras deveria ser do nosso governo. Mas se a literatura brasileira está deixando de ser ensinada até mesmo a nossos jovens em nossas escolas – pelo menos em alguns estados, como o nosso – é fácil imaginar a pouca prioridade que ela recebe de nossas autoridades em geral. Num jantar em Londres com o Embaixador José Mauricio Bustani, o acadêmico Marcos Vinícios Vilaça (então ainda não nosso presidente) e eu fomos surpreendidos com um pedido dele: que intercedêssemos junto ao Ministério de Relações Exteriores, com o peso da Academia, para que não fossem cortadas as verbas dos leitores de português em universidades britânicas. Explicou-nos que o Brasil sempre contribuiu com uma parte e, como em 2005 estávamos completando dois anos de atraso no pagamento, os cargos iam ser extintos. A não ser que, ao menos, lográssemos sensibilizar o governo para que fosse feito um pagamento imediato e simbólico, equivalente a um único mês, que ele, embaixador, não conseguia obter apenas pelos canais competentes, sem uma pressão externa. O

atual presidente de nossa Casa explicou que isso não compete à Academia, sugeriu que ele continuasse insistindo junto ao Itamarati, mas teve a curiosidade de indagar de quanto era essa despesa mensal. Novecentos dólares para manter leitores em três universidades foi a resposta.

Relato o episódio apenas para compartilhar a informação com todos e justificar que a presença da Academia em Oxford pode fazer alguma diferença. É verdade que os alunos são poucos, ainda que muito interessados. Mas há um efeito multiplicador em algumas sementes que ficam plantadas. Não sei se Sergio Paulo Rouanet manteve contato com os estudantes depois e pode nos trazer alguma contribuição nesse sentido. Mas nos poucos casos em que pude acompanhar, destaco uma ex-aluna fazendo um mestrado sobre Gabriela lá mesmo em Oxford e outra atualmente trabalhando com uma ONG na Bahia. E ainda um curso que será dado no ano próximo em outra universidade inglesa por Ana Paula Suriani da Silva, que estava lá como auxiliar do professor Earle, na condição de substituta da titular, especialista em literatura portuguesa e então em licença-maternidade. A partir do nosso foco sobre Jorge Amado e inspirada por Vadinho, Quincas, Cabo Martim e seu bando, Ana Paula vai estudar no Birbeck College de Londres o malandro na literatura brasileira, desde Manoel Antonio de Almeida aos nossos dias, passando por João do Rio e outros e acompanhando sua transformação nos marginais de “Cidade de Deus”, de Paulo Lins.

Outra possível flexibilização que vislumbrei é a possibilidade de incluirmos outros autores de relevo, além dos quatro sugeridos por eles. O currículo de Oxford não é fechado, como nos pareceu num primeiro momento. Após algumas primeiras sondagens, tenho quase certeza de que um curso sobre Guimarães Rosa ou João Cabral, por exemplo, seria muito bem recebido. Por tudo isso, parece-me ser aconselhável a continuação do projeto e vejo sentido em que, quando chegar a ocasião oportuna para que a renovação do acordo seja rediscutida, esses diferentes aspectos da questão possam ser levados em conta ao lado de outros que, certamente, este plenário saberá levantar.

CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DE CYRO DOS ANJOS

*Apresentação do Acadêmico Sábado Magaldi**

Cyro dos Anjos, que tive a honra de suceder nesta Academia, não é somente o antecessor que deve ser saudado no centenário de seu nascimento. Liga-me a ele um sentimento mais profundo, que se prende à gratidão e à certeza de que sem o seu apoio, de feitio quase paternal, eu não teria cumprido o mesmo itinerário da juventude até a velhice próxima.

A razão é simples: vindo da natal Belo Horizonte para o Rio de Janeiro, ele me deu o primeiro emprego, escolhendo-me, depois, como seu chefe de gabinete. A lição recebida foi completa: absoluta correção com o trabalho público, clareza nas decisões e a consciência de que se é um servidor das necessidades alheias. E tudo sem descuidar da escrita, que é a forma de ser bem compreendido.

Filho de Montes Claros, Cyro, bacharel em Direito pela Universidade de Minas Gerais, fez o aprendizado nos gabinetes da Capital mineira, até tornar-se presidente e mais tarde diretor do Departamento de Assistência Médico – hospitalar do antigo Instituto de Previdência e Assistência dos Servidores do Estado, hoje absorvidos pelo Instituto Nacional de Seguro Social.

Em Belo Horizonte, Cyro dedicou-se, inicialmente, ao jornalismo, e na década de 30 do século passado escreveu crônicas para *A Tribuna* e *O Estado de Minas*, usando o pseudônimo de Belmiro Borba. Impôs-se logo a vocação ficcional e, trabalhando com o então interventor Benedito Valadares, aprovei-

* Proferida nas Efemérides do dia 26 de outubro de 2006.

tou a ausência ocasional dele para escrever, em dois meses, o romance *O Amanuense Belmiro*.

Vindo a lume em 1937, quando se celebrizava no país a rica produção nordestina, de autoria de José Lins do Rego, Rachel de Queiroz, Graciliano Ramos e outros nomes, o *Amanuense* vinha ungido por um reconhecido vínculo com Machado de Assis, insuperável patrono deste solidário. Os atributos de Cyro foram de imediato exaltados: a psicologia requintada, uma linguagem de incomparável beleza literária, o aprofundamento da natureza humana, e uma figura irônica na condução dos conflitos.

Cyro não poderia satisfazer-se, porém, com o apodo de epígono. A autoridade indiscutível de Mário de Andrade desfez o equívoco, associado o autor de *Dom Casmurro* a nossa confrreira Rachel de Queiroz, no romance *Três Marias*.

E o crítico Antonio Candido esclareceu o problema em artigo aproveitando como prefácio das edições sucessivas de *Amanuense*. São suas palavras, que já tive oportunidade de citar: “Falou-se muito em Machado de Assis a propósito de Cyro dos Anjos, insistindo-se sobre o que há de semelhante no estilo e no humorismo de ambos. O que não se falou, porém, foi na diferença radical que existe entre eles: enquanto Machado de Assis tinha uma visão que se poderia chamar dramática, no sentido próprio, da vida, Cyro dos Anjos possui, além dessa, e dando-lhe um cunho muito especial, um maravilhoso sentido poético das coisas e dos homens. O que é admirável, no seu livro, é o diálogo entre lírico, que quer se abandonar, e o analista querendo dar aos fatos e aos sentimentos um valor quase de pura constatação, e o lírico chamando-o à vida, envolvendo uns e outros em piedosa ternura.” Candido reconhece como fundamento da arte de Cyro “uma qualidade de vida que é superior à de Machado de Assis”.

Embora muito louvado, não recebeu a mesma aprovação o segundo romance de Cyro, *Abdias*, editado em 1945, oito anos depois do *Amanuense*. O crítico Álvaro Lins, nosso saudoso confrade, assim se exprimiu sobre ele em artigo que, alterado, passou a figurar nas edições posteriores. Escreveu ele: Cyro “pertence à família dos escritores de um só livro em vários livros, com obras que se desdobram e se comunicam como se fossem uma só. Isto não é um defeito, e sim um caráter, uma espécie de criação literária. *Abdias* não é a

repetição de *O Amanuense Belmiro*, mas o segundo romance continua o primeiro, embora os personagens tenham outro nome e novas situações sejam apresentadas”.

De minha parte, tenho a ousadia de considerar *Abdias* um progresso, em face do *Amanuense*. O romance se aprofunda na análise psicológica dos protagonistas, resultando mais orgânico. Cyro observa, a respeito do progresso de composição: “A divisão destas notas em parágrafos tem muitas vezes figurado à cronologia e, de ordinário, dissocia fatos que, encadeados no tempo, talvez deveriam ser alinhadas seguidamente no papel, para maior fidelidade de exposição. É que, no comum, eu me abandono a um fluxo caprichoso que vem do inconsciente e, à semelhança das correntes marítimas, certamente tem o itinerário determinado por diferenças de densidade e temperatura.” Esse procedimento se aproxima do adotado em obras-primas da ficção moderna.

A política mineira descrita em *Montanha*, terceiro romance de Cyro, suscitou diversos conflitos. É que muitos não gostaram dos termos utilizados para conceituar sua prática. Não se pode esquecer, porém, que o autor a conhecia em profundidade, em razão de haver participado de vários gabinetes do poder. A imagem por certo não é agradável, mas ninguém contestará que seja verdadeira.

A Criação Literária secundou, em 1956, o surgimento de *Montanha*. O ensaio reproduzia a experiência romanesca de Cyro, bem como seu conhecimento teórico da Estética, aprofundado no exercício do magistério. Motivou-o uma pergunta feita por um aluno de Literatura na cadeira ministrada na Faculdade de Filosofia de Minas Gerais. Por que escreve? – foi a indagação.

Cyro arrolou uma bibliografia que comprova sua erudição, muito diferente do preparo insatisfatório de outros ficcionistas. Mencionam-se os nomes de Valéry, Huizinga, Delacroix, Flaubert, Malraux, Grassi, Ribot, Tilgher, Lalo, Alain, Tristão de Athayde, Platão, Jacques e Raissa Maritain, Bérson, Benda, Croce, Hegel, Dilthey, Proust, Bourget, Facillon, Pirandello e o Sartre de *Qu’ est-ce que la littérature?*

Um dos autores mais introspectivos de nossa ficção Cyro mergulhou também no passado. *Santana do Rio Verde* descreve o interior de Minas Gerais das primeiras décadas do século XX. Belo Horizonte, capital, é o cená-

rio de *Mocidade*. Quem ler *A Menina do Sobrado* se familiarizará com temas ausentes dos livros de História.

Cabe exaltar ainda o grande homem público que foi Cyro dos Anjos. Nunca deixou de ser exemplar sua conduta em todos os cargos que ocupou, até alçar-se ao de ministro do Tribunal de Contas do Distrito Federal. Tendo sido seu chefe de gabinete e chefe de divisão no antigo Departamento de Assistência dos Servidores do Estado, posso testemunhar a respeito de sua administração. Cyro estendeu a todo o País os benefícios da medicina, que eram restritos ao Rio de Janeiro. De comportamento inquestionável, impediu vários desvios de funcionários. Atendia a todos que o procuravam, sendo o último a sair da repartição. Não é figura de retórica afirmar que o serviço público representava para ele um verdadeiro sacerdócio. Os escritores necessitados sempre tiveram o seu acolhimento. Severo e objetivo tomava decisões de caráter absolutamente humano. Vale lembrar que Cyro não deixava sem resposta o mais simples bilhete.

Quanto a mim, ao exercer, mais tarde, o cargo de secretário municipal de Cultura de São Paulo, na administração de Olavo Egydio Setúbal, filho do nosso confrade Paulo Setúbal, posso afirmar que procurei guiar-me sempre pelo exemplo de Cyro dos Anjos.

SESSÃO DO DIA 1.º DE NOVEMBRO DE 2006

Sob a presidência do Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça, estiveram presentes os Acadêmicos: Cícero Sandroni, Secretário-Geral, Ana Maria Machado, Primeira-Secretária; José Murilo de Carvalho, Segundo-Secretário; Antonio Carlos Secchin, Tesoureiro; Murilo Melo Filho, Diretor da Biblioteca; Sergio Paulo Rouanet, Diretor do Arquivo; Eduardo Portella, Diretor dos *Anais da Academia Brasileira de Letras*; Affonso Arinos de Mello Franco, Alberto Venancio Filho, Antonio Olinto, Arnaldo Niskier, Candido Mendes de Almeida, Carlos Nejar, Evanildo Cavalcante Bechara, Pe. Fernando Bastos de Ávila, Ivan Junqueira e Nelson Pereira dos Santos.

- Iniciada a sessão, o Presidente Marcos Vinícios Vilaça submeteu à discussão a ata da sessão do dia 26 de outubro de 2006, que foi aprovada por unanimidade. Solicitou uma salva de palmas para o Acadêmico Ivan Junqueira que aniversariou no dia 3 de novembro. Congratulou-se com o Acadêmico Eduardo Portella pela outorga do Prêmio Golfinho de Ouro, concedido pelo Conselho Estadual de Cultura do Estado do Rio de Janeiro, na categoria Educação. Igualmente, com o Acadêmico Ivan Junqueira, pelo Prêmio da União Brasileira de Escritores, na Categoria Internacional. Assinalou a satisfação da Casa pela concessão do título de Professor Honorário da Universidade de Curitiba ao Acadêmico Sábato Magaldi. Na seqüência, registrou que a Biblioteca Rodolfo Garcia foi agraciada com o prêmio Estácio de Sá do Governo do Estado do Rio de

Janeiro. Deu notícia da Acadêmica Zélia Gattai Amado que se recupera gradativamente. Lamentou o falecimento de Waldemar Lopes, intelectual de alta qualificação que colaborou em jornais e revistas de Pernambuco e estados vizinhos. Discorreu sobre seus livros doados às bibliotecas de sua terra, na Cidade de São Benedito, e à Biblioteca da Academia Pernambucana de Letras, da qual era membro. Deu notícias de que a Academia Brasileira de Letras fez substancial doação ao Programa de Ação Pela Cidadania, que antes era voltado para a questão da fome e agora mudou o rumo de sua atuação, para incluir uma proposta voltada para a educação e a cultura, centrada em bibliotecas volantes. Comunicou à Casa que recebeu da Junta de Castilla y León notícia de que, no dia 16 de novembro, o seu presidente, Juan Vicente Herrera virá a esta Academia para a entrega de uma coleção de livros de autores agraciados com os prêmios de Castilla y León de Letras, que reúne vinte e um escritores, e a Enciclopédia dos Românticos de Castilla y León. Anunciou que o Centro Cultural Brasileiro dos Estados Unidos estará inaugurando a Sala Machado de Assis. Comunicou que a Prefeitura de Ouro Preto já restaurou a Casa de Bernardo Guimarães e que posteriormente marcará a data de inauguração. Registrou que o IPHAN pretende fazer um dicionário da terminologia do Patrimônio Histórico e Artístico. O assunto foi encaminhado aos Acadêmicos Evanildo Bechara, Antonio Carlos Secchin e Alberto da Costa e Silva para que opinem sobre a melhor forma de participação da Academia. Lembrou que a INFRAERO já está liberando recursos que cobrem os custos editoriais deste ano. Com relação ao livro comemorativo dos 110 anos da Academia, coordenado pelo Acadêmico Alberto da Costa e Silva, obteve o patrocínio do setor privado, com apoio da Lei Rouanet. Informou que a Diretoria pretende apresentar brevemente retrato da situação financeira da Casa. Antecipou que a Casa está muito bem, graças ao apoio do setor empresarial. A Academia conta com um saldo de aplicação maior do que tinha e uma reserva de poupança crescente. Comunicou que o Acadêmico Sergio Paulo Rouanet falará, na próxima semana, sobre a participação do Acadêmico Eduardo Portella, no encontro da Academia Brasileira de Letras e da Academia das Ciências de Lisboa, sobre Iluminismo. Finalizando, registrou o que significou a pre-

sença dos Acadêmicos em Portugal e agradeceu ao Acadêmico Eduardo Portella que falou por todos os Acadêmicos. Disse que nas próximas reuniões tratará de questões administrativas necessárias por força da qualidade de desempenho.

- O Acadêmico Antonio Carlos Secchin leu proposta de concessão da Medalha João Ribeiro à Fundação Getúlio Vargas. O Senhor Presidente determinou a inclusão do texto aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.
- O Presidente Marcos Vilaça solicitou ao Acadêmico Antonio Carlos Secchin que lesse a proposta para a concessão da Medalha João Ribeiro ao escritor Ubiratan Machado, apresentada na sessão do dia II de outubro.
- O Acadêmico Antonio Carlos Secchin informou que todos os Acadêmicos receberam a proposta e como já foram cumpridas as normas regimentais pediu ao Presidente Marcos Vilaça que a submetesse a votação.
- O Presidente Marcos Vilaça encaminhou à votação da proposta para concessão da Medalha João Ribeiro ao escritor Ubiratan Machado, que foi aprovada.
- O Acadêmico Antonio Carlos Secchin entregou à Biblioteca Rodolfo Garcia o livro *Melhores Contos*, da escritora Edla Van Steen, que além de notável ficcionista, tradutora e dramaturga, dirige, junto à Editora Global, importantes coleções que abrigam um número considerável de escritores.
- O Acadêmico Candido Mendes de Almeida registrou a satisfação de entregar o livro *Desarrollo e Interculturalidad, Imaginario y Diferencia: la Nación en el Mundo Andino*, vinculada à 14.º Conferência Internacional, realizada em Quito com a presença de importantes personalidades mundiais. Agradeceu a todas as manifestações de pesar pelas perdas ocorridas na sua família nos últimos meses.
- O Presidente Marcos Vilaça ressaltou o quanto todos se juntaram para acompanhar o Acadêmico Candido Mendes de Almeida nesses momentos.
- O Acadêmico Murilo Mello Filho discorreu sobre o jurista José Luiz Bulhões Pedreira, falecido na semana passada. O Senhor Presidente determinou a inclusão do texto aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.

- O Acadêmico Alberto Venancio Filho agradeceu as palavras do Acadêmico Murilo Melo Filho.
- O Acadêmico Candido Mendes de Almeida associou-se ao que foi dito pelo Acadêmico Murilo Melo Filho e ressaltou que sempre esteve muito ligado ao trabalho e a obra do jurista José Luís Bulhões Pedreira. Participou, junto com o Acadêmico Venancio Filho, da redação da famosa mensagem do Presidente Jânio Quadros em 1961. Em três ou quatro dias apresentaram o volume. Salientou que José Luís Bulhões Pedreira liderou os trabalhos e demonstrou a sua enorme capacidade, reveladora da maturidade da cultura jurídica brasileira.
- O Acadêmico Cícero Sandroni destacou que conheceu o advogado José Luiz Bulhões Pedreira quando ele participou da equipe coordenada por Candido Mendes de Almeida, que preparou a primeira e única mensagem enviada pelo Presidente Jânio Quadros ao Congresso Nacional. Lembrou que apresentou Candido ao secretário particular do Presidente, José Aparecido de Oliveira, e esse o convidou para coordenar a referida equipe. Afirmou lembrar-se de que ao aceitar a tarefa, Candido disse a José Aparecido que só poderia cumprir bem tal missão se o advogado José Luiz Bulhões Pedreira participasse do grupo. Assim foi feito, e Candido organizou a equipe que, além de Bulhões Pedreira contou também com a colaboração do Acadêmico Alberto Venancio Filho, do economista João Paulo de Almeida Magalhães e de outros jovens intelectuais daquele hoje distante ano de 1961.
- O Acadêmico Antonio Olinto convidou a todos para a abertura do Projeto a Paixão de Ler, que se realizará de 6 a 12 de novembro, e que este ano terá como tema o Acadêmico Jorge Amado.
- O Acadêmico Carlos Nejar manifestou sua preocupação com relação aos problemas que o Presidente Marcos Vilaça tem enfrentado na condução da Casa. Ressaltou elementos muito positivos na sua gestão especialmente pelos recursos conseguidos, com seu esforço, para prosseguir com os projetos que a Academia desenvolve. A seguir, referiu-se ao encontro da Acadêmica Brasileira de Letras e da Academia das Ciências de Lisboa res-

saltando a originalidade das comunicações dos confrades da Casa sobre o Iluminismo.

- O Presidente agradeceu ao Acadêmico Carlos Nejar pela sua preocupação.
- O Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara deu notícia da sua participação na Comissão de Língua Portuguesa, que tem por competência a promoção, a defesa, o enriquecimento e a difusão da Língua Portuguesa como veículo de cultura, educação, informação, acesso ao conhecimento científico, tecnológico e a sua utilização oficial nos foros internacionais. A proposta desse seminário Internacional de Língua Portuguesa e de suas Literaturas, informou que tem por objetivo aproximar os países de língua portuguesa. Salientou que vale a pena o brasileiro tomar conhecimento do prulilingüismo no Brasil. Deu como exemplo a Prefeitura de São Gabriel, município do Amazonas, que aprovou um texto de lei, segundo o qual todo documento oficial será impresso em quatro línguas: o nheengatu, o tucano e o baniwa e o Português. Finalizando, lembrou que nesta Comissão a Academia Brasileira de Letras tem um acento permanente, por isso sua participação neste seminário internacional.
- O Presidente consultou o Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco sobre a possibilidade de deixar, em virtude do adiantado da hora, para a próxima semana a sua valiosa colaboração à Casa falando de Magalhães de Azeredo.
- O Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco concordou plenamente, esclarecendo que ele mesmo ia sugerir essa providência. Prosseguindo, comunicou que está trabalhando no diário de Magalhães de Azeredo e que há nesse diário um pedido específico, que transmite ao Presidente: de que na lápide onde se encontram os seus restos mortais conste apenas o seu nome e a palavra “poeta”.
- O Presidente determinou que a Secretaria tomasse tal providência, cumprindo o desejo de Magalhães de Azeredo. Antes de encerrar a sessão, lembrou que segunda-feira haverá mesa-redonda comemorativa do centenário de nascimento de Hannah Arendt com a participação dos Acadêmicos Sergio Paulo Rouanet e Celso Lafer e do escritor Vamireh Chacon. E encerrou a sessão.

CONCESSÃO DA MEDALHA JOÃO RIBEIRO À FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS

*Proposta do Acadêmico Antonio Carlos Secchin**

Sob a inspiração de Luiz Simões Lopes, associada aos estados, empresas privadas e cidadãos brasileiros, em 1944, foi criada, por iniciativa do Governo Federal, a Fundação Getúlio Vargas.

Instituição pioneira na América do Sul nos campos da Administração e da Economia, promoveu esforços de modernização administrativa do estado brasileiro, que contribuíram para a adoção dos princípios brasileiros do orçamento público, do sistema do mérito, da licitude nas compras governamentais e da racionalidade na organização e nos métodos de trabalho.

São inegáveis as contribuições da FGV para a economia nacional, para a história oral contemporânea, para o Direito Público e Empresarial, para o trato da documentação, para o desenvolvimento e aplicação de modelos e instrumentos de gestão e para o ensino da administração e da economia.

Notáveis também foram as suas contribuições com projetos inovadores nas áreas do comércio, da psicologia do trabalho, da contabilidade e da educação.

Na medida em que a dinâmica do pensamento está associada à das letras, a programação editorial da FGV sempre brindou o país com bem cuidadas edições de autores brasileiros e estrangeiros de qualidade superior, constituindo-se a um só tempo em registro da reflexão aplicada e instrumento cotidiano de trabalho para os construtores da nação.

* Apresentada na sessão do dia 1.º de novembro de 2006.

Tornou-se, como uma Academia das Ciências Sociais, responsável por garantir, através de suas eminentes lideranças intelectuais, a evolução inteligente do pensamento brasileiro, aplicado ao desenvolvimento econômico e social. Contou, sempre, com a participação de expoentes da inteligência brasileira como, entre outros, Afonso Arinos de Melo Franco, Octavio Gouvêa de Bulhões, Emilio Mira y Lopes, Eugênio Gudín, Mario Henrique Simonsen, Raymundo Moniz de Aragão, Themístocles Cavalcanti, Jorge Oscar de Mello Flores, Guerreiro Ramos, Diogo Lordello de Mello, Délio Maranhão, Benedicto Silva, João Carlos Vidal, José Carneiro Felipe, Alim Pedro, Francisco Dornelles, João Paulo dos Reis Velloso, Marcos Carneiro de Mendonça, Abgar Renault, Bianor Cavalcanti, Irapoan Cavalcanti de Lyra, Carlos Ivan Simonsen.

Instituição de caráter nacional, projeta a sua contribuição educacional a todo o país e a milhares de brasileiros. Os programas de mestrado e doutorado de suas escolas conformam uma comunidade acadêmica cuja produção de estudos e pesquisas, qualitativa e quantitativamente superior, é largamente reconhecida nacional e internacionalmente. Dela se valem, para a formação de seus quadros e uso de suas informações técnicas e publicações científicas, empresas de todos os segmentos de atividades, governos, e a sociedade em geral.

A FGV teve sempre o compromisso com a sociedade brasileira marcado pela racionalidade econômica e administrativa, pela inovação e pelo interesse público.

De seus saberes e contribuições também se valem instituições fundamentais à nação, como casas legislativas, tribunais de contas, o Judiciário e as Forças Armadas.

A FGV demonstra ainda, uma enorme capacidade de projeção espacial estratégica, tanto em nível mundial como nacional. Além de um riquíssimo elenco de parceiros de peso internacional distribuídos por, praticamente, todos os continentes, o Mestrado Internacional em Gestão de Empresas, ensinando em língua inglesa, atrai para o Rio de Janeiro estudantes da Noruega, Rússia, Estados Unidos, França, México e Chile, dentre outros países. Os estrangeiros se juntam a colegas de empresas multinacionais brasileiras, como a Companhia Vale do Rio Doce, por exemplo, para juntos prepararem-se

para a gestão empresarial num mundo globalizado, culturalmente diversificado e sujeito a grandes incertezas políticas, comerciais e ambientais.

No plano nacional, a FGV opera os seus programas de ensino em todas as regiões do país. Os Institutos Superiores de Administração e Economia, os ISAE's, que, apoiados academicamente pela FGV, transferem à Amazônia e ao Mercosul, em nível de excelência, o conhecimento acumulado ao longo de décadas de existência da FGV. Aos ISAE's atesto a extrema relevância e eficácia daqueles projetos educacionais e de pesquisa para a promoção do desenvolvimento. Os ISAE's são, mais uma vez, a marcado pioneirismo da FGV.

Ainda nesse sentido, outras iniciativas são dignas de nota. Na área do Direito, novas Escolas da FGV, no Rio de Janeiro e São Paulo, renovam propostas didáticas e abordagens de formação, constituindo-se em verdadeiros laboratórios de inovação, assim como foram, no passado, os cursos de Administração e Economia, hoje consolidados e internacionalmente conhecidos.

A Academia Brasileira de Letras não hesitou em valer-se da FGV, através da Escola Brasileira de Administração Pública, para ajudar-nos a introduzir a importante e pioneira tecnologia da auditoria de desempenho. A aproximação das duas instituições, pela capilaridade e importância sistêmica de ambas, pelas cultivadas tradições institucionais e pelo altíssimo nível de seus quadros, revelou-se extremamente profícua para ambas.

A FGV representa, como poucas instituições, um patrimônio de todos os brasileiros e a ABL se beneficiou da cooperação, em forma de voluntariado, que lhe deu a Fundação.

O JURISTA JOSÉ LUIZ BULHÕES PEDREIRA

*Palavras do Acadêmico Murilo Melo Filho**

Na semana passada, com a morte do advogado José Luiz Bulhões Pedreira, o Brasil perdeu um dos maiores nomes desta atual geração de juristas brasileiros.

Do seu cérebro privilegiado, nasceram os mais importantes textos que tanto contribuíram para a construção do moderno edifício em que agora se abriga quase toda a atual legislação da nossa Economia.

São de sua co-autoria as leis que regem hoje: as Sociedades por Ações; a Comissão de Valores Mobiliários; as Sociedades Anônimas; o Conselho Monetário Nacional; o BNH e o Sistema Financeiro de Habitação.

Deu pareceres e estruturou alguns dos mais importantes negócios feitos no Brasil durante as últimas quatro décadas, inclusive e, sobretudo o Projeto Jari, que foi um dos nossos mais completos planos amazônicos de exploração agroindustrial.

Participou intensamente da formatação do Banco Central, das Bolsas de Valores, da adoção do “leasing”, do crédito ao consumidor, do Imposto de Renda, dos direitos do acionista minoritário e do acionista controlador, das debêntures conversíveis, das incorporações acionárias, do Plano Real e do mercado de capitais, que justamente agora está completando o seu 30.º aniversário.

* Proferidas na sessão do dia 1.º de novembro de 2006.

Ele foi também, durante 30 anos, de 1964 a 1994, ao longo de vários governos, e ao lado de Alfredo Lamy o grande reformador de todo o sistema financeiro do Brasil e do que hoje ainda se conhece como governança corporativa, como sociedade organizada e como moderna estrutura jurídica.

Quando algum dia se escrever a história do Direito Societário brasileiro, haverá um lugar de especial destaque para um dos seus maiores autores, que foi José Luiz Bulhões Pedreira, o criador do CEPED – Centro de Estudos e Pesquisas no Ensino do Direito.

Não era um político, mas nunca se negou a ajudar os Presidentes da República e os Ministros da Fazenda, que freqüentemente recorriam à sua cultura e à sua sabedoria.

Participava do Escritório “Bulhões Pedreira, Bulhões de Carvalho, Piva, Rosman & Souza Leão”, uma das mais ativas bancas da advocacia brasileira, da qual o nosso confrade Alberto Venancio Filho é um dos seus principais advogados.

Há mais de 50 anos, o Dr. José Luiz Bulhões Pedreira transformara o Copacabana Palace no seu lar e na sua moradia, de onde, aos 82 anos de idade, já muito doente, saiu um dia antes de morrer no Hospital Samaritano.

Esta Academia esteve representada no seu enterro pelo nosso Acadêmico Evanildo Bechara.

À beira do seu caixão, o Senador eleito Francisco Dornelles informava que a colaboração do Dr. José Luiz ao governo foi sempre prestada gratuitamente e repetia a informação do ex-ministro Mário Henrique Simonsen, segundo o qual o Dr. José Luiz era um homem que passava as 24 horas do dia procurando esconder a sua extraordinária inteligência.

Senhor Presidente. Senhora e senhores Acadêmicos.

O advogado José Luiz Bulhões Pedreira deixou atrás de si uma vasta e influente obra jurídica, da qual esta nossa atual geração de brasileiros já está sentindo – e sentirá sempre – muita falta e saudades imensas.

SESSÃO DO DIA 9 DE NOVEMBRO DE 2006

Sob a presidência do Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça, estiveram presentes os Acadêmicos: Cícero Sandroni, Secretário-Geral, Ana Maria Machado, Primeira-Secretária; José Murilo de Carvalho, Segundo-Secretário; Antonio Carlos Secchin, Tesoureiro; Murilo Melo Filho, Diretor da Biblioteca; Sergio Paulo Rouanet, Diretor do Arquivo; Eduardo Portella, Diretor dos *Anais da Academia Brasileira de Letras*; Affonso Arinos de Mello Franco, Alberto Venancio Filho, Arnaldo Niskier, Domício Proença Filho, Evanildo Cavalcante Bechara, Pe. Fernando Bastos de Ávila, Helio Jaguaribe, Ivan Junqueira, Lêdo Ivo, Moacyr Scliar e Tarcísio Padilha.

- Iniciada a sessão, o Presidente Marcos Vinícios Vilaça submeteu à discussão a ata da sessão do dia I.º de novembro de 2006, que foi aprovada por unanimidade. Saudou, na companhia do plenário, o aniversário do Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco que transcorre no próximo sábado, dia II de novembro. Deu conhecimento à Casa de que a Acadêmica Ana Maria Machado doou à Biblioteca Lucio de Mendonça e ao Centro de Memória cerca de 450 documentos, entre livros, revistas, Anais de Congressos, folhetos, teses, catálogos, recortes de jornais que retratam sua trajetória de escritora e jornalista. Agradeceu a preciosa iniciativa. Informou que o Acadêmico Murilo Melo Filho estará representando a Presidência nas festividades comemorativas dos setenta anos de fundação da Academia Norte-rio-grandense de Letras. Deu a notícia auspiciosa do

restabelecimento da Acadêmica Zélia Gattai Amado. Registrou a satisfação da Academia pela concessão, pelo Governo Federal, da Grã-Cruz da Ordem do Mérito Cultural de 2006 a Sabato Magaldi e José Mindlin e, também, festejou os quarenta anos de vida pública do Acadêmico Marco Maciel. Comunicou que a Diretoria da Casa vai fazer distribuir entre os Acadêmicos, para exame e observações, um questionário a ser distribuído aos que comparecem aos seminários e ciclo de conferências, com a finalidade de obter um perfil dos frequentadores. Deu ciência da presença da ABL na Internet: em cinco meses foram feitas 345 inserções no Portal, 192 das quais de artigos de Acadêmicos, e ainda, de duas exposições virtuais das cerimônias recentes de posses de acadêmicos e dos últimos seminários e conferências. Ao longo dos últimos quatro meses, 1.519.281 páginas do Portal foram vistas por 300.000 visitantes. Salientou serem números muito significativos e dignos de registro e incorporação ao acervo de realizações da Casa, em consonância com a memória audiovisual. Ressaltou o exemplo da Sala Afonso Arinos: montagem, instalação, a sala pronta, visitas, e atos. Comunicou que a Diretoria, no âmbito de suas atribuições, determinou um acréscimo à representação mensal dos Acadêmicos no montante de 50%, e mais um percentual a ser acrescido ao jeton das sessões da ABL, e também à verba de representação da Diretoria Executiva à exceção do Presidente. Acrescentou que a Diretoria acolheu a sugestão do Acadêmico Domicio Proença Filho no sentido de que os Acadêmicos residentes no Rio de Janeiro com idade acima de 85 anos tenham direito a jeton, independentemente da presença às reuniões ordinárias. Registrou o sucesso da mesa-redonda sobre Hannah Arendt, da qual participaram Vamireh Chacon e os Acadêmicos Sergio Paulo Rouanet e Celso Lafer de que teve auspiciosa notícia.

- O Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco lembrou que o Regimento ou o Estatuto estabelecem que as atividades de Direção sejam gratuitas.
- O Presidente afirmou que continuam sendo, uma vez que as alterações postas limitavam-se ao jeton e à verba de representação, comuns a todos os acadêmicos.

- O Acadêmico Helio Jaguaribe acrescentou que a elegância que caracteriza o Presidente fez com que se excluísse a Presidência dos reajustes aprovados e propôs e foi aprovado que também se estendessem à Presidência.
- O Presidente encaminhou a votação a proposta da Medalha João Ribeiro a Geraldo Jordão Pereira, feita pelo Acadêmico Murilo Melo Filho e à Fundação Getúlio Vargas apresentada pelo Acadêmico Antonio Carlos Secchin. A aprovação foi unânime. Fora aprovada anteriormente a concessão da mesma Medalha a Ubiratan Machado e a Janete Costa.
- O Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco observou que na comunicação sobre a cerimônia de premiação do concurso de Monografias Machado de Assis, que acaba de receber do Ministério das Relações Exteriores, falta a data do evento. Esclareceu de que se dará no próximo dia 16.
- O Acadêmico Sergio Paulo Rouanet teceu comentários sobre a intervenção feita, no dia 19 de outubro, pelo Acadêmico Eduardo Portella, na Academia das Ciências de Lisboa, sobre as irradiações ibéricas do Iluminismo em Portugal e no Brasil. Ao discorrer a propósito da inovadora reflexão sobre o Iluminismo em geral destacou que o Acadêmico Eduardo Portella mostrara como a Ilustração inglesa se debatia entre o deísmo e o materialismo e a francesa se distinguiu por sua ambição enciclopedista, salientando dentro do movimento enciclopedista o papel dos pensadores como Voltaire e Rousseau. Ressaltou outros tópicos da sua fala em Portugal, como as reflexões sobre as duas grandes idéias-força da Ilustração: a razão e o progresso e suas repercussões na cultura em geral e especificamente na literatura. No que se refere às projeções em Portugal dessas grandes instâncias, Eduardo Portella desenhara a reação pombalina contra o neo-aristotelismo vigente no Reino e com relação ao Brasil disse entender que “ocupa um lugar emblemático na crônica das irradiações ibéricas do Iluminismo”. Concluiu, entre outras considerações, que o autor de *O Intelectual e o Poder* pronunciara na Academia das Ciências de Lisboa, uma bela lição de história das idéias e de filosofia da cultura.
- O Presidente assinalou a excelência da intervenção do Acadêmico Eduardo Portella sintetizada pelo Acadêmico Sergio Paulo Rouanet a quem agradeceu o importante registro.

- O Acadêmico Eduardo Portella ressaltou que sua conferência ficara muito melhor na versão iluminada de Sergio Paulo Rouanet, que tem um papel fundamental nas suas objeções ao Iluminismo. Lembrou a propósito do tema, a razão, ter escrito um ensaio sobre Gilberto Freyre intitulado “Crítica da Razão Impura” e discorreu sobre o mesmo. Acentuou ter ficado desarmado diante do nível reflexivo da construção de Rouanet e diante deste desarmamento nenhum militante da razão impura poderia resistir. Ele disse resistir porque, num país de cultura onde há uma pulsão lúdica permanente, onde há ingerências da impureza constantemente na construção cultural, não sabe até que ponto a razão compreenderia modernidade sem dispor de pelo menos vinte anos de Kant. No que diz respeito à releitura que o Acadêmico Sergio Paulo Rouanet fez do quadro o Anjo de Paul Klee, uma leitura irrepreensível de Walter Benjamin, que se desdobra de maneira admirável, num livro do mesmo Sergio Paulo Rouanet: *O Édipo e o Anjo*, lançado pela Editora Tempo Brasileiro.
- O Acadêmico Tarcísio Padilha, observou, com referência ao que foi dito sobre o Iluminismo, que sempre esposou a idéia de que há um privilégio ontológico dos instantes, e nesse sentido o Acadêmico Sergio Paulo Rouanet brindara o plenário com uma exposição de alto nível. Solicitou que fosse dado conhecimento aos Acadêmicos do inteiro teor da conferência do Acadêmico Eduardo Portella e propôs que o texto seja publicado na *Revista Brasileira*.
- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça comunicou ao Acadêmico Tarcísio Padilha que, por conta da sua solicitação, os textos dos Acadêmicos Eduardo Portella, Alberto da Costa e Silva e Sergio Paulo Rouanet serão publicados.
- O Acadêmico Domício Proença Filho registrou a presença da Academia Brasileira de Letras na quinquagésima segunda Feira do Livro de Porto Alegre, a mais importante feira de livros do país, representada, por delegação da Diretoria, pelos Acadêmicos Moacyr Scliar, Murilo Melo Filho e ele próprio, que se juntaram a Luiz Augusto Fisher, num debate sobre Os Acadêmicos gaúchos da Academia. Louvou o empenho, o esforço e a dedicação do Acadêmico Murilo Melo Filho que, preocupado em não

estar presente, enviara seu texto que foi brilhantemente lido e comentado por Moacyr Scliar. O Acadêmico Moacyr Scliar discorreu sobre o trabalho desenvolvido pela Academia Brasileira de Letras inclusive pelas Bibliotecas e das mesas-redondas. Ressaltou que Luiz Augusto Fisher falara do Acadêmico Vianna Moog, numa conferência interativa com vários representantes da cidade de São Leopoldo. A ele coubera discorrer sobre Augusto Meyer. Disse considerar importante essa integração com a Feira de Porto Alegre e registrou a fidalga acolhida do estande da Fundação Biblioteca Nacional que abriu um espaço especial para as publicações da Academia Brasileira de Letras, e doara todos os livros expostos às bibliotecas do Estado. Um Estado em que, segundo o Ibope, cada gaúcho lê em média 5.5 livros por ano. Louvou a iniciativa da Diretoria pela realização da mesa-redonda sobre Hannah Arendt. Momento de altíssima erudição, proporcionado por Vamireh Chacon e os Acadêmicos Sergio Paulo Rouanet e Celso Lafer. Agradeceu a acolhida da sua proposta sobre os acadêmicos de mais de 85 anos, que representa um reconhecimento aos confrades a que os anos já levaram mais além.

- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça agradeceu a participação do Acadêmico Domício Proença Filho e confirmou o desejo da Casa de estabelecer alianças mais sólidas com os Estados.
- O Acadêmico Moacyr Scliar louvou a idéia de levar a Academia Brasileira de Letras para acontecimentos culturais nos Estados e dizer de sua contribuição cultural, porque a população a admira e respeita, mas nem todos entendem de fato o que significa. Destacou a importância do estudo do levantamento dos hábitos de leitura feito no Rio Grande do Sul, a seu ver de muita importância. Ponderou que o levantamento por habitante no Brasil em geral, considera a soma dos livros impressos, dividido pelo número de habitantes, e da leitura inclui também publicações oficiais da gráfica do Senado, o que não dá idéia real de como os brasileiros lêem. Nesse sentido, comunicou que participara de reunião do Plano Nacional do Livro e da Literatura, que tem o propósito de apoiar a difusão do hábito de leitura e, sobretudo combater a questão do analfabetismo funcional. Em sua opinião o número de analfabetos diminuiu, mas metade dos alfabetizados não têm condições de ler um livro. Afirmou ser impor-

tante que a Academia Brasileira de Letras colabore com o Plano Nacional do Livro e da Literatura, na qualidade de representante dos escritores.

- O Acadêmico Helio Jaguaribe fez breve relato sobre a honrosa incumbência que lhe fora conferida pelo Presidente Marcos Vinícios Vilaça de representar a Academia Brasileira de Letras junto à Academia Portuguesa da História, por ocasião do X Congresso das Academias Ibero-americanas da História, realizada de 2 a 4 de novembro. Congratulou-se com a excelente exposição do Acadêmico Sergio Paulo Rouanet sobre o Iluminismo e lamentou não ter tido ainda a oportunidade de ler o texto do Acadêmico Eduardo Portella. Sobre o assunto, dialogou com o acadêmico, defendendo a razão vital, que entende não ser puramente cartesiana e que está vinculada por um lado, às circunstâncias da biografia de cada homem e da história de cada povo, e por outro lado, à circunstância de momento e de sítio. A impureza é algo que a razão estuda, ela não a tem.
- O Acadêmico Eduardo Portella contraponteu, afirmando que, para ele, a razão vital, uma criação do seu mestre Ortega y Gasset, existia antes no vitalismo, da parte de Unamuno. A época, acrescentou, estava dominada pela filosofia da vida e pelas irradiações, sobretudo provindas de Nietzsche. Ortega, no debate com Unamuno, introduz o elemento racional que absorvera em Malburg com Hermann Kohn, um neo-kantiano que teve influência importante sobre Ortega. A razão, ponderou, no Ocidente tomou a fisionomia da ciência e da técnica, e os rumos tomados pela ciência e a técnica constituem redução do espaço humano, privilegiados os espaços menores do real e não os opulentos e nobres, que são constantemente homenageados pela metafísica do ocidente. Na sua opinião a existência humana depende dessa contracena áspera, cotidiana, entre os homens e as coisas. Em nome da não-razão, assume a expressão “crítica da razão impura”, disse.
- O Acadêmico Ivan Junqueira, louvou o Ministério das Relações Exteriores pela realização do Concurso Internacional Machado de Assis, no âmbito do qual teve a honra de presidir um júri de cinco professores de Brasília, que examinou oitenta monografias, concorrentes ao prêmio, trinta seguramente de qualidade excepcional. Comunicou que as cinco mono-

grafias premiadas farão parte de um livro a ser entregue aos participantes na cerimônia do dia 16 de novembro. Diante da excelência do concurso, ressaltou a importância da presença dos Acadêmicos à cerimônia de premiação.

- No capítulo das Efemérides o Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco discorreu sobre Carlos Magalhães de Azeredo, o mais moço dos fundadores da Academia Brasileira de Letras. Por determinação do Senhor Presidente Marcos Vinícios Vilaça o texto lido será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.
- O Acadêmico Lêdo Ivo solicitou que se repetisse a salva de palmas ao Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco por ele não estar presente no início da sessão, o que foi feito.
- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça teceu comentários sobre a excepcional tarde vivida pela Academia, a começar pela homenagem à Acadêmica Rachel de Queiroz, marcada por duas intervenções precisas: a do Acadêmico Ubiratan Aguiar, da Academia Cearense de Letras e a do Acadêmico Arnaldo Niskier, completadas por uma sessão plenária extremamente rica. Antes de encerrar a sessão, convidou a todos para a mesa-redonda “Arquitetura e Urbanismo” sob a coordenação do Acadêmico Cícero Sandroni e com a conferência da escritora Barbara Freitag e tendo como debatedores: Senhor Augusto Ivan de Freitas Pinheiro, Secretário de Urbanismo da Prefeitura, Arquiteto Jayme Zettel, Prof. José Luiz da Motta Menezes e arquiteto Ruy Ohtake. E encerrou a sessão.

CARLOS MAGALHÃES DE AZEREDO

*Apresentação do Acadêmico Affonso Arinos de Mello Filho**

Carlos Magalhães de Azeredo nasceu no Rio de Janeiro, a 7 de setembro de 1872, no dia em que o Brasil comemorava o cinquentenário da Independência; e morreu em Roma, a 4 de novembro de 1963 (há quarenta e três anos, portanto). Aos 24, ele fora o mais moço dos fundadores da Academia Brasileira, e, aos 91, o último dentre aqueles a sobreviver. Seria membro titular da Academia durante sessenta e seis anos.

Em suas Memórias, por mim editadas na Coleção Afrânio Peixoto, Magalhães de Azeredo narra que um exemplar da *Gazeta de Notícias*, da qual ele era colaborador, lhe dera, na Itália, a informação de que “a Academia Brasileira acabava de ser fundada, e eu fora eleito para uma das Cadeiras, por designação quase unânime (quinze votos sobre dezesseis), e toda espontânea”.

Espontânea a votação pode ter sido, mas sobre ela terá decerto pesado fortemente a sugestão do seu amigo e correspondente Machado de Assis, a quem Azeredo se fizera lembrar em carta datada de Roma, a 4 de janeiro de 1897: “Li nos jornais ultimamente chegados daí que grande número de escritores brasileiros se reunia para fundar a Academia de Letras, aclamando-o presidente, como de justiça. Aplaudindo a idéia e achando-a capaz de produzir benefícios e brilhantes resultados, peço-lhe que, na primeira reunião que houver, depois de recebidas estas linhas, declare aos sócios, em meu nome que, embora de longe, me identifico com eles no mesmo intuito, e me ofereço para prestar à nova Academia os serviços que eu possa prestar aqui.”

* Proferida nas Efemérides do dia 9 de novembro de 2006.

Carlos reconhecia, com franqueza, a situação particular que lhe coubera na inauguração desta Casa. Quando, certa vez, lhe mencionei sua condição de fundador, ele precisou: “Fundador fundado.” E explicou-me ter sido um dos dez que os trinta escritores, originalmente reunidos para criar a nova entidade, escolheram em seguida, a fim de completar o número de quarenta componentes da Academia inspiradora, a Francesa.

O altíssimo conceito em que teve a Academia Brasileira, Magalhães de Azeredo explicitou-o claramente em longa mensagem a ela enviada em 1945, ao término do grande conflito armado durante o qual permanecera isolado na Itália em guerra contra o Brasil, e em Roma sob a ocupação nazista. Concluiu afirmando que “a nossa Academia está em primeira linha entre as corporações intelectuais a que compete, na América, a sagrada tarefa de preservar, propagar, desenvolver a cultura, e de defendê-la se periclitante, com o máximo empenho e o máximo sacrifício. Ela é, por definição, uma elite, uma das mais autênticas elites da nossa pátria e de todo esse continente. (...) Ela porá sem dúvida essa grande força ao serviço de uma causa em que está interessada a honra mesma, não só deste, mas da universalidade do espírito humano”.

A carreira funcional de Carlos Magalhães de Azeredo, como diplomata, teve início em 1895, na nossa Legação em Montevideu. De 1896 a 1897, serviu junto à Santa Sé. Exonerado, então, por injunções do chefe – florianista exaltado, indisposto com a companhia de um auxiliar que escrevera vigorosas verrinas contra o marechal-presidente, a ponto de exilar-se em Minas Gerais –, seria reintegrado na profissão diplomática, e regressou a Roma em 1898, novamente lotado na Legação no Vaticano. Cumpriu rápido serviço provisório em Paris, em 1902, regressando à Itália no ano seguinte. Em 1903, voltou a conviver em Roma, com Joaquim Nabuco (que conhecera na juventude), cuja defesa do Brasil na questão de fronteiras com a então Guiana Britânica malograria devido à mediação parcial e desonesta do rei italiano, Vitório Emanuel III, previamente comprometido com Eduardo VII a favorecer os interesses ingleses.

Magalhães de Azeredo serviu como enviado extraordinário em Atenas de 1913 a 1914; em seguida, não mais deixaria a Santa Sé, onde foi ministro

plenipotenciário de 1914 a 1919, e embaixador deste ano até 1934. Vinte e um anos de chefia de missão no Vaticano, por conseguinte.

O embaixador atingiu o ponto culminante da sua carreira (ele mesmo assim o julgava) com o discurso que, em nome do corpo diplomático acreditado junto à Santa Sé, do qual era decano, dirigiu a Pio XI em 1929, após a assinatura dos Tratados do Latrão, entre o Vaticano, representado pelo cardeal secretário de Estado, Pietro Gasparri, e a Itália, por intermédio de Benito Mussolini, chefe do governo. Os Tratados se firmaram quase seis décadas após a unificação da Itália, efetuada em 1870, com o conseqüente desaparecimento dos Estados Pontifícios. O papa se considerara, desde então, prisioneiro no Vaticano, e a questão romana, assim criada, só encontrou solução quando aqueles instrumentos jurídicos revogaram um estado em que a Santa Sé dependia, unilateralmente, de norma do direito interno italiano, a chamada Lei de Garantias. Os Tratados do Latrão estabeleceram outra situação, regida pelo Direito Internacional, com salvaguardas reconhecidas pela comunidade das nações.

Em sua alocução, Azeredo observou, com razão, que a presença, ali, do corpo diplomático “atestava tranqüilamente, silenciosamente, diante do universo inteiro, que os papas (...) continuavam a ser soberanos como antes, pois potências soberanas não teriam delegado a seus embaixadores e ministros a missão de defender seus interesses junto a uma pessoa não qualificada para recebê-los, isto é, que não possuísem os atributos essenciais da soberania”. O embaixador brasileiro sublinhou, ainda, quanto à exigüidade material do novo Estado da Cidade do Vaticano (onde eu teria a honra de sucedê-lo, cinquenta e sete anos mais tarde, como chefe de missão), em lugar de enfraquecer a garantia de direito público oferecida à independência da Santa Sé, afastava as dificuldades mais espinhosas, e valorizava o símbolo jurídico e espiritual que o território pontifício deve tornar perceptível ao mundo inteiro.

Na qualidade de representante do governo brasileiro ou já aposentado, Magalhães de Azeredo privou de perto com cinco papas – Leão XIII, Pio X, Bento XV, Pio XI e Pio XII. Um dia, perguntei-lhe qual fora dentre aqueles, a seu ver, o maior pontífice, e ele não hesitou na resposta: Leão XIII, que,

com a grande encíclica *Rerum novarum*, de 1891, plantara os alicerces da doutrina social da Igreja.

Eu conhecera Carlos Magalhães de Azeredo em fins de 1954, quando da sua última vinda ao Brasil, na casa de meus pais em Copacabana. Afonso Arinos convidara o velho amigo para um almoço onde outros convivas eram Otávio Tarquínio de Sousa e Lúcia Miguel Pereira. Esta prima de minha mãe teria, como biógrafa de Machado de Assis, óbvio interesse em informar-se, sobre o nosso escritor maior, com Azeredo, de quem este fora muito próximo, e, talvez, o seu mais assíduo correspondente. Com um terno claro em dia de sol e calor, ereto, corado e muito bem disposto, o embaixador e acadêmico conversava animadamente.

Removido, dois anos depois, para o primeiro posto da minha carreira na Itália, encontrei-o em Roma. Já então me recebeu todo de preto, com uma espécie de dólmã fechado no pescoço, semelhante à indumentária de um clergyman. E era assim enfarpelado que o encontrava sempre, na sua residência romana. Ali conduzido, na primeira vez, pelo nosso amigo comum Deoclécio Redig de Campos, grande erudito brasileiro em história da arte e restaurador emérito, diretor dos Museus Vaticanos, passei a visitá-lo com frequência, às vezes acompanhado por compatriotas eminentes que, de passagem pela Itália, manifestavam o desejo de conhecer ou rever o ilustre escritor e diplomata. Dentro esses, Gilberto Freire, Murilo Mendes, Carlos Lacerda, Negrão de Lima e Afonso Arinos. Inteiramente só, o pobre ancião ficava feliz em ser procurado, ao sentir que brasileiros de escol se interessavam por ele.

Azeredo fora colega de Afrânio de Melo Franco na Legação do Brasil em Montevidéu, em fins do século XIX, e Afrânio, em 1925, quando embaixador do Brasil junto à Liga das Nações, recomendara ao filho Afonso, que com ele residia em Genebra, viajar a Roma, e lá procurar o antigo companheiro. Arinos assim o fez, e descreveu, mais tarde, o que foram aqueles dias, e a experiência daí decorrente: “Com ele convivi durante quase dois meses, vendo-o todos os dias, e ele foi o meu guia experiente, incansável e entusiasta daquele meio que conhecia como um familiar de muitos lusos, que tinha conservado a curiosidade sempre presente de quem nele penetrasse pela primeira vez. (...) Eu ainda não tinha atingido os vinte anos, e Azeredo já havia trans-

posto os cinqüenta. (...) A amizade de Azeredo, e a nossa convivência romana, auxiliaram-me muito na época em que precisei definir-me a mim próprio. E hoje que a minha formação latina se acusa e se amplia diante de mim mesmo por outros motivos e por outras experiências (...), eu lembro com afeição comovida o mestre amigo com quem me entretinha (...) sobre todos estes temas.” O espírito crítico de Afonso Arinos, contudo, levou-o a acrescentar que “o caso de Azeredo é relativamente freqüente. Trata-se de escritor com influência cultural sobre os que dele se aproximam, mas sem obra própria importante.” E sua autoconsciência intelectual a afirmar serem, naquela época, os únicos interlocutores (sem exclusão do pai, deputado e embaixador) nos quais reconhecia cultura literária mais ampla que a própria, o sábio professor Séchaye, que lhe ministrava um curso particular de literatura, e Magalhães de Azeredo.

As visitas feitas a Azeredo por Afonso Arinos e Negrão de Lima na ocasião, conduzidos por mim, foram essenciais para o bem-estar relativo em que decorreram os últimos anos do velho diplomata. Narra Afonso: “Suas economias se desfizeram com as despesas do tratamento da esposa, até morrer, e dele próprio. Os vencimentos de aposentado, muito baixos, tomavam-se ridículos com a queda do cruzeiro. Azeredo foi sendo forçado a restringir sua vida, creio que até a dispor de peças de arte acumuladas na longa carreira. Quando fui batizar o meu segundo neto em Roma (o padrinho, de fato, seria San Tiago Dantas), no ano de 1957, achei-o triste e apreensivo. (...) Chegando ao Rio, expus a situação ao ministro Negrão de Lima (então chanceler no governo de Juscelino Kubitschek), que teve espírito e coração bastante para atendê-la. Chico Negrão providenciou imediatamente um contrato com Azeredo, mediante o qual ele ficou à disposição da Embaixada na Santa Sé, com alguns poucos dólares, menos do que os que ganha um auxiliar de consulado, mas que são, contudo, suficientes para que o meu velho amigo, que não sai mais de casa, possa enfrentar sem riscos as suas escassas necessidades materiais.”

Casado com uma cubana, Magalhães de Azeredo não tivera filhos, vivendo sempre em companhia da esposa, da mãe e das cunhadas. Gastão da Cunha dizia que o poeta-diplomata se casara, de fato, com uma família. Parentas com as quais, por sinal, nunca poupou gastos a fim de sustentá-las e agradá-las. Sempre desprendido, generoso e hospitaleiro, tampouco se mos-

trara econômico com outras damas. Arinos narra (e os diários de Azeredo o confirmam abundantemente) que o amigo “amava as mulheres, sendo eclético e distributivo nas atenções. A copeirinha maliciosa do restaurante (meu irmão Caio, que foi seu secretário, dizia-me que qualquer silhueta de avental e touca perturbava o poeta-embaixador), a lânguida duquesa italiana, a galante dama brasileira, de todas essas flores de beira-estrada ou de estufas ricas ele aspirava, com deleite, o perfume”.

Mas veio a aposentadoria, a guerra, as dificuldades crescentes. Carlos, desprovido de relações familiares, sociais, e condições financeiras para regressar ao Brasil, sobrevivia em Roma com recursos cada vez mais precários. Escreveu, por isso, a Afonso em 1958 (tinha, então, 86 anos), insistindo na “necessidade de uma solução eqüitativa e urgente. A que você me sugere é muito boa, o título de consultor é honroso, e, ponderados os meus quarenta anos de não inúteis serviços, parece-me que não deve haver obstáculo sério a tal concessão. O caráter oficial da concessão justifica e legaliza a do câmbio oficial para os meus vencimentos, como você, com razão, argumenta na sua carta. Eis o grande dilema: ou me salvam da calamidade do câmbio desastroso, que equivale quase à não existência da moeda nacional, ou seria para mim sorte pior que outra qualquer perspectiva, mesmo a perda da vida. Porque significaria o descambar fatal da necessidade para a miséria, a nua e crua indignância. (...) Aqui, curtos privações muito sensíveis; já tenho vendido, às pressas e por vil preço, objetos de que nunca pensara ter de separar-me. (...) Não posso comprar livros, que são caríssimos, ir a um teatro, a um cinema, conceder-me uma diversão qualquer. Quase não saio de casa; penso duas vezes para tomar um táxi. Devo poupar até nos cuidados necessários à minha saúde abalada, com visitas de médicos, produtos farmacêuticos. Em duas palavras, vivo miseravelmente. Veja você se me ajuda, se me salva”.

Arinos ainda voltaria a vê-lo por duas vezes, e recordou sua última estada com o velho embaixador e acadêmico no livro *Amor a Roma*: “A solidão e a aposentadoria eram agravadas, para Azeredo, pela escassez de recursos. (...) Por ocasião do Segundo Concílio Vaticano, em 1962, ao qual comparecemos Alceu Amoroso Lima e eu, estivemos os dois em visita a Azeredo, e nossa impressão foi triste. Para começar, o nome constante da porta de entrada, como morador do apartamento, não era o dele, mas o do empregado. Lá dentro,

deparamos o velho poeta sentado em uma poltrona, ainda lúcido, mas dando a impressão de inteiramente entregue aos acompanhantes. Não parecia receoso ou maltratado; mas, sem dúvida, era uma pessoa privada do poder de decisão. Alceu e eu conversamos com ele sobre coisas novas e antigas do Brasil, mas nos retiramos tristes.”

Alceu completaria de improviso, na sessão acadêmica de 7 de novembro de 1963, dedicada à memória do confrade falecido três dias antes, a forte impressão que lhe causara o mesmo encontro: “(...) em 1962, também num dia frígido do inverno romano, Afonso Arinos de Melo Franco e eu fomos visitar Magalhães de Azeredo (...). Aquela sala absolutamente austera, despida de tudo quanto se pode dizer, já não digo de luxo, mas, ao menos, de um conforto mediano. (...) E aquele homem, envolto naqueles cobertores de coloridos muito suspeitos, já todos com as franjas muito puídas, mas com uma frescura de espírito, um desprendimento total, e uma voz que nos parecia chegar realmente de um outro mundo, vivia estritamente das evocações, das suas recordações. Parecia já, realmente, um personagem de um romance ou de uma vida vivida, e que estava ali sobrevivendo a si próprio. Nós sentimos ali, sem procurar o menor efeito, com o coração constrangido, a presença de alguém que se sentia bem naquele absoluto desnudamento de tudo aquilo que era efêmero. (...) Foi realmente um espetáculo, uma tarde em que saímos de lá, os dois, de coração pequenino, mas bem nos dizia de perto que era um espetáculo de sobrevivência do espírito. Era realmente a morte que, naquele tempo, se aproximava, pois, menos de um ano depois, ele se extinguiu. Mas era realmente uma voz do passado, uma voz da eternidade, que ali nos falara com uma entonação de criança, naquele espetáculo de miséria, naquela cela de monge, ele mostrando-nos concretamente o que era a verdadeira sobrevivência da infância espiritual, (...) e que nós vimos, ali, naquele resto humano, a presença da infância na hora da morte.”

SESSÃO DO DIA 16 DE NOVEMBRO DE 2006

Sob a presidência do Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça, estiveram presentes os Acadêmicos: Cícero Sandroni, Secretário-Geral, Ana Maria Machado, Primeira-Secretária; Antonio Carlos Secchin, Tesoureiro; Murilo Melo Filho, Diretor da Biblioteca; Sergio Paulo Rouanet, Diretor do Arquivo; Eduardo Portella, Diretor dos *Anais da Academia Brasileira de Letras*; Affonso Arinos de Mello Franco, Alberto da Costa e Silva, Alberto Venancio Filho, Antonio Olinto, Arnaldo Niskier, Domicio Proença Filho, Evanildo Cavalcante Bechara, Pe. Fernando Bastos de Ávila, Helio Jaguaribe, Ivan Junqueira, Lêdo Ivo, Moacyr Scliar e Tarcísio Padilha.

- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça declarou aberta a sessão. Ressaltou que se iniciava com um gesto de benemerência e de atenção confortadora e prazerosa: cultivar a memória de Álvaro Moreyra como ele merece, com louvação e manifestação de bem querer. E, para registrar oficialmente a alegria da Casa, concedeu a palavra ao Acadêmico Antonio Carlos Secchin.
- O orador discorreu sobre Álvaro Moreyra, o epistológrafo, o poeta neosimbolista, o dramaturgo e o cronista – assinalou – ainda não suficientemente estudado como um dos grandes precursores da moderna crônica brasileira. Destacou: “Memorialista da obra-prima *As Amargas, Não*, Álvaro Moreyra reacende sua presença nesta Casa, através de um precioso arquivo que seus descendentes, nesta data, doam ao Centro de Memória da Academia Brasileira de Letras. O arquivo se compõe de várias pastas,

englobando um caderno manuscrito inédito; o livro *As Amargas, Não*, com a revisão final feita pelo autor; um conjunto de livros e poemas datilografados; originais manuscritos diversos; peças teatrais; crônicas; correspondência amorosa e familiar; fotografias e ex-libris; a sua *Fortuna Crítica*; dois livros: *Cacau*, de Jorge Amado e o *Louco do Cati*, de Dyonélio Machado; com dedicatória e uma curiosidade que tangencia a vida de Álvaro Moreyra e o remete a seu antecessor: são cartas e poemas de Olegário Mariano, inclusive a missiva com pedido de inscrição para ocupar a Cadeira em que acabou sendo efetivamente eleito”. Em nome da Academia Brasileira de Letras, agradeceu aos familiares pela doação que, certamente, fomentará pesquisas e releituras da obra de Álvaro Moreyra, cujo 118.º aniversário de nascimento se comemora na próxima semana.

- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça passou a palavra ao Senhor Mario Moreyra, que agradeceu a maneira gentil com que a família foi recebida. Lembrou que o Acadêmico Álvaro Moreyra, com seu humor cáustico associado à doçura de linguagem, deixara um legado extraordinário que lamentou ainda não ter sido objeto de reedição.
- O Presidente comunicou que o material será encaminhado ao Centro de Memória para ser devidamente catalogado e, posteriormente, será matéria de uma exposição, a fim de dar seqüência ao gesto tão simpático da família de Álvaro Moreyra. Na seqüência, interrompeu a sessão, para as despedidas.
- Reiniciados os trabalhos da sessão, o Presidente submeteu à discussão a Ata do dia 9 de novembro, que foi aprovada. Registrou que a Academia recebera uma grande homenagem de significativas forças produtoras nacionais, em almoço na Federação das Indústrias de São Paulo, presentes os Acadêmicos José Mindlin, Celso Lafer e ele próprio, na companhia de outros intelectuais. Na ocasião, foi destacada a alta consideração da FIESP à Academia Brasileira de Letras e a seus integrantes. Salientou o interesse e a ação da FIESP em torno das manifestações culturais, concretizados, de imediato na entrega ao Estado de São Paulo de oito teatros. Acrescentou que o Presidente Paulo Skaff recordara a visita que fez à Casa e transmitiu a todos os Acadêmicos as saudações da Presidência.

Informou ainda que a Light, por solicitação da Diretoria da Casa, prepara num programa de tecnologia de economia de consumo, relacionado com o Palácio Austregésilo de Athayde e com o *Petit Trianon*, programa que resultará na melhor qualidade de energia elétrica e menor preço nas tarifas. Comunicou também que, no 110.º aniversário da Academia, a Empresa providenciará a iluminação artística do *Petit Trianon*, cumprindo os requisitos que o IPHAN determina para imóveis tombados. Sobre o programa de distribuição dos livros em estoque na Academia, informou que já foram doados vinte e cinco mil volumes, o que representava significativa redução do espaço alugado para abrigá-los. Informou que o *site* da Academia fora alvo de um ataque de “hacker” que o deixou fora do ar. Detectado o problema, obteve pronta solução do responsável técnico, Dr. Raphael Pinheiro. Comunicou que a Secretaria vai enviar à Comissão de Contas o Relatório Financeiro do ano de 2006 e antecipou ao plenário que a Academia incorporou vários patrocínios culturais e que apresenta, no momento, superávit bastante significativo.

- O Acadêmico Ivan Junqueira, por solicitação do Presidente, deu notícia da solenidade de entrega, no Palácio Itamaraty, RJ, dos cinco prêmios relativos ao Concurso Internacional de Monografias sobre a obra de Machado de Assis, criado pelo Ministério das Relações Exteriores. A cerimônia contou com a presença, entre outras autoridades, do Ministro das Relações Exteriores, Celso Amorim, e do Presidente Marcos Vinícios Vilaça, e de número expressivo de Acadêmicos. O Acadêmico Ivan Junqueira destacou a importância do Concurso e o nível de qualidade excepcional das monografias selecionadas.
- O Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara encaminhou ao Centro de Memória da Academia um DVD doado pelo Prof. Nello Avela, da Universidade de Roma, em que Augustina Bessa-Luís entrevista Manuel de Oliveira, figura altamente representativa da cinematografia portuguesa.
- O Acadêmico Ivan Junqueira ofereceu à Biblioteca Rodolfo Garcia livro de Adir Botelho, que reúne desenhos a carvão, intitulado *Canudos: Agonia e Morte de Antonio Conselheiro*. Observou tratar-se de publicação feita pela Escola de Belas-Artes e pela Universidade Federal do Rio de

Janeiro. Ressaltou que a obra, além dos desenhos, traz textos do reitor da UFRJ, Aloísio Teixeira, da professora Ângela Ancora da Luz, Diretora da Escola de Belas-Artes, do crítico de artes plásticas Paulo Herkenhoff e de Mirian de Carvalho. Assinalou que Paulo Herkenhoff destaca, no seu texto a imprudência de Adir Botelho em relação ao ambiente moderno instalado no Brasil nas primeiras décadas do Século XX. O Livro – disse – representa uma notável contribuição para que se compreenda melhor, sob o ponto de vista gráfico, o que foi a campanha de Canudos e toda a tragédia no centro da qual esteve Antonio Conselheiro.

- O Acadêmico Murilo Melo Filho solidarizou-se, em seu nome e no de todos os presentes, com o gesto do Presidente Marcos Vilaça como Ministro do Tribunal de Contas da União, ao propor que aquele Tribunal realize sindicância nas contas da INFRAERO, relativa à aplicação das verbas do serviço de proteção ao voo e do controle do espaço aéreo brasileiro.
- O Presidente agradeceu ao Acadêmico Murilo Melo Filho e assinalou que a manifestação da Academia prova que a Instituição está sintonizada com o cotidiano brasileiro.
- O Acadêmico Afonso Arinos de Mello Franco louvou e agradeceu o esforço feito pelo Acadêmico Ivan Junqueira para lustrar e ilustrar o desenvolvimento do trabalho que o Ministério das Relações Exteriores faz pela divulgação da cultura e literatura brasileira no exterior. Disse tratar-se de um belo livro este que o Itamarati acaba de publicar e encaminhou à Diretoria um exemplar da obra. Comunicou que fora informado e dava conhecimento à Casa de que esta premiação vai ter continuidade e que o próximo concurso terá como tema a obra de João Guimarães Rosa.
- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça agradeceu o registro feito pelo Acadêmico Afonso Arinos de Mello Franco. Lembrou a sempre presente aliança da Academia com a Casa de Rio Branco e o número representativo de escritores diplomatas e diplomatas Acadêmicos. Na seqüência, comunicou que o Ministro Celso Amorim solicitara que a Academia manifestasse em um ofício a sua concordância com a oferta de passaporte diplomático para os Acadêmicos, que seria imediatamente concedido,

pois já existe nesse sentido a deliberação do Ministério das Relações Exteriores. O Presidente solicitou a concordância do plenário, que se deu por unanimidade. Agradeceu de público, a forma objetiva com que a Acadêmica Ana Maria Machado tratou do assunto. Agradeceu, ainda, ao Acadêmico Antonio Carlos Secchin pelas diligências, assumidas com determinação, competência e amor à Casa, e que resultaram na doação da família de Álvaro Moreyra à Academia do valioso acervo anunciado. Esclareceu que a doação dos livros de autores agraciados pela Junta de Castilla y León encontra-se em exposição na Biblioteca Lúcio de Mendonça. Convidou, a seguir, os Acadêmicos para a mesa-redonda comemorativa dos 70 anos de publicação de *Raízes do Brasil*, de Sergio Buarque de Holanda, com a participação dos Acadêmicos Cícero Sandroni, Acadêmico José Murilo de Carvalho, Sergio Paulo Rouanet, e ainda da Sra. Lília M. Schwarcz e dos Srs. Ricardo Benzaquen e Robert Wegner, às 17h 30min, no Teatro R. Magalhães Júnior. E encerrou a sessão.

SESSÃO DO DIA 23 DE NOVEMBRO DE 2006

Sob a presidência do Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça, estiveram presentes os Acadêmicos: Cícero Sandroni, Secretário-Geral, Ana Maria Machado, Primeira-Secretária; Murilo Melo Filho, Diretor da Biblioteca; Sergio Paulo Rouanet, Diretor do Arquivo; Eduardo Portella, Diretor dos *Anais da Academia Brasileira de Letras*; Affonso Arinos de Mello Franco, Alberto da Costa e Silva, Alberto Venancio Filho, Antonio Olinto, Arnaldo Niskier, Candido Mendes de Almeida, Carlos Nejar, Domício Proença Filho, Evanildo Cavalcante Bechara, Pe. Fernando Bastos de Ávila, Ivan Junqueira, Lêdo Ivo, Moacyr Scliar, Sábato Magaldi e Tarcísio Padilha.

- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça declarou aberta a sessão. Submeteu à discussão a Ata do dia 9 de novembro, que foi aprovada. Registrou a satisfação pela escolha do Acadêmico Helio Jaguaribe como *Hombre de Mercosur*, distinguido pela Fundação Konex de Buenos Aires. Informou que recebeu a doação de documentação relativa ao Acadêmico Ivo Pitanguy para o Centro de Memória da Academia: um conjunto de cerca de 300 depoimentos de personalidades internacionais do mundo da ciência, política, do mundo social e Chefes de Estado, ressaltando a figura humana e profissional admirável. Deu ciência à Casa, por solicitação feita pelo Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco, da substituição da placa no nicho do Acadêmico Magalhães de Azeredo, no Mausoléu da Academia, em cumprimento de manifestação deixada em seu diário.

Informou ao plenário que já se encontra à disposição dos Acadêmicos a memória audiovisual do seu cotidiano da Academia, registrado por mídia moderna cuidadosamente organizada. Convidou os Acadêmicos para o ato de apoio à Campanha do Natal sem Fome de Livros, no dia 30 de novembro, às 15 horas, quando a Academia receberá o Sr. Maurício Andrade, diretor executivo da Ação da Cidadania contra a Fome, a Miséria e pela Vida, fundada por Betinho. Solicitou aos Acadêmicos que fizessem doação de seus livros e os autografem, num gesto especial, para a campanha. Lembrou a posse do Acadêmico Celso Lafer, no dia 1.º de dezembro, quando será recebido pelo Acadêmico Alberto Venancio Filho. Finalizando, pediu ao Acadêmico Cícero Sandroni que fizesse a leitura do Parecer, na ausência do Acadêmico José Murilo de Carvalho, sobre o Prêmio Afrânio Coutinho que integra o programa de patrocínio da Petrobras às atividades da Academia.

- O Acadêmico Cícero Sandroni leu o Parecer, exarado a propósito da proposta do Acadêmico Murilo Melo Filho, e favorável à criação do Prêmio destinado a incentivar a frequência de leitores à Biblioteca Rodolfo Garcia. Com a aprovação do plenário, foi instituído o Prêmio Afrânio Coutinho. Por determinação do Presidente, o texto do Parecer será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.
- O Acadêmico Murilo Melo Filho agradeceu o apoio do Acadêmico José Murilo de Carvalho e ressaltou que o projeto do Prêmio Afrânio Coutinho já havia sido aprovado anteriormente pela Comissão Consultiva das Bibliotecas Rodolfo Garcia e Lúcio de Mendonça, pela Petrobras e pelo Ministério da Cultura. Faltava o pronunciamento do plenário da Casa que agora o aprovara, diante do parecer do Acadêmico José Murilo de Carvalho. (O texto lido será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.)
- O Acadêmico Alberto Venancio Filho ofereceu à Biblioteca Rodolfo Garcia o livro *Luiz Camilo – Perfil Intelectual*, de Maria Luiza Penna, excelente pesquisadora que colaborara na última *Revista Brasileira* com o artigo “A presença da Filosofia em Machado de Assis” e anos atrás escrevera também um livro sobre o perfil intelectual do Acadêmico Fernando

de Azevedo. Acrescentou que, embora escrito com carinho filial, o livro traça o perfil de um intelectual que teve atuação bastante destacada no país; vindo de Minas na época do Ministro Gustavo Capanema, foi Presidente da Casa Rui Barbosa e posteriormente Diretor do Arquivo e da Biblioteca do Itamaraty. Nestes dois lugares, exerceu papel muito destacado, sempre voltado para o problema da pesquisa histórica. Em 1943, foi signatário e um dos líderes do “Manifesto dos Mineiros”, sendo por este motivo afastado do serviço público. Relatou o episódio do seu afastamento, muito sintomático. Foi também um dos líderes do movimento contra o Estado Novo, responsável pela publicação da famosa entrevista de José Américo de Almeida em 1945. Voltou depois ao Itamaraty, realizando um trabalho muito importante no campo da pesquisa histórica. O livro é muito bem documentado, e traz a valiosa correspondência dirigida a diplomatas estrangeiros a fim de aumentar o acervo de obras raras e documentos da biblioteca do Itamaraty.

- O Acadêmico Sergio Paulo Rouanet endossou as palavras do Acadêmico Alberto Venancio Filho sobre o livro de Maria Luiza Penna. Um texto que retrata a notável trajetória política e intelectual de Luiz Camilo de Oliveira Netto, grande historiador, pesquisador e chefe do arquivo do Itamaraty. Ressaltou a contribuição de Luiz Camilo para a redação e difusão do “Manifesto dos Mineiros”, cuja importância para a vida política do País foi fundamental. Em referência à relação de parentesco, disse ser considerado lateral e irrelevante do ponto de vista da qualidade intelectual da obra, quando se escreve sobre um familiar. No caso do livro de Maria Luiza Penna, trata-se de informação fundamental, porque, com a sua capacidade de reflexão, tematizou precisamente o problema da relação de filiação. Destacou o artigo primoroso escrito por ela para a *Revista Brasileira* sobre “A presença da Filosofia em Machado de Assis”.
- O Acadêmico Lêdo Ivo observou que a primazia dos estudos no Brasil sobre aspectos filosóficos da obra de Machado de Assis pertence ao Acadêmico Afrânio Coutinho, que, em 1942 publicou o livro *A Filosofia de Machado de Assis*. Na sua opinião, coube a Afrânio Coutinho mostrar que toda ficção de Machado de Assis era permeada por uma determinada visão do mundo, abrindo novas avenidas no universo machadiano.

- O Acadêmico Candido Mendes de Almeida registrou a sua satisfação de ter sido convidado para participar, em Paris, no último dia 9, da homenagem prestada a Leopold Sédar Senghor, ocasião em que foi lançada a edição da *Revista Parisdixsept*. Representou a Academia da Latinidade e, mesmo sem mandato, falou da importância da Academia Brasileira de Letras, onde ele teve um lugar fundamental entre os Sócios Correspondentes. Discorreu sobre a importância dessa celebração, que tem uma exposição itinerante coordenada por Marie-Laure Croiziers de Lacviver. Passou à ABL essa documentação e afirmou que a Academia Brasileira de Letras ainda não homenageou suficientemente Senghor. Não sabe se ainda será possível este ano. Colocou-se à disposição para que, no próximo ano, a exposição feita pela Candido Mendes sobre a obra de Léopold Sedar Senghor tenha um espaço nobre nesta Casa, a que ele pertenceu. Falou também que, ao mesmo tempo, eram celebrados, em Paris, os trinta anos do falecimento de André Malraux, que, a seu ver, está no anticlímax da glória, segundo foi observado pela crítica do *Journal Libération*.
- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça agradeceu ao Acadêmico Candido Mendes de Almeida e, em relação à exposição em homenagem a Léopold Sedar Senghor disse que a Academia terá prazer em tratar do assunto, em conjunto com a Universidade Candido Mendes.
- O Acadêmico Carlos Nejar associou-se ao que foi dito sobre a importância de André Malraux e lembrou o lançamento de três novas biografias suas no Brasil. Ofereceu à Biblioteca Rodolfo Garcia o livro *Justiça e Ética – Ensaio Sobre o Uso das Togas*, de Marco Aurélio Costa Moreira de Oliveira. Associou-se ao que foi dito sobre o livro valioso de Maria Luiza Penna.
- O Presidente recordou com todos e em particular com o Acadêmico Candido Mendes de Almeida que em 1976, exatamente no dia 23 de novembro falecia, em Paris, André Malraux.
- O Acadêmico Antonio Olinto informou haver recebido telegrama do Embaixador Dário Castro Alves, que se encontra em Fortaleza, impossibilitado de andar, solicitando-lhe que o represente na Missa de Dinah Silveira de Queiros. Lembrou que isso se deve à grande amizade de Dinah

e Zora, durante toda a vida. Convidou os presentes para a Missa na próxima segunda-feira, dia 27, às II horas, na Igreja do Carmo em memória da romancista.

- O Presidente comunicou ter sido anunciado o nome do sucessor do Acadêmico Arnaldo Niskier na Secretaria de Educação do Estado do Rio de Janeiro. Agradeceu, em seu nome e no da Academia, ao confrade pela maneira com que sempre garantiu a cooperação da Secretaria de Educação com a Academia em tudo que se fizesse necessário. Disse que esse registro resultava da vontade de todos os Acadêmicos e atendia a um imperativo de justiça que a Diretoria quer fazer muito presente.
- O Acadêmico Arnaldo Niskier lembrou que muitos dos acadêmicos serviram ao nosso país, em diversas posições públicas de relevo. Discorreu sobre o que o levou de volta à Secretaria de Educação, que já a havia ocupado de 1979 a 1983. Como sempre faz, em todos os cargos que ocupa, dedicou-se inteiramente à nova tarefa que agora se encerra. Considera que o melhor que existe na atividade pública é o reconhecimento, o respeito granjeado, e a sensação do dever cumprido. No seu caso pesa muito o fato de ser membro da Academia Brasileira de Letras, que muito o honra, há 23 anos, sendo hoje um dos três mais antigos. Congratulou-se o Governador Sergio Cabral pela escolha do novo Secretário de Educação, que é o Prof. Nelson Maculan Filho que foi reitor da Universidade Federal do Rio de Janeiro e ocupava, em Brasília, o cargo de Secretário de Ensino Superior do Ministério da Educação. Relatou o encontro que teve com o novo Secretário, ocasião que lhe desejou sucesso e colocou-se à disposição para os esclarecimentos que se fizerem necessários. Agradeceu ao Presidente a oportunidade e a qualidade da sua menção. Ao concluir, expôs o que ainda pode ser feito em parceria com a Academia, nestes 30 dias que faltam. Pôs à disposição da casa o sistema de educação, que mobiliza um milhão e seiscentos mil alunos do ensino médio, do Rio de Janeiro, para, num esforço conjunto com a Academia, trazer estes alunos com os professores à Biblioteca Rodolfo Garcia.
- O Presidente informou que a Diretoria encarregou o Acadêmico Murilo Melo Filho de providenciar um termo de compromisso entre a Academia

e a Secretaria de Educação do Estado do Rio de Janeiro, garantindo a sua execução no ano letivo de 2007.

- O Acadêmico Carlos Nejar sugeriu também o envolvimento do alunado nas conferências da Academia.
- O Acadêmico Murilo Melo Filho colocou-se inteiramente às ordens da Presidência da Casa e do Secretário de Educação, Acadêmico Arnaldo Niskier, para juntos elaborarem um modelo de projeto que permita a maior frequência possível às instalações da BRG.
- O Presidente solicitou presteza no encaminhamento do assunto, em razão de datas. Passou a seguir a palavra ao Acadêmico Cícero Sandroni.
- O Acadêmico Cícero Sandroni comunicou que, por determinação do Presidente, a Diretoria fará, logo após o encerramento da sessão, a entrega da Prestação de Contas do ano de 2006 e do Orçamento de 2007 à Comissão de Contas da Academia. Lamentou que infelizmente o Tesoureiro, que foi um dos artífices e o principal responsável por esse trabalho, não esteja presente. Na seqüência, fez um apelo pessoal aos acadêmicos com relação à programação das palestras para o próximo ano, informou que a Diretoria está aberta a sugestões de como será feita essa programação. Lembrou que a Academia comemora cento e dez anos de fundação no correr do mês de julho, com uma série de eventos que o Acadêmico Alberto da Costa e Silva está programando, inclusive com o lançamento do livro dos 110 anos, que se encontra em estado adiantado de produção, com uma verba conquistada por intermédio da Lei Rouanet para a sua realização. A Diretoria tem pensado em que tipo de ciclo de conferências será apresentado ao público em geral e especialmente às pessoas que têm prestigiado a Casa com a sua presença nas conferências. Expôs a idéia de fazer um balanço de 110 anos da cultura brasileira, na área da literatura, da música, das artes plásticas, da filosofia, da história, da sociologia. Assinalou ainda que, como muitas vezes, a Casa recebe críticas relacionadas aos ciclos de conferências, considera que chegou a hora de pedir a colaboração intensa dos acadêmicos, para que o setor cultural possa organizar a programação até meados de fevereiro, e possa apresentar a programação ao público a 6 de março de 2007. Acrescentou que gostaria de

contar com a colaboração de voluntários para a coordenação dos ciclos. Lembrou, ainda, que na próxima sessão, será discutido a Prestação de Contas e o Orçamento. Na sessão do dia 7 haverá a eleição da Diretoria e, no dia 14, a posse. O que significa que o ano acadêmico está no fim.

- O Presidente, antes de encerrar a sessão, se juntou ao que foi dito sobre a obra de Maria Luiza Penna. Ele próprio está citado no texto final do livro que não é sobre o pai, mas sobre o intelectual e o homem público como deixou muito claro o Acadêmico Sergio Paulo Rouanet. Comunicou que, em nome da Casa, vai dar testemunho do que foi dito na sessão em louvor da sua obra. Convidou os presentes para a mesa-redonda de encerramento do seminário “Brasil, brasis”. O tema é “A arte de hoje em debate: os caminhos do gosto e do conceito”, coordenação do Acadêmico Alberto da Costa e Silva, tendo como expositor o Acadêmico Eduardo Portella, e como debatedora Beatriz Milhazes, a artista plástica brasileira de maior protagonismo internacional, Lauro Cavalcante, que é Diretor do Paço Imperial e Marcelo Araújo, da Pinacoteca de São Paulo, grande administrador cultural e crítico. Afirmou ter apostado muito na idéia do seminário “Brasil, brasis”, e pelo número de participantes, pela correspondência farta que receberam no decorrer do ano, pelo número dos que assistiram às sessões, está seguro de que o seminário foi extremamente bem-sucedido, inclusive nas críticas que surgiram, porque foram de fontes tão medíocres que só servem mesmo para contrastar com o que de positivo mereceu de observação o temário desenvolvido. E encerrou a sessão.

PARECER: CONCURSO LITERÁRIO
DA BIBLIOTECA RODOLFO GARCIA

*Apresentado pelo Acadêmico Cícero Sandroni**

Senhor Presidente.

Senhoras e senhores acadêmicos.

O Acadêmico Murilo Meio Filho propôs à ABL a criação do Prêmio Afrânio Coutinho, destinado a divulgar a biblioteca Rodolfo Garcia e incentivar a frequência de leitores. Haveria três categorias de premiação monetária, primeiro, segundo e terceiro lugares, num total de R\$ 16 mil. Os trabalhos premiados seriam publicados na *Revista Brasileira*. Em sua primeira versão, o tema do prêmio seria “Diálogos com a nossa coleção Franklin de Oliveira”.

Minha primeira reação é elogiar a dedicação demonstrada pelo Acadêmico Murilo Melo Filho na direção da biblioteca e seu empenho em torná-la mais conhecida, e registrar meus agradecimentos, a ele e aos funcionários das duas bibliotecas da casa, pela presteza em fornecer as informações solicitadas.

Tornar a biblioteca conhecida e incentivar seu uso é, sem dúvida, uma necessidade indiscutível. A Biblioteca Rodolfo Garcia não apresenta um índice de utilização que faça jus à riqueza de seu acervo e à qualidade de suas instalações. O acervo atual é de 62.360 volumes. Nos meses de julho, agosto e setembro, houve uma média de 88 consulentes por mês, sendo que em setembro apenas 49 pessoas a visitaram, isto é, 2,4 por dia útil. No mesmo período

* Na sessão do dia 23 de novembro de 2006.

do, o número de livros consultados foi de 108, ou 36 por mês, menos de dois por dia.

Vem a propósito registrar que problema semelhante, se não mais grave, afeta a Biblioteca Lúcio de Mendonça, cujo acervo é de cerca de 20 mil livros. Nessa biblioteca, nos mesmos três meses, a frequência foi de 93 usuários, 30 por mês, 1,5 por dia útil.

Reconhecida a justeza e pertinência do objetivo visado pelo prêmio, volto-me para a adequação do meio proposto para atingi-lo. A coleção indicada como objeto do primeiro concurso, a de Franklin de Oliveira, compõe-se de 6.434 volumes de Filosofia, Antropologia, Lingüística, Lexicografia, Literatura, História, Sociologia e Política. Embora veja alguma dificuldade em se realizar uma pesquisa sobre um acervo bibliográfico tão diversificado, não organizado em função de um critério unificador, acredito que algum tipo de análise seja viável. Por outro lado, o simples anúncio da criação do prêmio poderá, sem dúvida, chamar a atenção para a existência da BRG e atrair pesquisadores. Não havendo custos para a Academia, recomendo que o prêmio seja criado, sugerindo que se o faça a título experimental. Havendo bom resultado, poderia ser repetido.

Aproveito a oportunidade para fazer algumas sugestões sobre como incrementar o uso das bibliotecas da ABL. Preocupamo-nos sempre com a consulta local dos livros. Mas convém lembrar que hoje a presença física do pesquisador nos arquivos e bibliotecas é cada vez menos necessária. No próprio caso das bibliotecas da ABL, as estatísticas se alteram quando examinamos os números das consultas virtuais. Ele é muito superior ao das consultas locais. Na BRG, no mesmo período mencionado acima, ele foi de 1.522 por mês. Na BLM, de 1.148 por mês. É ainda pouco se compararmos, por exemplo, com as consultas à revista *Ciência Hoje on line* que atinge 5 mil visitantes/dia, num total de 26 mil acessos. Mas já constitui um grande avanço em relação às consultas presenciais.

A dificuldade é que na ABL as consultas *on line*, exceto para os casos de Machado de Assis e Joaquim Nabuco, limitam-se aos catálogos, os únicos digitalizados e, mesmo assim, apenas parcialmente. A digitalização total dos acervos, política que muitos arquivos e bibliotecas estão adotando, tomaria

dispensável a presença física dos pesquisadores e ampliaria o público usuário para além das fronteiras da cidade e do país. Mesmo sem tal digitalização, maior divulgação do que já existe por meio de redes virtuais que incluíssem as bibliotecas públicas, universitárias ou não, já poderia aumentar consideravelmente a consulta catalográfica.

Rio de Janeiro, 14 de novembro de 2006

José Murilo de Carvalho

PRÊMIO AFRÂNIO COUTINHO

*Palavras do Acadêmico Murilo Melo Filho**

Senhor Presidente.

Cumpro a gratíssima obrigação de agradecer o apoio e a correção do nobre Acadêmico José Murilo de Carvalho neste parecer que acabou de ser lido pelo Acadêmico Cícero Sandroni.

O projeto deste Prêmio “Afrânio Coutinho”, Senhor Presidente, já tinha sido aprovado anteriormente na Comissão Consultiva das nossas duas Bibliotecas, constituídas pelos Acadêmicos Eduardo Portella, Tarcísio Padilha, Alberto da Costa e Silva e Evanildo Bechara.

E já tinha sido aprovado também pela Petrobras e pelo Ministério da Cultura. Quando decidimos submetê-lo à discussão e à votação deste plenário, tínhamos fundadas esperanças de que daqui sairia com o importante aval de Vossas Excelências, que agora nos é garantido pelo Parecer do ilustre Acadêmico José Murilo de Carvalho.

Somos muito gratos a esse apoio.

Agora vamos detonar o processo do lançamento do Prêmio, (sem nenhum ônus para esta Casa) e redigir o respectivo Edital, para que ele seja digno do respeito e das tradições de nossa Academia.

* Proferidas na sessão do dia 23 de novembro de 2006.

SESSÃO DO DIA 30 DE NOVEMBRO DE 2006

Sob a presidência do Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça, estiveram presentes os Acadêmicos: Cícero Sandroni, Secretário-Geral; Ana Maria Machado, Primeira-Secretária; José Murilo de Carvalho, Segundo-Secretário; Antonio Carlos Secchin, Tesoureiro; Murilo Melo Filho, Diretor da Biblioteca; Sergio Paulo Rouanet, Diretor do Arquivo; Eduardo Portella, Diretor dos *Anais da Academia Brasileira de Letras*; Affonso Arinos de Mello Franco, Alberto da Costa e Silva, Alberto Venancio Filho, Antonio Olinto, Arnaldo Niskier, Candido Mendes de Almeida, Carlos Nejar, Domício Proença Filho, Evanildo Cavalcante Bechara, Pe. Fernando Bastos de Ávila, Helio Jaguaribe, Ivan Junqueira, Lêdo Ivo, Moacyr Scliar, Nelson Pereira dos Santos, Sábato Magaldi e Tarcísio Padilha.

- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça declarou aberta a sessão. Submeteu à discussão a Ata do dia 23 de novembro, que foi aprovada. Registrou o sexagésimo aniversário da publicação de *Geografia da Fome*, de Josué de Castro, que transcorre este ano. Destacou a excepcionalidade de sua atuação como médico, geógrafo, sociólogo e político e a alta contribuição de sua obra à cultura brasileira.
- O Acadêmico Arnaldo Niskier endossou as palavras do Presidente sobre Josué de Castro e acrescentou que uma das alegrias que teve na vida foi tê-lo conhecido. Lembrou que sua filha Ana Maria de Castro dá prosse-

guimento à sua obra, na condição de professora na Universidade Federal do Rio de Janeiro e na Universidade Federal Fluminense. Recordou a figura proeminente do sociólogo na FAO, no exercício da representação brasileira na Organização das Nações Unidas e ainda a injustiça da cassação de seus direitos políticos. Esse grande pernambucano e brasileiro, por tudo que fez pela projeção do seu país é merecedor de todas as homenagens.

- O Presidente comunicou que, no dia 19 de dezembro será inaugurada, na Galeria Manuel Bandeira, uma exposição de fotos de Paulo Rodrigues, retratando o centro histórico do Rio de Janeiro. Deu notícias à Casa de que a Senhora Michelle Corrêa da Costa submeteu-se a uma pequena cirurgia e se encontra bem. Informou ainda que a Acadêmica Zélia Gattai Amado foi considerada pela importante Revista *Forbes* uma das dez mulheres mais importantes do Brasil. Deu notícia da participação da Acadêmica Nélida Piñon no Sétimo Fórum de Literatura, no México, onde também esteve o Acadêmico Lêdo Ivo. Ressaltou a presença do Acadêmico Eduardo Portella na Conferência patrocinada pela Fundação Alexandre de Gusmão onde discorrera sobre o tema “Diferenças brasileiras”. Informou que a Academia Brasileira fora procurada pela Academia Nacional de Economia para que nossos técnicos, responsáveis pelo *site* da ABL, os ajudassem na formatação do seu espaço virtual. Finalizando, anunciou que prosseguem os preparativos da comemoração dos 110 anos da Academia. Nesta direção, procurou viabilizar meios junto a duas grandes empresas privadas que asseguraram a sua colaboração. Transmitiu ao plenário que já está concretizada a aprovação pelo Ministério da Cultura, nos termos da Lei Rouanet, do projeto do Livro comemorativo dos 110 anos da ABL. Convidou a seguir a todos para o recital de música francesa a cargo de Laura Sandroni e Fernando Sandroni, que se realizará, a partir das 17h 30min, no Teatro R. Magalhães Júnior.
- O Acadêmico Antonio Olinto comunicou o lançamento do livro *Ave Zora. Ave Aurora*, de sua autoria, a realizar-se no dia 7 de dezembro, às 18h 30min na Academia. Trata-se de um poema de amor com oitocentos versos e trinta e quatro partes, em que narra os 51 anos de seu casamento.

- O Acadêmico Murilo Melo Filho registrou que comparecera, junto com o Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara, ao Primeiro Encontro Natalense de Escritores onde falou sobre a Academia Brasileira de Letras e sobre os projetos para a comemoração dos seus 110 anos de fundação. Comunicou que o Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara discorrera sobre a Língua Portuguesa e sobre o novo dicionário que a Academia, sob a sua coordenação, está produzindo. Esteve também presente à entrega dos Prêmios Golfinho de Ouro e Estácio de Sá, em reconhecimento aos serviços prestados ao livro, ao talento, a cultura e a inteligência brasileira que, entre outras personalidades e instituições, agradeceram o Acadêmico Eduardo Portella e a Biblioteca Rodolfo Garcia. Assinalou que o Acadêmico Eduardo Portella agradeceu em nome de todos os premiados.
- O Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara, na seqüência das palavras do Acadêmico Murilo Melo Filho, deu ciência ao plenário de que esteve em Recife no Festival Internacional de Línguas e Literaturas Latinas onde, abriu os trabalhos com a conferência intitulada “Da latinidade à Lusofonia”. Estiveram presentes representações diplomáticas da Argentina, Canadá, Brasil, Espanha, França, Itália, Portugal, Romênia e dos países africanos de Língua Portuguesa.
- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça, na ordem do dia, passou a Presidência ao Acadêmico Cícero Sandroni para a apresentação da Prestação de Contas referente ao exercício de 2006.
- O Acadêmico Cícero Sandroni passou a palavra ao Diretor-Tesoureiro, Acadêmico Antonio Carlos Secchin que procedeu à leitura do relatório sobre Receitas e Despesas do ano fiscal de 2006 e da proposta orçamentária para o ano de 2007.
- O Acadêmico Cícero Sandroni deu a palavra ao Acadêmico Alberto da Costa e Silva, para, na condição de Relator, apresentar o parecer da Comissão de Contas da Academia sobre o relatório lido.
- Acadêmico Alberto da Costa e Silva leu o parecer assinado também pelos Acadêmicos Tarcísio Padilha e Affonso Arinos de Mello Franco, em que a Comissão de Contas da ABL recomenda ao plenário a aprovação do relatório apresentado.

- O Secretário-Geral, Acadêmico Cícero Sandroni submeteu à discussão do plenário o Relatório da Diretoria e o Parecer da Comissão de Contas.
- O Acadêmico Carlos Nejar ressaltou que o plenário só tem a reconhecer o trabalho extraordinário do Presidente Marcos Vinícios Vilaça, em todas as obras realizadas. Tem algumas observações sobre as sugestões apresentadas no parecer da Comissão de Contas com relação à hospedagem e ao transporte dos acadêmicos, declarando-se a favor da permanência das condições atualmente estabelecidas.
- O Acadêmico Cícero Sandroni comunicou ao Acadêmico Carlos Nejar que suas palavras serão registradas. Não havendo outras manifestações, submeteu o relatório e o parecer à votação. Os documentos foram aprovados por unanimidade.
- O Presidente agradeceu aos confrades pela confiança, acrescentando que todo o trabalho foi realizado pela Academia, pelo conjunto do plenário e o apoio dos servidores. Disse ter apenas cumprido o que considerava sua obrigação. Manifestou sua gratidão pela maneira como foi apoiada a sua gestão e assegurou o compromisso de prosseguir o seu trabalho com o mesmo empenho e entusiasmo. Reafirmou o seu agradecimento, à Comissão de Contas pelas palavras alusivas a Presidência. Salientou nunca ter tido receio de tomar qualquer atitude com relação à Academia, porque sabia que contava com o estímulo e, sobretudo com a compreensão do plenário. Entre os colaboradores solicitou permissão para destacar o Acadêmico Cícero Sandroni. Acrescentou que tudo o que queria dizer era muito obrigado. E encerrou a sessão.

PARECER DA COMISSÃO DE CONTAS

*Acadêmico Alberto da Costa e Silva**

A Comissão de Contas da Academia Brasileira de Letras recomenda ao plenário a aprovação do relatório apresentado pela Diretoria sobre receitas e despesas do ano fiscal de 2006.

Muito embora as despesas tenham superado as receitas em R\$ 2.217.000,00, o que exige um reforço orçamentário, esse déficit foi na sua maior parte compensado pela obtenção pelo Presidente Marcos Vinícios Vilaça, por convênios com empresas brasileiras, de uma série de recursos extras, no montante, até a presente data, de R\$ 2.608.235,26, dos quais R\$ 1.539.365,20 já deram entrada em caixa.

Louve-se a ação do Presidente, graças a cujo descortino, iniciativa e diligência pôde a Academia manter e ampliar as suas atividades e fazer as reformas no quarto andar do Palácio Austregésilo de Athayde e do prédio do Centro Cultural do Brasil, com que se ampliaram e dignificaram as instalações da Diretoria. Isso permitiu também que os investimentos financeiros da Academia aumentassem, durante o ano, em R\$ 2.868.794,79, fazendo com que, em 16 de novembro último, as aplicações na Caixa Econômica Federal e no Banco do Brasil somassem R\$ 20.182.508,05.

Propõe também a Comissão de Contas que se aprove a proposta de orçamento elaborada pela Diretoria para o próximo ano de 2007. Prevê-se uma receita de R\$ 1.627.616,98 (nesta cifra não se incluindo os 30% da renda líquida do Palácio Austregésilo de Athayde, ou cerca de R\$ 4.169.562,60, que serão investidos), e uma despesa de igual valor. Dos 30% de investimento

* Apresentado na sessão do dia 30 de novembro de 2006.

deverão ser deduzidos R\$ 1.330.769,70 correspondentes ao resto do pagamento pela reforma dos elevadores do Palácio Austregésilo de Athayde e do Centro Cultural do Brasil.

A Comissão verifica que, sem recursos adicionais a serem obtidos de empresas brasileiras, será difícil com as receitas normais da Academia, que não se têm ampliado nos últimos anos, manter o seu atual nível de atividades e ampliá-las. Se as receitas não cresceram, aumentaram as despesas com os acadêmicos, com o pessoal administrativo e com a rotina burocrática, por isso que a Comissão de Contas deseja apresentar algumas sugestões para a contenção de gastos.

Recomenda-se, no que diz respeito aos acadêmicos, (1) extrema contenção no aumento dos jetons; (2) que, não havendo razão de força maior, se substitua pelo uso de táxi o aluguel de automóveis para trazer os acadêmicos ao *Petit Trianon*; (3) que os pagamentos de contas de hotel só incluam as diárias e as refeições.

Quanto aos funcionários administrativos, seria de pensar-se (1) no reexame do quadro e de suas necessidades, para diminuir, se possível, o número de servidores; (2) em manterem-se nos atuais níveis os salários, que já estão acima da média do mercado, e (3) em reduzirem-se as horas extraordinárias.

Somadas, poderão chegar a números muito expressivos as economias, que só na aparência são pequenas, feitas no manejo do dia-a-dia da instituição. Sugere-se que se intensifique o controle sobre as despesas com, por exemplo, eletricidade, telefones, correios, mensageiros e papelaria.

Deseja a Comissão de Contas, ao fechar este parecer, elogiar o zelo, a seriedade, a inventiva e o entusiasmo com que a atual Diretoria cuidou das finanças e conduziu os trabalhos da Casa em 2006. Cada um de nós – e a Comissão crê poder falar em nome de todos os acadêmicos – testemunhou a dedicação à Presidência do Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça e lhe invejou a saúde e o ânimo que o puseram, para cumprir admiravelmente o seu mandato, quase tantas horas em avião, quantas aquelas que demorou em terra.

Rio de Janeiro, em 30 de novembro de 2006.

Affonso Arinos de Mello Franco

Tarcísio Padilha

Alberto da Costa e Silva

SESSÃO DO DIA 7 DE DEZEMBRO DE 2006

Sob a presidência do Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça, estiveram presentes os Acadêmicos: Cícero Sandroni, Secretário-Geral; José Murilo de Carvalho, Segundo-Secretário; Murilo Melo Filho, Diretor da Biblioteca; Eduardo Portella, Diretor dos *Anais da Academia Brasileira de Letras*; Affonso Arinos de Mello Franco, Alberto da Costa e Silva, Alberto Venancio Filho, Antonio Olinto, Candido Mendes de Almeida, Domício Proença Filho, Evanildo Cavalcante Bechara, Pe. Fernando Bastos de Ávila, Helio Jaguaribe, Ivan Junqueira, Moacyr Scliar, Nelson Pereira dos Santos e Tarcísio Padilha.

- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça declarou aberta a sessão. Submeteu à discussão a Ata do dia 30 de novembro, que foi aprovada. Antes de proceder à eleição da Diretoria do ano de 2007, festejou a Acadêmica Ana Maria Machado encontrar-se em Estocolmo, como grande presença brasileira no Encontro Internacional de Escritores. Salientou a significação da presença da escritora para a Casa, além de mostrar ao mundo a qualidade de literatura que se pratica no Brasil. Deu notícia de que a Agência Nacional de Energia Elétrica possui um programa dedicado à economia de energia e discorreu sobre as negociações com a agência relativas ao consumo da Casa. Informou que quando os franceses presentes ao encontro tiveram, por seu intermédio, notícia do que significava o *Petit Trianon* propuseram com entusiasmo, fazer a iluminação artística do prédio, para os festejos dos 110 anos da Academia Brasileira de Letras. O

empreendimento estará a cargo da Empresa ECOLUX, que fez a iluminação da Torre Eiffel, do Arco do Triunfo, e dos grandes monumentos de Paris. Foi informado que esse programa, doado à Academia pela Empresa de Eletricidade da França, envolverá o montante de R\$ 1.100.000,00. Na seqüência da sessão, comunicou que, informado dos problemas relativos ao túmulo do livreiro Francisco Alves, já determinou providências necessárias à sua recuperação e manutenção.

- Na Ordem do Dia, procedeu-se à eleição da Diretoria para o exercício de 2007. Convidou para escrutinadores os Acadêmicos Affonso Arinos de Mello Franco e Alberto da Costa e Silva. Informou que trinta e quatro Acadêmicos enviaram votos por carta e que votariam pessoalmente seis entre os presentes. Realizada a apuração, o resultado foi o seguinte:

Presidente – Marcos Vinícios Vilaça	– 39 votos
José Sarney	– 1 voto

- Diante do tempo exigido pela apuração dos votos, o Acadêmico Alberto Venancio Filho ressaltou que a demora nas eleições é causada por se permitir que Acadêmicos presentes votem por carta. Lembrou que havia uma disposição no artigo 17 do Regimento, que só permitia o voto por carta aos acadêmicos ausentes. Os Acadêmicos presentes ratificavam os votos constantes das cartas que haviam encaminhado.
- O Acadêmico Candido Mendes de Almeida propôs, para agilizar a sessão eleitoral, que no dia da eleição, se escolhesse uma comissão, meia hora antes da sessão, para efetuar a contagem dos votos, e levar o resultado pronto ao plenário.
- O Acadêmico Helio Jaguaribe apresentou proposta no sentido de tornar mais rápida a apuração dos votos dos demais membros da Diretoria. Discutida a proposição, o Acadêmico Affonso Arinos argumentou que, por tratar-se de procedimento regimental as propostas apresentadas seriam feitas por escrito e objeto de futura reunião, uma vez que a presente apuração se encontrava em processo.

- O Presidente determinou que tivesse prosseguimento a apuração e propôs que com a anuência do plenário, no princípio do próximo ano, se designe uma comissão revisora do Regimento, que entre outros aspectos, reexamine a dinâmica do processo eleitoral. Na seqüência da apuração, foram os seguintes os resultados:

Secretário-Geral – Cícero Sandroni;	– 39 votos
Em branco	– I voto
Primeira-Secretária – Ana Maria Machado	– 40 votos
Segundo-Secretário – Domício Proença Filho	– 40 votos
Tesoureiro – Evanildo Cavalcante Bechara	– 40 votos

- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça declarou eleita a Diretoria acima mencionada, registrou o agradecimento pelo estímulo e confiança do plenário e, seguindo a tradição da Casa, pediu permissão para eleger, por aclamação, as demais Diretorias, que ficaram assim constituídas: Diretor da Biblioteca: Murilo Melo Filho; Diretor do Arquivo: Sergio Paulo Rouanet; Diretor da Revista Brasileira: João de Scantimburgo; Diretor dos *Anais da ABL* Eduardo Portella. As Comissões Permanentes foram eleitas em 2005, por dois anos, e estão assim constituídas: Comissão de Contas, Tarcísio Padilha, Affonso Arinos de Mello Franco e Alberto da Costa e Silva; Comissão de Publicações, Acadêmicos: Alberto Venancio Filho, Antonio Carlos Secchin e José Murilo de Carvalho; Comissão de Lexicografia os Acadêmicos: Eduardo Portella, Evanildo Cavalcante Bechara e Alfredo Bosi. Passou a seguir, a palavra ao Acadêmico Cícero Sandroni. Este deu ciência ao plenário das Comissões dos Prêmios Literários para o exercício de 2007, a serem nomeadas na primeira sessão depois do recesso.
- O Acadêmico Antônio Olindo entregou às Bibliotecas Lúcio de Mendonça e Rodolfo Garcia o livro *Ave Zora, Ave Aurora*, de sua autoria. Lembrou que a escritora Zora Seljan faria, na presente data, 88 anos.
- O Acadêmico Candido Mendes de Almeida ressaltou a marca da gestão do Presidente Marcos Vinícios Vilaça e a importância da atual Academia diante da mocidade brasileira. Destacou a excelência do programa que

vem desenvolvendo, especialmente o seminário “Brasil, brasis” pela variedade dos assuntos e, sobretudo pelo interesse despertado nos universitários brasileiros. Comunicou que apresentará na primeira sessão do ano de 2007, o levantamento estatístico de quais desses temas despertaram maior interesse e notícia de como a Casa de Machado de Assis vem assumindo uma temática relevante para a nova geração brasileira.

- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça agradeceu a delicadeza do registro. Lembrou aos Acadêmicos a Missa de Ação de Graças pela posse da nova Diretoria, dia 14 às 11 horas na Igreja do Outeiro da Glória. Comunicou aos presentes o lançamento do livro do Acadêmico Antonio Olinto *Ave Zora. Ave Aurora*, na Sala dos Fundadores, às 17h 30min e a exibição da Cinebiografia Celso Furtado às 17h 30min, no Teatro R. Magalhães Júnior. Convidou a todos para um brinde no Salão de Chá. E encerrou a sessão.

SESSÃO DO DIA 14 DE DEZEMBRO DE 2006

Sob a presidência do Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça, estiveram presentes os Acadêmicos: Cícero Sandroni, Secretário-Geral; Ana Maria Machado, Primeira-Secretária; Murilo Melo Filho, Diretor da Biblioteca; Sergio Paulo Rouanet, Diretor do Arquivo; Eduardo Portella, Diretor dos *Anais da Academia Brasileira de Letras*; Affonso Arinos de Mello Franco, Alberto da Costa e Silva, Alberto Venancio Filho, Antonio Olinto, Arnaldo Niskier, Candido Mendes de Almeida, Carlos Nejar, Domício Proença Filho, Evanildo Cavalcante Bechara, Pe. Fernando Bastos de Ávila, Ivan Junqueira, Lêdo Ivo, Moacyr Scliar, Sábado Magaldi e Tarcísio Padilha.

- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça, declarou aberta a sessão dedicada à posse da Diretoria da Academia Brasileira de Letras para o exercício de 2006 e à entrega da Medalha João Ribeiro. Convidou para compor a mesa, as seguintes autoridades e acadêmicos: o Senhor César Maia, Prefeito da Cidade do Rio de Janeiro; o Senhor Sergio Cabral, Governador eleito do Estado do Rio de Janeiro, Sra. Rosinha Garotinho, Governadora do Estado do Rio de Janeiro; o Acadêmico Cícero Sandroni, Secretário-Geral, que lesse o relatório das atividades da Academia no ano que se encerra. O texto lido será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.
- Na seqüência, a medalha João Ribeiro foi entregue aos agraciados: à Sra. Janete Costa, pelo Acadêmico Eduardo Portella; ao Sr. Carlos Ivan Si-

monsen Leal, Presidente da Fundação Getúlio Vargas, pelo Governador eleito do Estado do Rio de Janeiro, Senhor Sergio Cabral Filho; ao escritor e editor Geraldo Jordão Pereira, pelo Prefeito da Cidade do Rio de Janeiro, Senhor César Maia; e ao escritor Ubiratan Machado, pelo Acadêmico Celso Lafer.

- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça agradeceu a colaboração dos seus companheiros de Diretoria, de todos os seus confrades e dos funcionários da Casa. Foram, a seguir, empossados os novos integrantes da Diretoria da Academia Brasileira de Letras para o exercício de 2007: Presidente – Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça; Secretário-Geral – Acadêmico Cícero Sandroni; Primeira-Secretária – Acadêmica Ana Maria Machado; Segundo-Secretário – Acadêmico Domício Proença Filho; Tesoureiro – Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara; Diretor da Biblioteca – Acadêmico Murilo Melo Filho; Diretor do Arquivo – Acadêmico Sergio Paulo Rouanet; Diretor da *Revista Brasileira* – Acadêmico João de Scantimburgo; Diretor dos *Anais da Academia Brasileira de Letras* – Acadêmico Eduardo Portella. O Presidente agradeceu a presença de todos. E encerrou a sessão.

ATIVIDADES DA ABL EM 2006

Relatório do Secretário-Geral na sessão do dia 14 de setembro de 2006

Nossas primeiras palavras recordam com saudade, a partida dos estimados acadêmicos Josué Montello e Miguel Reale, presentes nas suas obras, na memória da Casa e da Cultura brasileira e na lembrança afetiva carregada da admiração dos seus pares.

No processo sucessório, tomaram posse no Salão Nobre do *Petit Trianon* o senhor Nelson Pereira dos Santos, na Cadeira n.º 07, antes ocupada pelo Acadêmico Sérgio Corrêa da Costa; o senhor Domício Proença Filho, na Cadeira n.º 28, que pertenceu ao Acadêmico Oscar Dias Corrêa; o senhor José Mindlin, na Cadeira n.º 29, que pertenceu ao Acadêmico Josué Montello e o senhor Celso Lafer, na Cadeira n.º 14, anteriormente ocupada pelo Acadêmico Miguel Reale. Os novos confrades foram recebidos, respectivamente pelos Acadêmicos Cícero Sandroni, Evanildo Bechara, Alberto da Costa e Silva, Alberto Venancio Filho.

O ano de 2006 assinalou, nas palavras do Presidente Marcos Vinícios Vilaça, “a organização da Academia para o contemporâneo”. Com efeito, uma estratégia pautada na associação harmoniosa de tradição e modernidade, permitiu abertura para a dimensão multicultural que caracteriza a realidade brasileira.

SEMINÁRIOS, MESAS-REDONDAS E CICLOS DE PALESTRAS

O seminário “Brasil, brasis”, em nove sessões de debates, realizadas, sob orientação geral do Presidente Marcos Vinícios Vilaça, abriu amplos espaços de reflexão sobre a cultura com a participação, dos Acadêmicos Murilo Melo

Filho, Ana Maria Machado, Cícero Sandroni, Arnaldo Niskier, Affonso Arinos de Mello Franco, Ivan Junqueira e Alberto da Costa e Silva. Os temas do seminário: “A culinária na Literatura”; “A moda e a sociedade contemporânea”; “A literatura e a cultura popular: influências recíprocas”; “Música popular brasileira: do passado às tendências atuais”; “A Cultura midiática: persuasão e poder”; “Desenvolvimento regional: impasses, realizações, consequências e impactos sociais”; “Ciência e Literatura”; “Arquitetura e urbanismo”; “A arte hoje: os caminhos do gosto e do conceito”. Participaram na condição de expositores acadêmicos e especialistas conceituados, nomeados no programa do seminário que se encontra e à disposição no Portal e nos arquivos da Academia.

Realizaram-se onze mesas-redondas sobre os seguintes temas “Sesquicentenário de nascimento de Sigmund Freud”; “Homenagem aos 90 anos de Zélia Gattai;” “Homenagem aos 80 anos de Ivo Pitanguy”; “Centenário de nascimento de Agostinho dos Santos” “50 anos de publicação de *Grande Sertão: Veredas*”; “Homenagem a Nina Rodrigues”; “Centenário de nascimento de Hanna Arendt”; “Encontros marcados com Fernando Sabino”; “Debate sobre o livro *O Posto do Homem no Cosmo*”, de Helio Jaguaribe e “70 anos da publicação de *Raízes do Brasil*”, de Sérgio Buarque de Hollanda.

O *Petit Trianon* abriu suas dependências para o lançamento dos seguintes livros: *Rondônia*, co-edição com a FioCruz, prefácio do Acadêmico Alberto Venâncio Filho; *O Posto do Homem no Cosmo*, do Acadêmico Helio Jaguaribe. Outros espaços foram cedidos a diversos escritores para sessões de lançamento e autógrafos.

Mantiveram seu curso regular os ciclos de conferências das terças-feiras, abertas a todos os que se interessem pela reflexão dos temas da cultura brasileira. Na conferência de abertura, o acadêmico Ariano Suassuna falou sobre “As raízes populares da cultura brasileira” para um público de mais de seiscentas pessoas. Seguiram-se dez ciclos, a saber: “Os romancistas da Academia”, “Fundadores da ABL”, “Futebol e Literatura Brasileira”, “Literatura e Jornalismo”, “Os escritores gaúchos”, “Razão e espiritualidade”, “Atualidade dos estudos lingüísticos no Brasil”, “Os caminhos da tradução poética”, “História e literatura” e “Intérpretes do Brasil”.

Ao lado dos ciclos, realizaram-se ainda as seguintes conferências: “Brasília, o mito”, por João Almino e “O Brasil ante o século XXI”, pelo Acadêmico Helio Jaguaribe e o “Curso de crítica textual”, coordenado pelo Acadêmico Evanildo Bechara e com conferências da Professora Bárbara Spaggiari e do Professor Maurizio Perugi da Universidade de Genebra.

BIBLIOTECAS LÚCIO DE MENDONÇA E RODOLFO GARCIA

A Biblioteca Lúcio Mendonça e a Biblioteca Rodolfo Garcia, sob a direção do Acadêmico Murilo Melo Filho prosseguiram nas suas atividades de ampliação e cuidado com o acervo e de atendimento aos acadêmicos e ao público. A Rodolfo Garcia teve incorporada ao seu acervo 1139 obras recebidas por doação, 129 delas de acadêmicos, destacadas as contribuições dos confrades Alberto Venâncio Filho, num total de 58 títulos e Alberto da Costa e Silva, 56 obras. Deu curso à avaliação de 5.071 obras, pela Comissão Consultiva de Bibliotecas, integradas pelos Acadêmicos Alberto da Costa e Silva, Eduardo Portella, Evanildo Bechara, Tarcísio Padilha e o Diretor Murilo Melo Filho. Prosseguiu ao tratamento técnico do acervo, que envolveu 5.056 títulos e 6.598 exemplares. Foi completada a catalogação das Coleções Franklin de Oliveira, num total de 6.481 exemplares e Ary de Andrade, que totaliza 2.660 exemplares. Iniciou-se a catalogação do acervo de lexicografia e identificação das obras raras. Foram doados 32.787 exemplares de publicações editadas pela Academia, para o Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas, gerenciado pela Fundação Biblioteca Nacional, e para outras bibliotecas. Foram distribuídos 4.500 livros na Campanha Natal sem Fome de Livros.

SEDIVI

Desenvolvido pelo Setor de Divulgação e Informação Via Internet, o Portal da Academia Brasileira de Letras aproximou a Academia de um público crescente via internet. Seu perfil moderno, mas rigorosamente associável à imagem da Casa, aproveitou o conteúdo do antigo sítio da Academia. Entre outras características, conta com mecanismo ágil de buscas de informações

sobre os Acadêmicos e o vocabulário ortográfico e permite a elaboração de inserções ou modificações em sua estrutura, com rapidez e facilidade, por meio de qualquer computador.

Em seu primeiro mês de atividade, o Portal registrou a presença em seu espaço virtual de 82.322 usuários de um total de 403.085 páginas. Desde o dia de sua inauguração, em 1.º de julho de 2006, até o dia 07 de novembro último, foram feitas 342 inserções no Portal, destacadas as notícias, num total de 118 inserções e artigos acadêmicos. Registram-se ainda a média de 400 mensagens eletrônicas (*e-mails*) diárias recebidas.

PUBLICAÇÕES

O Setor de Publicações da Academia, dirigido pelo Acadêmico Alberto Venancio Filho, até maio e a seguir pelo Acadêmico Antonio Carlos Secchin, lançou, em 2006, doze volumes: *O Ocaso do Império*, e Oliveira Vianna. Introdução de José Murilo de Carvalho; *Cardeal Lucas Moreira Neves. Entrevista com Françoise Vayne; Herberto Sales e a Gênese de Cascalho*” de Fernando Sales. *A Língua Portuguesa na Revista Brasileira 1944-2006*. t. I v. XVI; *Discursos Acadêmicos 1920-1935* t. II. V. X; *Anuário 2002-2006*; *Anais da Academia Brasileira de Letras*, v. 189, 1.º semestre de 2005; v.190, 2.º semestres de 2005; *Revista Brasileira*, números 46, 47, 48 e 49, sob a direção do Acadêmico João de Scantimburgo.

Foram ainda editoradas e encontram-se disponíveis na internet as seguintes obras: *Tribuna Acadêmica*, de Oscar Dias Corrêa; *Biobibliografia dos Patronos* v. 9, Cadeira I6, Gregório de Matos e Hipólito José da Costa, Cadeira I7. No prelo, em co-edição com a Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, encontram-se: *Os Sonetos de Guilherme de Almeida e Machado de Assis*; *Sete Conferências de Alfredo Pujol*.

CENTRO DE MEMÓRIA

O Centro de Memória dedicou-se ao tratamento dos acervos arquivísticos e museológicos, à realização das exposições, ao registro audiovisual de todas

as atividades da Academia, ao atendimento aos Acadêmicos e pesquisadores, ao aperfeiçoamento de informações destinadas ao novo Portal, incluído, nesse último espaço, o contínuo desenvolvimento dos sítios Machado de Assis e Euclides da Cunha. O Arquivo enriqueceu-se com o recebimento de doações dos Acadêmicos Marcos Vinícios Vilaça, Nélida Piñon, Affonso Arinos de Mello Franco, Candido Mendes de Almeida, Carlos Nejar, Alberto da Costa e Silva e Lêdo Ivo e das famílias Nascimento Brito, Rodolfo Garcia e Rodrigo Otávio. Apoiou a produção do livro comemorativo dos 110 anos da ABL, sob coordenação do Acadêmico Alberto da Costa e Silva e deu seqüência aos trabalhos de reformulação do Arquivo Acadêmico e de revisão de diretrizes do Arquivo Machado de Assis. Implantou projeto de normalização do registro fotográfico da Casa e ampliou a atuação do Núcleo de conservação. O Departamento de Museologia organizou a “Sala Affonso Arinos”, a “Galeria dos Presidentes”, nas novas instalações da Diretoria, o mural informativo da Sala de Chá, e deu apoio às exposições realizadas durante o ano. O Setor de Recursos Audiovisuais gravou depoimentos dos novos acadêmicos destinados aos “Arquivos Contemporâneos”. Registrou todos os eventos acadêmicos realizados no ano em curso. Foram digitalizadas todas as sessões realizadas em 1999 e em 2006 e produzidos, até o último mês de novembro, 126 DVDs. O Núcleo de Pesquisa do Espaço Machado de Assis incorporou ao sítio próprio 240 referências machadianas e o Centro de Memória, sob orientação do Diretor do arquivo, Acadêmico Sérgio Paulo Rouanet, prepara os textos da Correspondência de Machado de Assis, editados e inéditos. Com público cada vez mais numeroso, especialmente de estudantes, prosseguiram as visitas guiadas às dependências da Academia, registrando-se a presença, no ano de 2006 de 3.362 mil jovens e adultos.

PRÊMIOS

Em 2006 a ABL concedeu os seguintes prêmios literários:

Prêmio Machado de Assis, por conjunto de obra, ao escritor César Leal; Prêmio ABL – Ensaio, Crítica e História Literária ao escritor Per Johns, pela obra *Dioniso Crucificado*; Prêmio ABL-Poesia, ao poeta Ruy Espinheira Filho, pelo livro *Elegias de Agosto e Outros Poemas*; Prêmio ABL – Ficção,

ao escritor Edgar Telles Ribeiro, pelo romance *Olho do Rei*; Prêmio ABL – Literatura Infanto-Juvenil, a Rui de Oliveira, pelo livro *Cartas Lunares*; Prêmio ABL – Tradução, a Geraldo Hollanda Cavalcanti, pela tradução do *Cântico dos Cânticos*; Prêmio ABL – História e Ciências Sociais, a Luís Henrique Dias Tavares, por seu livro *Independência do Brasil na Bahia*. Foi orador da solenidade de entrega o Acadêmico José Sarney.

A escritora Maria Lúcia Garcia Pallares – Burke – recebeu o prêmio José Emírio de Moraes, pelo livro *Gilberto Freyre, um Vitorioso dos Trópicos*. O discurso de saudação foi proferido pelo Acadêmico Alberto da Costa e Silva.

A medalha João Ribeiro será entregue nesta cerimônia à arquiteta Janete Costa, à Fundação Getúlio Vargas, ao pesquisador Ubiratan Machado, e ao editor Geraldo Jordão Pereira.

Na atividade destinada a alunos dos cursos fundamentais, a ABL promoveu leituras dramatizadas de seis peças teatrais, três de Joaquim Manuel de Macedo, e três dos irmãos Artur e Aluísio Azevedo. E na série Literatura e Música de Câmara, realizaram-se quatro concertos assistidos por grande público no Teatro R. Magalhães Júnior.

EXPOSIÇÕES

Na Sala Manuel Bandeira realizaram-se as exposições: *Do Reino Encantado: gravuras, iluminogravuras* de Ariano Suassuna, fotografias de Gustavo Moura e *Exposição Guimarães Rosa 1956*. No saguão Central do Centro Cultural da ABL: *Exposição permanente na Sala Affonso Arinos e Exposição comemorativa do 75.º aniversário da conferência na ABL sobre a Literatura Polonesa proferida pelo poeta, filósofo e crítico polonês Jan Lechon*. No espaço do térreo da ABL, *Exposição Agostinho dos Santos*.

ALMOÇOS

A atual presidência inaugurou a prática dos Almoços com a Cultura objetivando maior intercâmbio e convívio com personalidades de referência cultural, em todos os níveis e recebeu na Casa representantes dos mais variados segmen-

tos da cultura brasileira. Personalidades da vida social e cultural do país foram recebidas, ao longo do ano, em visitas de cortesia, pela diretoria da Casa.

O Presidente Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça e os Acadêmicos Eduardo Portella, Sérgio Paulo Rouanet e Alberto da Costa e Silva participaram, de 18 a 21 de outubro, na capital portuguesa, da primeira reunião conjunta das duas Casas, a Academia de Ciências de Lisboa e a Academia Brasileira de Letras, cujo tema foi o Iluminismo. Entre os portugueses, foram oradores os Acadêmicos Adriano Moreira, Mário Soares, Fernando Cristóvão e Aníbal Pinto de Castro. O Presidente foi recebido também na Universidade de Coimbra. A importância da reunião foi destacada amplamente pelos meios de comunicação de Portugal.

A acadêmica Ana Maria Machado ministrou curso sobre a obra de Jorge Amado na Cátedra Machado de Assis instituída pela Academia Brasileira de Letras na Universidade Oxford, que no próximo ano estará a cargo do Acadêmico José Murilo de Carvalho. A Academia foi representada pelo Acadêmico Antonio Carlos Secchin na Feira Internacional do Livro realizada em Frankfurt.

ESPAÇOS

Foram inaugurados, no Espaço Josué Montello, a Galeria dos Presidentes, o retrato de Mauro Mota, e o retrato de Rachel de Queiroz. Placa de bronze, aposta na Travessa do Ouvidor n.º 21, registrou: “Neste local, sede da *Revista Brasileira*, realizou-se no dia 15 de dezembro de 1896, a sessão de fundação da Academia Brasileira de Letras.”

A Comissão encarregada no âmbito da Secretaria das Culturas no Rio de Janeiro da comemoração do centenário de falecimento de Machado de Assis, no ano de 2008, iniciou suas atividades as quais a Academia se associa, representada pelos Acadêmicos: Eduardo Portella, Sérgio Paulo Rouanet, Domício Proença Filho, Alberto da Costa e Silva e Antonio Carlos Secchin e pelo Acadêmico Antonio Olinto, Diretor do Departamento de Bibliotecas da referida Secretaria. A Casa também está representada, na Comissão dos Festejos para 2008 do transcurso do 4.º centenário da vinda da Família Real Por-

tuguesa para o Brasil, criada pelo Prefeito César Maia, na pessoa e na ação do Acadêmico Alberto da Costa e Silva e representante desta comissão.

A marca da ação da Academia em 2006 consistiu no compromisso da Casa com a abertura para o contemporâneo, em suas múltiplas manifestações. Tal posicionamento tem contribuído à larga para a maior visibilidade da instituição e a manutenção do seu lugar de destaque e prestígio na Cultura brasileira. Sem perda da tradição garantidora da fisionomia cultural que a caracteriza, ao longo de sua condição centenária.

DISCURSO DO PRESIDENTE MARCOS VINÍCIOS VILAÇA

Proferido na sessão do dia 14 de dezembro de 2005

Ao chegar à Presidência, muito refleti sobre os sonhos e ferramentas que trazia para exercer um mandato à altura dos votos fraternais recebidos dos companheiros acadêmicos.

Sonho e ferramenta se impuseram para mim como ecos do vivido e sonoridades a serem entoadas, condensando-se na palavra *cultura*, desdobrando-se em outra: *humanidades*. Elas me predispõem à ação, e muito se ajustaram, então, ao que significa aquele frágil portãozinho da Avenida Presidente Wilson querendo se abrir mais e mais. Não apenas para os integrantes da Casa e para um compreensivo público já fiel, mas para urgentes expectativas da nossa sociedade.

Sabemos quanta resposta daqui emanou ao longo de quase onze décadas. Mas por que não ampliar horizontes? Por que não somar ao trabalho em favor da literatura e da língua uma obstinada busca de enlaces, precisamente pelos caminhos da língua que é a mais complexa produção da cultura humana?

Linguagem e vida são uma coisa só.

Tríplice aliança se delineou: a primeira naturalmente a mais fundamental, *inter pares*; a segunda, com os detentores de outros saberes; a terceira, com a conquista de recursos materiais e tecnológicos capazes de viabilizar sonhos, de azeitar ferramentas.

Já disse, e repito, que a cultura é herança e trabalho, exigindo cabeça para pensar e braço para agir. Se a Academia é a elite do pensamento, também ela precisa usar a destreza de seu braço, a amplitude de seus espaços, com o mais

alto sentido de hospitalidade ao *outro* que a complementa. Não pode se esgotar em contemplação. Não pode aceitar espartilhos conservadoristas. Não pode se intimidar ao desfazer limites. Não pode desconhecer o espetáculo da criação, em nome de um modo de ser composto daquele sentimento de que sempre “foi assim”.

Transposto o umbral, o *outro* se configurou nos dispostos a atender nosso convite. Nada impede a agregação de vozes de modo a formar-se um grande coro. Esse projeto, idealizado com esperança, inquietação e surpresa, agora é audível – por que não saboreável? – com imenso prazer. Nada foi banalizado. Nada foi vulgarizado. Zelamos pelas tradições, mas sabemos que o tempo é tríbico.

Não é necessário tensionar a tradição por enlaçar o moderno. Mais modernidade não quer dizer menos tradição. Ademais não se deve fazer da crença uma crença.

Convergências e divergências, impasses e acertos, insurgências e ressurgências devem se animar para, com a contribuição de todos, melhor situar a Academia e melhor estar no Brasil. Atravessar fronteiras em busca da compreensão, dialogar com a razão e a espiritualidade, revisitar o continente da filosofia, afinar laços com a história, acionar ignições, eis o nosso papel.

Trabalhamos para um Brasil feito de gente, como diz Celso Lafer, aberta ao sincretismo da diversidade.

Sem dizer da totalidade dos esforços e sem necessidade de declinar todos os nomes daqueles a quem somos infinitamente gratos, o que se procurou entoar no grande coro ouvido em 2006, sempre a buscar o equilíbrio entre os graves da tradição e a aguda tessitura da modernidade, foi um canto novo. Houve a recolha do passado e a imaginação do futuro.

Nossa composição soou bem. O público convergiu para aquele portãozinho fronteiro à estátua de Machado. Aos distantes ou aos impedidos de comparecer, tudo se transmitia e transmite através da Internet – ferramenta do presente e do futuro. A Academia não é artesanal.

Há um ano, eu me declarava insistente na esperança. Expus sonhos. Nomeei algumas ferramentas. Agora verifico que, como disse Borges

em “Ruínas circulares”, *no sonho do homem que sonhava o sonhado despertou*.

Seguindo o conto borgeano, onde o sonhado desperto é um novo homem, peço licença para chamá-lo de *Humanidades*, renovando o convite para sua permanência em nossa Casa. Declaro-me convencido do acerto em fazer com que sejamos cada vez mais uma Academia de Letras não apenas literárias, mas decididamente voltada para as humanidades.

A Academia deve trabalhar com parâmetros aquecidos, que sugerem vida. Viver é desenvolver, não é engessar. A Academia não pode ser monocultural. Sua composição assim o determina. Nem deve desaprumar a mão, errar o gesto ou desprezar o sopro do sonho. A Academia tem consciência de que é o ativo cultural mais destacado do País.

Confrade, Senhoras, Senhores:

Ninguém me peça para dizer o que fiz. Não fiz nada. Quem fez foi a Diretoria. Quem fez foi o plenário. Quem nos ajudou a fazer foram muitos. Os muitos amigos da Casa e os dedicados funcionários.

Nem me peçam para mencionar se fiz bem ou mal, pois no *Quincas Borba*, Machado disse que a vida não é completamente boa, nem completamente má.

Só tenho certeza de que passou longe da Diretoria a acédia, para usar a palavra de origem grega. Isso não.

Em termos da equipe gestora, este ano que vem encontrará Antonio Carlos Secchin e José Murilo de Carvalho a tratar de questões difíceis e do interesse acadêmico, apenas formalmente fora da Diretoria. Confiamos a eles tarefas nas relações com o meio universitário no Brasil e no Exterior, além de maior ênfase nos assuntos editoriais. Com isso trouxemos para o corpo diretivo Domício Proença e obrigamos Evanildo Bechara a retornar. Deles esperamos tudo. Tudo mesmo, pois eles podem muito.

Está posta a minha gratidão aos impecáveis colegas de Diretoria, destacando a obstinada cooperação de Cícero Sandroni e os sábios conselhos de Ana Maria Machado, aos Confrades – de quem só recebo confiança a se

renovar, estímulo e carinho – aos servidores, aos colaboradores externos, às esposas dos Confrades. É muito grande o meu reconhecimento. A Maria do Carmo, essa minha *N. S. da Paciência*, e aos familiares só peço que se mantenham no mesmo ponto de apoio e tolerância.

Afora isso, em relação à Academia, prosseguirei achando que Mário de Andrade tem razão ao versejar: “*Nós somos na Terra o grande milagre do amor! / E embora tão diversa a nossa vida / Dançamos juntos no carnaval das gentes / Bloco Pachola do Custa mas vai*”.

É isso. Custa, mas vai.

SESSÃO DO DIA 19 DE DEZEMBRO DE 2006

Sob a presidência do Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça, estiveram presentes os Acadêmicos: Cícero Sandroni, Secretário-Geral, Ana Maria Machado, Primeira-Secretária; Domício Proença Filho, Segundo-Secretário; Sergio Paulo Rouanet, Diretor do Arquivo; Eduardo Portella, Diretor dos *Anais da Academia Brasileira de Letras*; Affonso Arinos de Mello Franco, Alberto Venancio Filho, Antonio Carlos Secchin, Antonio Olinto, Domício Proença Filho, Evanildo Cavalcante Bechara, Pe. Fernando Bastos de Ávila, Ivan Junqueira, Lêdo Ivo, Sábato Magaldi e Tarcísio Padilha.

- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça ao abrir a sessão deu as boas-vindas às acadêmicas Nélida Piñon e Ana Maria Machado que se encontravam ausentes, ambas cumprindo compromisso no exterior. Comunicou que o Acadêmico Alfredo Bosi encontra-se em plena recuperação da cirurgia do coração à que se submeteu, em São Paulo. Discorreu sobre o plano de iluminação do *Petit Trianon* pela Companhia francesa ECOLUX e também sobre o projeto da Prefeitura do Rio de Janeiro de reurbanização da Praça Manuel Bandeira com a inauguração da estátua do poeta. Entregou para a Biblioteca Lucio de Mendonça o livro de Alfredo Pujol *Processos Criminais*, doado pelo Acadêmico Alberto Venancio Filho. Comunicou o falecimento de Jorge Calmon, da Academia de Letras da Bahia e expressou o sentimento de pesar da Casa.

- Ao oferecer para a Biblioteca Lucio de Mendonça o livro *Passaporte para o futuro – Afonso Arinos de Melo Franco, um Ensaísta da República*, de Berenice Cavalcante, o Acadêmico José Murilo de Carvalho leu o último parágrafo da orelha de sua autoria sobre Afonso Arinos.

O Presidente deu início a eleição para preenchimento da Cadeira n.º 20, do Quadro dos Sócios Correspondentes, vaga com o falecimento do escritor francês Jean Roche. Convidou para escrutinadores os Acadêmicos Afonso Arinos de Mello Franco e Antonio Carlos Secchin. Encontravam-se presentes 16 acadêmicos dos quais apenas quatro votaram pessoalmente. Haviam 24 cartas, num total de 28 votantes. Procedeu-se a votação que teve o seguinte resultado:

Eduardo Lourenço de Faria	28 votos.
---------------------------	-----------

- O Acadêmico Eduardo Portella congratulou-se com a Academia Brasileira de Letras pela eleição do escritor Eduardo Lourenço para o Quadro dos Sócios Correspondentes. Lembrou que Eduardo Lourenço estreou precocemente com a série de livros intitulado *Heterodoxia*. Naquela época ser heterodoxo em Portugal significava ser subversivo. Um homem que, além do curso de Literatura é formado em Filosofia, a sua crítica tem uma base teórica que normalmente não está presente nas nossas críticas literárias que são impressionistas ou repetitivas de um mesmo acervo teórico que vem sendo explorado há mais de cem anos. Disse que Eduardo Lourenço tem referências novas nos levando a compreender a obra literária de outra maneira, o que despontou no livro *Fernando Pessoa – Revisitado* e se consolida de uma forma categórica no segundo livro sobre *Fernando Pessoa: Fernando, Rei da nossa Baviera*. Recentemente publicou um livro de ensaios sobre a questão dos nacionalismos europeus dentro de uma macroestrutura da nova Europa comunitária, do qual recebeu o maior prêmio de ensaio que é o Prêmio Médici.
- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça associou-se ao que foi dito sobre Eduardo Lourenço. Festejou mais uma doação do Acadêmico Alberto Venancio Filho para a Biblioteca da Academia.

- O Acadêmico Alberto Venancio Filho propôs que seja incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras* o artigo “Reale e a Academia Brasileira”, do Acadêmico Celso Lafer, publicado no *Estado de São Paulo*, no dia 17 de dezembro.
- O Presidente convidou a todos para a conferência de encerramento do Círculo Intérpretes do Brasil, coordenado pelo Acadêmico Alberto da Costa e Silva. A conferência de encerramento do ciclo “Intérpretes do Brasil”, ficará a cargo do Acadêmico Antonio Olinto sobre o Acadêmico Roberto Campos. Convidou também para lançamento do Dicionário de Guimarães Rosa e também para a exposição de fotos com o tema: O centro histórico do Rio de Janeiro. E encerrou a sessão.

REALE E A ACADEMIA BRASILEIRA

*Celso Lafer**

“A sede da alma está na memória”, dizia Santo Agostinho. Esta afirmação explica a praxe que norteia os discursos de posse na Academia Brasileira de Letras. Com efeito, cabe a um novo acadêmico, ao empossar-se, resgatar a memória e interpretar o espírito de sua Cadeira analisando o significado cultural da obra e da ação daqueles que anteriormente a ocuparam. Neste contexto, a regra é o destaque a ser dado à trajetória intelectual do antecessor imediato e ao relacionamento que teve com as atividades da instituição, fundada em 1897. Foi isso o que me empenhei em fazer no último dia 1.º de dezembro, ao assumir, na Casa de Machado de Assis, a Cadeira I4, na sucessão de Miguel Reale.

Meus antecessores na Cadeira I4 foram professores com vocação de pensadores. Professores foram o acadêmico-fundador Clóvis Beviláqua (1859-1944) e seus sucessores Carneiro Leão (1887-1966), Fernando de Azevedo (1894-1974) e Miguel Reale (1910-2006).

Clóvis e Reale, intelectuais de múltiplas facetas, notabilizaram-se como juristas que inovaram o Direito brasileiro. Carneiro Leão e Fernando de Azevedo destacaram-se como sociólogos e educadores empenhados em fazer da educação uma política pública voltada para superar as desigualdades da sociedade brasileira. Os quatro ocupantes da Cadeira I4, como se percebe, foram escolhidos segundo o critério preconizado por Joaquim Nabuco, que

* Artigo publicado no *Estado de São Paulo* do dia 17 de dezembro de 2006.

entendia que a Academia deveria ter “uma esfera mais lata do que a literatura exclusivamente literária”, contemplando também “as superioridades do país”.

Na análise da trajetória de Reale evoquei um aforismo de Fernando Pessoa – “Sê plural como o universo” – para apontar que meu antecessor, valendo-se da sua poderosa inteligência e da sua ampla e aprofundada cultura, seguiu à risca essa máxima do grande poeta. Daí a abrangência de uma obra original que cobre vários campos: a Filosofia; a Filosofia do Direito, na sua especificidade própria; o Direito, em todos os seus quadrantes; a Teoria Política, a História das Idéias, a História do Pensamento brasileiro; a memorialística; a poesia.

Um dos desdobramentos desta pluralidade é, no seu percurso, o vínculo com os objetivos básicos da Academia – a defesa da língua e o empenhado interesse na literatura brasileira e na cultura nacional.

A defesa da língua é, para Reale, um imperativo filosófico. Resulta da sua convicção de que o idioma é o solo da cultura e que a nossa língua portuguesa, com suas peculiaridades e seu potencial, condiciona o nosso ser pessoal e a nossa própria capacidade de pensar.

O empenhado interesse na literatura brasileira e na cultura nacional em Miguel Reale é uma expressão do seu culturalismo filosófico, vale dizer, da importância atribuída ao mundo da vida em comum, historicamente feito pelos homens, que não é redutível ao mundo da natureza. Para ele, cultura brasileira é o conjunto de conhecimentos e valorações convertido em patrimônio intelectual da gente brasileira. Provém da vivência e da convivência expressas em nossa língua, que por isso enseja a autoconsciência da especificidade no diálogo com outras culturas e dá margem a distintas formas de criação literária e estilos de pensamento.

Na discussão do processo cultural, Reale realça a importância não apenas dos focos irradiadores das influências recebidas, mas também daquilo que condicionou determinada receptividade. Daí o valor outorgado ao “sentido” das recepções filosóficas, artísticas e literárias para desvendar as raízes e o desenvolvimento da cultura brasileira. Foi nesta linha que se dedicou à pesquisa e ao resgate da memória do pensamento brasileiro, no qual identificou características próprias. É neste horizonte que escreveu

sobre inúmeros autores brasileiros e dialogou com as obras dos acadêmicos do passado e do presente. Um exemplo paradigmático desta postura, que o vincula à Academia Brasileira de Letras, é seu livro de 1982 sobre Machado de Assis.

Machado é nosso clássico. Alcançou o patamar da permanência, pois, simultaneamente, é um sutil intérprete do seu tempo; provoca distintas interpretações da sua obra, no Brasil e no mundo, e é lido de geração em geração porque na criativa polivalência do seu texto literário cada época e seus distintos públicos nele encontram a fruição de suas necessidades de expressão. É por isso que o fundador e primeiro presidente da Academia vem instigando trabalhos de sucessivas gerações de acadêmicos, os últimos sendo os de Alfredo Bosi e Sérgio Paulo Rouanet. Assim, não foi por acaso que Reale dedicou o seu livro aos confrades acadêmicos.

O ângulo com que se preocupou Reale foi o da análise do que a inquietação filosófica representou na obra literária de Machado. O livro de Reale é o de um leitor que, com desvelo, freqüentou toda a obra de Machado, como indica a antologia filosófica por ele preparada, que integra seu livro. É o de um pensador aberto que, como era do seu feitio, dialogou com os trabalhos dos que o antecederam no trato do tema. É, mais especificamente, o de um estudioso que mostrou o sentido que teve, na obra de Machado, o influxo de suas múltiplas leituras de cunho filosófico. Este sentido está contido na tessitura da sua obra – e é um componente do porquê Machado é um clássico da literatura brasileira. No entanto, vai além disso, pois, como conclui com acuidade Miguel Reale, é ao nosso bruxo do Cosme Velho que efetivamente se deve “o fermento crítico injetado no cerne da cultura brasileira”.

Unir pensamento e ação instigado por um fermento crítico foi o intento permanente de mestre Reale, que se casava com sua maneira de ser e estar no mundo. É disso que se lembram os leitores dos seus artigos quinzenais no Estado, que escreveu até os últimos dias de sua vida. Nesses artigos, Reale, no kantiano “uso público da razão”, pensou os acontecimentos do Brasil e da vida internacional, exercendo, com superioridade, um magistério de reflexão de alto nível na vida contemporânea brasileira que faz muita falta.

BOLETINS DE INFORMAÇÃO

ANO XLVI – N.º 20
Em 6 de julho de 2006

MESA-REDONDA EM HOMENAGEM AO ACADÊMICO IVO PITANGUY –

Realiza-se hoje, dia 6 de julho, às 17h 30min, na Sala José de Alencar, a mesa-redonda em comemoração aos oitenta anos do Acadêmico Ivo Pitanguy. Participam os Acadêmicos Eduardo Portella, Arnaldo Niskier, Affonso Arinos de Mello Franco e Murilo Melo Filho.

PRÊMIO LITERÁRIO CIEE/ABL – Realiza-se hoje, dia 6 de julho, às 16 horas, na

Sala de Sessões a entrega do Prêmio Literário CIEE-ABL – Escritor Universitário “Alceu Amoroso Lima” (Tristão de Athayde). Estarão presentes o Dr. Luiz Gonzaga Bertelli, Presidente Executivo do CIEE. Os premiados são: 1.º lugar: Janaína Iaport Beta que cursa História da Arte na UERJ; 2.º lugar: Ulysses dos Santos Torres que cursa Medicina na Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto e 3.º lugar: Luís Augusto Lé, que cursa Letras no Centro Universitário Moura Lacerda.

CADEIRA N.º 14 – Encontram-se inscritos para concorrer à Cadeira n.º 14, vaga com

o falecimento do Acadêmico Miguel Reale, os Srs. Celso Lafer, Gilberto Mendonça Telles, Marco Aurélio LoMonaco Pereira e Jorge Jaime. Retiraram as candidaturas o Embaixador Dario Castro Alves e o Sr. Gilberto Mendonça Telles. A eleição está marcada para sexta-feira, dia 21 de julho de 2006.

EXPOSIÇÃO GUIMARÃES ROSA 1956 – Está marcada para o dia 13 de julho,

quinta-feira, às 17h30min, a inauguração da exposição “Guimarães Rosa 1956”, na Galeria Manuel Bandeira, no Centro Cultural da Academia.

POSSE DO ACADÊMICO NELSON PEREIRA DOS SANTOS – Realiza-se no dia 17 de julho, segunda-feira, às 21 horas, a posse do Acadêmico eleito Nelson Pereira dos Santos, que será recebido pelo Acadêmico Cícero Sandroni.

LITERATURA E MÚSICA DE CÂMARA – Realiza-se amanhã, dia 7 de julho, sexta-feira, às 17h 30min, no Teatro R. Magalhães Júnior, o 2.º concerto da série Literatura e Música de Câmara na ABL: Cláudio Cruz (violino) e Ilan Rechtman (piano) interpretam Ludwig van Beethoven, Franz Schubert e Johannes Brahms. Leitura de textos por Rejane Zilles.

ANIVERSÁRIO NATALÍCIO DO ACADÊMICO EVARISTO DE MORAES FILHO – Comemorou-se ontem, dia 5 de julho, o aniversário natalício do Acadêmico Evaristo de Moraes Filho, que ocupa a Cadeira n.º 40 do Quadro dos Membros Efetivos.

ANIVERSÁRIO NATALÍCIO DO ACADÊMICO IVO PITANGUY – Comemorou-se ontem, dia 5 de julho, o aniversário natalício do Acadêmico Ivo Pitanguy, que ocupa a Cadeira n.º 22 do Quadro dos Membros Efetivos.

ACADEMIA SERGIPANA DE LETRAS – O Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça foi recebido, a 29 de junho último, em sessão especial da Academia Sergipana de Letras, quando proferiu palestra sobre “Sergipanos na ABL”. Na ocasião, lhe foi outorgada a Medalha do “Mérito Cultural Silvio Romero”. O Acadêmico Gilton Garcia foi o orador oficial da solenidade.

OS ESCRITORES GAÚCHOS – Terá início na terça-feira, dia 11 de julho, o 5.º ciclo da programação cultural deste ano, que versará sobre “Os escritores gaúchos”, coordenado pelo Acadêmico Moacyr Scliar. A conferência de abertura será proferida pelo Acadêmico Moacyr Scliar sobre “Érico Veríssimo”. As demais conferências se realizarão sempre no mesmo horário, conforme o quadro abaixo:

25/07 – Carlos Appel: “Vianna Moog”;
01/08 – Tânia Carvalhal: “Augusto Meyer”.

ACERVOS DE ACADÊMICOS NO IMS – O boletim de junho último do Instituto Moreira Salles anuncia a aquisição por aquela instituição cultural dos acervos literários do Acadêmico Lêdo Ivo e da saudosa acadêmica Rachel de Queiroz.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO IVO PITANGUY – No dia 9 de junho o Acadêmico Ivo Pitanguy proferiu palestra no Aesthetic Plastic Congress, sobre “The History of

My Life: Aesthetic and Plastic Surgery” e foi relator da Mesa-Redonda sobre Cirurgia da Mama.”

ANO XLVI – N.º 21
Em 13 de julho de 2006

EXPOSIÇÃO GUIMARÃES ROSA 1956 – Realiza-se hoje, dia 13 de julho, quinta-feira, às 17h 30min, a inauguração da exposição “Guimarães Rosa 1956”, na Galeria Manuel Bandeira, no Centro Cultural da Academia.

POSSE DO ACADÊMICO NELSON PEREIRA DOS SANTOS – Realiza-se no dia 17 de julho, segunda-feira, às 21 horas, a posse do Acadêmico eleito Nelson Pereira dos Santos, que será recebido pelo Acadêmico Cícero Sandroni.

CADEIRA N.º 14 – Encontram-se inscritos para concorrer à Cadeira n.º 14, vaga com o falecimento do Acadêmico Miguel Reale, os Srs. Celso Lafer, Marco Aurélio LoMonaco Pereira e Jorge Jaime. Retiraram as candidaturas o Embaixador Dario Castro Alves e o Sr. Gilberto Mendonça Telles. A eleição está marcada para sexta-feira, dia 21 de julho de 2006.

ACADÊMICO LÊDO IVO NA BAHIA – O Acadêmico Lêdo Ivo esteve no começo desta semana em Salvador, a fim de pronunciar no dia 11, a convite da Academia de Letras da Bahia, a conferência inaugural da Semana de Castro Alves, promovida por aquela instituição. Na ocasião, realizou-se uma tarde de autógrafos em torno da mais recente reedição de sua antologia “Melhores poemas de Castro Alves”, da editora Global.

POSSE DO ACADÊMICO ELEITO DOMÍCIO PROENÇA FILHO – Realiza-se no dia 28 de julho, sexta-feira, às 21 horas, a posse do Acadêmico eleito Domício Proença Filho, que será recebido pelo Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara.

HOMENAGEM À ACADÊMICA ZÉLIA GATTAI AMADO – A Academia de Letras da Bahia promoveu segunda-feira última uma grande festa em homenagem à Acadêmica Zélia Gattai Amado, comemorando o transcurso dos seus 90 anos. A Academia Brasileira de Letras foi representada nessa homenagem pelo Acadêmico Lêdo Ivo.

OS ESCRITORES GAÚCHOS – Teve início na terça-feira, dia 11 de julho, às 17h 30min, o 5.º ciclo da programação cultural deste ano, que versa sobre “Os escritores gaúchos”, coordenado pelo Acadêmico Moacyr Scliar. A conferência de abertura foi

proferida pelo Acadêmico Moacyr Scliar sobre “Érico Veríssimo”. As demais conferências se realizarão sempre no mesmo horário, conforme o quadro abaixo:

18/07 – Sergius Gonzaga: “Mário Quintana”
25/07 – Carlos Appel: “Vianna Moog”;
01/08 – Tânia Carvalhal: “Augusto Meyer”.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO IVO PITANGUY – No dia 10 de junho o Acadêmico Ivo Pitanguy participou de procedimentos cirúrgicos “State of the Art” no Aesthetic Plastic Congress. No dia 23 de junho o Acadêmico Ivo Pitanguy foi convidado, como Presidente de Honra, das 16.ª Jornadas Mediterrâneas de Medicina Estética e de Cirurgia Estética, em Montpellier, organizada pela Sociedade Francesa de Medicina Estética, a convite do Dr. Alain Bonnefon. O tema da palestra foi “Body Contouring”.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO HELIO JAGUARIBE – O Acadêmico Helio Jaguaribe profere hoje, em Montevidéu, conferência sobre os problemas do MERCOSUL, atendendo a um convite do Presidente da Comissão de Representantes Permanentes de Mercosul, Dr. Chacho Álvares.

CONCURSO – Foram inscritas 868 redações sobre a Copa do Mundo, num concurso promovido pela Secretaria de Estado de Educação. Foi destinado a estudantes de nível médio. O Acadêmico Arnaldo Niskier coordenou os trabalhos.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO ELEITO DOMÍCIO PROENÇA FILHO – O Acadêmico eleito Domício Proença Filho esteve na Feira Internacional do Livro de Turim, onde participou de mesa-redonda com escritores portugueses, africanos e brasileiros sobre lusofonia e lançou a edição italiana do romance *Capitu – Memórias Póstumas*. Lançou também, de volta ao Brasil, o livro *Concerto a quatro vozes – Poesia brasileira contemporânea*, que organizou para a Editora Record. Concluiu, ainda, a redação do volume *Poesia do Arcadismo*, integrante da série Roteiro da Literatura Brasileira, dirigida por Edla Van Steen, para a Editora Global.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO EDUARDO PORTELLA – O Acadêmico Eduardo Portella encontra-se em Madri, ministrando curso na Universidade Complutense, de Madri.

ANO XLVI – N.º 22
Em 20 de julho de 2006

COMEMORAÇÃO DOS 109 ANOS DE FUNDAÇÃO DA ABL – Comemora-se hoje, dia 20 de julho, os 109 anos de fundação da Academia Brasileira de Letras.

Durante a solenidade serão entregues os seguintes prêmios: o Prêmio Machado de Assis, pelo conjunto da obra, ao escritor César Leal; o Prêmio ABL – Ensaio, Crítica e História Literária ao escritor Per Johns, por *Dioniso Crucificado*; o Prêmio ABL – Poesia ao poeta Ruy Espinheira Filho, por seu livro *Elegias de Agosto e Outros Poemas*, o Prêmio ABL – Ficção ao escritor Edgar Telles Ribeiro, por *Olho de Rei*; o Prêmio ABL – Literatura Infanto-juvenil a Rui de Oliveira, por seu livro *Cartas Lunares*; o Prêmio ABL – Tradução a Geraldo Holanda Cavalcanti pela tradução de *Cânticos dos Cânticos* e o Prêmio ABL – História e Ciências Sociais a Luís Henrique Dias Tavares, por seu livro *Independência do Brasil na Bahia*. O orador da solenidade será o Acadêmico José Sarney.

CADEIRA N.º 14 – Realiza-se amanhã, dia 21, sexta-feira, a eleição para a Cadeira n.º 14, vaga com o falecimento do Acadêmico Miguel Reale. Encontram-se inscritos os Srs. Celso Lafer, Marco Aurélio LoMonaco Pereira e Jorge Jaime.

VISITANTES – A Academia Brasileira de Letras recebeu, a 14 de julho último, a visita da Presidente do Supremo Tribunal Federal, Ministra Ellen Gracie, do Presidente Paulo Skaf, da Federação das Indústrias de São Paulo, do Presidente Frederico Gueiros, do Tribunal Regional Federal, de Fernanda Montenegro, do Ministro Célio Borja, do jornalista Merval Pereira, do Dr. Paulo Almeida e Silva e Sr. e Sra. Rodrigo Lopes. Os visitantes foram recebidos pelos Acadêmicos Marcos Vinícios Vilaça, Cícero Sandroni, Alberto Venancio Filho e Ana Maria Machado.

MEMORIAL DE LÊDO IVO – O Acadêmico Lêdo Ivo vai ter um Memorial em Maceió, sua cidade natal. O “Memorial de Lêdo Ivo” foi criado numa ação conjunta do Conselho de Cultura da Municipalidade de Maceió, da Universidade Federal de Alagoas e da Associação Comercial de Alagoas. O espaço escolhido, e onde já está sendo instalado, é o Palácio da Associação Comercial, que, situado defronte ao mar e com a sua arquitetura da *belle époque*, constitui uma das referências do patrimônio histórico e artístico do Estado. Dentro de algumas semanas, o Memorial será aberto ao público e incluído no roteiro turístico de Alagoas.

POSSE DO ACADÊMICO ELEITO DOMÍCIO PROENÇA FILHO – Ocorrerá, no dia 28 de julho, sexta-feira, às 21 horas, a posse do Acadêmico eleito Domício Proença Filho, que será recebido pelo Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara.

OS ESCRITORES GAÚCHOS – Teve início na terça-feira, dia 11 de julho, às 17h 30min, o 5.º ciclo da programação cultural deste ano, que versa sobre “Os escritores gaúchos”, coordenado pelo Acadêmico Moacyr Scliar. A conferência de abertura foi

proferida pelo Acadêmico Moacyr Scliar sobre “Érico Veríssimo”. As demais conferências se realizarão sempre no mesmo horário, conforme o quadro abaixo:

25/07 – Carlos Appel: Vianna Moog;

01/08 – Carlos Nejar: Augusto Meyer.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO ELEITO DOMÍCIO PROENÇA FILHO – O Acadêmico eleito Domício Proença Filho participou de 12 a 14 do mês em curso, a convite do Ministério das Relações Exteriores, da II Conferência de Intelectuais da África e da Diáspora (CIAO), realizada em Salvador, Bahia, com a presença de inúmeros Chefes de Estado.

MUDANÇAS – No Seminário de Tecnologias Educacionais, realizado no dia 14, o Acadêmico Arnaldo Niskier falou sobre “Avaliação, Tecnologia e Ação: como mudar a educação”. Houve um grande enfoque na inclusão digital.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO EDUARDO PORTELLA – O Acadêmico Eduardo Portella encontra-se em Paris, Presidindo a Reunião do Comitê Caminhos do Pensamento Hoje/UNESCO.

NOTÍCIAS DA ACADÊMICA ANA MARIA MACHADO – A Acadêmica Ana Maria Machado esteve em Florianópolis dia 12, participando da 5.^a Mostra de Cinema Infantil. Debateu com o público sobre sua obra e um curta-metragem a partir de seu livro “Raul da Ferrugem Azul”, de Gabriel Costa. Fez uma palestra na Academia Catarinense de Letras (cujo presidente, prof. Lauro Junkes, a recebeu com muita distinção) sobre Cinema e Literatura nos Filmes para a infância. Dia 18 estará em São João del Rey para fazer uma palestra sobre os “Nomes de Personagens em Guimarães Rosa”, como parte do Inverno Cultural da cidade, a convite da Universidade Federal de São João del Rey.

ANO XLVI – N.º 23

Em 27 de julho de 2006

SEMINÁRIO BRASIL, BRASIS – Realiza-se hoje, dia 27, às 17h 30min, no Teatro R. Magalhães Jr. a mesa-redonda “Música Popular Brasileira: do passado às tendências atuais”. Coordenação do Acadêmico Cícero Sandroni. O expositor será o Acadêmico Antonio Carlos Secchin e os debatedores Ricardo Cravo Albin, Cussy de Almeida, Luís Nassif e Martinho da Vila.

POSSE DO ACADÊMICO ELEITO DOMÍCIO PROENÇA FILHO – Realiza-se, amanhã, dia 28 de julho, sexta-feira, às 21 horas, a posse do Acadêmico eleito Domício Proença Filho, que será recebido pelo Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara.

OS ESCRITORES GAÚCHOS – Teve início na terça-feira, dia 11 de julho, às 17h 30min, o 5.º ciclo da programação cultural deste ano, que versa sobre “Os escritores gaúchos”, coordenado pelo Acadêmico Moacyr Scliar. A conferência de abertura foi proferida pelo Acadêmico Moacyr Scliar sobre “Érico Veríssimo”. A conferência de encerramento, no dia 1.º agosto de 2006, às 17h 30min, estará a cargo do Acadêmico Carlos Nejar que falará sobre Augusto Meyer.

ONZE DÉCADAS – O Acadêmico Marco Maciel apresentou à Mesa Diretora do Senado requerimento para a realização de Sessão Especial, a realizar-se no próximo semestre, para comemorar os 110 anos da Academia Brasileira de Letras. No requerimento, o Acadêmico cita as origens da Academia, seus fundadores e informa que o programa das celebrações alusivas aos 110 anos da instituição está sendo coordenado pelo Presidente Marcos Vilaça e demais membros da diretoria.

SALA DE LEITURA – O Acadêmico Arnaldo Niskier inaugurou, no presídio Elizabeth Sá Rego (Bangu V), a Sala de Leitura Escritor Antonio Torres. Como Secretário de Educação, autorizou a construção de oito escolas de educação básica em presídios fluminenses, para atender a 3 mil presos com educação de qualidade.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO ANTONIO OLINTO – O Acadêmico Antonio Olinto, a convite da Secretaria de Educação da Bahia, falará em Salvador dias 24 e 25 de julho sobre “A Palavra na Língua Portuguesa”.

PRÊMIO MARCANTONIO VILAÇA – A Funarte lançará, a 28 de julho, o Prêmio Marcantonio Vilaça, às 11 horas, no Palácio Gustavo Capanema. O Ministério da Cultura anuncia que, no gênero, é o maior prêmio nacional patrocinado pelo poder público.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO EDUARDO PORTELLA – O Acadêmico Eduardo Portella regressou de Paris, onde se encontrava presidindo a Reunião do Comitê Caminhos do Pensamento Hoje/UNESCO.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO ANTONIO CARLOS SECCHIN – Os Acadêmicos Antonio Carlos Secchin e Ivan Junqueira participam da mesa-redonda “Os poetas”, no X Congresso Internacional da ABRALIC (Associação Brasileira de Literatura

Comparada), no dia 2 de agosto, às 17 horas, na UERJ. O Acadêmico Antonio Carlos Secchin participa na USP, dia 8 de agosto, da banca de doutorado do prof. Ricardo Souza de Carvalho, sobre a presença da Espanha nas obras de João Cabral de Melo Neto e de Murilo Mendes.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO ALBERTO DA COSTA E SILVA – O Acadêmico Alberto da Costa e Silva presidiu as mesas sobre história do II Congresso de Intelectuais da África e da Diáspora, realizada em Salvador, de 12 a 14 de julho.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO ALBERTO VENANCIO FILHO – O Acadêmico Alberto Venancio Filho pronunciou ontem, dia 26 de julho, quarta-feira, uma palestra sobre o jurista Miguel Seabra Fagundes, no Centro rio-grandense-do-norte.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO IVO PITANGUY – No dia 1.º de agosto o Acadêmico Ivo Pitanguy fará uma demonstração cirúrgica de redução mamária – técnica pessoal durante a 25.ª Jornada Carioca de Cirurgia.

ANO XLVI – N.º 24

Em 3 de agosto de 2006

CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DE AGOSTINHO DA SILVA – Realiza-se hoje, dia 3 de agosto, a mesa-redonda comemorando o centenário do nascimento de Agostinho da Silva, coordenada pelo Acadêmico Cícero Sandroni. Participação do Acadêmico Alberto da Costa e Silva e dos Senhores Salim Miguel, Amandio Silva, Sebastião Nery e José Almino de Alencar.

DA ARCA SACRA – Realiza-se hoje, dia 3 de agosto, a partir das 19 horas, no Centro Cultural da Justiça Federal, Av. Rio Branco, 241, o lançamento do livro *Da Arca Sacra*, do Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça.

RAZÃO E ESPIRITUALIDADE – Terá início na terça-feira, dia 8 de agosto, às 17h 30min, o 6.º ciclo da programação cultural deste ano, que versa sobre “Razão e espiritualidade” coordenado pelo Acadêmico Tarcísio Padilha. A conferência de abertura será proferida pelo Monsenhor Urbano Zilles sobre “Racionalidade e espiritualidade”. As demais conferências se realizarão sempre no mesmo horário, conforme o quadro abaixo:

15/08 – Luiz Paulo Horta – Razão e Espiritualidade: uma conversa imemorial

22/08 – Cândido Mendes de Almeida

29/08 – Tarcísio Padilha – Perplexidade epistemológica e sedução da irracionalidade

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO EVANILDO BECHARA – O Acadêmico Evanildo Bechara estará no dia 12 de agosto em Brasília, para participar de uma mesa-redonda na Universidade de Brasília quando falará sobre o tema “Língua-instrumento de opressão ou de emancipação”. No dia 14 de agosto participará de Banca Examinadora de Doutorado na Universidade de São Paulo, quando argüirá a tese “A semântica de Michel Bréal: recontextualização, fortuna crítica e aplicação”, da Professora Márcia Sipavicius Seide.

“VIDA E CULTURA, UMA QUESTÃO DE JUSTIÇA” – No dia 31 de julho, segunda-feira passada, às 19 horas, no Teatro do Centro Cultural da Justiça Federal, foi prestada uma homenagem ao escritor e poeta Antonio Olinto.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO ANTONIO CARLOS SECCHIN – O acadêmico Antonio Carlos Secchin fará o discurso de recepção ao prof. José Luís Jobim no PEN Clube do Brasil, às 18 horas do dia 14 de agosto. No dia 22 de agosto participará, na USP, da jornada em homenagem aos 70 anos do Acadêmico Alfredo Bosi. O Acadêmico Antonio Carlos Secchin foi eleito, também, para integrar o Júri Nacional do Prêmio Literário Portugal Telecom, participará da reunião de escolha dos finalistas em São Paulo, no dia 29 de agosto.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO IVO PITANGUY – No dia 4 de agosto o Acadêmico Ivo Pitanguy participará do 18.º Congresso da “International Society of Aesthetic Plastic Surgery” que terá lugar no Hotel Sofitel, proferindo palestra sobre “Aesthetic Surgery: Personal Recollections, Contributions and some Thoughts”.

MAIS UMA ESCOLA – No próximo dia 9, em Ricardo de Albuquerque, o Acadêmico Arnaldo Niskier irá inaugurar o CIEP Mussum, um dos mais completos da rede escolar fluminense.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO JOSÉ MURILO DE CARVALHO – Em 26 de julho, o Acadêmico José Murilo de Carvalho pronunciou a conferência de abertura do 5.º Encontro Nacional da Associação Brasileira de Ciência Política, realizado em Belo Horizonte, com o título “Virtude e representação, ontem e hoje”.

HOMENAGEM AO ACADÊMICO MARCOS VINÍCIOS VILAÇA – O Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça será homenageado na Academia Paranaense de Letras, em sessão solene, na próxima sexta-feira, 4 de agosto. Será saudado pelo Presidente Túlio Vargas. Na mesma data, participará da inauguração do retrato de Marcantonio Vilaça, na Galeria que tem o seu nome, que é patrocinada pelo Instituto de Altos Estudos de Curitiba.

FESTIVAL INTERNACIONAL DO LIVRO DE FORTALEZA – O Acadêmico Antonio Olinto estará em Fortaleza nos dias 25, 26 e 27 do corrente, para participar do Festival Internacional do Livro da cidade, quando autografará seu volume de poesia mais recente e onde falará sobre “A Palavra, o Livro e a Leitura”.

ANO XLVI – N.º 25
Em 10 de agosto de 2006

SEMINÁRIO BRASIL, BRASIS – Realiza-se hoje, dia 10, às 17h 30min, no Teatro R. Magalhães Jr. a mesa-redonda “A cultura midiática: persuasão e poder?”. Coordenação do Acadêmico Arnaldo Niskier. O expositor será o Acadêmico Domicio Proença Filho e os debatedores Tereza Cruvinel, Merval Pereira, Josias de Souza e José Nêumane.

APOSIÇÃO DE PLACA – Realiza-se amanhã, dia 11 de agosto, às 11 horas, a aposição de uma placa na Travessa do Ouvidor n.º 31, nestes termos: “Neste local, sede da Revista Brasileira, realizou-se no dia 15 de dezembro de 1896 a sessão de fundação da Academia Brasileira de Letras”.

TERCEIRO SETOR – No dia 4 de agosto, em São Paulo, o Acadêmico Arnaldo Niskier coordenou o Seminário sobre o 3.º Setor, tradicionalmente promovido pelo jornal *Gazeta Mercantil*.

“RAZÃO E ESPIRITUALIDADE” – Teve início na terça-feira, dia 8 de agosto, às 17h 30min, o 6.º ciclo da programação cultural deste ano, que versa sobre “Razão e espiritualidade” coordenado pelo Acadêmico Tarcísio Padilha. A conferência de abertura foi proferida pelo Monsenhor Urbano Zilles sobre “Racionalidade e espiritualidade”. As demais conferências se realizarão sempre no mesmo horário, conforme o quadro abaixo:

15/08 – Luiz Paulo Horta – Razão e Espiritualidade: uma conversa imemorial
22/08 – Candido Mendes de Almeida
29/08 – Tarcísio Padilha – Perplexidade epistemológica e sedução da irracionalidade

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO TARCÍSIO PADILHA – O Acadêmico Tarcísio Padilha proferiu conferência sobre “Karol Wojtyla e Joseph Ratzinger – vidas paralelas”, no último dia 28 de julho, a convite da Ordem do Santo Sepulcro de Jerusalém, (Vaticano).

NOTÍCIA DO ACADÊMICO MARCO MACIEL – O Acadêmico Marco Maciel saudou, com discurso no Plenário do Senado Federal, o cinqüentenário de publicação de *Morte e Vida Severina*, do poeta, diplomata e acadêmico João Cabral de Melo Neto. O poema, como lembrou Maciel, trata da pobreza, na circunstância nordestina: “Cinquenta anos depois, a situação no Nordeste melhorou, mas ainda está muito aquém do que poderia. João Cabral, no entanto, não deixa morrer a esperança de um país menos injusto e mais homogênea-mente desenvolvido”.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO DOMÍCIO PROENÇA FILHO – O Acadêmico Domício Proença Filho, a convite do Reitor da Universidade de Caxias do Sul, Professor Isidoro Zorzi, ministrará, no dia 14 de agosto, a aula inaugural da 5.^a turma do programa de Pós-Graduação em Letras e Cultura Regional. Abordará o tema Língua, cultura, literatura.

A ABL NO JÚRI DO PRÊMIO “FUNDAÇÃO BUNGE” – Representando a Academia Brasileira de Letras e o seu Presidente, Marcos Vinícios Vilaça, o Acadêmico Murilo Melo Filho participou, em São Paulo, do Júri que escolheu os dois laureados com o Prêmio “Fundação Bunge 2006”, antigo Moinho Santista: Aracy Abreu Amaral, como Pesquisadora de Museologia e Waldemar Guarnieri, como Técnico na conservação de alimentos.

NISKIER NA ESCOLA SUPERIOR DE GUERRA – Amanhã, dia 11, durante toda a parte da manhã, o Acadêmico Arnaldo Niskier falará na Escola Superior de Guerra sobre “A Universidade Brasileira”. Haverá debate.

“ATUALIDADES DOS ESTUDOS LINGÜÍSTICOS NO BRASIL” – Terá início na terça-feira, dia 5 de setembro, às 17h 30min, o 7.^o ciclo da programação cultural deste ano, que versa sobre “Atualidades dos estudos lingüísticos no Brasil”. Coordenado pelo Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara. A conferência de abertura será proferida por Maria Emília Barcellos da Silva sobre “Cada um fala como é”. As demais conferências se realizarão sempre no mesmo horário, conforme o quadro abaixo:

12/09 – Aryon Dell’Igna Rodrigues: “Os estudos de lingüística indígena no Brasil”

19/09 – Yeda Pessoa de Castro: “Os estudos de lingüística africana no Brasil”

26/09 – Suzana Cardoso: “A dialectologia no Brasil”

ANO XLVI – N.º 26
Em 17 de agosto de 2006

“RAZÃO E ESPIRITUALIDADE” – Teve início na terça-feira, dia 8 de agosto, às 17h 30min, o 6.º ciclo da programação cultural deste ano, que versa sobre “Razão e espiritualidade” coordenado pelo Acadêmico Tarcísio Padilha. A conferência de abertura foi proferida pelo Monsenhor Urbano Zilles sobre “Racionalidade e espiritualidade”. As demais conferências se realizarão sempre no mesmo horário, conforme o quadro abaixo:

22/08 – Candido Mendes de Almeida

29/08 – Tarcísio Padilha – Perplexidade epistemológica e sedução da irracionalidade

O ARTESÃO DA PALAVRA – Será exibido hoje, na Sala José de Alencar, às 17 horas, o DVD “O artesão da palavra”. Trata-se de um documentário feito pelo cineasta Douglas Machado, a respeito da vida e obra do Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO NELSON PEREIRA DOS SANTOS – O Acadêmico Nelson Pereira dos Santos nos dias 10 e 11 do corrente participou do Colóquio Internacional, “Travessias Cinematográficas – Brasil/Itália”, promovido pela UFRJ na Fundação Biblioteca Nacional. Hoje, dia 17 está sendo homenageado no Festival de Gramado. No dia 23 fará na H. Stern, uma palestra sobre “O Cinema e a Imortalidade”, dentro do projeto de conferencistas promovido pela Sra. Ruth Niskier. No dia 25, o Acadêmico Nelson Pereira dos Santos participará da homenagem do CPOR/SP aos ex-alunos que se destacaram profissionalmente.

EDUCARIO – Por iniciativa do Acadêmico Arnaldo Niskier, a Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro ganhou uma revista: *EducaRio*, para ser distribuída aos professores e especialistas do sistema.

“ATUALIDADES DOS ESTUDOS LINGÜÍSTICOS NO BRASIL” – Terá início na terça-feira, dia 5 de setembro, às 17h 30min, o 7.º ciclo da programação cultural deste ano, que versa sobre “Atualidades dos estudos lingüísticos no Brasil”, coordenado pelo Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara. A conferência de abertura será proferida por Maria Emilia Barcellos da Silva sobre “Cada um fala como é”. As demais conferências se realizarão sempre no mesmo horário, conforme o quadro abaixo:

12/09 – Aryon Dell’Igna Rodrigues: “Os estudos de lingüística indígena no Brasil”

19/09 – Yeda Pessoa de Castro: “Os estudos de lingüística africana no Brasil”

26/09 – Suzana Cardoso: “A dialectologia no Brasil”

NOTÍCIAS DA ACADÊMICA ANA MARIA MACHADO – A Acadêmica Ana Maria Machado estará no PEN Club quarta-feira, 16 de agosto, às 17h 30min, para participar da série “Encontro com o escritor”. O debate terá a mediação de Laura Sandroni.

INFORMATIVO – A Biblioteca Rodolfo Garcia, em parceria com o COMUT, Programa de Comutação Bibliográfica, criado pela CAPES e operacionalizado pelo IBICT, está oferecendo aos Acadêmicos e usuários o serviço de reprodução parcial de livros e artigos de periódicos – em formato eletrônico ou em papel –, disponíveis nos acervos das principais bibliotecas brasileiras e em serviços de informações internacionais, participantes da rede. Para solicitar o serviço do COMUT é necessário contatar o Setor de Referência da BRG pelo e-mail brg.referencia@academia.org.br, pelo telefone (21) 3974-2550 ou preencher o formulário de solicitação de cópias via COMUT no Portal da ABL.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO ANTONIO OLINTO – Dia 23 do corrente o Acadêmico Antonio Olinto abrirá uma série de conferências no Memorial Getúlio Vargas, situado na Praça São Sebastião. Tema: “A Era Vargas diante da história”. Às 16 horas.

ENEM – No dia 15, pela manhã, o Acadêmico Arnaldo Niskier realizou palestra na UNIRIO, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, sobre a avaliação do projeto Enem, do MEC. Considerou que tem havido seguidos progressos, na elaboração desses exames oficiais de ensino médio.

ANO XLVI – N.º 27
Em 24 de agosto de 2006

PRÊMIO SENADOR JOSÉ ERMÍRIO DE MORAES – Realiza-se hoje, dia 24 de agosto, às 16 horas a entrega do Prêmio Senador José Ermírio de Moraes ao livro de Maria Lúcia Garcia Pallares-Burke, *Gilberto Freyre, um vitoriano dos trópicos*. O discurso de saudação à premiada, em nome da Academia, será proferido pelo Acadêmico Alberto da Costa e Silva.

GALERIA DOS PRESIDENTES – Realizou-se no dia 21, às 17 horas, a inauguração da Galeria dos Presidentes, na sala de reuniões do Espaço Josué Montello.

VISITANTES – A Academia Brasileira de Letras recebeu, na semana passada, as visitas da atriz Cristiane Torloni, do jornalista Anselmo Góis e do presidente da Academia Pernambucana de Letras, escritor Waldênio Porto.

“RAZÃO E ESPIRITUALIDADE” – Teve início na terça-feira, dia 8 de agosto, às 17h 30min, o 6.º ciclo da programação cultural deste ano, que versa sobre “Razão e espiritualidade” coordenado pelo Acadêmico Tarcísio Padilha. A conferência de abertura foi proferida pelo Monsenhor Urbano Zilles sobre “Racionalidade e espiritualidade”. A conferência de encerramento no mesmo horário será proferida pelo Acadêmico Tarcísio Padilha sobre “Perplexidade epistemológica e sedução da irracionalidade”, no dia 29 de agosto de 2006.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO EVANILDO CAVALCANTE BECHARA – Em homenagem a Antenor Nascentes o Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara falou ontem, dia 23 de agosto, no Congresso de Língua Portuguesa na UERJ sobre o tema “Antenor Nascentes, mestre múltiplo”.

“ATUALIDADES DOS ESTUDOS LINGÜÍSTICOS NO BRASIL” – Terá início na terça-feira, dia 5 de setembro, às 17h 30min, o 7.º ciclo da programação cultural deste ano, que versa sobre “Atualidades dos estudos lingüísticos no Brasil”, coordenado pelo Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara. A conferência de abertura será proferida por Maria Emília Barcellos da Silva sobre “Cada um fala como é”. As demais conferências se realizarão sempre no mesmo horário, conforme o quadro abaixo:

12/09 – Aryon Dell’Igna Rodrigues: “Os estudos de lingüística indígena no Brasil”

19/09 – Yeda Pessoa de Castro: “Os estudos de lingüística africana no Brasil”

26/09 – Suzana Cardoso: “A dialectologia no Brasil”

NOTÍCIAS DA ACADÊMICA ANA MARIA MACHADO – A Acadêmica Ana Maria Machado esteve em Fortaleza de 18 a 21 do corrente, participando da Bial Internacional do Livro do Ceará, onde teve um encontro com leitores no Café Literário sobre o livro *Palavra de Honra*. Aproveitando a oportunidade, fez uma palestra sobre “A importância da leitura”, no V Congresso Amigos da Leitura, patrocinado pela Fundação Demócrito Rocha e pela UNICEF.

CENTRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA – A convite do Prof. Ives Gandra Martins, o Acadêmico Arnaldo Niskier falará em São Paulo, no dia 25, sobre “Rumos da Educação”. Será no Centro de Extensão Universitária.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO ANTONIO CARLOS SECCHIN – No dia 27 de agosto, às 14h, na Faculdade de Letras da UFRJ, o Acadêmico Antonio Carlos Secchin participa, na condição de orientador, da defesa de tese de Olga de Jesus Santos, intitulada “A consagração literária: o exemplo de Machado de Assis”.

CELEBRAÇÕES EM PERNAMBUCO – O Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça cumprirá na última semana do mês programação cultural no Recife. Na segunda-feira faz palestra no Rotary Clube do Recife – Centro, o mais antigo do Nordeste, quando também receberá a “Medalha de Honra ao Mérito”. Na terça-feira, na Fábrica Cultural Tacaruna preside o lançamento do livro de arte *A Invenção do Mundo*, sobre a Coleção Marcantonio Vilaça e editado pelo Banco Real. Na quarta-feira participa na Oficina Cerâmica Brennand do festival de anúncio dos ganhadores do Prêmio CNI/SESI Marcantonio Vilaça de Artes Plásticas, quando será também homenageado.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO HELIO JAGUARIBE – O Acadêmico Helio Jaguaribe lançou no dia 21, no Instituto Rio Branco, o seu último livro, *Urgências e Perspectivas do Brasil*, publicado pela coleção Rio Branco. No mesmo dia, a convite do Instituto, proferiu conferência sob o título “América Latina e América do Sul, na atual conjuntura Internacional”, para um grupo de diplomatas sul-americanos.

ANO XLVI – N.º 28
Em 31 de agosto de 2006

CONSELHO DOS SECRETÁRIOS DE EDUCAÇÃO DO BRASIL – A Academia Brasileira de Letras recebe hoje às 17h30min, no Salão Nobre do *Petit Trianon*, o Conselho dos Secretários de Educação do Brasil.

SESSÃO ANTECIPADA – A sessão da próxima semana será antecipada para o dia 6, quarta-feira, em virtude do feriado de 7 de setembro.

“ATUALIDADES DOS ESTUDOS LINGÜÍSTICOS NO BRASIL” – Terá início na terça-feira, dia 5 de setembro, às 17h 30min, o 7.º ciclo da programação cultural deste ano, que versa sobre “Atualidades dos estudos lingüísticos no Brasil”, coordenado pelo Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara. A conferência de abertura será proferida por Maria Emília Barcellos da Silva sobre “Cada um fala como é”. As demais conferências se realizarão sempre no mesmo horário, conforme o quadro abaixo:

12/09 – Aryon Dell’Igna Rodrigues: “Os estudos de lingüística indígena no Brasil”
19/09 – Yeda Pessoa de Castro: “Os estudos de lingüística africana no Brasil”
26/09 – Suzana Cardoso: “A dialectologia no Brasil”

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO ANTONIO CARLOS SECCHIN – No dia 15 de setembro, às 11h, dará palestra sobre sua obra poética em Seminário organizado

pelos alunos da Faculdade de Letras da UFRJ. No dia 16, às 19h, vai proferir a conferência “O processo de criação poética” no Congresso de Arte e Psicanálise da Escola Lacaniana do Rio de Janeiro, na PUC. No dia 18, às 18h, falará sobre “Poesia: escuta e escrita” na abertura de “LiterAmérica – II Feira Sul-Americana do Livro”, em Cuiabá.

VISITANTES – A Academia Brasileira de Letras recebeu, na semana passada, as visitas do Dr. José Sergio Gabrielli, Presidente da Petrobrás; Dr. Wilson Santa Rosa, Diretor da Petrobras; Carlos Ivan Simonsen, Presidente da Fundação Getúlio Vargas; Irapoan Cavalcanti, Diretor da Fundação Getúlio Vargas; Embaixador Marcílio Marques Moreira, Dr. Hubert Alquères, Presidente da Imprensa Oficial de São Paulo; Professora Cecília Schachach, Diretora da Imprensa Oficial de São Paulo, escritor Zuenir Ventura, Jornalistas Luciano Suassuna, da Revista *Isto é* e a Jornalista Mirian Guaraciaba, Assessora de Imprensa da Petrobras, Empresários Julio Fontana, Rubio Fernal e Rodrigo Vilaça.

ANIVERSÁRIO NATALÍCIO DO ACADÊMICO PAULO COELHO – Comemorou-se no dia 24 do corrente o aniversário natalício do Acadêmico Paulo Coelho, que ocupa a Cadeira n.º 21 do Quadro dos Membros Efetivos.

ARIANO E DIAS GOMES – No próximo dia 1.º de setembro, o Acadêmico Arnaldo Niskier estará em Curitiba. Falará a um grupo de secundaristas sobre *O Santo e a Porca* (Ariano Suassuna) e *O Pagador de Promessas* (Dias Gomes).

ANIVERSÁRIO NATALÍCIO DO ACADÊMICO ALFREDO BOSI – Comemorou-se no dia 26 do corrente o aniversário natalício do Acadêmico Alfredo Bosi, que ocupa a Cadeira n.º 12 do Quadro dos Membros Efetivos.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO IVO PITANGUY – No dia 1 de setembro, às 9h 30min o Acadêmico Ivo Pitanguy participará do 44.º Congresso Científico do Hospital Universitário Pedro Ernesto, fazendo palestra sobre Rejuvenescimento Facial. No mesmo dia, às 18 horas, o Acadêmico Ivo Pitanguy será homenageado com o título “O Homem que fez a História da Cirurgia Plástica” durante Simpósio Internacional de Mastologia a realizar-se no Windsor Barra Hotel. Na ocasião falará sobre a Cirurgia das Deformidades da Glândula Mamária.

NOTÍCIAS DA ACADÊMICA ANA MARIA MACHADO – A Acadêmica Ana Maria Machado lançou dia 25, *O Menino e o Maestro*, um novo livro para crianças, no Salão do Livro Infantil. Dia 26, participou de um debate com a professora Regina Zilberman sobre clássicos e literatura infantil, no Espaço de Leitura do

MAM. E, no dia 29, foi homenageada com uma mesa-redonda reunindo a crítica Laura Sandroni e a Dr.^a Neide Medeiros Santos, da Universidade Federal da Paraíba, sobre seus dois livros premiados este ano: *O Cavaleiro dos Sonhos* e *Procura-se Lobo*.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO EVANILDO CAVALCANTE BECHARA – No dia 30, em Brasília, na 25.^a Feira do Livro o Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara falou sobre “A língua na vertente da leitura”.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO JOSÉ MURILO DE CARVALHO – O Acadêmico José Murilo de Carvalho abriu com uma conferência e coordenou o seminário internacional Nação e Cidadania no Oitocentos, realizado nos dias 23 e 25 de agosto na Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

ANO XLVI – N.º 29
Em 6 de setembro de 2006

“ATUALIDADES DOS ESTUDOS LINGÜÍSTICOS NO BRASIL” – Teve início na terça-feira, dia 5 de setembro, às 17h 30min, o 7.º ciclo da programação cultural deste ano, que versa sobre “Atualidades dos estudos lingüísticos no Brasil”, coordenado pelo Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara. A conferência de abertura foi proferida por Maria Emilia Barcellos da Silva sobre “Cada um fala como é”. As demais conferências se realizarão sempre no mesmo horário, conforme o quadro abaixo:

12/09 – Aryon Dell’Igna Rodrigues: “Os estudos de lingüística indígena no Brasil”
19/09 – Yeda Pessoa de Castro: “Os estudos de lingüística africana no Brasil”
26/09 – Suzana Cardoso: “A dialectologia no Brasil”

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO IVO PITANGUY – Do dia 7 ao dia 9 de setembro o Acadêmico Ivo Pitanguy participará como Presidente de honra do 19.º Congresso da Sociedade Alemã de Cirurgia Estética, na cidade de Heidelberg, quando será nomeado membro honorário da entidade. Fará conferências sobre: My contribution to aesthetic surgery of the breast e Social Aspects of Plastic Surgery. Durante o Congresso o Professor Pitanguy será homenageado pelos cirurgiões alemães no Castelo de Heidelberg.

SEMINÁRIO BRASIL, BRASIS – Realiza-se no dia 14 de setembro às 17h 30min, no Teatro R. Magalhães Jr., a mesa-redonda “Desenvolvimento regional: impasses, realizações, conseqüências e impactos socioculturais”. Coordenação do Acadêmico

Affonso Arinos de Mello Franco. O expositor será Eros Grau e os debatedores Clóvis Cavalcanti, Eduardo Eugênio Gouvêa Vieira, Roberto Cavalcanti de Albuquerque e Wilson Cano.

LIVRO EM CENA – A convite do Colégio Decisivo estiveram em Curitiba, no dia 2 de setembro, participando da terceira edição do Livro em Cena, as Acadêmicas Lygia Fagundes Telles e Nélida Piñon e os Acadêmicos Arnaldo Niskier e Cícero Sandroni. Na ocasião falaram sobre as obras indicadas para o processo seletivo da UFPR. O objetivo do evento é motivar os estudantes para a leitura.

LITERATURA E MÚSICA DE CÂMARA – Realiza-se no próximo dia 15 de setembro, sexta-feira, às 17h 30min, no Teatro R. Magalhães Júnior, o 2.º concerto da série Literatura e Música de Câmara na ABL: Horácio Schaeffer (viola) e Luciano Magalhães (piano) interpretam Schostakovich – Sonata para viola e piano op. 147, Liszt – Funerais e Shumann – Märchenbilder para viola e piano, op. 113.

NOTÍCIAS DA ACADÊMICA ANA MARIA MACHADO – A Acadêmica Ana Maria Machado fez a conferência inaugural do II Encontro “Formação de Leitores e Literatura Infantil”, dia 1/9 em São Paulo, patrocinado pela Cor da Letra. O tema foi: A importância da literatura na formação dos professores.

ANIVERSÁRIO NATALÍCIO DO ACADÊMICO JOSÉ MURILO DE CARVALHO – Comemora-se no próximo dia 8 de setembro o aniversário natalício do Acadêmico José Murilo de Carvalho, que ocupa a Cadeira n. 5 do Quadro dos Membros Efetivos.

ANIVERSÁRIO NATALÍCIO DO ACADÊMICO ELEITO JOSÉ MINDLIN – Comemora-se no próximo dia 8 de setembro o aniversário natalício do Acadêmico eleito José Mindlin, que ocupa a Cadeira n. 29 do Quadro dos Membros Efetivos.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO ANTONIO CARLOS SECCHIN – O Acadêmico Antonio Carlos Secchin foi eleito para integrar o Júri Final do Prêmio Portugal Telecom, que em novembro escolherá a melhor obra (de poesia ou de ficção) publicada no país em 2005.

ABL NO CONVÊNIO DA LITERATURA COM A EDUCAÇÃO – Os ministros Gilberto Gil e Fernando Haddad, da Cultura e da Educação, assinaram na semana passada um convênio entre as suas pastas para agilizar a colaboração recíproca nas áreas literária e educacional. A ABL e o Presidente Marcos Vilaça estiveram representados no ato pelo Acadêmico Murilo Melo Filho.

INCLUSÃO DIGITAL – Em reunião do CONSEED (Conselho dos Secretários de Educação do Brasil), o Acadêmico Arnaldo Niskier falou sobre “Inclusão Digital”, citando como conquista a TV Digital, que começará a funcionar em 2007. A reunião, que contou com 27 Secretários de Estado de Educação, foi realizada no dia 1.º de setembro, no Rio.

ANO XLVI – N.º 30

Em 14 de setembro de 2006

“ATUALIDADES DOS ESTUDOS LINGÜÍSTICOS NO BRASIL” – Teve início na terça-feira, dia 5 de setembro, às 17h 30min, o 7.º ciclo da programação cultural deste ano, que versa sobre “Atualidades dos estudos lingüísticos no Brasil”, coordenado pelo Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara. A conferência de abertura foi proferida por Maria Emília Barcellos da Silva sobre “Cada um fala como é”. As demais conferências se realizarão sempre no mesmo horário, conforme o quadro abaixo:

12/09 – Aryon Dell’Igna Rodrigues: “Os estudos de lingüística indígena no Brasil”

19/09 – Yeda Pessoa de Castro: “Os estudos de lingüística africana no Brasil”

26/09 – Suzana Cardoso: “A dialectologia no Brasil”

LANÇAMENTO DE NOVAS PUBLICAÇÕES DA ABL – Realiza-se no dia 21 de setembro, quinta-feira, às 17h 30min, no *Petit Trianon* o lançamento de *Dom Lucas Moreira Neves – Entrevista a François Vayne, O Ocaso do Império*, de Oliveira Vianna, *Herberto Sales e a Gênese de Cascelho*, de Fernando Sales, *A Língua Portuguesa na Revista Brasileira – Tomo II, Revista Brasileira – n.º 46 – jan-mar/2006, Revista Brasileira – n.º 47 – abril-jun./2006*.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO IVO PITANGUY – De 29 a 30 de Setembro o Acadêmico Ivo Pitanguy foi convidado para proferir a Conferência Magistral sobre a Evolução da Redução Mamária durante V Curso de Cirurgia Plástica y Estética, que terá lugar em Madrid. Durante o Curso participará também de mesas-redondas sobre Ptosis Mamárias e Redução Mamária.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO AFFONSO ARINOS – O Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco representou a Academia Brasileira de Letras na cerimônia comemorativa dos 90 anos da ilustre professora Cleonice Berardinelli, grande mestra da Língua e da Literatura Portuguesa e Brasileira, realizada a 28 de agosto, no Real Gabinete Português de Leitura.

TRANSCENDÊNCIA – No Mosteiro de São Bento, todos os bispos do Rio de Janeiro tiveram um encontro com o Secretário de Educação, Acadêmico Arnaldo Niskier, para ouvir a forma democrática com que está sendo desenvolvida a educação religiosa. O Cardeal D. Euzébio Scheidt comentou, na ocasião, que os caminhos pedagógicos devem levar ao perfeito entendimento do que seja transcendência, ou seja, a crença e a fé na existência de um Deus único e Todo-Poderoso.

SEMINÁRIO BRASIL, BRASIS – O Seminário Brasil, brasis que teve início no dia 20 de abril, às 17h 30min, na Sala José de Alencar, realizar-se-á no decorrer de 2006, no mesmo horário, conforme o quadro abaixo:

05 de outubro: Ciência e literatura: convergências e divergências;

09 de novembro: Arquitetura e urbanismo como expressão artística e bem-estar social;

23 de novembro: A arte contemporânea em debate: os caminhos do conceito e do gosto.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO NELSON PEREIRA DOS SANTOS – No dia 8 de setembro recebeu o Diploma de Excelência da Casa do Rio Branco pela sua extraordinária contribuição à projeção da cultura brasileira no exterior. Recebeu o diploma, no ato solene de reintegração pós-morte do diplomata Vinicius de Moraes como Embaixador do Brasil, no Palácio do Itamaraty, RJ.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO EVANILDO BECHARA – No dia 13 de setembro esteve na PUC de São Paulo para fazer uma palestra aos alunos de Mestrado e Doutorado de Letras da PUC e, na parte da tarde, foi entrevistado para o projeto “Primeira Pessoa do Singular” com a equipe da Historiografia Lingüística.

NOVA ESCOLA – Será inaugurada no próximo dia 29, às 11h, no Complexo Penitenciário de Bangu, a Escola Estadual Oscar Dias Corrêa, homenagem que a Secretaria de Estado de Educação presta ao grande acadêmico e homem público.

LANÇAMENTO – A Acadêmica Ana Maria Machado lançará amanhã, dia 15 de setembro, o livro *Romântico, Sedutor e Anarquista – Como e Por Que Ler Jorge Amado Hoje*. Na Fundação Casa de Jorge Amado às 18h.

ANO XLVI – N.º 31
Em 21 de setembro de 2006

“ATUALIDADES DOS ESTUDOS LINGÜÍSTICOS NO BRASIL” – Teve início na terça-feira, dia 5 de setembro, às 17h 30min, o 7.º ciclo da programação cultural

deste ano, que versa sobre “Atualidades dos estudos lingüísticos no Brasil”, coordenado pelo Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara. A conferência de abertura foi proferida por Maria Emilia Barcellos da Silva sobre “Cada um fala como é”. A conferência de encerramento será proferida no dia 26, no mesmo horário, por Suzana Cardoso e versará sobre “A dialectologia no Brasil”.

LANÇAMENTO DE NOVAS PUBLICAÇÕES DA ABL – Realiza-se no dia 21 de setembro, quinta-feira, às 17h 30min, no *Petit Trianon* o lançamento de *Dom Lucas Moreira Neves – Entrevista a François Vayne*; *O Ocaso do Império*, de Oliveira Vianna; *Herberto Sales e a Gênese de Cascalho*, de Fernando Sales; *A Língua Portuguesa na Revista Brasileira – Tomo II*; *Discursos Acadêmicos – Tomo II – 1920-1935*; *Revista Brasileira – n.º 46 – jan-mar/2006*, *Revista Brasileira – n.º 47 – abril-jun./2006*.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO NELSON PEREIRA DOS SANTOS – No dia 11 de setembro o Acadêmico Nelson Pereira dos Santos fez palestra em Salvador, no Seminário sobre Castro Alves na Universidade Federal da Bahia, dentro dos eventos organizados para a XXXIV Jornada Internacional de Cinema.

VISITANTES – A ABL recebeu, no dia 15 de setembro, as visitas do Prefeito César Maia, do Presidente do PEN Clube, escritor Geraldo Holanda Cavalcanti, do Ministro do Tribunal de Contas da União, Ubiratan Aguiar, da Jornalista Cláudia Nina e dos atores Mauro Mendonça e Rosa Maria Murtinho. Foram acolhidos pelos Acadêmicos Cícero Sandroni, Alberto da Costa e Silva e o Presidente Marcos Vinícios Vilaça.

SEMINÁRIO BRASIL, BRASIS – O Seminário Brasil, brasis que teve início no dia 20 de abril, às 17h 30min, na Sala José de Alencar, realizar-se-á no decorrer de 2006, no mesmo horário, conforme o quadro abaixo:

05 de outubro: Ciência e literatura: convergências e divergências;
09 de novembro: Arquitetura e urbanismo como expressão artística e bem-estar social;
23 de novembro: A arte contemporânea em debate: os caminhos do conceito e do gosto.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO MARCOS VINÍCIOS VILAÇA – O Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça passou a integrar o Conselho Consultivo da Fundação Luso-Americana, sediada em Lisboa, que se dedica à difusão da Língua Portuguesa.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO EVANILDO BECHARA – O Acadêmico Evanildo Bechara estará, do dia 9 a 12 de outubro, numa Banca Examinadora de seleção de professores candidatos a vaga de Adjunto da Faculdade de Letras da Universidade de São Paulo.

BRASIL E CUBA – O jornalista Edmílson Caminha, depois de longa pesquisa, ofereceu à ABL o livro *Brasil e Cuba – Modos de Ver, Maneiras de Sentir* (Editora Thesaurus). Entre os estudos a que se refere está o trabalho do Acadêmico Arnaldo Niskier sobre a educação cubana, que ele pesquisou *in loco*.

MEDALHA PRESIDENTE JUSCELINO KUBITSCHEK – O Acadêmico Nelson Pereira dos Santos recebeu a Medalha Presidente Juscelino Kubitschek, no dia 12 de setembro, concedida pelo Governador Aécio Neves, na Praça JK em Diamantina/MG.

NOTÍCIAS DA ACADÊMICA NÉLIDA PIÑON – A TVG, televisão espanhola, produziu o documentário: *Sherezade em Galícia: as verbas de Nélide Piñon*, sobre a vida e a obra da Acadêmica, com direção de Valentín Carrera. A gravação se completará este verão no Brasil.

ANO XLVI – N.º 32
Em 28 de setembro de 2006

O POSTO DO HOMEM NO COSMOS – Realiza-se hoje, dia 28 de setembro, a mesa-redonda de apresentação do livro *O Posto do Homem no Cosmos*, do Acadêmico Helio Jaguaribe, sob a coordenação do Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça. O cosmólogo Luiz Bevilacqua, o Acadêmico Tarcísio Padilha, o editor Fernando Gasparian e o autor farão comentários sobre o livro e o tema.

“CAMINHOS DA TRADUÇÃO POÉTICA” – Terá início na terça-feira, dia 3 de outubro, às 17h 30min, o 8.º ciclo da programação cultural deste ano, que versa sobre “Caminhos da tradução poética”, coordenado pelo Acadêmico Antonio Carlos Secchin. A conferência de abertura será proferida pelo Acadêmico Ivan Junqueira sobre “A poesia é traduzível?” As demais conferências se realizarão sempre no mesmo horário, conforme o quadro abaixo:

10/10 – Leonardo Fróes: “A magia e os nós da tradução”;

17/10 – Paulo Henrique Britto: “A formação de um tradutor de poesia”;

24/10 – Geraldinho Carneiro: “Shakespeare, uma alegria para sempre”.

SEMINÁRIO *BRASIL, BRASIS* – Realiza-se no dia 5 de outubro às 17h 30min, no Teatro R. Magalhães Jr., a mesa-redonda “Ciência e literatura: convergência e divergência”. Coordenação geral do Presidente da ABL, Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça; Coordenação do Acadêmico Ivan Junqueira. O expositor será o Acadêmico Moacyr Scliar e os debatedores José Israel Vargas, Marcelo Gleiser e Silvio Meira.

MOSTRA CINEMA E LITERATURA – O Festival do Rio 2006 em parceria com a Academia Brasileira de Letras realizam no dia 2 de outubro a Mostra Cinema e Literatura. Constam da programação 10 filmes curta-metragem dirigidos por Fernando Sabino e David Neves sobre personalidades da nossa literatura. Haverá debate com o mundo acadêmico, universidades e escolas de ensino médio.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO NELSON PEREIRA DOS SANTOS – O Acadêmico Nelson Pereira dos Santos está presidindo de 21 de setembro a 5 de outubro o júri oficial do Festival Internacional de Cinema do Rio de Janeiro. No dia 23 de setembro recebeu o Prêmio Internacional de Cinema pelo conjunto de sua obra da Fondazione Libero Bizzari – Trento/Itália.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO SÁBATO MAGALDI – A Editora Perspectiva de São Paulo acaba de publicar *Teatro Sempre*, o 15.º livro do Acadêmico Sábato Magaldi. O volume reúne 29 capítulos assinalando-se os que tratam de Artur Azevedo, o Ginásio Dramático, Corpo-Santo, o Teatro Brasileiro no Século XX, Oswald de Andrade, Nelson Rodrigues, Silveira Sampaio, Augusto Boal, Plínio Marcos e dos acadêmicos Rachel de Queiroz, Ariano Suassuna, João Cabral de Melo Neto e Dias Gomes.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO AFFONSO ARINOS DE MELO FRANCO – O Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco está sendo agraciado hoje, dia 28 de setembro, pelo Ministério das Relações Exteriores, com a Medalha Prêmio por 50 anos de Serviço Público.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO DOMÍCIO PROENÇA FILHO – O Acadêmico Domício Proença Filho entregou à Editora Global os originais da seleção de poemas, com estudo crítico, intitulada *O Arcadismo*, integrante da coleção *Roteiros da Poesia Brasileira*, organizada pela escritora Edla Van Steen. Pronunciou, no Colégio Pedro II, palestra sobre Mário Quintana. Teve publicada na imprensa de Caxias do Sul, RS, ampla entrevista sobre a Academia. Participou de banca de Mestrado na Faculdade de Letras da UFRJ, que examinou a tese de Cristiane Mandanêlo de Oliveira *Brincando de desconsertar o mundo: um olhar sobre a produção para crianças de Ana Maria Machado*.

EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA – O Acadêmico Arnaldo Niskier esteve ontem em Curitiba, a convite do IESDE (Inteligência Educacional e Sistemas de Ensino). Fez um debate sobre “O futuro da educação a distância no Brasil.”

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO ANTONIO CARLOS SECCHIN – O Acadêmico Antonio Carlos Secchin participará, de 4 a 8 de outubro, da Feira Internacional do Livro, em Frankfurt. Vai atuar em mesa-redonda que discutirá a situação do livro no Brasil.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO ALFREDO BOSI – O Acadêmico Alfredo Bosi encontra-se na França onde deverá permanecer até o final de novembro.

ANO XLVI – N.º 33
Em 5 de outubro de 2006

SEMINÁRIO *BRASIL, BRASIS* – Realiza-se hoje, dia 5 de outubro, às 17h 30min, no Teatro R. Magalhães Jr., a mesa-redonda “Ciência e literatura: convergências e divergências”. Coordenação geral do Presidente da ABL, Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça; Coordenação do Acadêmico Ivan Junqueira. O expositor será o Acadêmico Moacyr Scliar e os debatedores Marcelo Gleiser e Silvio Meira.

POSSE DO ACADÊMICO JOSÉ E. MINDLIN – Realiza-se na próxima terça-feira, dia 10 do corrente, a posse do Acadêmico eleito José E. Mindlin na Cadeira n.º 29, vaga com o falecimento do Acadêmico Josué Montello. O Colar será apostado pela Acadêmica Ana Maria Machado, o Diploma pelo Acadêmico Helio Jaguaribe e a espada pelo Decano da Academia.

“CAMINHOS DA TRADUÇÃO POÉTICA” – Teve início na terça-feira, dia 3 de outubro, às 17h 30min, o 8.º ciclo da programação cultural deste ano, sobre “Caminhos da tradução poética”, coordenado pelo Acadêmico Antonio Carlos Secchin. A conferência de abertura foi proferida pelo Acadêmico Ivan Junqueira sobre “A poesia é traduzível?” As demais conferências se realizarão sempre no mesmo horário, conforme o quadro abaixo:

09/10 – Leonardo Fróes: “A magia e os nós da tradução”;
17/10 – Paulo Henrique Britto: “A formação de um tradutor de poesia”;
24/10 – Geraldinho Carneiro: “Shakespeare, uma alegria para sempre”.

ANIVERSÁRIO NATALÍCIO – Comemora-se no dia 8, domingo próximo, o aniversário natalício do Acadêmico Eduardo Portella, que ocupa a Cadeira n. 27 do Quadro dos Membros Efetivos.

COMUNICAÇÃO DA ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA – A Academia das Ciências de Lisboa se fará presente ao encontro com a Academia Brasileira de Letras, em outubro próximo, com comunicações de Pina Martins, Adriano Moreira, Antonio Farinha, Mário Soares, Brás Teixeira e Agustina Bessa-Luis. As reuniões serão em Lisboa. A Universidade de Coimbra também receberá a Academia Brasileira de Letras em reunião a ser conduzida pelo Reitor Fernando Santos e pronunciamento do Prof. Aníbal Pinto de Castro.

CENTENÁRIO DE NASCIMENTO – Comemora-se hoje, cinco de outubro, o centenário de nascimento de Cyro dos Anjos, que ocupou a Cadeira n. 24 do Quadro dos Membros Efetivos.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO EDUARDO PORTELLA – O Diretor-Geral da UNESCO, Embaixador Kochiro Matzura, acaba de constituir o comitê do *World Report* sobre diversidade cultural, tendo entre os seus nomes Claude Lévi-Strauss, Clifford Geertz, Milan Kundera, Umberto Eco e Eduardo Portella.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO ALBERTO VENANCIO FILHO – O Acadêmico Alberto Venancio Filho participou na Faculdade de Direito da Universidade Federal de Minas Gerais, em Belo Horizonte, do lançamento do volume *Memória do Cinquentenário da Revista Brasileira de Estudos Políticos*, publicação de alto nível no campo das ciências sociais e editada nesses cinquenta anos com periodicidade regular. Colaboram no volume em homenagem aos diretores Orlando Magalhães Carvalho e Raul Machado Horta os Acadêmicos José Murilo de Carvalho e Alberto Venancio Filho.

CCS – Na próxima reunião do Conselho de Comunicação Social do Congresso Nacional, presidido pelo Acadêmico Arnaldo Niskier, o Ministro Gilberto Gil, a convite, falará sobre “Os progressos brasileiros na inclusão digital”. Será no dia 9 de outubro.

ABL NA SESSÃO SOLENE DO STF REALIZADA NO RIO – A Academia Brasileira de Letras e o seu Presidente, Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça foram representados pelo Acadêmico Murilo Melo Filho na sessão solene do Supremo Tribunal Federal, realizada em sua antiga sede da Av. Rio Branco, no Rio de

Janeiro, com a presença de todos os seus Ministros. Estiveram presentes também os Acadêmicos Arnaldo Niskier e Alberto Venancio Filho.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO IVO PITANGUY – De 6 a 8 de outubro, será realizada no Rio de Janeiro a XV reunião da Associação dos Ex-Alunos do Professor Pitanguy. Na ocasião, o Acadêmico Ivo Pitanguy fará conferência sobre: “Das dificuldades do aprender às alegrias do ensinar”. Nos dias 9 e 10 do corrente o Acadêmico Ivo Pitanguy estará em Belo Horizonte, participando das comemorações dos 50 anos do lançamento do livro *Encontro Marcado* do escritor Fernando Sabino. Na ocasião fará uma palestra sobre o amigo de juventude Fernando Sabino.

ANO XLVI – N.º 34
Em 11 de outubro de 2006

“CAMINHOS DA TRADUÇÃO POÉTICA” – Teve início na terça-feira, dia 3 de outubro, às 17h 30min, o 8.º ciclo da programação cultural deste ano, sobre “Caminhos da tradução poética”, coordenado pelo Acadêmico Antonio Carlos Secchin. A conferência de abertura foi proferida pelo Acadêmico Ivan Junqueira sobre “A poesia é traduzível?”. As demais conferências se realizarão sempre no mesmo horário, conforme o quadro abaixo:

17/10 – Paulo Henrique Britto: “A formação de um tradutor de poesia”;
24/10 – Geraldinho Carneiro: “Shakespeare, uma alegria para sempre”.

ANIVERSÁRIO NATALÍCIO DO ACADÊMICO MURILO MELO FILHO – Comemora-se no dia 13, sexta-feira, o aniversário natalício do Acadêmico Murilo Melo Filho, que ocupa a Cadeira n.º 20 do Quadro dos Membros Efetivos.

COMUNICAÇÃO DA ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA – A Academia das Ciências de Lisboa se fará presente ao encontro com a Academia Brasileira de Letras, em outubro próximo, com comunicações de Pina Martins, Adriano Moreira, Antonio Farinha, Mário Soares, Brás Teixeira e Agustina Bessa-Luís. As reuniões serão em Lisboa. A Universidade de Coimbra também receberá a Academia Brasileira de Letras em reunião a ser conduzida pelo Reitor Fernando Santos e pronunciamento do Prof. Aníbal Pinto de Castro.

DOAÇÃO ÀS BIBLIOTECAS – O Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça doou à Biblioteca do Tribunal de Contas da União todo o seu acervo particular de livros de Direito, e os de História à Biblioteca da Escola Marcantonio Vilaça, a instituição de ensino mais moderna da Amazônia.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO EVANILDO CAVALCANTE BECHARA – O Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara esteve em São Paulo, no dia 2 de outubro, numa mesa-redonda com professores da Unicamp e de Araraquara para discutir o tema “Gramáticas e gramáticos da atualidade brasileira”.

A EDUCAÇÃO E O FUTURO – No próximo dia 19, de 10 às 12 horas, o Acadêmico Arnaldo Niskier fará uma palestra para oficiais do Corpo de Bombeiros (Quartel Central) sobre “A Educação e o Futuro.”

CONFERÊNCIA SOBRE AS BIBLIOTECAS DA ABL – A convite do Conselho Estadual de Cultura, presidido por Ricardo Cravo Albin, o Acadêmico Murilo Melo Filho pronunciou ali uma conferência sobre as Bibliotecas da ABL, das quais é diretor. Estavam presentes os acadêmicos Ivan Junqueira e Antônio Olinto, membros do Conselho.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO IVO PITANGUY – No dia 19 de outubro o Acadêmico Ivo Pitanguy fará a conferência de abertura, da I.ª Jornada Científica do Hospital Central do Exército – Divisão de Ensino e Pesquisa Médica e Serviço de Cirurgia Plástica, falando sobre A Beleza e o Tempo. No dia 20 de outubro participará, na qualidade de homenageado de honra, do VIII Evento Internacional de Rinoplastia organizado pela Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica Regional DF. Fará uma palestra sobre: Rinoplastia – Introdução ao Tema. Durante a solenidade oficial de abertura será concedido ao Acadêmico Ivo Pitanguy o título de Cidadão Honorário de Brasília.

NOTÍCIAS DA ACADÊMICA NÉLIDA PIÑON – A peça baseada no livro da Acadêmica Nélide Piñon *A Força do Destino*, encerrou com grande sucesso de público a temporada, domingo passado, no Centro Cultural Telemar.

SEMINÁRIO NA ACADEMIA PORTUGUESA DE HISTÓRIA – O Acadêmico Helio Jaguaribe vai representar a Academia na Academia Portuguesa de História, em seminário a se realizar de 2 a 5 novembro, em Lisboa, sobre o tema Ibero – América.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO EDUARDO PORTELLA – O Acadêmico Eduardo Portella fez a conferência de abertura do Conselho de Ética, sob o tema “Ciência e Ética”, do Hospital Universitário da UFRJ.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO DOMÍCIO PROENÇA FILHO – O Acadêmico Domício Proença Filho participou, em Belo Horizonte, representando a Academia,

da mesa-redonda promovida pela Academia Mineira de Letras sobre “*Grande sertão: Veredas*: 50 anos de publicação”, ocasião em que falou do tema “Espaços do *Grande Sertão: Veredas*”.

ERA DIGITAL – No próximo dia 20, às 14 horas, o Acadêmico Arnaldo Niskier fará conferência na Escola da Magistratura do Rio de Janeiro (EMERJ) sobre “Educação nos tempos de violência”.

ANO XLVI – N.º 35
Em 19 de outubro de 2006

REUNIÃO CONJUNTA DA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS E DA ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA – Encontram-se em Portugal o Presidente da Academia Brasileira de Letras, Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça e os Acadêmicos Eduardo Portella, Sérgio Paulo Rouanet e Alberto da Costa e Silva para participar, de 18 a 21 de outubro, da primeira reunião conjunta das duas Casas, com sessões em Lisboa e Coimbra, tendo como tema o Iluminismo. Pela Academia das Ciências de Lisboa serão oradores e debatedores os Acadêmicos Adriano Moreira, Mário Soares, Fernando Cristóvão e Aníbal Pinto de Castro.

PRESIDENTE MARCOS VINÍCIOS VILAÇA NA EUROPA – O Presidente da Academia Brasileira de Letras, Marcos Vinícios Vilaça, esteve ontem, no Palácio de Belém em audiência com o Presidente de Portugal, Professor Cavaco Silva, para convidá-lo a visitar a ABL, em sua próxima viagem ao Brasil. O convite foi aceito. A conversa entre os dois tratou de questões culturais e o Presidente de Portugal revelou um amplo conhecimento do presente momento político do Brasil. Pediu que transmitisse aos acadêmicos sua melhor saudação, em particular ao Acadêmico José Sarney de quem é amigo pessoal.

CONFERÊNCIA – Realiza-se hoje, dia 19, às 17h 30min, na Sala José de Alencar a conferência do Acadêmico Helio Jaguaribe sob o título “Brasil ante o século XXI”.

“CAMINHOS DA TRADUÇÃO POÉTICA” – Teve início na terça-feira, dia 3 de outubro, às 17h 30min, o 8.º ciclo da programação cultural deste ano, sobre “Caminhos da tradução poética”, coordenado pelo Acadêmico Antonio Carlos Secchin. A conferência de abertura foi proferida pelo Acadêmico Ivan Junqueira sobre “A poesia é traduzível?”. A conferência de encerramento será proferida por Geraldinho Carneiro sobre “Shakespeare, uma alegria para sempre”.

ACADÊMICO LÊDO IVO NO MÉXICO – O Acadêmico Lêdo Ivo se encontra no México desde segunda-feira. Ele é o único poeta de língua portuguesa convidado para participar do Festival de Poetas do Mundo Latino, que ora se realiza naquele país, com a presença de poetas significativos da América Hispânica e da Europa. O festival, centralizado em Morelia, se estende à capital mexicana e às cidades de Aguascalientes e San Luís Potosi, numa extensa programação que inclui recitais de poesia e palestras em universidades e instituições culturais. Entre os eventos, que englobam duas semanas, figura sessões de autógrafos de *Mia Patria Húmeda*, a mais recente antologia poética do Acadêmico Lêdo Ivo publicada no México.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO IVO PITANGUY – No dia 26 de outubro o Acadêmico Ivo Pitanguy estará em Minas Gerais para participar da 2.^a Jornada Médica da Faculdade de Ciências Médicas de Juiz de Fora. Na conferência que abrirá a Jornada, falará sobre “A importância social da cirurgia plástica”. No dia 31 fará uma palestra sobre “A imagem corporal”, em Campinas, a convite do Espaço Cultural CPFL.

ERA DIGITAL – Amanhã, dia 20, às 14 horas, o Acadêmico Arnaldo Niskier fará conferência na Escola de Magistratura do Rio de Janeiro (EMERJ) sobre “Educação nos tempos de violência”.

POSSE DO ACADÊMICO ELEITO CELSO LAFER – Está marcada para o dia 1.^o de dezembro, sexta-feira, a posse do acadêmico eleito Celso Lafer, que será recebido pelo Acadêmico Alberto Venancio Filho.

VISITANTE – Sergio Bernardo Guimarães, bisneto de Bernardo Guimarães esteve, na semana que passou, em visita à Academia e foi recebido no Gabinete da Presidência.

HOMENAGEM A NINA RODRIGUES – Realiza-se na próxima quinta-feira, dia 26, às 17h 30min, na Sala José de Alencar, a mesa-redonda em homenagem a Nina Rodrigues: Coordenação do Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça e a participação do Acadêmico Moacyr Seliar, e dos Srs. Naomar Almeida Filho, Paulo Buss, Paulo Gadelha e a antropóloga Ana Teresa Venancio.

“HISTÓRIA E LITERATURA” – Terá início na terça-feira, dia 31 de outubro, às 17h 30min, o 9.^o ciclo da programação cultural deste ano, sobre “História e literatura”, coordenado pelos Acadêmicos Antonio Carlos Secchin e José Murilo de Carvalho. A conferência de abertura será proferida por Nicolau Sevcenko sobre “Tradição cavalheiresca, cultura popular e literatura moderna: virtualidades da histó-

ria da cultura”. As demais conferências serão proferidas pelos Srs. Per Johns, Joel Rufino e João Adolfo Hansen, sempre no mesmo horário.

ANO XLVI – N.º 36
Em 26 de outubro de 2006

HOMENAGEM A NINA RODRIGUES – Realiza-se hoje, dia 26, às 17h 30min, na Sala José de Alencar, a mesa-redonda em homenagem a Nina Rodrigues. Coordenação do Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça e a participação do Acadêmico Moacyr Scliar, e dos Srs. Naomar Almeida Filho, Paulo Buss, Paulo Gadelha e a antropóloga Ana Teresa Venancio.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO SÁBATO MAGALDI – O Acadêmico Sábado Magaldi recebeu, no dia 18 de outubro, o título de Doutor Honoris Causa das Faculdades Integradas do Brasil – Unibrasil, em Curitiba. A proposta foi da Coordenação de Graduação em Letras da Unibrasil, “como reconhecimento à sua eminente trajetória acadêmica e importantíssima contribuição para o Estado e a cultura brasileira”.

AUTORGA DE COMENDA À ABL – Em sessão ordinária realizada nesta data, o Conselho do Grande-Colar do Mérito do TCU deliberou conceder esta comenda, no exercício de 2006, à Academia Brasileira de Letras.

ANIVERSÁRIO NATALÍCIO DO ACADÊMICO JOÃO DE SCANTIMBURGO – Transcorre no dia 31 de outubro o aniversário natalício do Acadêmico João de Scantimburgo, que ocupa a Cadeira n. 36 do Quadro dos Membros Efetivos.

“HISTÓRIA E LITERATURA” – Terá início na terça-feira, dia 31 de outubro, às 17h 30min, o 9.º ciclo da programação cultural deste ano, sobre “História e literatura”, coordenado pelos Acadêmicos Antonio Carlos Secchin e José Murilo de Carvalho. A conferência de abertura será proferida por Nicolau Sevcenko sobre “Tradição cavaleiresca, cultura popular e literatura moderna: virtualidades da história da cultura”. As demais conferências serão proferidas pelos Srs. Per Johns, Joel Rufino e João Adolfo Hansen, sempre no mesmo horário.

ANIVERSÁRIO NATALÍCIO DO ACADÊMICO NELSON PEREIRA DOS SANTOS – Comemora-se no dia 28 de outubro o aniversário natalício do Acadêmico Nelson Pereira dos Santos, que ocupa a Cadeira n. 7 do Quadro dos Membros Efetivos.

NOTÍCIAS DA ACADÊMICA ANA MARIA MACHADO – Amanhã, dia 27, a Acadêmica Ana Maria Machado receberá o Prêmio Alejandro José Cabassa, da União Brasileira de Escritores, seção do Rio de Janeiro.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO IVAN JUNQUEIRA – O Acadêmico Ivan Junqueira acaba de entregar à Global Editora os originais da “Poesia da década de 30”, que fará parte do *Roteiro da Poesia Brasileira*, em 15 volumes, projeto organizado e coordenado pela escritora Edla van Steen que abrangerá antologicamente, toda poesia que se escreveu entre nós, desde Anchieta até a atualidade.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO EVANILDO CAVALCANTE BECHARA – O Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara estará em Brasília, no dia 31 do outubro, representando a Academia Brasileira de Letras na Comissão de Língua Portuguesa, do Ministério da Educação.

“CAMINHOS DA TRADUÇÃO POÉTICA” – Teve início na terça-feira, dia 3 de outubro, às 17h 30min, o 8.º ciclo da programação cultural deste ano, sobre “Caminhos da tradução poética”, coordenado pelo Acadêmico Antonio Carlos Secchin. A conferência de abertura foi proferida pelo Acadêmico Ivan Junqueira sobre “A poesia é traduzível?”. A conferência de encerramento será proferida por Geraldinho Carneiro sobre “Shakespeare, uma alegria para sempre”.

POSSE DO ACADÊMICO ELEITO CELSO LAFER – Está marcada para o dia 1.º de dezembro, sexta-feira, a posse do Acadêmico eleito Celso Lafer, que será recebido pelo Acadêmico Alberto Venancio Filho.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO NELSON PEREIRA DOS SANTOS – O Acadêmico Nelson Pereira dos Santos receberá o título de cidadão de Niterói, na Câmara Municipal, no dia 6 de novembro. No dia 10 de novembro será homenageado pelo conjunto de sua obra e será o Presidente de honra do Festival Internacional de Cultura do Amazonas. Na noite da homenagem será exibido um de seus filmes restaurado, “O amuleto de Ogum”, de 1974. O festival acontece em Manaus de 10 a 16 de novembro próximo.

OS RISCOS DA INCLUSÃO DIGITAL – A convite da direção da SUESC/RJ, o Acadêmico Arnaldo Niskier realizou, no dia 20 de outubro, conferência seguida de debates. Tema: “Os riscos da inclusão digital”.

ANO XLVI – N.º 37
Em 1.º de novembro de 2006

“HISTÓRIA E LITERATURA” – Teve início na terça-feira, dia 31 de outubro, às 17h 30min, o 9.º ciclo da programação cultural deste ano, sobre “História e literatura”, coordenado pelos Acadêmicos Antonio Carlos Secchin e José Murilo de Carvalho. A conferência de abertura foi proferida por Nicolau Sevcenko sobre “Tradição cavaleiresca, cultura popular e literatura moderna: virtualidades da história da cultura”. As demais conferências serão proferidas pelos Srs. Per Johns, Joel Rufino e João Adolfo Hansen, sempre no mesmo horário.

SEMINÁRIO *BRASIL, BRASIS* – Realiza-se dia 9 de novembro, às 17h 30min, no Teatro R. Magalhães Jr., a mesa-redonda “Arquitetura e Urbanismo – como expressão artística e bem-estar social”. Coordenação do Acadêmico Cícero Sandroni. A expositora será a Professora Bárbara Freitag sobre “Brasil, Brasis, Brasília”. Participantes: Augusto Ivan de Freitas Pinheiro – Secretário de Urbanismo da Prefeitura – Tema: “A cultura como elemento dinâmico da revitalização do Centro do Rio”; Jayme Zettel – Arquiteto Rio de Janeiro – Tema: “Lucio Costa – Da guerra santa a teoria das resultantes convergentes”; José Luiz da Motta Menezes – Arquiteto Recife – Tema: “A cidade dos homens Bons e a do Homem comum”. Ruy Ohtake – Arquiteto S. Paulo – Tema: “O desafio das nossas atuais cidades e a presença da arquitetura contemporânea”.

ANIVERSÁRIO NATALÍCIO DO ACADÊMICO IVAN JUNQUEIRA – Comemora-se no dia 3 de novembro o aniversário natalício do Acadêmico Ivan Junqueira, que ocupa a Cadeira n.º 37 do Quadro dos Membros Efetivos.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO CARLOS NEJAR – Foi lida esta semana, a tradução inglesa do poema do Acadêmico Carlos Nejar, “Luís Vaz de Camões”, pelo Ministro Alexandre Gueiros, no Consulado de Bristol, Irlanda, na homenagem ao grande poeta português.

A ABL NA FEIRA DO LIVRO DE PORTO ALEGRE – A Academia Brasileira de Letras fez-se representar na Feira do Livro de Porto Alegre pelos Acadêmicos Murilo Melo Filho, Moacyr Scliar e Domicio Proença Filho, que nela participaram de uma Mesa-redonda sobre a ABL e os escritores gaúchos.

APOSIÇÃO DO RETRATO DA ACADÊMICA RACHEL DE QUEIROZ – Realiza-se na próxima quinta-feira, dia 9 de novembro, às 15 horas, a cerimônia de aposição do retrato da Acadêmica Rachel de Queiroz, no Salão Nobre da Academia.

FESTIVAL INTERNACIONAL – NOITES DO DESERTO – Promovido pelas Nações Unidas/IT, o Acadêmico Nelson Pereira dos Santos foi convidado a exibir seu filme “Vidas Secas”, na abertura do evento, que tem como tema a desertificação no mundo. O festival acontece em Roma/Itália de 1 a 7 de dezembro de 2006.

O ACADÊMICO LÊDO IVO É DISTINGUIDO NO MÉXICO – O Acadêmico Lêdo Ivo, que se encontrava no México participando do Encontro de Poetas do Mundo Latino, foi distinguido com a Medalha “Se Lúmen Proferre” de la Universidad Autónoma de Aguascalientes, em reconhecimento à presença de sua obra dentro do cenário da poesia latino-americana.

VALORIZAÇÃO DA LÍNGUA INGLESA – O Acadêmico Arnaldo Niskier abriu, no dia 26 de outubro, o Curso de Treinamento para professores de Língua Portuguesa do Estado do Rio de Janeiro, numa parceria entre a PUC – Rio (local do evento), a APLI e o British Council.

CENTENÁRIO DE NASCIMENTO DE HANNAH ARENDT – Realiza-se na ABL, no próximo dia 6 de novembro, segunda-feira, às 17h 30min, na Sala José de Alencar, a mesa-redonda em homenagem ao centenário de nascimento de Hannah Arendt, com a participação dos Acadêmicos Sergio Paulo Rouanet, Celso Lafer e do Prof. Vamireh Chacon.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO IVO PITANGUY – No dia 11 de novembro o Acadêmico Ivo Pitanguy participará do 43.º Congresso Brasileiro de Cirurgia Plástica, a realizar-se na cidade de Recife. Fará palestra sobre o tema: “Revisitando técnicas pessoais para as deformidades do contorno corporal ressaltando alguns princípios interessantes para a correção de seqüelas pós-obesidade”. Na ocasião, a Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica homenageará o Acadêmico Ivo Pitanguy com o título de Patrono da Cirurgia Plástica Brasileira.

ANO XLVI – N.º 38

Em 9 de novembro de 2006

SEMINÁRIO *BRASIL, BRASIS* – Realiza-se hoje, dia 9 de novembro, às 17h 30min, no Teatro R. Magalhães Jr., a mesa-redonda “Arquitetura e Urbanismo – como expressão artística e bem-estar social”. Coordenação do Acadêmico Cícero Sandroni. A expositora será a Professora Bárbara Freitag sobre o tema: “Brasil, Brasis, Brasília”. Participantes: Augusto Ivan de Freitas Pinheiro – Secretário de Urbanismo da Prefeitura – Tema: “A cultura como elemento dinâmico da revitalização do Centro do Rio”; Jayme Zettel – Arquiteto Rio de Janeiro – Tema: “Lucio Costa – Da

guerra santa a teoria das resultantes convergentes”; José Luiz da Motta Menezes – Arquiteto Recife – Tema: “A cidade dos homens Bons e a do Homem comum”. Ruy Ohtake – Arquiteto S. Paulo, Tema: “O desafio das nossas atuais cidades e a presença da arquitetura contemporânea.”

APOSIÇÃO DO RETRATO DA ACADÊMICA RACHEL DE QUEIROZ – Realiza-se hoje, quinta-feira, dia 9 de novembro, às 15 horas, a cerimônia de aposição do retrato da Acadêmica Rachel de Queiroz, no Salão Nobre da Academia.

“HISTÓRIA E LITERATURA” – Teve início na terça-feira, dia 31 de outubro, às 17h 30min, o 9.º ciclo da programação cultural deste ano, sobre “História e literatura”, coordenado pelos Acadêmicos Antonio Carlos Secchin e José Murilo de Carvalho. A conferência de abertura foi proferida por Nicolau Sevcenko sobre “Tradição cavalheiresca, cultura popular e literatura moderna: virtualidades da história da cultura”. As demais conferências serão proferidas pelos Srs. Per Johns, Joel Rufino e João Adolfo Hansen, sempre no mesmo horário.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO MARCOS VINÍCIOS VILAÇA – Foi conferida pelo Presidente da República Italiana a condecoração *Ordine della Stella della Solidarietà Italiana* no grau de *Grande Ufficiale* ao Presidente Marcos Vinícios Vilaça, pelos seus altos méritos culturais. O Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça quebra uma tradição dos últimos tempos no Conselho do IPHAN, ao ser reconduzido para novo mandato, por decisão do Ministro Gilberto Gil.

ALMOÇO OFERECIDO PELA FIESP AO PRESIDENTE DA ABL – A Federação das Indústrias de São Paulo, presidida pelo Dr. Paulo Skaf, oferece no próximo dia 13, na sede da Av. Paulista, um almoço em homenagem ao Presidente Marcos Vinícios Vilaça com o comparecimento de empresários, intelectuais e Acadêmicos.

ANIVERSÁRIO NATALÍCIO DO ACADÊMICO AFFONSO ARINOS DE MELLO FRANCO – Comemora-se no próximo sábado, dia 11, o aniversário natalício do Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco, que ocupa a Cadeira 17 do Quadro dos Membros Efetivos.

FESTIVAL DE CINEMA LATINO-AMERICANO EM PARIS – O Acadêmico Nelson Pereira dos Santos foi convidado para ser presidente do júri do Festival de Cinema Latino-Americano em Paris, França, que acontecerá de 5 a 12 de dezembro de 2006. Dentro da programação será exibido seu último filme “Brasília 18%”.

FUNDOS DE PENSÃO – No 27.º Congresso Brasileiro dos Fundos de Pensão, em Curitiba, a partir do próximo dia 27, o Acadêmico Arnaldo Niskier fará uma conferência sobre “Transparência na Comunicação dos Fundos de Pensão”.

LITERATURA E MÚSICA DE CÂMARA – Realiza-se amanhã, dia 10 de novembro, sexta-feira, às 17h 30min, no Teatro R. Magalhães Júnior, o 4.º concerto da série “Literatura e Música de Câmara na ABL” – Wolfgang e a Ópera – Mozart – 250 anos, com Martha Herr e Celinelena Ietto, sopranos, Carolina Faria, mezzo-soprano, Geilson Santos, tenor, Homero Velho e Lício Bruno, barítonos, Jorge Mathias, baixo e Elizabeth Mucha, piano e direção musical, interpretam árias e cenas de *Così fan Tutte*, *Bodas de Fígaro*, *A Flauta Mágica*, *O Rapto do Serralho* e *Don Giovanni*.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO SÁBATO MAGALDI – O Acadêmico Sábado Magaldi recebeu, no dia 18 de outubro, o título de Doutor Honoris Causa das Faculdades Integradas do Brasil – Unibrasil, em Curitiba. A proposta foi da Coordenação de Graduação em Letras da Unibrasil, “como reconhecimento à sua eminente trajetória acadêmica e importantíssima contribuição para o Estado e a cultura brasileira”.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO ANTONIO CARLOS SECCHIN – No dia 30 de outubro, na Livraria Argumento, a escritora Edla van Steen lançou o livro *Os Melhores Contos de Edla van Steen*, que contou com seleção e prefácio do Acadêmico Antonio Carlos Secchin. No dia 6 de novembro, na Aliança Francesa da Tijuca, o Acadêmico Antonio Carlos Secchin pronunciou a conferência de abertura do I Simpósio “Leitura e Mediações”, no âmbito do Projeto “Paixão de Ler”.

ANO XLVI – N.º 39

Em 16 de novembro de 2006

70 ANOS DE PUBLICAÇÃO DE *RAÍZES DO BRASIL* – Realiza-se hoje, dia 16, às 17h 30min, a mesa-redonda comemorativa dos 70 anos de publicação de *Raízes do Brasil*, de Sergio Buarque de Holanda. Participam como coordenador o Acadêmico José Murilo de Carvalho e debatedores os Acadêmicos Sergio Paulo Rouanet, a Sra. Lília M. Schwarcz e os Srs. Ricardo Benzaquen e Robert Wegner. No mesmo dia às 16 horas será exibido o filme “Raízes do Brasil”, de Nelson Pereira dos Santos. No dia 17, sexta-feira, haverá uma exibição do mesmo filme às 18 horas.

“HISTÓRIA E LITERATURA” – Teve início na terça-feira, dia 31 de outubro, às 17h 30min, o 9.º ciclo da programação cultural deste ano, sobre “História e litera-

tura”, coordenado pelos Acadêmicos Antonio Carlos Secchin e José Murilo de Carvalho. A conferência de abertura foi proferida por Nicolau Sevcenko sobre “Tradição cavaleiresca, cultura popular e literatura moderna: virtualidades da história da cultura”. As demais conferências foram proferidas pelos Srs. Per Johns, Joel Rufino e, na próxima terça-feira, dia 21, por João Adolfo Hansen, sempre no mesmo horário.

SEMINÁRIO BRASIL, BRASIS – Realiza-se no próximo dia 23 de novembro, às 17h 30min, no Teatro R. Magalhães Jr., a mesa-redonda “A arte de hoje em debate: os caminhos do gosto e do conceito”. Coordenação do Acadêmico Alberto da Costa e Silva. O expositor será o Acadêmico Eduardo Portella. Debatedores Beatriz Milhazes, artista plástica, Lauro Cavalcanti e Marcelo Araújo.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO ALBERTO DA COSTA E SILVA – O Acadêmico Alberto da Costa e Silva proferiu no dia 26 de outubro, em Lisboa, a convite da Fundação Luso-Brasileira conferência sobre “Identidade Nacional”. De 7 a 10 de novembro participou no Instituto de Investigação Científica Tropical do Colóquio Internacional “Cartografar África em Tempo Colonial (1876-1940)”.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO NELSON PEREIRA DOS SANTOS – O Acadêmico Nelson Pereira dos Santos recebeu na Câmara Municipal, no dia 6 de novembro, o Título de Cidadão de Niterói. No dia 10 de novembro, o Acadêmico Nelson Pereira dos Santos foi homenageado pelo conjunto de sua obra no festival de cinema do Amazonas do qual foi Presidente de honra. Na noite da homenagem foi exibido um de seus filmes restaurado, “O Amuleto de Ogum” de 1974. (O festival aconteceu em Manaus de 10 a 16 de novembro de 2006).

GRÃ-CRUZ DA ORDEM DO MÉRITO CULTURAL DE 2006 – Os Acadêmicos Sábato Magaldi e José Mindlin foram agraciados, no dia 8 do corrente mês de novembro, com a Grã-Cruz da Ordem do Mérito Cultural 2006, em cerimônia no Palácio do Planalto, com a presença do Excelentíssimo Senhor Presidente da República Luiz Inácio Lula da Silva e do Excelentíssimo Ministro da Cultura Gilberto Gil. Impossibilitados de comparecer mandaram representantes.

VISITANTES – A Academia recebeu, na semana que passou, as visitas do economista Armínio Fraga, do banqueiro Tácito Sanglard, do ex-embaixador Milton Cabral, do cônsul da Espanha Rafael Fernández-Pita González e da arqueóloga Maria Beltrão. Foram recebidos pelos Acadêmicos Cícero Sandroni, Eduardo Portella, Evanildo Bechara e Marcos Vilaça.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO ANTONIO CARLOS SECCHIN – No dia 21 de novembro, o Acadêmico Antonio Carlos Secchin integrará, em São Paulo, o Júri Final do Prêmio de Literatura Portugal Telecom. No dia 22 de novembro vai proferir a conferência “Alencar e depois”, em Fortaleza, na UFC. No dia 29 de novembro participará, na USP, da banca de doutorado que julgará a tese “Edição crítica da poesia reunida de Lúcio Cardoso”, de Ésio Macedo Ribeiro.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO IVO PITANGUY – De 13 a 16 de novembro o Acadêmico Ivo Pitanguy estará em Nova Iorque participando do curso: Advances in Aesthetic Plastic Surgery: the cutting edge VI Symposium. Durante o encontro, o Acadêmico Ivo Pitanguy fará duas conferências: a primeira sobre “My views on facelifting procedures, present and past” e a segunda sobre “My views on various breast procedures”.

PRÊMIO DO CONSELHO DE CULTURA PARA A BIBLIOTECA RODOLFO GARCIA – Sob a presidência de Ricardo Cravo Albin, o Conselho Estadual de Cultura concedeu o Prêmio anual de cultura “Estácio de Sá” à Biblioteca Rodolfo Garcia, da Academia Brasileira de Letras. O prêmio será entregue pela Governadora Rosinha Garotinho.

LANÇAMENTO – Dia 14 de dezembro a partir das 18 horas o Acadêmico Arnaldo Niskier lança na Sala dos Poetas Românticos o livro *O Martírio de Branca Dias*.

ANO XLVI – N.º 40

Em 23 de novembro de 2006

SEMINÁRIO BRASIL, BRASIS – Realiza-se hoje, dia 23 de novembro, às 17h 30min, no Teatro R. Magalhães Jr., a mesa-redonda “A arte de hoje em debate: os caminhos do gosto e do conceito”. Coordenação do Acadêmico Alberto da Costa e Silva. O expositor será o Acadêmico Eduardo Portella. Debatedores Beatriz Milhazes, artista plástica, Lauro Cavalcanti e Marcelo Araújo.

POSSE DO ACADÊMICO ELEITO CELSO LAFER – Realiza-se no dia 1.º de dezembro, sexta-feira, a posse do Acadêmico eleito Celso Lafer, que será recebido pelo Acadêmico Alberto Venancio Filho.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO EDUARDO PORTELLA – O governador Aécio Neves, do Estado de Minas Gerais, distinguiu o Acadêmico Eduardo Portella com a Medalha Santos Dumont, categoria Ouro.

FESTIVAL INTERNACIONAL – NOITES DO DESERTO – O Acadêmico Nelson Pereira dos Santos foi convidado a exibir seu filme “Vidas Secas” na abertura do Festival Internacional – Noites do Deserto, que tem como tema a desertificação no mundo, promovido pelas Nações Unidas, em Roma, Itália, de 1.º a 7 de dezembro de 2006.

LANÇAMENTO – Dia 14 de dezembro, a partir das 18 horas, o Acadêmico Arnaldo Niskier lança na Sala dos Poetas Românticos o livro *O Martírio de Branca Dias*.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO IVO PITANGUY – Dia 29 de novembro o Acadêmico Ivo Pitanguy participará do Programa de Atualização da Mulher, organizado pela Escola Superior de Guerra. Dia 30 fará a palestra inaugural do I Fórum Saúde Criança Renascer a realizar-se no Hotel Rio Othon Palace, sobre Cirurgia Plástica na Infância. No dia 6 de dezembro estará se formando a 45.ª turma do Curso de Pós-Graduação em Cirurgia Plástica da PUC, RJ, e do Instituto de Pós-Graduação Médica Carlos Chagas, dirigido pelo Acadêmico Ivo Pitanguy. A cerimônia de formatura será realizada no Clube Paissandu do Rio de Janeiro.

PREVIDÊNCIA COMPLEMENTAR – No próximo dia 27, em Curitiba, o Acadêmico Arnaldo Niskier fará conferência no XVII Congresso Brasileiro dos Fundos de Pensão. Falará sobre “Transparência e comunicação na previdência complementar.”

LANÇAMENTO – O Acadêmico Antonio Olinto lança, no dia 7 de dezembro, às 17h 30min, na Sala dos Poetas Românticos, no *Petit Trianon*, o livro *Ave Zora. Ave Aurora*.

10.º CICLO DE CONFERÊNCIAS SOBRE “INTÉRPRETES DO BRASIL” – Terá início na terça-feira, dia 28 de novembro, às 17h 30min, o 10.º ciclo da programação cultural deste ano, sobre “Intérpretes do Brasil”, coordenado pelo Acadêmico Alberto da Costa e Silva. A conferência de abertura sobre Alberto Torres será proferida pelo Acadêmico Alberto Venancio Filho. As demais conferências se realizarão sempre no mesmo horário, conforme o quadro abaixo:

5/12 – Nízia Trindade Lima – Vicente Licínio Cardoso;
12/12 – Diógenes Cunha Lima – Luís da Câmara Cascudo;
19/12 – Antonio Olinto – Roberto Campos

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO DOMÍCIO PROENÇA FILHO – O Acadêmico Domício Proença Filho foi agraciado pela Afrobras com o Prêmio Raça Negra

2006, pelo conjunto de obra, entregue no dia 19 de dezembro, em São Paulo. Tem no prelo, com lançamento previsto para o próximo mês de dezembro, a coletânea de poemas denominada *O Arcadismo*, na Coleção Roteiro da Poesia Brasileira, dirigida pela escritora Edla Van Steen

LANÇAMENTO – Dia 14 de dezembro, a partir das 18 horas, o Acadêmico Arnaldo Niskier lança na Sala dos Poetas Românticos o livro *O martírio de Branca Dias*.

NOTÍCIAS SOBRE OS ACADÊMICOS IVAN JUNQUEIRA E ANTONIO CARLOS SECCHIN – Convidados pelo Governador da Paraíba, Cássio Cunha Lima, estiveram em João Pessoa, de 16 a 19 do corrente, os Acadêmicos Ivan Junqueira e Antonio Carlos Secchin, que pronunciaram, respectivamente, as conferências “A criação literária” e “A poesia de Drummond”, na Fundação José Américo de Almeida onde foram recebidos pelo Presidente da Instituição, Flávio Sátiro, e diversos outros escritores e intelectuais paraibanos.

ANO XLVI – N.º 41
Em 30 de novembro de 2006

PRESTAÇÃO DE CONTAS E PROPOSTA ORÇAMENTÁRIA – Realiza-se na sessão de hoje a apresentação do relatório da Comissão de Contas sobre as Contas de 2006 e a votação da Proposta Orçamentária para 2007.

POSSE DO ACADÊMICO ELEITO CELSO LAFER – Realiza-se no dia 1.º de dezembro, sexta-feira, a posse do Acadêmico eleito Celso Lafer, que será recebido pelo Acadêmico Alberto Venancio Filho.

10.º CICLO DE CONFERÊNCIAS SOBRE “INTÉRPRETES DO BRASIL” – Teve início na terça-feira, dia 28 de novembro, às 17h 30min, o 10.º ciclo da programação cultural deste ano, sobre “Intérpretes do Brasil”, coordenado pelo Acadêmico Alberto da Costa e Silva. A conferência de abertura sobre Alberto Torres foi proferida pelo Acadêmico Alberto Venancio Filho. As demais conferências se realizarão sempre no mesmo horário, conforme o quadro abaixo:

5/12 – Nízia Trindade Lima – Vicente Licínio Cardoso;
12/12 – Diógenes Cunha Lima – Luís da Câmara Cascudo;
19/12 – Antonio Olinto – Roberto Campos

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO EVANILDO BECHARA – Do dia 24 a 26 do corrente o Acadêmico Evanildo Bechara esteve em Natal para participar do I Encontro

de Escritores Natalenses, durante o qual proferiu comunicação sobre o tema: “A língua portuguesa e a Academia Brasileira de Letras”. Do dia 27 a 29 esteve no Recife para participar de atividades sobre línguas neolatinas, patrocinadas pelo Instituto Joaquim Nabuco, quando proferiu a palestra inicial sobre o tema “Da latinidade à lusofonia”. No dia 29, na Faculdade Maurício de Nassau, falou a alunos de comunicação sobre “Os saberes da competência lingüística”.

LANÇAMENTO – O Acadêmico Antonio Olinto lança, no dia 7 de dezembro, às 17h 30min, na Sala dos Poetas Românticos, no *Petit Trianon*, o livro *Ave Zora. Ave Aurora*.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO ANTONIO OLINTO – O Acadêmico Antonio Olinto presidiu, em São Paulo, a comissão julgadora do prêmio Itaú, “Escrevendo o futuro”, destinada a alunos do segundo grau em todo o país. A entrega solene dos prêmios se realizará na sede paulista do Itaú no dia 4 de dezembro com a presença de doze premiados e de seus professores ou professoras e familiares, vindos de várias regiões do Brasil.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO MARCO MACIEL – O Senado Federal aprovou requerimento, de autoria do senador e acadêmico Marco Maciel, para a realização de sessão especial comemorativa dos 110 anos da Academia Brasileira de Letras. Caberá, agora, à Mesa Diretora do Senado definir a data da sessão.

LANÇAMENTO – Dia 14 de dezembro a partir das 18 horas o Acadêmico Arnaldo Niskier lança na Sala dos Poetas Românticos o livro *O Martírio de Branca Dias*.

A OAB VAI À ESCOLA – O Acadêmico Arnaldo Niskier assinou convênio com a Ordem dos Advogados do Brasil, Seccional do Rio de Janeiro, para o entrosamento de professores e advogados na ação comunitária de valorização dos direitos humanos.

VISITANTES – Recebidos pelos Acadêmicos Arnaldo Niskier, Alberto Venancio Filho e Marcos Vinícios Vilaça, estiveram na Academia Brasileira de Letras, sexta-feira última os seguintes visitantes: Ministros do Supremo Tribunal Federal Marco Aurélio Melo e Carlos Ayres Britto, Presidente do Bradesco Lázaro Brandão, Diretores do Bradesco Tácito Sanglard e Luiz Carlos Trabuco Cappi, Presidente de Honra da Fifa, João Havelange, Presidente do *Diário de Pernambuco* Joezil Barros, Presidente do Tribunal de Contas do Município Thiers Montebello, empresário Afonso Pinto Guimarães; Senhoras Marina Buarque de Holanda e Maria do Carmo Vilaça, jornalista Ancelmo Góis, o músico e cantor Antonio Nóbrega e o Sr. Mauro Salles.

ACADÊMICO LÊDO IVO EM ENCONTRO IBERO-AMERICANO – O Acadêmico Lêdo Ivo viajou dia 23 de novembro último para o México, a fim de participar do Primeiro Encontro Ibero-americano de Poesia da Cidade do México, evento que contou com a presença de expoentes poéticos da América Latina e da Espanha. Coube aos poetas Ernesto Cardenal e Lêdo Ivo os recitais de encerramento do Encontro, assistido por um grande público num dos principais teatros da capital mexicana.

ANO XLVI – N.º 42
 Em 7 de dezembro de 2006

ELEIÇÃO DA DIRETORIA PARA O EXERCÍCIO DE 2007 – Realiza-se hoje, dia 7, às 16 horas, a eleição da Diretoria para o exercício de 2007. A chapa é a seguinte: Presidente – Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça; Secretário-Geral – Acadêmico Cícero Sandroni; Primeira-Secretária – Acadêmica Ana Maria Machado; Segundo-Secretário – Acadêmico Domício Proença Filho; e Tesoureiro – Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara.

LANÇAMENTO – O Acadêmico Antonio Olinto lança hoje, dia 7 de dezembro, às 17h 30min, na Sala dos Poetas Românticos, no *Petit Trianon*, o livro *Ave Zora. Ave Aurora*.

EXIBIÇÃO CINEBIOGRAFIA CELSO FURTADO – Realiza-se hoje, às 17h 30min, no Teatro R. Magalhães Júnior a Cinebiografia Celso Furtado.

CHÁ NATALINO – Realiza-se na próxima quinta-feira, dia 14 do corrente, a partir das 16 horas, o Chá Natalino que a Academia oferece às Senhoras dos Acadêmicos.

POSSE DA DIRETORIA – Realiza-se no dia 14 de dezembro, quinta-feira, às 17 horas, a posse da Diretoria eleita para o exercício de 2007. Nessa sessão serão entregues a Medalha João Ribeiro à Sra. Janete Costa, e aos Srs. Ubiratan Machado, Geraldo Jordão Pereira e à Fundação Getúlio Vargas.

MISSA DE AÇÃO DE GRAÇAS – A Diretoria da Academia convida os Acadêmicos para a Missa de Ação de Graças, a ser celebrada na Igreja do Outeiro da Glória, no dia 14 do corrente, às 11 horas, pela posse da Diretoria para 2007.

10.º CICLO DE CONFERÊNCIAS SOBRE “INTÉRPRETES DO BRASIL” – Teve início na terça-feira, dia 28 de novembro, às 17h 30min, o 10.º ciclo da programação cultural deste ano, sobre “Intérpretes do Brasil”, coordenado pelo

Acadêmico Alberto da Costa e Silva. A conferência de abertura sobre Alberto Torres foi proferida pelo Acadêmico Alberto Venancio Filho. As demais conferências se realizarão sempre no mesmo horário, conforme o quadro abaixo:

12/12 – Diógenes Cunha Lima – Luís da Câmara Cascudo
19/12 – Antonio Olinto – Roberto Campos

LANÇAMENTO – Dia 14 de dezembro, a partir das 18 horas, o Acadêmico Arnaldo Niskier lança na Sala dos Poetas Românticos o livro *O Martírio de Branca Dias*.

ELEIÇÃO PARA A CADEIRA N.º 20 DO QUADRO DE SÓCIOS CORRESPONDENTES – Está marcada para o dia 19 de dezembro, terça-feira, às 16 horas, na Sala das sessões da ABL, a eleição para a Cadeira n.º 20 do Quadro de Sócios Correspondentes, vaga com o falecimento de Jean Roche.

MEDALHA JK – o Acadêmico Marcos Vilaça recebeu, ontem, em Brasília, a “Ordem do Mérito dos Transportes do Brasil JK”, em ato realizado no Memorial JK, perante autoridades, parlamentares e escritores.

NOTÍCIAS DA ACADÊMICA ANA MARIA MACHADO – Encontra-se na Suécia de 2 a 10 de dezembro, participando de um Encontro de Escritores, patrocinado pela Biblioteca Internacional de Estocolmo, a Acadêmica Ana Maria Machado. Nesta data faz uma palestra sobre sua obra, participa de uma mesa-redonda dia 8 sobre censura e literatura infantil e terá alguns encontros com leitores em escolas e bibliotecas nos outros dias.

PRÊMIO E COLAR DO MÉRITO – O Acadêmico Marcos Vilaça participa amanhã do ato presidido pelo Ministro Gilberto Gil de concessão do “Prêmio Marcantonio Vilaça de Artes Plásticas”, às 11 horas no Palácio Gustavo Capanema, e às 14 horas no Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro será condecorado com o “Colar do Mérito Judiciário”.

A ABL NO I.º ENCONTRO NATALENSE DE ESCRITORES – Convidados pelo Prefeito Carlos Eduardo Alves, de Natal, os Acadêmicos Murilo Melo Filho e Evanildo Cavalcante Bechara estiveram presentes, como conferencistas, no I.º ENE (Encontro Natalense de Escritores), realizado na semana passada.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO LÊDO IVO – O Acadêmico Lêdo Ivo se encontra em Paris, devendo regressar ao Brasil durante o Natal.

ANO XLVI – N.º 43
Em 14 de dezembro de 2006

POSSE DA DIRETORIA – Realiza-se hoje, dia 14 de dezembro, quinta-feira, às 17 horas, a posse da Diretoria eleita para o exercício de 2007, assim constituída: Presidente – Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça; Secretário-Geral – Acadêmico Cícero Sandroni; Primeira-Secretária – Acadêmica Ana Maria Machado; Segundo-Secretário – Acadêmico Domício Proença Filho; e Tesoureiro – Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara. Nessa sessão serão entregues a Medalha João Ribeiro à Sra. Janete Costa, e aos Srs. Ubiratan Machado, Geraldo Jordão Pereira e à Fundação Getúlio Vargas.

CHÁ NATALINO – Realiza-se hoje, dia 14 do corrente, a partir das 16 horas, o chá natalino que a Academia oferece às Senhoras dos Acadêmicos.

MISSA DE AÇÃO DE GRAÇAS – Realizou-se hoje, às 11 horas, na Igreja do Outeiro da Glória a Missa de Ação de Graças, pela posse da Diretoria de 2007.

10.º CICLO DE CONFERÊNCIAS SOBRE “INTÉRPRETES DO BRASIL” – O 10.º ciclo da programação cultural deste ano, sobre “Intérpretes do Brasil”, coordenado pelo Acadêmico Alberto da Costa e Silva, encerra-se na próxima terça-feira, dia 19, com a conferência do Acadêmico Antonio Olinto sobre Roberto Campos.

LANÇAMENTO – Realiza-se hoje, a partir das 18 horas, o lançamento do livro *O Martírio de Branca Dias*, do Acadêmico Arnaldo Niskier, na Sala dos Poetas Românticos.

ELEIÇÃO PARA A CADEIRA N.º 20 DO QUADRO DE SÓCIOS CORRESPONDENTES – Está marcada para o dia 19 de dezembro, terça-feira, às 16 horas, na Sala das Sessões da ABL, a eleição para a Cadeira n.º 20 do Quadro de Sócios Correspondentes, vaga com o falecimento de Jean Roche.

ANIVERSÁRIO NATALÍCIO DA ACADÊMICA ANA MARIA MACHADO – Comemora-se no dia 24 de dezembro o aniversário natalício da Acadêmica Ana Maria Machado, que ocupa a Cadeira n.º I do Quadro dos Membros Efetivos.

DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS – No último dia 10 de dezembro foi comemorado, em todo o mundo, o 68.º aniversário da Declaração Universal dos Direitos Humanos, proclamada em Paris, na III Assembléia Geral da ONU. Ao lado de outras personalidades da época, a exemplo de Eleanor Roosevelt

e do jurista francês René Cassin, o jornalista Austregésilo de Athayde foi o representante brasileiro na comissão de redação da Declaração e mais tarde escolhido como orador quando o documento foi apresentado à Assembléia Geral e aprovado pela maioria absoluta dos membros contra o voto dos países do bloco soviético de então, da África do Sul e da Arábia Saudita. Em 1968, quando recebeu o Prêmio Nobel da Paz pelo trabalho realizado, René Cassin deu entrevista ao *Jornal do Brasil* afirmando que gostaria de dividir a honraria com Austregésilo de Athayde. Em 1978 Austregésilo de Athayde, então único sobrevivente entre os redatores do documento, recebeu carta do presidente Jimmy Carter elogiando sua participação e “liderança fundamental” na redação do documento.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO MOACYR SCLIAR – O Acadêmico Moacyr Scliar fará palestras em Universidades americanas de Washington, Seattle, Chicago Amherst e New York. O Instituto Estadual do Livro do Rio Grande do Sul lançou um volume dedicado a vida e obra do Acadêmico Moacyr Scliar.

SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE LÍNGUA PORTUGUESA E SUAS LITERATURAS – O Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara representou, no dia 12 de dezembro, a presidência da Academia Brasileira de Letras no Seminário Internacional de Língua Portuguesa e suas Literaturas, comemorativo da passagem dos dez anos da CPLP, realizado nos dias 12 e 13, no Hotel Marriott, durante o qual foram discutidas metas e providências para a difusão e do ensino da Língua Portuguesa não só nas comunidades lusófonas, mas no mundo.

MAPA ICONOGRÁFICO DIGITAL – No próximo dia 19 de dezembro, às 18h 30min, inaugura-se na Galeria Manuel Bandeira a exposição de fotografias de Paulo Rodrigues.

JANTAR ANUAL DO PEN CLUBE – O Acadêmico Cícero Sandroni, no dia 12 de dezembro, representou o Presidente da Academia Brasileira de Letras no jantar anual do PEN Clube, na Casa da Suíça.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO AFFONSO ARINOS DE MELLO FRANCO – O Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco será objeto da CONVERSA COM O ESCRITOR no PEN Clube do Brasil, a 17 de janeiro de 2007.

ENSINO JURÍDICO – Esteve em visita à ABL o Prof. Paulo Roberto de Gouvêa Medina, diretor da OAB Nacional, que, na ocasião, ofereceu à nossa Biblioteca o seu último livro: *Ensino Jurídico, Literatura e Ética*.